

james dashner

mesmo autor de maze runner

o jogo infinito

a doutrina da morte » v. 1



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

james dashner

o jogo
infinito
a doutrina da morte » v. 1





Edição: Flavia Lago
Editora-assistente: Marcia Alves
Assistente editorial: Natália Chagas Máximo
Tradução: Alexandre Boide
Preparação: Alessandra Miranda de Sá
Revisão: Bia Nunes de Sousa
Diagramação: Marcel Votre
Ilustração de capa: Eduardo Schaal
EPUB: Pamella Destefi

Título original: *The Eye of Minds*

© 2013 by James Dashner
© 2014 Vergara & Riba Editoras S/A
vreditoras.com.br

Todos os direitos reservados. Proibidos, dentro dos limites estabelecidos pela lei, a reprodução total ou parcial desta obra, o armazenamento ou a transmissão por meios eletrônicos ou mecânicos, fotocópias ou qualquer outra forma de cessão da mesma, sem prévia autorização escrita das editoras.

Rua Cel. Lisboa, 989 - Vila Mariana
CEP 04020-041 - São Paulo - SP
Tel./ Fax: (+55 11) 4612-2866
editoras@vreditoras.com.br

eISBN 978-85-7683-701-5

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dashner, James

O jogo infinito : a doutrina da morte, v. 1 /James Dashner; [tradução Alexandre Boide]. – São Paulo: V&R Editoras, 2014.

Título original: *The eye of minds*.
eISBN 978-85-7683-701-5

1. Literatura juvenil I. Título.
14-02470 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura juvenil 028.5

*Este livro é dedicado a Michael Bourret e a Krista Marino,
responsáveis pela minha carreira, além de bons amigos.*

I. O CAIXÃO

1

Michael falava, as palavras contra o vento, com uma menina chamada Tanya.

— Eu sei que lá embaixo é tudo água, mas é como se fosse concreto. O impacto vai esmigalhar seu corpo.

Não eram as palavras mais adequadas a se dizer a alguém disposto a tirar a própria vida, mas era verdade. Tanya tinha escalado a grade de proteção da ponte Golden Gate, em meio aos carros que cruzavam em alta velocidade, e estava inclinada na direção do vazio, as mãos trêmulas se segurando a uma barra de metal úmida de sereno. Mesmo que Michael conseguisse convencê-la a não pular, havia um risco enorme de seus dedos escorregarem. Nesse caso, seria fim de papo. Imaginou a expressão de felicidade de um pescador pensando que enfim pegara um peixe grande e recebendo uma surpresa para lá de desagradável na ponta do anzol.

— Para com isso — respondeu a garota, toda trêmula. — Isso aqui não é um jogo... pelo menos, não mais.

Michael estava na VirtNet — ou Sono, como diziam os que circulavam nesse ambiente com mais frequência. Estava acostumado a ver pessoas assustadas por ali. Uma porção delas. Mas, além da sensação de medo, havia também o *conhecimento* — a noção de que aquilo que acontecia no Sono não era real.

Porém, com Tanya era diferente. Pelo menos era o que sugeria sua Aura, a versão computadorizada da garota. A Aura tinha um olhar enlouquecido de puro horror, algo que deixou Michael apavorado — era como se *ele* estivesse pendurado na ponte, prestes a cair. E não estava nem um pouco a fim de testemunhar uma morte, fosse ela verdadeira ou não.

— É um jogo, sim, e você sabe disso — ele disse em um tom de voz um pouco mais elevado do que o recomendável, caso não quisesse deixá-la ainda mais nervosa. No entanto, um vento frio e repentino pareceu carregar suas palavras para longe, rumo à baía. — Desça daí, vamos conversar. Podemos pegar os Pontos de Experiência que vamos ganhar e explorar a cidade, aí a gente se conhece melhor. Podemos espionar alguns doidinhos. De repente, até hackear comida grátis nas lojas. Vai ser divertido. E, depois disso, a gente procura um Portal pra você fazer a Emersão na sua casa. Só pra dar um tempo no jogo.

— Isso não tem nada a ver com o Lifeblood! — Tanya gritou para ele. O vento fazia suas roupas aderirem ao corpo, e os cabelos escuros balançavam como se estivessem pendurados em um varal. — Vai embora e me deixa em paz. Não quero que seu rostinho bonito seja a última coisa que eu veja na vida.

Os pensamentos de Michael se voltaram para o Lifeblood Deep, o nível seguinte, o objetivo supremo. Um lugar onde as coisas eram mil vezes mais reais e mais intensas. Mais três anos e ele ganharia seu acesso. Talvez dois. Mas no momento o que deveria fazer era impedir que aquela garota maluca virasse comida de peixe, caso

contrário seria mandado de volta aos Subúrbios por uma semana, o que adiaria ainda mais sua entrada no Lifeblood Deep.

— Certo, escuta só...

Ele tentou escolher as palavras com cuidado, mas já havia cometido um grande erro e sabia muito bem disso. Sair do personagem e usar o fato de estarem em um jogo para detê-la significava a perda de vários pontos. E tudo por ali se baseava em pontuação. Aquela garota, porém, começava a deixá-lo realmente assustado. Levando em conta seu rosto pálido e magro, era como se já estivesse morta.

— Vai embora de uma vez! — ela gritou. — Você não entende. Estou presa aqui. Com ou sem Portal. Estou presa! Ele não vai me deixar fazer a Emersão!

Michael sentiu vontade de gritar com ela ao ouvir tamanho absurdo. Uma parte mais obscura de seu pensamento recomendava deixar tudo para lá, porque ela era uma fracassada mesmo; que se espatifasse lá embaixo então. Aquela garota era teimosa demais. Por outro lado, nada daquilo estava acontecendo de verdade. *É só um jogo*. Precisava lembrar isso a si mesmo o tempo todo.

Só não podia estragar tudo. Aqueles pontos eram muito importantes.

— Tudo bem. Me escuta. — Ele recuou um passo e ergueu as mãos, como quem tenta tranquilizar um animal assustado. — A gente acabou de se conhecer... Vamos dar tempo ao tempo. Prometo que não vou fazer nenhuma maluquice. Se quiser pular, vai em frente. Mas pelo menos fala comigo, me explica por quê.

Lágrimas escorriam pelo rosto dela, e seus olhos estavam inchados e vermelhos.

— Vai embora. Por favor. — A voz dela perdeu a aspereza, assumindo um tom de derrota. — Não estou de brincadeira. Estou cansada desse... disso tudo!

— Está cansada? Tudo bem, eu entendo. Mas você não precisa me prejudicar também, não é? — Michael considerou que não haveria problemas em mencionar o jogo, já que ela mesma usava isso como motivo para abandonar, em caráter definitivo, o Hotel Virtual. — Falando sério. Vem comigo até o Portal pra fazer a Emersão agora mesmo. Se sair do jogo em segurança, eu também ganho meus pontos. Não seria o desfecho ideal para todo mundo?

— Odeio você — ela rebateu, lançando gotas de saliva sobre ele. — A gente mal se conhece e eu já odeio você. Isso não tem nada a ver com o Lifeblood!

— Então me explica o motivo — ele pediu com toda a tranquilidade, tentando manter a compostura. — Só estou querendo cinco minutinhos do seu tempo antes de pular. Fala comigo, Tanya.

Ela escondeu o rosto com o braço.

— Não posso mais — ela choramingou, e seus ombros estremeceram. Mais uma vez, Michael teve medo de que escorregasse. — Não aguento.

Algumas pessoas são fracas assim mesmo, ele pensou, mas não ousou dizer em voz alta.

O Lifeblood era de longe o jogo mais popular da VirtNet. No Sono, era possível entrar em uma violenta batalha da Guerra Civil Americana, ou enfrentar dragões com uma espada mágica, ou então

voar em espaçonaves, explorar os bizarros pontos de encontros românticos. No entanto, esse tipo de coisa logo perdia a graça. No fim, nada era mais fascinante que a realidade nua e crua. Nada. Mas algumas pessoas, como Tanya, não eram capazes de suportar isso. Michael com certeza era. Ele vinha subindo na hierarquia do jogo com a mesma velocidade do lendário Gunner Skale.

— Vamos lá, Tanya — ele insistiu. — O que custa conversar comigo? Se quer cair fora, por que terminar seu último jogo se matando de maneira tão violenta?

Ela se virou para ele e o encarou com tamanha intensidade no olhar que o fez estremecer.

— É a última vez que Kaine faz isso comigo — ela falou. — Ele não pode me deixar presa aqui e me usar como cobaia... para mandar os SimKillers atrás de mim. Vou destruir meu Núcleo.

Essas últimas palavras mudaram tudo. Horrorizado, Michael viu Tanya se segurar com mais força ainda à barra de metal com uma das mãos e, com a outra, começar a escavar a própria pele.

2

Nesse momento, os pontos e o jogo deixaram de ser importantes. A situação evoluiu de um simples inconveniente para uma questão de vida ou morte. Em todos os seus anos como jogador, nunca tinha visto ninguém decodificar o próprio Núcleo, destruir a barreira dentro do Caixão que separava o mundo real do virtual.

— Para com isso! — ele gritou, já colocando um dos pés sobre a grade. — Para!

Quando saltou para o parapeito externo da ponte, ficou paralisado. Ela estava quase ao alcance de seu braço, e qualquer movimento brusco poderia fazê-la entrar em pânico. Com as mãos estendidas, deu um pequeno passo na direção dela.

— Não faz isso — Michael disse o mais baixo que pôde para ainda ser ouvido em meio ao vento forte.

Tanya continuava escavando a têmpora direita. Ela arrancou pedaços da própria pele, e o sangue que jorrou da ferida em pouco tempo cobriu suas mãos e a lateral do rosto. Uma expressão terrivelmente serena tomou conta de sua face, como se nem se desse conta do que fazia a si mesma, mas Michael sabia muito bem que ela estava hackeando o código.

— Para de mexer no código só por um segundo! — gritou Michael. — Que tal conversar um pouco antes de destruir o próprio *Núcleo*? Você sabe o quanto isso é sério.

— Que diferença faz pra você? — ela respondeu num tom de voz tão baixo, que Michael precisou ler seus lábios para entender. Mas pelo menos ela parou o que estava fazendo.

Michael observava tudo com grande horror. Ela tinha parado, sim, de escavar a própria pele, mas apenas para enfiar o indicador e o polegar no buraco que havia feito.

— Você só está interessado nos seus Pontos de Experiência — ela retrucou, enquanto, lentamente, removia da cabeça um pequeno chip ensopado de sangue.

— Eu abro mão dos meus pontos — disse Michael, tentando esconder o medo e o nojo. — Juro pra você. Já chega disso tudo,

Tanya. Volta a codificar essa coisa e vamos conversar. Ainda dá tempo.

Ele contemplou a manifestação física de seu Núcleo com um olhar de fascínio.

— Você não consegue enxergar a ironia disso tudo? — questionou ela. — Se não soubesse mexer no código, provavelmente nem saberia quem é Kaine, nem descobriria nada a respeito dos SimKillers e dos planos dele para mim. Mas eu sou boa nisso e, por causa desse... *monstro*, consegui fazer a programação para tirar o Núcleo da minha cabeça.

— Mas não da sua cabeça de verdade. Tudo aqui é só uma simulação, Tanya. Ainda dá tempo de voltar atrás.

Michael não conseguia se lembrar de outra ocasião na vida em que tivesse se sentido tão mal.

Ela lançou um olhar tão voraz para ele que o fez dar um passo para trás.

— Não aguento mais. Não aguento mais... *e/e*. Não vou poder mais ser usada se estiver morta. Para mim, já chega.

Ela apoiou o Núcleo contra o polegar e o lançou na direção de Michael. O chip passou por cima de seu ombro, refletindo o brilho do sol por um instante, quase como se piscasse para ele, antes de aterrissar com um leve tilintar em algum lugar em meio ao trânsito, onde seria esmagado em questão de segundos.

Ele mal podia acreditar no que via: uma pessoa com habilidades tão avançadas na manipulação do código a ponto de destruir o próprio Núcleo — o dispositivo que protegia o cérebro dos jogadores enquanto estavam no Sono. Sem o Núcleo, o cérebro não seria

capaz de filtrar de forma adequada o estímulo da VirtNet. Se o Núcleo fosse removido no Sono, a pessoa morreria na Vigília. Ele não conhecia *ninguém* que já tivesse presenciado isso antes. Duas horas antes, estava comendo batatinhas com gorgonzola roubadas da lanchonete do Dan com seus melhores amigos. O que ele mais queria naquele momento era voltar para lá, comer um sanduíche de peru no pão de centeio, ouvir as piadas sem graça de Bryson sobre calcinhas de velhotas e escutar as reclamações de Sarah sobre o corte de cabelo que Michael usava no Sono.

— Se Kaine for atrás de você — disse Tanya —, diz a ele que no fim quem ganhou fui eu. Fala sobre a minha coragem. Ele pode prender as pessoas aqui à vontade e roubar quantos corpos quiser. Mas o meu não.

Michael não sabia mais o que dizer. Percebeu que não conseguiria arrancar nem mais uma palavra da boca ensanguentada da garota. Porém, com a mesma impulsividade que o guiava para tudo na vida, saltou na direção da barra metálica à qual ela se segurava.

Tanya gritou, momentaneamente sem reação diante daquele movimento brusco, mas em seguida se soltou — mais exatamente, se jogou da ponte. Michael se agarrou à barra com uma das mãos e tentou segurá-la com a outra, mas errou no cálculo nas duas situações. Seus pés atingiram alguma coisa sólida, e em seguida escorregaram. Agitando os braços, ele não conseguia encontrar nada em que se amparar além do ar e caiu logo depois dela.

Um grito esquisito escapou de sua boca, algo do qual teria vergonha caso a única pessoa a ouvi-lo não fosse morrer logo em

seguida. Sem o Núcleo codificado no cérebro, a morte dela seria uma realidade.

Michael e Tanya desabaram rumo às águas escuras da baía. O vento agitava a roupa deles, e o coração de Michael parecia prestes a sair pela boca. Ele soltou outro grito. No fundo, sabia que, ao atingir a água, apesar da dor terrível, em seguida faria a Emersão e acordaria em casa, são e salvo dentro de seu Caixão. O ponto forte da VirtNet, no entanto, era a simulação da realidade, e durante a queda o pavor era inevitável.

De alguma forma, as Auras de Michael e Tanya acabaram frente a frente em pleno ar, como dois paraquedistas em queda livre. A superfície agitada das águas rugia sob os dois, que se abraçaram com força. Michael sentiu vontade de gritar, mas a tranquilidade absoluta estampada no rosto dela o impediu.

O olhar dela penetrou fundo dentro de Michael, e nesse momento algo dentro dele se esfacelou.

O impacto contra a água foi tão duro quanto ele imaginava. Duro como concreto. Duro como a morte.

3

Apesar da intensidade, o momento de dor foi breve. De maneira repentina, tudo dentro de Michael pareceu romper e explodir. Ele não teve tempo de emitir sequer um som antes do fim — nem Tanya, pois ele não ouviu mais nada depois do terrível choque contra a superfície da água. Em seguida, tudo se dissipou, e sua mente se apagou.

Michael estava vivo dentro da NerveBox, que a maioria das pessoas chamava de Caixaão. Havia feito a Emersão do Sono.

O mesmo não podia ser dito no caso dela. Uma onda de tristeza, e depois de descrença, formou-se dentro dele. Com seus próprios olhos, viu quando Tanya manipulou o código, arrancou o Núcleo de seu corpo virtual e o jogou longe como se fosse uma migalha de pão. Quando tudo acabou, foi um final verdadeiro, e, ao pensar que tinha feito parte disso, Michael sentiu suas entranhas se retorcerem. Jamais havia testemunhado nada desse tipo.

Piscou algumas vezes, esperando para ser desconectado por completo. Nunca em sua vida tinha se sentido tão aliviado ao deixar a VirtNet, ao abandonar um jogo, ao sair da caixa e respirar o ar poluído do mundo real.

Uma luz azul se acendeu, revelando a porta do Caixaão a poucos centímetros de seu rosto. Os LiquiGels e os AirPuffs já tinham sido drenados, o que levava à parte que Michael mais detestava, por mais que já houvesse passado por isso em incontáveis oportunidades. Os fios finos e gelados do NerveWire foram saindo de seu pescoço, suas costas e seus braços, deslizando como cobras por sua pele e desaparecendo nos estreitos compartimentos, onde seriam desinfetados e armazenados para o próximo jogo. Seus pais ficavam impressionados com o fato de ele permitir que aquelas coisas entrassem em seu corpo com tanta frequência. Michael entendia esse estranhamento. Aquilo era mesmo muito esquisito.

Um clique audível se fez ouvir logo em seguida, seguido do acionamento de um mecanismo e uma lufada de ar. A porta do Caixaão começou a se abrir, erguendo-se nas dobradiças como a

morada de Drácula. Michael considerou esse pensamento quase cômico. Ser um vampiro sanguinolento e conquistador era apenas uma das coisas que uma pessoa poderia fazer no Sono. Uma em um bilhão.

Ele se levantou com cautela — já que sempre se sentia um pouco tonto depois da Emersão, principalmente depois de jogar durante horas —, nu e ensopado de suor. As roupas atrapalhavam o estímulo sensorial da NerveBox.

Michael pisou fora da caixa, sentindo o toque agradável do carpete sob os pés — um sinal de que estava de volta à realidade, e em seguida vestiu a cueca que deixara no chão logo ao lado. Imaginou que uma pessoa decente fosse querer também um par de calças e uma camiseta, mas o momento não parecia propício a esse tipo de preocupação. Só o que ele precisava fazer no Lifeblood era convencer uma garota a não se suicidar para ganhar Pontos de Experiência, mas, além de ter fracassado, tinha participado de um suicídio real. Uma vida *de verdade* se perdera.

Tanya — onde quer que estivesse seu corpo — estava morta. Ela havia arrancado seu Núcleo antes de se jogar — uma corrupção do programa, protegido por senha, que só seria possível se o usasse contra ela mesma. Simular a remoção de Núcleo não era aceitável na VirtNet. Era algo perigoso demais. Caso contrário, as pessoas fariam isso o tempo todo, para se divertir e assustar umas às outras. Ela havia de fato manipulado o próprio código e removido a barreira de segurança que separava o virtual do real em sua mente, destruindo propositalmente seu implante físico. Tanya, a menina bonita de olhos tristes com mania de perseguição, estava morta.

Michael sabia que, em pouco tempo, isso estaria no noticiário *NewsBops*. Seria informado também que Michael estivera com ela, e o SSV — o serviço de segurança da VirtNet — provavelmente viria falar com ele. Viria com certeza, na verdade.

Morta. Ela estava morta. Imóvel e sem vida, como o colchão em sua cama.

Foi então que a realidade o atingiu em cheio, como uma bolada no meio da cara.

Michael quase não conseguiu chegar ao banheiro antes de esvaziar todo o conteúdo de seu estômago. Em seguida, desabou no chão e se encolheu. As lágrimas não vieram — chorar não fazia muito seu estilo —, mas ele ficou lá deitado por um bom tempo.

II. A PROPOSTA

1

Michael sabia que a maioria das pessoas, quando se sentiam abandonadas e no fundo do poço, corriam para procurar os pais, ou mesmo um irmão ou uma irmã. Quem não tem nem um nem outro talvez batesse à porta de uma tia, um bisavô, um primo de segundo grau.

Não era esse o caso de Michael. Ele foi atrás de Bryson e Sarah, os melhores amigos que alguém poderia ter. Ambos o conheciam como ninguém, e não julgavam o que dizia, fazia ou comia. E, quando necessário, ele retribuía a gentileza. Havia, porém, algo muito estranho na amizade entre eles.

Michael jamais havia se encontrado com seus amigos.

Pelo menos não pessoalmente. Ainda não. Mas, na VirtNet, eram grandes companheiros. Tinham se conhecido nos níveis iniciais do Lifeblood, aproximando-se cada vez mais à medida que avançavam. Os três uniram forças quase instantaneamente para avançar juntos pelo jogo dos jogos. Eles eram o Trio Parada Dura, a Trifeta Perfeita, a Trilogia do Terror. Esses apelidos não atraíam muitos simpatizantes — eram rotulados como arrogantes por alguns, e idiotas por outros —, mas eles se divertiam com isso, e era o que importava.

Michael não podia ficar deitado para sempre no chão duro daquele banheiro, por isso resolveu se levantar e se dirigir a seu lugar favorito no mundo para se sentar.

A Poltrona.

Era apenas um móvel como qualquer outro, mas nem por isso deixava de ser a peça de mobília mais confortável em que já se sentara, uma espécie de nuvem artificial. Precisava refletir um pouco e também marcar um encontro com seus melhores amigos. Michael se acomodou, olhou pela janela e observou a fachada triste e cinzenta do prédio de apartamentos do outro lado da rua, que parecia um furacão solidificado.

A única coisa que quebrava a monotonia era um cartaz enorme anunciando o Lifeblood Deep, as letras de um vermelho vivo sobre o fundo preto e nada mais, como se os desenvolvedores do jogo soubessem que apenas aquelas palavras eram tudo de que necessitavam. Todo mundo sabia do que se tratava, e todos queriam fazer parte da ação, ganhar o direito de entrar ali algum dia. Nesse sentido, Michael era como todos os outros jogadores — apenas mais um membro do rebanho.

Ele se lembrou de Gunner Skale, o maior jogador de Lifeblood da história da VirtNet. No entanto, o sujeito havia desaparecido recentemente — segundo boatos, fora engolido pela versão Deep, perdendo-se no jogo que tanto amava. Skale era uma lenda, e não existia jogador que nunca saíra vasculhando as profundezas do Sono à sua procura, uma jornada que se revelava sempre malsucedida. Pelo menos até o momento. O objetivo de Michael era chegar a esse nível, tornar-se o novo Gunner Skale. Ele só precisava se antecipar ao novo sujeito que tinha aparecido em cena. Esse tal de... *Kaine*.

Michael apertou seu EarCuff — uma pequena peça de metal acoplada ao lóbulo da orelha —, e a NetScreen com teclado surgiu

diante dele, pairando em pleno ar. O Boletim Eletrônico mostrou que Bryson já estava on-line, e Sarah deixara uma mensagem dizendo que voltava logo.

Os dedos de Michael começaram a percorrer as teclas vermelhas cintilantes.

Mikethespike: Ei, Bryson, para de xeretar nos ninhos de Gorgozon e vem falar comigo. Vi uma coisa sinistra hoje.

A resposta de seu amigo foi quase instantânea. Bryson passava ainda mais tempo on-line ou no Caixão do que Michael, e digitava com a velocidade de uma secretária depois da terceira xícara de café.

Brystones: Sinistra, é? Um policial do Lifeblood pegou você nas dunas de novo? É só lembrar: eles aparecem a cada treze minutos!

Mikethespike: Já disse o que estava fazendo. Precisava impedir aquela menina de saltar da ponte. Não deu muito certo.

Brystones: Por quê? Ela pulou?

Mikethespike: Acho melhor não falar por aqui. A gente precisa se encontrar no Sono.

Brystones: Cara, a coisa deve ter sido feia mesmo. Mas gente acabou de sair de lá. Pode ser amanhã?

Mikethespike: Me encontra na lanchonete. Em uma hora. Avisa a Sarah também. Preciso tomar banho. Estou fedendo a sovaco.

Brystones: Ainda bem que o encontro não vai ser na vida real, então. Não sou muito fã de CC.

Mikethespike: Por falar nisso... a gente precisa se conhecer. Se conhecer de verdade. Você nem mora TÃO longe assim.

Brystones: Mas a Vigília é tão entediante. Pra que isso?

Mikethespike: Porque é isso que os seres humanos fazem. Eles se encontram e apertam as mãos de verdade.

Brystones: Mas eu prefiro dar um abraço em você em Marte.

Mikethespike: NADA DE ABRAÇOS. Vejo você em uma hora. E leva a Sarah.

Brystones: Pode deixar. Agora vai lavar esses sovacos fedorentos.

Mikethespike: Eu disse que estava FEDENDO a sovaco, não que... Esquece. Até mais.

Brystones: Fui.

Michael apertou o EarCuff e viu a NetScreen e o teclado se dissolverem como se tivessem sido carregados por um vento forte. Em seguida, depois de uma última olhada no anúncio do Lifeblood Deep — com suas letras vermelhas e ameaçadoras sobre o fundo preto —, e com os nomes de Gunner Skale e Kaine pairando em sua mente, foi para o chuveiro.

2

A VirtNet era uma coisa engraçada. Era tão real que às vezes Michael lamentava o fato de ser um ambiente que envolvesse tecnologia tão avançada — por exemplo, quando o tempo estava quente e úmido, ou quando dava uma topada no dedão ou levava um tapa na cara de uma garota. O Caixaõ permitia que tudo isso

fosse sentido nos mínimos detalhes. Havia a opção de ajustar o mecanismo para diminuir o estímulo sensorial, mas para que jogar se não fosse para desfrutar da experiência completa?

Só que o realismo com que se transmitia a dor e o desconforto no Sono também tinha seu lado positivo. A comida. Principalmente quando a pessoa conseguia manipular o código para ter o que quisesse quando a grana estava curta. Bastava acessar os dados brutos, inserir algumas linhas de programação e... *voilà* — um banquete.

Michael se sentou com Bryson e Sarah na mesa de sempre em frente à lanchonete do Dan, devorando um prato enorme de nachos, enquanto o Caixão o alimentava com nutrientes saudáveis por via intravenosa. A pessoa não poderia sobreviver apenas da alimentação provida pelo Caixão, claro — não era algo destinado a sustentar um corpo humano durante meses a fio —, mas com certeza ajudava durante as sessões mais longas de jogatina. E a melhor parte era que, no Sono, a pessoa só ficava gorda se programasse sua imagem dessa maneira, por isso era possível comer à vontade.

Apesar da comida deliciosa, a conversa logo tomou um rumo dos mais deprimentes.

— Fui ver o *NewsBops* assim que Bryson me contou — disse Sarah. Sua aparência na VirtNet era discreta: rosto bonito, cabelos castanhos compridos, pele bronzeada, quase nenhuma maquiagem. — Rolaram algumas recodificações de Núcleo nas últimas semanas. Uma história de arrepiar. Dizem que esse tal de Kaine está prendendo as pessoas no Sono, impedindo que acordem. Então

algumas delas estão se matando. Dá pra acreditar? Um ciberterrorista.

Bryson balançou a cabeça. Parecia um jogador de futebol americano que dera errado na vida — alto, largo e com um aspecto um tanto desproporcional. Costumava dizer que era tão lindo no mundo real que precisava de um refresco do assédio feminino enquanto estava na VirtNet.

— De arrepiar? — ele repetiu. — Nosso amigo aqui acabou de contar que viu uma menina abrir o próprio crânio, arrancar o Núcleo e pular de uma ponte. Acho que arrepio é pouco nesse caso.

— Verdade... Podia ter usado uma palavra mais forte — respondeu ela. — Mas o que importa é que tem alguma coisa acontecendo, e é um jogador que está levando a culpa. Alguém já ouviu falar em gente hackeando o próprio sistema para se matar? Esse é um problema que o serviço de segurança da VirtNet nunca enfrentou.

— A não ser que o SSV esteja acobertando tudo isso — comentou Bryson.

— Quem faria uma coisa dessas? — murmurou Michael, mais para si mesmo do que para os outros. Ele era bem informado e sabia que suicídios no Sono eram raros. Os suicídios *de verdade*, pelo menos. — Tem gente que gosta de destruir a si mesmo no Sono, sem maiores consequências... Mas esse tipo de coisa eu nunca vi. A pessoa precisa de muita habilidade e de um bocado de conhecimento pra fazer uma coisa dessas. Acho que eu mesmo não conseguiria. E você disse que aconteceram vários casos em uma semana?

— E quanto a esse jogador, esse tal de Kaine? — questionou Bryson. — Ouvi dizer que ele é bom, mas como alguém conseguiria prender os outros no Sono? Não é possível que seja verdade.

As mesas ao redor ficaram em silêncio, e aquele nome pareceu ecoar pelo ar. As pessoas ficaram olhando para Bryson, e Michael logo entendeu por quê. A má fama de Kaine se espalhava, e a menção a ele causava mal-estar. Durante os últimos meses, ele vinha se infiltrando em toda parte, desde jogos até salas de encontro privadas, atormentando suas vítimas com visões e até mesmo atacando-as fisicamente. Michael nunca tinha ouvido falar naquele negócio de não deixar as pessoas saírem do Sono até conhecer Tanya, mas o nome Kaine já era sinônimo de perigo no mundo virtual, como se estivesse à espreita em todas as partes. Bryson só estava se fazendo de desentendido.

Michael ignorou os outros clientes da lanchonete e se concentrou nos amigos.

— Ela disse um montão de vezes que era culpa do Kaine. Que estava presa aqui por causa dele, e que não aguentava mais. E a história de roubar corpos? E também aquela coisa dos SimKillers. Podem acreditar: mesmo antes de arrancar o Núcleo, já dava para ver nos olhos dela que a coisa era séria. Com certeza, ela encontrou com o sujeito em algum lugar.

— A gente nem sabe nada a respeito desse tal de Kaine — comentou Sarah. — Já li uma história sobre ele, e isso é tudo que temos... histórias. Ninguém tem informações concretas sobre esse jogador. Nenhuma foto, nenhum registro de áudio ou vídeo, nada. É como se ele não existisse.

— Estamos na *VirtNet* — rebateu Bryson. — As coisas não precisam ser *reais* para existir. É disso que estou falando.

— Não — insistiu Sarah, sacudindo a cabeça. — Ele é um jogador. Uma pessoa. Deitada em um Caixão. Agora, com tanto falatório, vamos conseguir descobrir mais sobre ele. A mídia deve estar atrás desse cara. Pelo menos o SSV deve ter como rastrear onde ele está.

Michael sentiu que a conversa não avançava.

— Ei, o foco aqui sou eu, pessoal. Acabei de passar por uma experiência traumática, e vocês deviam tentar me consolar. Até agora, não me ajudaram em nada.

Uma expressão sincera de preocupação surgiu no rosto de Bryson.

— É verdade, cara. Desculpa aí, mas antes com você do que comigo. Sei que o lance da negociação com os suicidas faz parte da experiência do Lifeblood e tal, mas uma morte de verdade? Eu ia ficar no mínimo uma semana sem dormir se visse uma coisa dessas.

— Ainda não está ajudando — Michael respondeu com uma risadinha amarela. Na verdade, ele já se sentia melhor por estar com os amigos, mas ainda havia algo dentro dele que precisava ser expurgado, uma coisa obscura e assustadora, impossível de ignorar.

Sarah se inclinou para a frente e apertou seu braço.

— Nenhum de nós pode imaginar como deve ter sido isso — ela disse baixinho. — E seria uma idiotice tentar fingir que sim. Mas sinto muito pelo que aconteceu.

Michael ficou vermelho e olhou para o chão. Logo em seguida, felizmente, Bryson os trouxe de volta à realidade.

— Preciso usar o banheiro — anunciou, já se levantando. Era possível fazer até isso no Sono, enquanto o verdadeiro corpo da

pessoa cumpria seus requisitos fisiológicos dentro do Caixão. Tudo era feito para parecer uma experiência real. Tudo mesmo.

— Quanta elegância — disse Sarah com um suspiro, soltando o braço de Michael e se recostando na cadeira. — Chega a ser encantador.

3

Eles ainda conversaram durante mais ou menos uma hora, encerrando com a recorrente promessa de se encontrarem no mundo real em breve. Bryson falou que, caso não fizessem isso até o fim do mês, arrancaria um dedo da mão para cada dia passado do prazo. Mas das mãos de Michael, não das suas. Isso proporcionou a deixa para uma tão necessária sessão de risadas.

Os três se despediram perto de um Portal, e Michael fez a Emersão para a Vigília, passando pelo ritual de sempre dentro do Caixão antes de sair. Enquanto caminhava até a Poltrona, seu olhar se dirigiu naturalmente para o anúncio do Lifeblood Deep do lado de fora da janela, e mais uma vez ele desejou estar lá com todas as suas forças. Quase chegou a se sentar, mas acabou mudando de ideia, sabendo que depois disso não se levantaria mais, pois estava dolorido dos pés à cabeça e não gostava de dormir na Poltrona, porque acordava todo torto.

Suspirou e, tentando não pensar na garota que havia se suicidado bem diante de seus olhos, de alguma forma conseguiu chegar até a cama, onde sucumbiu a uma longa noite de sono sem sonhos.

4

Levantar da cama na manhã seguinte foi como sair de um casulo. Demorou uns vinte minutos para que o lado inteligente de seu cérebro convencesse o lado mais burro de que não ir à escola sob a justificativa de uma suposta doença não era uma boa ideia. Já tinha faltado sete vezes só naquele semestre. Mais uma ou duas faltas, e com certeza sua ausência começaria a ser notada.

Estava ainda mais dolorido pela queda na baía com Tanya no dia anterior, e a estranha sensação que fazia seu estômago revirar persistia. De algum modo, porém, Michael encontrou forças para ir à mesa do café da manhã, onde Helga, sua empregada, havia acabado de servir um prato de ovos com bacon. Uma empregada, um equipamento de alta tecnologia para entrar na VirtNet, um belo apartamento... tinha muito a agradecer aos pais endinheirados. Eles viajavam muito, e no momento não sabia nem para onde tinham ido, tampouco quando voltariam. Por outro lado, essa ausência era compensada com muitos presentes. Somando o tempo passado na escola, na VirtNet e na companhia de Helga, quase não havia ocasiões para sentir falta deles.

— Bom dia, Michael — Helga falou com seu leve, mas ainda perceptível, sotaque alemão. — Acho que dormiu muito bem, não?

Ele respondeu com um resmungo, e ela sorriu. Era por isso que gostava tanto de Helga. Ela não ficava irritada ou ofendida quando recebia uma resposta semelhante a um grunhido de animal despertando da hibernação. Para ela, isso era uma coisa normal.

E a comida que ela fazia era deliciosa. Quase tão boa quanto a da VirtNet. Michael raspou o prato do café da manhã antes de sair para pegar o metrô.

As ruas fervilhavam com saias, ternos e copos de café preenchendo todos os espaços, até onde a visão era capaz de alcançar. Era tanta gente que Michael era capaz de jurar que se duplicavam diante de seus olhos, como as células de um corpo em formação. Todos ostentavam no rosto a expressão vazia e entediada que Michael conhecia tão bem. Como ele, as pessoas sentiam as horas se arrastar no trabalho ou na escola enquanto esperavam para poder voltar para casa à noite e entrar na VirtNet.

Michael penetrou a multidão humana, desviando-se do fluxo de pessoas à esquerda e à direita, e foi abrindo caminho pela avenida antes de tomar seu habitual atalho à direita — um beco estreito, repleto de latinhas e pilhas de lixo. Não conseguia entender por que o lixo nunca era descartado nas caçambas enormes de metal. Mas, em uma manhã como aquela, dividir o caminho com sacos vazios de batata frita e cascas de banana era muito melhor que encarar aquele mar de gente.

Estava quase do outro lado do beco quando o som de um veículo cantando pneus o fez deter o passo. O rugido de um motor chamou sua atenção para a rua, e Michael se virou para olhar. Assim que viu o carro se aproximando — com sua pintura cinzenta e tediosa, como o fim de uma tempestade —, entendeu tudo. Percebeu instantaneamente que aquilo tinha a ver com ele, e que não terminaria bem.

Virou-se de novo e correu, compreendendo que a intenção de quem o perseguia era encurralá-lo dentro do beco. O outro lado

parecia estar a quilômetros de distância — jamais conseguiria chegar lá. O barulho do carro foi ficando mais alto e, apesar de todos os horrores e maluquices que já havia vivenciado no Sono, o coração de Michael disparou de medo. Medo de verdade. *Que bela maneira de encerrar a vida... esmagado como um inseto em um beco cheio de lixo.*

Não teve coragem de olhar para trás, mas era capaz de *sentir* a aproximação do veículo. Estava perto, e não havia mais chance de escapar. Desistiu de tentar fugir correndo e saltou sobre uma pilha de lixo. O carro breiou bem no momento em que ele rolava e voltava a se pôr de pé, pronto para sair em disparada outra vez na direção oposta. A porta traseira do sedã se abriu, revelando um homem bem-vestido com uma máscara de esquiador no rosto, os olhos fixos em Michael sob os orifícios do tecido. Michael ficou paralisado apenas por um breve instante, mas foi o bastante. O homem saltou sobre ele, lançando-o ao chão.

Michael abriu a boca para gritar, mas uma mão gelada se posicionou sobre seu rosto e o silenciou. O pânico invadiu seu corpo como uma espada afiada, e uma descarga de adrenalina no organismo lhe deu força para se debater e lutar contra o agressor. O homem, porém, era mais forte e conseguiu virar Michael de bruços, prendendo seus braços às costas.

— Para com isso — disse o estranho. — Ninguém aqui quer machucar você, mas não temos tempo a perder. Você precisa entrar no carro.

O rosto de Michael estava prensado contra o chão.

— Ah, é? Não tenho motivos pra me preocupar, então? Era exatamente isso o que eu estava pensando.

— Não seja engraçadinho, garoto. Apenas não podemos revelar nossa identidade para ninguém. Agora entra no carro.

O homem se levantou, puxando Michael consigo.

— Entra — disse o estranho, fazendo uma pausa dramática — neste carro.

Michael ainda fez uma última e patética tentativa de se libertar, mas não havia jeito. A pressão das mãos do sujeito no seu corpo era implacável. Michael não teve escolha a não ser obedecer. Ele deixou de resistir, permitindo que o homem o conduzisse até o banco de trás do carro, onde se sentou ao lado de outro sujeito mascarado. A porta foi fechada e o veículo arrancou. O guincho dos pneus cantando ecoou pelas paredes da selva de concreto.

6

Quando o carro deixou o beco e embicou na rua, a cabeça de Michael começou a girar a mil: quem eram aquelas pessoas, e para onde o levavam? Uma nova onda de pânico tomou conta de seu corpo, e ele resolveu agir, dando uma cotovelada no meio das pernas do sujeito à sua esquerda e tentando abrir a porta por cima do corpo contorcido em agonia, dizendo palavrões que fariam até mesmo Bryson corar. Os dedos de Michael mal tinham alcançado a maçaneta da porta quando o outro capanga o puxou de volta, aplicando-lhe uma gravata. O homem apertou seu pescoço até Michael ficar sem ar.

— Para com isso, garoto — ele falou, sem perder a calma. Por alguma razão, aquelas palavras eram a última coisa que Michael queria ouvir. Ele sentiu o peito oprimido pela raiva, o que o fez lutar com mais força ainda para se soltar.

— Para com isso! — repetiu o estranho, desta vez com um grito. — Vê se para de dar uma de criança e se acalma. Nós *não vamos* machucar você.

— Na verdade, você já está me machucando — Michael respondeu com certa dificuldade.

O homem aliviou um pouco a pressão.

— É só se comportar que eu paro. Estamos combinados?

— Tá bom — resmungou Michael. Afinal, o que ele poderia fazer? Pedir um tempo para pensar?

Depois disso, o homem pareceu ficar mais tranquilo.

— Ótimo. Agora senta e fica quieto — ele ordenou. — Não, espera aí, primeiro você precisa se desculpar com o meu amigo... Essa agressão foi totalmente desnecessária.

Michael olhou para o homem à sua esquerda e deu de ombros.

— Desculpa. Espero que ainda consiga ter filhos.

O sujeito não respondeu, mas o olhar sob a máscara era de puro ódio. Intimidado pela demonstração de fúria do homem, ele se virou para o outro lado. A adrenalina havia baixado, suas forças tinham se esvaído e ele estava sendo transportado pela cidade por quatro homens mascarados.

As coisas não pareciam lá muito boas para ele.

O restante do trajeto se deu em silêncio absoluto. O coração de Michael, porém, continuava retumbando como um enorme tambor. Pensou que soubesse como era sentir medo. Já havia sido submetido a inúmeras situações terríveis na VirtNet, que pareciam absurdamente reais. Mas aquilo era real *de verdade*. E o medo era algo que ia muito além de qualquer coisa que já tivesse experimentado. Imaginou até que pudesse ter um ataque cardíaco aos dezesseis anos de idade.

Ironicamente, a cada vez que olhava para fora, deparava com os cartazes pretos e vermelhos do Lifeblood Deep. Apesar de uma pequena porção otimista de seu cérebro ainda acreditar que de alguma maneira ele sairia vivo daquela situação, Michael sabia que ser tomado como refém por homens mascarados não era algo que suscitasse muita esperança. Aqueles anúncios eram só um lembrete de que seu sonho de chegar ao nível Deep provavelmente jamais se realizaria.

Por fim, chegaram à periferia da cidade e entraram no gigantesco estacionamento do estádio dos Falcons. O local estava totalmente vazio, e o motorista parou na primeira fileira de vagas, puxando o freio de mão bem em frente da monstruosa construção. Havia uma placa logo adiante com os dizeres: VAGAS RESERVADAS. INFRAÇÃO SUJEITA A GUINCHO.

Um bipe ressoou em algum lugar dentro do carro, seguido de um estalo do lado de fora e do acionamento de uma engrenagem. Imediatamente depois, o carro embicou no chão, e o coração de Michael se acelerou. Enquanto desciam, a luz do dia foi dando lugar ao brilho de lâmpadas fluorescentes.

O carro enfim se nivelou com um leve solavanco, e Michael pôde olhar ao redor e constatar que estavam em uma garagem subterrânea com pelo menos uma dezena de carros encostados junto a uma parede. O motorista parou em uma vaga desocupada e desligou o motor.

— Chegamos — anunciou o condutor, de forma um tanto redundante, na opinião de Michael.

8

Michael tinha duas opções: podia ser arrastado com o rosto junto ao chão ou ir andando com as próprias pernas, sem resistir. Ele escolheu a segunda. Enquanto caminhava ao lado dos homens, seu coração parecia prestes a romper a caixa torácica com suas batidas violentas e incessantes.

Os quatro o conduziram por uma porta, um corredor e depois outra porta, que levava a uma espaçosa sala de reuniões. Pelo menos foi o que ele concluiu que era, com base na mesa comprida de cerejeira, nas cadeiras forradas em couro e no balcão de bebidas em um dos cantos. Ficou surpreso ao encontrar apenas uma pessoa à sua espera: uma mulher. Era alta, com cabelos escuros e compridos, e olhos grandes e exóticos — de certo modo, conseguia ser encantadora e assustadora ao mesmo tempo.

— Podem deixar que daqui eu assumo — ela falou. Foram apenas algumas poucas palavras ditas em voz baixa, mas que fizeram os quatro sair voando porta afora, como se estivessem morrendo de medo.

Seus olhos penetrantes se concentraram no rosto de Michael.

— Meu nome é Diane Weber, mas para você sou a agente Weber. Por favor, sente-se.

Ela apontou para a cadeira mais próxima de Michael, que precisou se esforçar tremendamente para não obedecer de imediato. Obrigou-se a contar até cinco enquanto a encarava, tentando não desviar o olhar. Só então fez o que ela mandou.

A agente se sentou a seu lado, cruzando as belas pernas compridas.

— Sinto muito por você ter chegado aqui de forma tão brusca. O que precisamos discutir é um assunto urgente e absolutamente confidencial, e eu não queria perder tempo com... *convites*.

— Estou perdendo um dia de aula. Com certeza aceitaria o convite. — Por algum motivo, ela o fazia se sentir à vontade, o que o deixou irritado. Estava na cara que ela era do tipo manipuladora, alguém que usava a beleza para amolecer o coração dos homens. — E o que você poderia querer comigo, aliás?

Ela abriu um sorriso, revelando dentes perfeitos.

— Você é um jogador, Michael. E com um excelente domínio do código.

— Isso foi uma pergunta?

— Não, foi uma afirmação. Estou respondendo ao seu questionamento. Sei mais coisas a seu respeito do que *você mesmo*. Entendeu bem?

Michael soltou uma tossidela. Será que tinham descoberto que andava hackeando o código?

— Estou aqui porque sou um jogador? — perguntou, lutando para disfarçar o tremor na voz. — Porque gosto de mexer um pouco no

código do Sono? O que foi que eu fiz, baguncei sua casa? Roubei alguma coisa do seu restaurante virtual?

— Você está aqui porque despertou o nosso interesse.

Aquelas palavras o encheram de coragem.

— Olha só, não sei se a minha mãe aprovaria um namoro com uma mulher mais velha. Já tentou os pontos de encontro românticos do Sono? Tenho certeza de que uma gata como você não teria problema em...

O olhar furioso que se desenhou no rosto dela fez com que Michael se calasse e se desculpasse logo em seguida.

— Eu trabalho no SSV — ela revelou, retomando a calma e o controle. — Estamos enfrentando sérios problemas na VirtNet e precisamos de ajuda. Temos conhecimento de que você sabe hackear, assim como seus amigos. Mas, se não parar de se comportar como um menino de dez anos, vou ser obrigada a recorrer a outra pessoa.

Com apenas três frases, ela fez com que Michael se sentisse um idiota completo. E, depois disso, o que ele mais queria era descobrir do que ela falava.

— Tudo bem, desculpa. É que ser sequestrado no meio da rua abala os nervos da gente. De agora em diante, vou me comportar.

— Assim é melhor. — Ela fez uma pausa para descruzar e cruzar as pernas. — Vou dizer três palavras para você e, se repetir isso para alguém sem a nossa permissão, na melhor das hipóteses vai ser condenado à prisão perpétua em um presídio que o público nem sabe que existe.

A curiosidade tomou conta de Michael, mas aquele discurso fez um sinal de alerta se acender em sua mente.

— Então vocês não vão me matar?

— Existem coisas piores que a morte, Michael — ela falou, franzindo a testa.

Ele a encarou, pensando seriamente em implorar que o deixasse ir sem dizer mais nada. No fim, porém, a curiosidade foi mais forte.

— Certo. Não vou repetir o que ouvi... Pode falar.

O lábio inferior dela tremeu ao proferir aquelas palavras, como se algo dentro dela se abalasse ao dizê-las:

— Doutrina da Morte.

9

A sala inteira estava em silêncio — total e absoluto —, e a agente Weber o encarava fixamente.

Por que aquelas palavras justificariam a privação de sua liberdade?

— Tem alguma coisa aqui que eu não entendi? — ele perguntou. — Doutrina da Morte? O que é *isso*?

A agente Weber se inclinou para a frente, a expressão ainda mais séria do que antes.

— Ao ouvir essas palavras, você se comprometeu a se juntar a nós.

Michael deu de ombros. Era a única coisa que ele se sentia capaz de fazer naquele momento.

— Mas eu preciso ouvi-lo dizer isso — ela falou. — Preciso me *certificar* do seu comprometimento. E precisamos das suas habilidades na VirtNet.

Motivado em parte por orgulho, Michael voltou a se preocupar com a própria segurança.

— Quero saber do que se trata.

— É melhor assim. — Ela se recostou na cadeira, e a tensão no recinto pareceu crescer ainda mais. — Doutrina da Morte. Neste momento sabemos muito pouco. É algo oculto dentro da VirtNet, fora dos círculos monitorados. Um arquivo ou algum tipo de programa que pode causar sérios danos não só à VirtNet, mas ao mundo real também.

— Que promissor — murmurou Michael, mas imediatamente se arrependeu. Por sorte, ela deixou seu comentário passar. A verdade era que a existência de um território secreto na VirtNet era uma ideia empolgante. Ele queria saber onde ficava.

— Essa... doutrina tem o potencial de destruir a humanidade da maneira como a conhecemos. Me diga uma coisa, Michael, já ouviu falar de um jogador chamado Kaine?

A menção a esse nome fez o coração de Michael disparar. A garota, Tanya. O rosto dela ressurgiu em sua mente, assim como suas palavras, dizendo que estava sendo atormentada por Kaine. Michael se agarrou aos braços da cadeira e de repente teve a impressão de estar no gradil da ponte outra vez. Qual era a relação entre uma coisa e outra?

— Já ouvi falar de Kaine — ele respondeu. — Vi uma garota se matar. E ela citou o nome dele...

— Sim, nós sabemos — revelou a agente Weber. — Em parte, é por isso que está aqui. Você viu a que ponto as coisas estão chegando. Conseguimos associar o nome de Kaine a essa Doutrina

da Morte, que por sua vez está relacionada a casos como esse que você testemunhou. As pessoas ficam presas na VirtNet e estão sendo induzidas a decodificar o próprio Núcleo. É o pior caso de ciberterrorismo que já tivemos.

— Por que estou aqui? — Michael perguntou com a voz rouca, sentindo-se incomodamente inseguro. — Como posso ajudar?

Ela ficou em silêncio por um instante.

— Encontramos jogadores em coma dentro de Caixões. Os exames de imagem revelaram danos neurológicos, como se tivessem sido vítimas de algum experimento cruel. Essas pessoas encontram-se em estado vegetativo. — Ela fez outra pausa. — Temos provas do envolvimento de Kaine. E, de algum modo, tudo isso tem relação com o esse programa da Doutrina da Morte, que está escondido dentro da VirtNet. Precisamos encontrar esse homem e também a tal Doutrina. Pode nos ajudar a fazer isso?

A pergunta foi feita com a maior naturalidade do mundo, como se houvessem solicitado que ele fosse ao mercado comprar leite e pão. Michael sentiu vontade de fugir. Na verdade, desejou muito mais que isso naquele momento — uma viagem no tempo também seria uma ótima opção —, mas, sendo bem realista, tudo o que queria era seu quarto, sua cama e seu Caixão, distrair-se com algum jogo de esportes no nível iniciante, comer batatas com gorgonzola da lanchonete do Dan, passar um tempo com Bryson e Sarah, ver um filme, ler um livro, rever seus pais e nunca mais ouvir falar naquilo tudo.

No entanto, uma palavra escapou de sua boca, e ele só se deu conta do que tinha dito depois de responder:

— Posso.

III. UM LUGAR SOMBRIO

1

Assim que Michael fechou a boca, a agente Weber se levantou com tamanha pressa que quase derrubou a cadeira.

Michael teve um sobressalto, surpreso com a reação dela.

— Era para eu dizer não?

Mas ela não olhava para ele, e sim para a porta, com a mão na orelha, como se ouvisse algo através de algum dispositivo implantado lá dentro.

— Tem alguma coisa errada — ela informou. — Vocês foram seguidos.

Michael se levantou, abalado com o fato de a mulher ter passado de assustadora para assustada em uma fração de segundo.

— Seguidos? Por quem? — questionou ele.

— *Nem queira saber*, Michael. Vamos lá.

Ela não esperou pela resposta dele. Sem dizer uma palavra, avançou para a porta. Michael foi atrás, e em pouco tempo estavam no corredor, cercados por homens armados, desta vez sem aqueles máscaras ridículas.

— Levem o garoto de volta para casa — ordenou a agente Weber, recompondo-se. — E sem serem vistos desta vez.

Um homem e uma mulher tomaram a frente, pegaram Michael pelo braço e começaram a conduzi-lo pelo corredor.

— Espera! — ele gritou, esforçando-se para entender o que acontecia. — Espera aí! Você não me contou quase nada!

O som de saltos altos contra o chão indicou a aproximação da agente Weber.

— Pode contar aos seus amigos o que lhe falei. Bryson e Sarah. E para ninguém mais, entendeu? Se disser uma palavra que for a mais alguém, mesmo que sejam seus pais, vamos ser obrigados a deletá-los.

Essa última parte fez a raiva brotar dentro dele.

— *Deletá-los?*

— Preciso que vocês três comecem a investigar, Michael — ela falou, ignorando a pergunta. — Sugiro que comecem pelas partes mais sombrias e sinistras da VirtNet. Conversem com as pessoas, saibam das fofocas. Preciso que encontrem o esconderijo de Kaine. É a única maneira de descobrir a verdade sobre a Doutrina da Morte e como ele pretende usá-la. Façam o que for preciso. Vocês têm capacidade para isso, e vão ser rastreados, para depois podermos ir até lá, quando o esconderijo for descoberto. Se ajudarem a solucionar esse problema, estão feitos: podem pedir o que quiserem. Existem outras pessoas procurando também. Os primeiros a chegar serão recompensados.

Ele abriu a boca para falar — sem saber ao certo *o quê* —, mas ela se virou rapidamente e saiu andando.

— Vamos lá — disse um dos guardas.

Saíram puxando Michael na direção oposta.

Não voltaram ao carro. Os guardas — que não disseram uma palavra sequer para Michael durante todo o tempo — o conduziram por incontáveis corredores até um prédio abandonado perto de uma estação de metrô, onde o deixaram. As pessoas circulavam com tranquilidade, o sol brilhava por entre as nuvens e um saco plástico flutuava pelo ar, carregado pelo vento. O mundo continuava a ser o mesmo de antes, mas sua vida havia mudado para sempre.

Ir à escola era a última coisa que passava por sua cabeça naquele momento. Confuso e assustado, Michael caminhou até uma cafeteria e pediu a maior dose de cafeína disponível. Em seguida, pegou o metrô para casa. A primeira coisa que fez ao chegar foi marcar um encontro para o dia seguinte com Bryson e Sarah. Forneceu apenas as informações necessárias para despertar o interesse deles — Michael sabia que, caso falasse demais, os outros dois não conseguiriam nem dormir, e tinha a sensação de que precisariam estar bem descansados para o que estava por vir.

3

Michael fez a besteira de ver o *NewsBops* naquela noite.

Ele estava sozinho, bem acomodado na Poltrona. Seus pais não estavam em casa, e não conseguia lembrar quando voltariam. Helga geralmente ia se deitar logo ao anoitecer. Ele abriu a NetScreen com o EarCuff para ver as notícias do dia. Assassinatos, bancos falidos, desastres naturais. *Exatamente o tipo de coisa que preciso ver antes de dormir*, pensou, desolado. Em geral, esse tipo de acontecimento parecia estar sempre distante; eram coisas que só aconteciam com

os outros. Mas, por alguma razão, depois da conversa com a agente Weber, o perigo parecia mais próximo do que nunca.

Estava prestes a desligar o noticiário quando uma matéria chamou sua atenção. Uma repórter falava sobre a última novidade na VirtNet: um ciberterrorista conhecido como Kaine.

Com um movimento de dedo, Michael aumentou o volume e se inclinou para a frente, concentrado no que ela dizia como se fosse a coisa mais importante de sua vida.

— ...a causa de vários suicídios, de acordo com testemunhas e mensagens enviadas pelas vítimas antes de morrer — a mulher dizia. — Kaine se tornou conhecido ao se infiltrar em quase todos os jogos mais populares e espaços de relacionamento pessoal na VirtNet, isso sem contar os inúmeros relatos de assédio individual. Desde o desaparecimento do lendário Gunner Skale, um único indivíduo não causava tanto burburinho na VirtNet. O objetivo de Kaine, ninguém sabe qual é. O SSV afirmou em nota oficial que está empregando todos os meios possíveis para localizar esse homem e bloquear seu acesso em caráter permanente.

Ela continuou falando, e Michael continuou a ouvir, em parte fascinado, em parte horrorizado. Sequestros reais que terminavam em tortura e cárcere privado de pessoas incapazes de fazer a Emersão para a Vigília. Redes sociais e jogos inteiros sendo desativados ou apagados, e em seu lugar apenas uma linha de código dizendo: "Kaine esteve aqui". Jogadores com morte cerebral encontrados dentro das NerveBoxes.

Michael já tinha ouvido o bastante sobre as atrocidades cometidas por Kaine. Qual seria o objetivo daquele sujeito? Estaria fazendo

tudo isso só por diversão?

Kaine.

Doutrina da Morte.

Gente presa no Sono. Jogadores com morte cerebral. Pessoas se matando para escapar do sujeito.

Michael suspirou. *Que pensamentos mais felizes esses...*

Depois disso, arrastou-se para dormir. Por algum motivo, sonhou com os pais em uma viagem de férias à praia, que haviam feito juntos muitos anos antes.

4

Para a sorte de Michael, o dia seguinte era sábado. Helga fez *waffles* caprichados, que cobriu com um monte de coisas calóricas — manteiga, chantili e geleia, com algumas framboesas por cima, para amenizar. Nenhum dos dois disse nada, e Michael se perguntou se ela também teria assistido ao *NewsBops*. As coisas andavam bem deprimentes. Pelo menos ele se encontraria com os amigos mais tarde.

Poucas horas depois, o corpo físico de Michael estava dentro do Caixão, liberando o corpo virtual para se sentar em um banco em um canto afastado do Central Park, em Nova York — outro de seus pontos de encontro favoritos. A segunda melhor coisa depois da comida virtual era se ver cercado pela natureza, uma visão raríssima na selva poluída de concreto que ele chamava de lar.

Bryson e Sarah já o aguardavam com impaciência quando ele chegou.

— É melhor você ter uma coisa muito interessante para falar — Bryson foi logo dizendo. — De cair o queixo mesmo.

— Por que todo esse mistério, aliás? — acrescentou Sarah.

Michael não estava mais tão assustado, e sim empolgado para contar de uma vez tudo o que havia acontecido desde que fora capturado no beco. Com medo de que alguém pudesse ouvir, começou o relato aos sussurros, mas pouco depois revelava todos os detalhes com tamanha rapidez, que mal conseguia manter certa coerência.

Sarah e Bryson se limitaram a encará-lo, perplexos.

— Hã? Acho melhor começar tudo de novo — sugeriu Bryson.

Sarah assentiu com a cabeça.

— Desde o início. E falando como uma pessoa normal.

— Ah, tá bom. — Michael respirou fundo, inalando uma boa quantidade de ar fresco, apesar de falso, e recomeçou. — Então, eu estava indo para o metrô ontem quando um carro apareceu e quase me atropelou. Aí uns psicopatas com máscaras de esqui me agarraram e me jogaram no banco de trás.

Bryson o interrompeu:

— Espera aí. Michael, você comeu alguma coisa estragada hoje de manhã?

Michael revirou os olhos.

— Não... me escutem.

O fato de os outros dois duvidarem era compreensível, mas começava a ficar frustrado por não conseguir contar sua história.

Michael respirou fundo mais uma vez e prosseguiu. Quando chegou à parte em que a agente Weber lhe contou que havia sido

seguido e mandara os guardas o tirarem de lá, dava para ver que os amigos já estavam levando tudo bem a sério. Ele concluiu relatando as coisas horríveis que tinha visto no *NewsBops*, sendo que a maior parte delas os outros dois também já haviam escutado.

Ficaram sentados em silêncio por pelo menos um minuto, olhando com desconfiança para as árvores e os arbustos ao redor em busca de alguém que os espionasse.

Quem quebrou o silêncio foi Bryson:

— Uau. Mas por que eles pediriam a ajuda de um bando de adolescentes pra resolver os problemas deles?

— Também me perguntei isso — disse Michael. — A agente Weber falou que tem outras pessoas nessa busca também. Vai ver eles estão procurando os melhores jogadores e programadores para tentar encontrar o esconderijo que Kaine criou. Ela sabia que a gente costuma hackear e mexer no código. Juro pra você, a coisa não foi brincadeira.

— Mas o que a gente pode fazer que o pessoal do SSV já não tenha feito? — questionou Sarah. — Esse é o trabalho deles, e é meio assustador que precisem recorrer a simples adolescentes.

— Os velhotes sempre souberam que a nossa geração é quem manda por aqui — ironizou Bryson. — Tipo, estamos por aqui o tempo todo. Ninguém conhece este lugar tão bem quanto nós, porque esse não é o nosso *trabalho*, é nossa diversão.

— E a coisa deve envolver muito mais que habilidades de programação — acrescentou Michael, satisfeito por Bryson estar levando a questão a sério. — Eles precisam de usuários, não de desenvolvedores. Quem pode ser melhor que a gente nesse quesito?

— Tem certeza de que é isso mesmo? — perguntou Sarah. — Ou você só está querendo um pretexto para entrar nesse jogo?

— Vai me dizer que não está interessada? — rebateu Michael.

— É, estou sim — ela concordou, sorrindo e dando de ombros.

— E essa parte de estarmos feitos se encontrarmos o esconderijo? — questionou Bryson. — Isso precisa valer para nós três, não só para você.

— Claro — concordou Michael, apesar de não ter nenhuma informação mais específica a esse respeito. — Ficaremos ricos, trabalharemos para o SSV, sei lá. Mas não podemos falar sobre isso com ninguém.

Por alguma razão, não foi capaz de transmitir as ameaças veladas da agente Weber. Mas talvez aquilo não se aplicasse aos amigos.

— Sou obrigada a admitir que parece divertido... seria um desafio interessante — comentou Sarah.

Michael concordou. Era um jogo que deixara de ser apenas mais um jogo para se transformar em algo mais importante. Nesse momento, ficou tão empolgado com a ideia que quase se levantou para dar início à investigação imediatamente.

Bryson deve ter lido a expressão em seu rosto.

— Espera aí, amigão. A gente precisa ter certeza do que está fazendo antes de entrar nessa.

— Eu sei — respondeu Michael. — E tenho certeza — ele acrescentou com toda a sinceridade.

Foi quando alguma coisa aconteceu. Algo pareceu mudar no ambiente ao redor, deixando Michael apavorado. Tudo no parque

começou a se mover em câmera lenta, como uma mosca recém-caída num pote de mel.

A mão de Sarah se movia para ajeitar os cabelos atrás da orelha. A boca de Bryson se curvava em um sorriso, a expressão maliciosa que fazia quando concordava com o que estava sendo proposto. Um pássaro passou voando, e Michael conseguiu ver suas asas subirem, depois descerem. O ar ficou mais pesado, carregado de umidade.

Em seguida, tudo desapareceu em um flash de luz, logo substituído por estrelas rodopiantes e uma risada enlouquecida.

5

O corpo de Michael já tinha sido submetido a todas as formas de movimentação imagináveis dentro da VirtNet, e o Caixaõ sempre dera um jeito de fazer tudo parecer o mais real possível. Montanhas-russas, saltos de paraquedas, foguetes atravessando o universo na velocidade da luz, incontáveis quedas. O que quer que estivesse acontecendo naquele momento, porém, parecia prestes a desfazer seu corpo em centenas de pedaços. Seu estômago revirou, e o cérebro foi bombardeado por diferentes tipos de dor. Enquanto isso, as estrelas ao redor não paravam de girar, e ele não conseguia sequer determinar se seus olhos estavam abertos ou fechados. Perdeu totalmente a noção de onde estava, e por um instante temeu que o Caixaõ não fosse capaz de suportar tanto estímulo.

De um instante para o outro, aquela loucura toda cessou. As entranhas reviradas de Michael sucumbiram à ânsia de vômito, mas ele não conseguiu expelir nada. Aos poucos, foi recuperando o

fôlego e olhou ao redor. Nada se movimentava, a não ser por algumas luzes piscando à distância.

Havia dois corpos a seu lado. Mal podia distingui-los — eram pouco mais que vultos —, mas sabia que se tratava de Bryson e Sarah. Só podia ser os dois.

As luzes começaram a girar e depois a se juntar, ganhando velocidade a cada segundo e formando diante deles uma bola cada vez maior e mais luminosa, a ponto de Michael não conseguir olhar mais. Ela girava como um corpo celeste, emanando um brilho radiante.

Michael e seus amigos — silenciosos, imóveis, perplexos — se limitaram a esperar. Michael tentou falar, mas não conseguiu. Tentou se mexer, mas estava paralisado. O medo tomou conta de seu corpo por inteiro. Foi quando uma voz surgiu em meio à bola de luz ofuscante, reverberando a cada palavra. Era absurdamente assustadora.

— Meu nome é Kaine — falou a voz. — E eu vejo tudo.

6

O que quer que estivesse mantendo Michael paralisado não parecia disposto a libertá-lo.

A voz sinistra continuou:

— Vocês pensam que eu não sei das tentativas do SSV para me deter? Acham mesmo que eu deixaria acontecer alguma coisa dentro da VirtNet que não fosse do *meu* interesse? Este é o *meu* domínio agora, e apenas os mais ousados, mais fortes e mais inteligentes

terão a chance de me servir. O SSV e jogadores como vocês logo vão ser relegados à insignificância.

Michael fez força para se livrar da força que o dominava.

— Vocês não fazem ideia da extensão do meu poder — afirmou a voz de Kaine. — Faço um alerta a todos os que tentam me deter. É o último aviso que vão receber. — A voz fez uma pausa. — Vejam o que espera por vocês se ignorarem minhas palavras.

A bola de luz em rotação se esvaiu, substituída por um retângulo imenso que parecia uma das telas em que as pessoas viam filmes décadas antes. As imagens projetadas foram ficando cada vez maiores, até preencherem quase todo o campo de visão de Michael.

Era como uma incursão à mente de um lunático: uma cidade em ruínas, desprovida de cor, com pessoas se arrastando nas sarjetas.

Havia vários homens apalermados em uma sala esfumaçada, aparentemente esperando para serem queimados em vida, enquanto as chamas consumiam a madeira de uma porta.

Uma velha em uma cadeira de balanço lentamente erguendo uma arma.

Dois adolescentes aos risos empurrando criancinhas de um desfiladeiro e observando a queda delas.

Um hospital repleto de doentes debilitados com a porta trancada por fora. Vários sujeitos jogando gasolina nos muros, e um deles acendendo um isqueiro.

O desfile de cenas terríveis continuava, uma após a outra, cada vez mais inenarrável. O corpo de Michael tremia com o esforço para se libertar.

A voz de Kaine voltou a ser ouvida, vinda de todas as direções ao mesmo tempo:

— Vocês não sabem quase nada sobre o que está acontecendo de verdade. São literalmente crianças nesse sentido. Tudo isso e muito mais está à espera da sua mente caso resolvam continuar.

E então tudo chegou ao fim, dissipou-se, e Michael se viu de volta no Caixão. Sua garganta doía, e ele notou que devia estar gritando há um bom tempo.

IV. SEM ESCOLHA

1

Se Michael já achava que o suicídio de Tanya havia sido uma experiência aterrorizante, desta vez mal conseguiu se arrastar para fora do Caixão. Nem se preocupou em vestir a cueca. Trêmulo e suado, foi cambaleando para cama. Uma parte de sua consciência ainda se agarrava à versão de Kaine de um cinema a céu aberto, presa aos horrores previstos em seu futuro. Ou melhor, o futuro de sua *mente*, o que quer que isso significasse.

Sua pele se arrepiou toda. Depois de uma vida inteira em busca de experiências cada vez mais intensas, as últimas duas incursões pela VirtNet o fizeram sentir saudade do tempo em que tudo por ali era só diversão. Não queria mais saber do que o SSV oferecia, nem de suas ameaças. Ver alguém arrancar o próprio Núcleo e sentir na carne a ameaça do castigo de Kaine haviam feito Michael se decidir de vez. E se aquele sujeito conseguisse chegar até ele na Vigília também? Michael nunca havia se sentido tão impotente e indefeso, dentro ou fora da VirtNet.

Ele sabia que não estava à altura do desafio proposto pelo SSV. Atirar em alienígenas, salvar princesas, lidar com os dramas diários do Lifeblood e fazer a Emersão em casa antes de fazer as tarefas da escola para ele estava bom — além disso, Bryson e Sarah estariam sempre no Sono para lhe fazer companhia. No fim, o ideal seria

voltar para sua vida normal e tediosa de sempre. Jamais desejaria voltar a cruzar o caminho de Kaine.

Com essa crença firmemente enraizada na cabeça, Michael enfim conseguiu pegar no sono.

2

Na manhã seguinte, um domingo entediante e preguiçoso, para combinar com o mau humor de Michael, Helga informou que ele teria que comer cereais no café da manhã, alegando que estava com dor de cabeça. Sua vontade foi dizer que ela não sabia o que era uma dor de cabeça de verdade. Sentiu-se tentado a contar os detalhes sobre seu encontro com Kaine no dia anterior, perguntar se ela achava que esse tipo de experiência não parecia um pouquinho pior que encarar horas de vassouras, espanadores e cestos de roupas sujas.

Mas ele gostava demais de Helga para fazer isso, e sentiu vergonha até mesmo de ter tido aqueles pensamentos.

Portanto, ao contrário do que havia pensado, disse que lamentava pelo mal-estar dela e comeu três tigelas de cereal no balcão da cozinha. Em seguida, tomou um banho bem quente e demorado. No fim, acabou se sentindo um pouco melhor. A lembrança do encontro com o ciberterrorista começou a se esvaír, quase como se tivesse sido um pesadelo desagradável.

O restante do dia foi gasto em uma tentativa de esquecer aquilo tudo. Correu alguns quilômetros, tirou um cochilo e fez um almoço perfeito: sanduíches, batatas fritas e picles. Só depois foi se sentar na Poltrona para a inevitável conversa com Bryson e Sarah sobre o

showzinho particular de Kaine. Quando acionou o EarCuff e a tela surgiu diante dele, havia mensagens dos dois em seu Boletim Eletrônico.

Ao que parecia, estavam todos de acordo. Jogar era uma coisa, já lidar com um psicopata que aterrorizava as pessoas e não podia ser detido nem por uma organização poderosa como o SSV... Bom, na opinião de Michael isso era outra história. Seus amigos concordavam que a proposta era boa, mas seriam obrigados a recusar. Kaine era perigoso demais, e as ameaças dele faziam o SSV parecer coisa de criança. O nível de programação envolvido naquela sua armadilha era inimaginável.

Quando pensou em comunicar o SSV a respeito da decisão dos três, Michael achou melhor *não* fazer isso. Preferia nem ter mais contato com aquele pessoal. Sua esperança era de que tudo não houvesse passado de um blefe. Deviam ter oferecido o desafio para vários jogadores, na expectativa de que alguns levassem a tarefa a cabo. Michael, porém, não estava disposto a tirar a questão a limpo — sentia-se um pouco receoso de entrar de novo no Sono, mas concluiu que Kaine os deixaria em paz caso respeitasse seu aviso.

Michael e os amigos terminaram a conversa dizendo que se encontrariam mais tarde no Lifeblood, para jogar um pouco e enterrar definitivamente aquele assunto.

No entanto, as coisas não saíram como o planejado. Quando foi conectar seu Caixão naquela tarde, em vez de fazer a Submersão na VirtNet, tudo o que encontrou foi um aviso em letras garrafais:

ACESSO NEGADO PELO SSV

Seu acesso tinha sido bloqueado.

Michael saiu do Caixão e foi correndo até a Poltrona acionar o EarCuff. Não funcionou. Foi até o sofá se sentar diante da WallScreen, acionando os controles da TV. Nada. Dava para ouvir Helga andar pelo apartamento e bufar, tentando telefonar, mas o celular também não funcionava. Michael voltou para a Poltrona e tentou hackear o acesso à NetScreen por mais de uma hora, sem sucesso.

Estava totalmente desconectado.

Tudo o que podia fazer era deitar na cama e ficar olhando para o teto, sentindo-se mais agoniado a cada minuto. Como aquilo tudo havia acontecido? Em questão de um dia ou dois, tinha caído nas garras do SSV e sido ameaçado por um louco. Sentiu saudade do tempo em que a escola e uma dor de estômago ocasional eram suas únicas queixas na vida.

No entanto, qualquer um que observasse seu semblante nos cinco minutos seguintes seria capaz de notar uma mudança de resolução. Sim, tinha visto as piores coisas que seus olhos reais ou virtuais já haviam testemunhado, e aquele seria seu futuro caso colaborasse com o SSV. Não havia dúvida de que a VirtNet poderia ser programada daquela maneira. Kaine tinha razão: quando se possuía o poder de fazer uma pessoa ver ou experimentar *qualquer coisa*, com certeza haveria situações piores que a morte. E esse poço sem fundo tinha sido aberto bem diante dos olhos de Michael.

Por outro lado, seu acesso havia sido bloqueado, e de jeito nenhum ele poderia conviver com *isso*.

Mais do que qualquer coisa, eram as palavras da agente Weber que o atormentavam naquele momento. Ela havia ameaçado sua família também, e o bloqueio de acesso era só o início das retaliações ainda piores que estavam por vir. Michael precisava reconsiderar. Talvez tivesse desistido depressa demais.

Saiu da cama decidido a parar de ter pena de si mesmo. O SSV certamente lhe daria uma segunda chance — afinal, tivera contato direto com o perigo que os ameaçava. O horror despertado por Kaine se atenuou um pouco. O lado mais calmo e racional de Michael começou a ponderar que não se tratava de algo muito diferente de nenhuma outra experiência que havia vivenciado na VirtNet. Nada daquilo era real. Tomando as devidas precauções, seria capaz de encarar a parada. Em todos os seus anos de VirtNet, nunca tinha conhecido ninguém que o superasse em termos de hackear e manipular o código, ou que houvesse se aproximado com tanta rapidez do nível Lifeblood Deep. Kaine era bom, mas no fim das contas era só mais um jogador.

Michael estava pronto para o desafio, e um tanto envergonhado por ter se acovardado. Como podia ignorar ameaças contra a própria família?

A sra. Perkins, a vizinha do lado, quase teve um ataque cardíaco quando Michael bateu com força em sua porta. Ela atendeu com os olhos arregalados, a mão no peito e o rosto coberto por algum tipo de creme melequento.

— É você, Michael — ela falou, revirando os olhos de alívio. — Por tudo o que é mais sagrado. O que aconteceu? Quase tive...

— Um ataque cardíaco, eu sei. Então... queria pedir um favor.

Ela pôs as mãos na cintura.

— Bom, nesse caso deveria ser um pouquinho mais educado.

Michael adorava a sra. Perkins. De verdade. Era a velhinha mais legal do mundo, e cheirava a talco de nenê e gel mentolado. Mas naquele momento o que ele mais queria era que ela saísse da sua frente para poder usar seu telefone.

Fazendo um esforço para se acalmar, ele falou:

— Desculpa. Só fiz isso porque é um assunto urgente.

— Desculpas aceitas. Em que posso ajudar?

Por alguma razão, ele abriu um sorriso.

— Poderia ligar para o SSV? E dizer que seu vizinho Michael mudou de ideia? Pode falar que vou descobrir o que eles querem.

4

Seu acesso foi imediatamente restabelecido. Pelas mensagens que recebeu, descobriu que Bryson e Sarah tinham passado pela mesma coisa e também logo entenderam a seriedade da situação.

As aulas de segunda-feira foram uma experiência angustiante para Michael, mas no fim da tarde ele se reconectou com os amigos e, juntos, decidiram dar início às investigações no dia seguinte.

Sabiam que precisavam ser mais cautelosos desta vez, valendo-se como nunca da capacidade de hackear e manipular o código. Havia uma razão para o SSV ter escolhido eles três, Michael ponderou, e encarou isso como um reconhecimento de seu potencial.

Vamos conseguir, disse a si mesmo. E continuou repetindo essas palavras por um bom tempo.

V. O VELHO

1

— Enquanto vocês estavam de bobeira — disse Bryson —, eu estava programando um Rastreador para a Aura do Kaine. Da próxima vez que ele chegar perto, vamos saber.

Michael estava sentado com ele e Sarah em uma casa de árvore na periferia das periferias do Lifeblood, um lugar que codificaram — ou construíram — em segredo. Era um pequeno bosque de que, Michael tinha certeza, nem mesmo os programadores do jogo tinham conhecimento.

— Você já compartilhou o Rastreador com a gente? — perguntou Sarah, a mais séria e compenetrada dos três.

— Já.

— Legal. E acho que, se a gente usar meu programa de Esconde-Esconde e o de Capa e Espada do Michael, vai dar para evitar essa cobra venenosa por um tempo.

— Ou pelo menos ficar um passo à frente dele — acrescentou Michael. Ele e Sarah tinham trabalhado juntos naqueles programas de mascaramento, que já haviam sido muito úteis em mais de uma ocasião.

Ficaram em silêncio por um tempo, os olhos fechados, se concentrando em acessar os dados brutos do mundo ao redor. Michael abriu algumas telas e se conectou com os amigos. Eles compartilharam códigos e instalaram programas para se certificar de

que estava tudo funcionando em segurança. Não era nem preciso dizer que deveriam ter sido mais espertos da primeira vez, mas naquela ocasião tudo parecia ter o aspecto de uma brincadeira inofensiva. Isso, Michael pensou consigo mesmo, tinha sido um erro de avaliação dos mais idiotas.

Quando terminaram, ele abriu os olhos e os esfregou, pois a visão sempre ficava embaçada depois de acessar os códigos. Michael ficou de joelhos e olhou pela janela lateral, que dava para uma das áreas mais movimentadas do Lifeblood. Àquela distância, tudo parecia meio enevoado, porque a programação não era tão bem-feita, mas Michael gostava de ver mesmo assim. A casa na árvore que eles mesmos programaram era aconchegante e muito bem escondida, transmitindo uma sensação de segurança e bem-estar. Só faltavam as meias de tricô e o gorrinho de dormir para que se sentisse na casa da vovó, Michael pensou com um sorriso envergonhado. No entanto, ainda havia uma sensação de medo entre eles por causa do que estavam prestes a enfrentar. Que não era pouco.

— E então? — questionou Bryson. O que ele queria saber era bem óbvio.

— O pessoal da antiga — respondeu Sarah. — É por eles que precisamos começar.

Michael deixou de lado a insegurança e permitiu que seu lado aventureiro falasse mais alto.

— Com certeza — ele disse, virando-se para se sentar. — Se os velhotes do bairro comercial da Cidade Velha não souberem de alguma coisa, ninguém mais sabe. Com alguns créditos para usar no Cassino, eles devem abrir o bico.

Sarah concordou, balançando a cabeça, mas seus olhos estavam cravados na mesma janela através da qual Michael olhava pouco tempo antes. Ela nunca encarava diretamente as pessoas quando estava absorta em seus pensamentos.

— Estou tentando lembrar o nome daquele barbeiro. Ele deve ter uns mil anos.

— Conheço essa criatura pré-histórica — disse Bryson. — A gente recorria a ele quando precisava de senhas para a missão Plutão. O cara bem que podia comprar um programa de bala de menta. Eu precisava respirar pela boca quando falava com ele; era um bafo terrível.

Michael deu risada.

— Se todos os jogadores do pedaço resolvessem bater na sua porta em busca de conselhos, você também não ia querer facilitar a vida deles. O nome do sujeito é Cutter, aliás.

— É pra lá que nós vamos — anunciou Sarah. — Podem tapar o nariz.

2

A Cidade Velha era o lugar mais movimentado da VirtNet, a Nova York do mundo simulado, e o bairro comercial estava sempre apinhado de gente. A princípio, Michael ficou temeroso de fazer as coisas tão às claras, mas, quando chegou lá, percebeu que em um local como aquele seria mais fácil se esconder dos olhares indiscretos. Principalmente com os programas de Invisibilidade somando forças e operando a pleno vapor.

Havia dois shoppings com milhares de lojas, fliperamas, restaurantes, cabines de upload, bares e todo e qualquer estabelecimento imaginável nos dois cantos de uma praça que se estendia por quilômetros a fio, com fontes incríveis, bonecos infláveis e até montanhas-russas. Michael era um grande fã daquele lugar, assim como todo mundo. Era um local projetado para duas coisas: proporcionar bons momentos e consumir todas as economias das pessoas. Em geral, as coisas no Sono custavam o mesmo que na Vigília, mas as opções eram muito mais numerosas. Principalmente para quem sabia manipular o código.

Sarah teve que puxar Bryson pela orelha umas cinco vezes enquanto caminhavam para o beco estreito e comprido ao qual desejavam chegar. A ruela começava na praça e levava a um lugar conhecido como Cidade Sombria, onde ficavam os estabelecimentos menos convencionais, como os estúdios de tatuagem virtuais e as lojas de penhor. Para Michael, andar por ali era como voltar cem anos no passado. Ele viu até um cavalo circulando pela rua.

— A barbearia dele fica logo ali — Sarah apontou.

Ninguém tinha dito muita coisa desde que haviam saído da praça, e Michael sabia muito bem por quê. Era um local menos movimentado, o que significava que os três se tornavam um alvo mais visível. Michael confiava no Rastreador de Bryson, para o caso de Kaine conseguir burlar os programas de Invisibilidade. Se isso acontecesse, poderiam ir a um Portal e fazer a Emersão para a Vigília antes de serem jogados no buraco negro.

O estabelecimento de Cutter tinha o adequadíssimo nome de Barbearia do Velho. Não era preciso ser nenhum gênio para saber

que em um mundo simulado as pessoas não precisavam cortar o cabelo, mas não era assim que os jogadores pensavam. Quanto mais elementos de realidades disponíveis, tanto melhor. Oitenta por cento dos usuários do Sono tinham optado por deixar os cabelos crescerem. Se a pessoa soubesse manipular o código e quisesse um rabo de cavalo, algumas linhas de programação resolviam a questão em um instante.

— Como é que a gente faz? — perguntou Bryson quando pararam a alguns metros da porta. — É só entrar e começar a fazer um monte de perguntas para o sujeito?

Michael deu de ombros.

— Ele deve ser do tipo que não dá ponto sem nó. Se a gente oferecer uma inscrição para o próximo torneio de pôquer, aposto que ele vai falar até cansar.

— E a cabeça de quem ele vai depenar?

Sarah pôs a mão nos cabelos em um gesto protetor.

— A minha é que não. E duvido que ele corte cabelo de menina, aliás.

— Faz o seu cabelo crescer aí — Michael pediu a Bryson. — Não temos tempo a perder.

3

Fazia mais de um ano que Michael não procurava Cutter atrás de informações — por exemplo, como trapacear em um jogo de luta —, por isso tinha se esquecido de como o sujeito era esquisito. Se alguém um dia pensou em criar uma Aura na VirtNet com a aparência exata de um troll de livro infantil, esse alguém era ele.

Michael e seus amigos esperaram pacientemente até a vez de Bryson cortar o cabelo.

Já os cabelos de Cutter não passavam de um tufo grisalho e cheio de falhas, penteado com a intenção de tentar esconder o couro cabeludo todo vermelho. Havia mais fios saindo das orelhas do que no alto da cabeça. Ele era um sujeito baixo e curvado, e a cada palavra que dizia Michael temia que caísse morto, sucumbindo ao esforço e à idade. Surpreendentemente, a maior parte das pessoas preferia espelhar sua aparência real na VirtNet, o que já dava uma boa pista de como era Cutter na Vigília. Uma companhia das mais agradáveis, com certeza.

— Por que estão aí me olhando feito urubus em cima da carniça?

Seus dedos eram ágeis até demais para um homem daquela idade, e era evidente que não estava acostumado a ser observado com tanta atenção.

— Porque não estamos aqui só para doar mais cabelos para o seu chão — respondeu Sarah, com o tom mais firme que Michael já a tinha ouvido usar.

— Ah, é mesmo? — ele questionou, a voz rouca. Michael imaginou que devia haver mais pigarro naquela garganta do que no nariz catarrento de uma criancinha com sinusite. — Ora, pois então vá falando, mocinha.

Sarah olhou para Michael. Aquela era sua deixa. Ele se inclinou para a frente e murmurou:

— Viemos atrás de informações sobre um jogador chamado Kaine. Dizem por aí que ele está aprontando poucas e boas. — Ele fez uma

pausa e se perguntou se não deveria ter sido mais respeitoso. —
Hã... por favor, senhor.

— Não precisa vir com esse papinho educado pra cima de mim —
respondeu Cutter. Michael sentiu seu hálito desta vez e teve que
recuar para não passar mal.

Ele meio que esperava que Cutter continuasse falando, que
contasse tudo o que sabia, mas o velho se calou. O ritmo das
tesouradas não diminuiu nem um pouco, e o corte de Bryson estava
ficando muito bom.

Sarah resolveu entrar na conversa.

— Qual é? A gente sabe que todo boato que rola no Sono mais
cedo ou mais tarde acaba sendo comentado aqui. Conta pra gente o
que sabe sobre Kaine, e onde estão escondidos os segredos dele.

— Ou então diz onde a gente pode se informar melhor —
acrescentou Bryson.

Cutter soltou uma gargalhada.

— Se são tão espertos assim, devem saber como conseguir as
informações por aqui. Só o que me ofereceram até agora foi uma
dor de cabeça e um punhado de cabelos virtuais no meu chão.

Por algum motivo, Michael achou graça na última frase e caiu na
risada sem se dar conta.

Cutter lançou a ele um olhar enviesado.

— Pode rir o quanto quiser. Não sou eu que estou precisando de
favores. Até onde sei, é você.

Sarah encarou Michael com uma expressão de reprovação, algo de
que só as meninas eram capazes.

— Desculpa. Sério mesmo. Estamos sem saber como agir. Nunca fizemos isso antes.

Michael reprovou mentalmente esse último comentário; o sujeito podia ser velho, mas com certeza se lembrava deles. Resolveu intervir para minimizar o impacto da mentira.

— Podemos oferecer algo em troca da informação. Como uma inscrição no torneio de pôquer do Cassino no fim de semana.

Só lhe restava torcer para que os pais não percebessem o desfalque na conta bancária.

Cutter o encarou com firmeza. Algo nos olhos do velho dizia que ele havia se convencido.

— E mais as bebidas — disse o velho. — Quantas e do tipo que eu quiser.

— Tudo bem — respondeu Michael. — Agora fala.

— Vocês podem não gostar do que tenho a dizer, mas é o que eu sei. E confiem em mim: o que vou contar vai pôr vocês na pista certa para descobrir o que estão querendo.

— Muito bem — respondeu Sarah. — Estamos ouvindo.

Cutter havia acabado de cortar o cabelo de Bryson, mas Michael nem percebeu. Limpou a capa que o amigo usava e a removeu. Bryson agradeceu e se levantou para se juntar aos outros, aparentemente tão ansioso quanto Michael para saber o que o barbeiro tinha para contar.

— Já ouvi muitos boatos neste lugar ao longo dos anos — começou o velho. — Mas vocês estão pedindo informações sobre a coisa mais assustadora que já escutei em oito décadas de vida.

Isso só serviu para deixar Michael ainda mais ansioso.

— E...?

— Tem muita história sobre esse tal de Kaine, com certeza. Ele anda aprontando feio. Sequestros, lobotomias... Dizem que ele tem um esconderijo. Não sei como é nem onde fica. Só sei que é coisa grande.

— Isso nós já sabemos — respondeu Sarah. — Como podemos encontrar esse cara ou esse lugar? Por onde começamos?

A boca de Cutter se curvou em uma expressão que devia ser um sorriso, mas Michael não tinha muita certeza. No fim, parecia mais uma careta.

— É bom que essa noitada de pôquer seja de primeira, molecada, porque eu posso contar nos dedos as pessoas para quem disse isso que vou falar agora. E saibam que perdi um dos dedos do pé por causa de um cão raivoso em Des Moines.

— Pra onde devemos ir? — interrompeu Michael, impaciente.

Cutter se inclinou para a frente, espalhando seu hálito fétido no ar antes de falar.

— Vocês precisam ir até o clube noturno Black and Blue e procurar Ronika. Essa bruxa velha é a única pessoa capaz de dizer onde encontrar...

— ... *o quê?* — os três perguntaram em uníssono.

— Aquilo que vai levar vocês até Kaine — Cutter abriu seu misterioso sorriso-careta outra vez antes de responder em um sussurro: — *O Caminho.*

Michael franziu a testa. Eram duas palavras mais que comuns, mas que fizeram suas entranhas gelarem pela maneira como foram pronunciadas pelo homem.

VI. ATRAVESSANDO O CHÃO

1

Michael já tinha ouvido falar nesse clube. Todo mundo na VirtNet conhecia o Black and Blue. No entanto, ele não sabia de ninguém que já houvesse entrado lá, porque era impossível — a não ser que você fosse podre de rico, uma celebridade ou um figurão do crime. Ou então um político, o que englobava as três condições anteriores.

Michael e seus amigos não eram nada disso e, para piorar, ainda eram adolescentes. Suas habilidades na manipulação do código eram suficientes para fazê-los parecer mais velhos, e eles conseguiam fabricar identidades falsas com a mesma velocidade com que Helga fazia seus *waffles*, mas ninguém era louco o bastante para tentar fazer isso no Black and Blue. O pessoal do clube não era do tipo que se deixava enganar.

Michael, Bryson e Sarah estavam do outro lado da rua, observando as pessoas paradas na fila. Michael reparou que as joias e as roupas de marca de certas pessoas ali custavam mais que um ano de salário para muita gente. O Lifeblood era o único lugar na VirtNet em que as pessoas não podiam se vestir como quisessem. Para ser chique por lá, assim como no mundo real, era preciso poder *pagar* por isso, ou então ter o domínio de artimanhas como flertes, golpes e afins. Caso contrário, só sabendo hackear e manipular o código com maestria.

— E aí, qual é o plano? — perguntou Bryson. — Não consigo entrar nem nos bares mais ralés, o que dizer do Black and Blue.

Michael tentava desesperadamente encontrar uma solução.

— Essa Ronika não deve ficar aqui 24 horas por dia. E se a gente esperasse até ela sair e depois fosse atrás dela?

Sarah reagiu à sugestão com uma espécie de grunhido.

— Seguir as pessoas por aí seria bem esquisito... Isso sem contar que nem sabemos como ela é. Além disso, não estamos no mundo real. Esse pode ser o único lugar que ela frequenta no Sono... Ela pode fazer a Submersão e a Emersão em um Portal lá dentro mesmo. Principalmente se for tão famosa quanto Cutter insinuou. E duvido de que ela seja uma Tangente. Esses figurões em geral são humanos.

Bryson soltou um suspiro exagerado.

— Se eu pudesse ficar cinco minutos sozinho com ela... Meu charme resolveria tudo em um passe de mágica.

— Hã, sem comentários — disse Michael.

Sarah resmungou bem alto desta vez:

— Por que eu virei amiga de vocês dois mesmo?

Michael se apressou em mudar o rumo da conversa:

— Bem, sinto muito dizer isso, mas a gente só tem uma opção.

Bryson e Sarah o encararam com uma expressão de interrogação, mas ele sabia que os outros dois pensavam na mesma coisa. Esgotadas as alternativas, a única opção era partir para a ilegalidade.

Com um sorrisinho malicioso, ele falou:

— Vamos ter que invadir.

Michael sempre considerou que usar seus conhecimentos de hacker para entrar em um local simulado na VirtNet era a mesma coisa que arrombar uma porta ou janela na Vigília. Era preciso agir com inteligência e cautela. E, assim como no mundo real, um passo em falso significava cadeia, caso a movimentação fosse detectada pelo SSV.

— Façam a melhor cara de inocente possível e venham comigo — ele falou.

— Cara, precisava ter falado isso? — reclamou Bryson. — Agora vou parecer mais suspeito do que nunca.

Pegaram uma rota alternativa para chegar à porta dos fundos do clube, percorrendo vários quarteirões para que ninguém notasse aonde iam. No caminho, ficaram em silêncio, e Michael tentou puxar conversa. A ideia era parecerem um simples grupo de amigos passeando pela rua.

— Sem querer ofender, mas não aguento mais ouvir falar nos pratos que a sua empregada faz — Bryson disse por fim quando dobraram na última esquina. — Principalmente porque duvido que eu vá experimentar algum deles um dia.

Sarah tomou a dianteira do grupo, o que Michael preferiu interpretar como um sinal de segurança e confiança no que estavam prestes a fazer.

— Acho que, quando a gente se encontrar lá fora, poderia ser na casa do Michael — disse ela. — Assim podemos provar um desses pratos da Helga de que ele vive falando.

— A Helga é gata? — perguntou Bryson.

Esse questionamento pegou Michael totalmente de surpresa.

— Ela tem no mínimo sessenta anos, cara. Talvez até setenta.

— E daí? Não respondeu à minha pergunta.

Sarah se deteve de repente, e Michael quase trombou com ela. Faltavam poucos metros para chegarem ao destino. Uma porta preta e estreita era a única coisa que demarcava os fundos do clube. Apesar de não haver nenhum cartaz, em nenhum momento Michael duvidou de que ali era o Black and Blue, o que se confirmava pela presença dos dois homens altos e largos parados do lado de fora, encarando os passantes como se não se alimentassem fazia dias e carne humana fosse a iguaria favorita deles. Todo clube tinha seus leões de chácara, mas aqueles pareciam dois monstros.

— Acho que nem vai ser muito difícil — murmurou Bryson.

Sarah se virou e pediu com um sussurro que eles parassem de olhar para o clube. A expressão no rosto dela obrigou Michael a levar a recomendação a sério.

— O que você está tramando?

— Não consigo nem imaginar que tipo de firewall um lugar como esse usa. Dá para hackear? Claro. Mas tive uma ideia enquanto a gente vinha para cá. — Ela arriscou uma olhada rápida para os seguranças. — Acho que vai dar pra entrar sem precisar invadir.

A expressão de Bryson exprimia o mesmo que Michael sentiu naquele momento: perplexidade total.

— Ah, é? — ele perguntou. — E como pretende passar pelos assassinos psicóticos parados ali na porta?

Sarah revirou os olhos.

— Estou falando sério. Não precisamos hackear nossa entrada, só precisamos hackear os *seguranças*. Acessar os arquivos pessoais deles, depois entrar tranquilamente pela porta.

Enquanto Sarah explicava os detalhes, Michael lembrou por que gostava tanto dela. Sua amiga devia ser a menina mais inteligente do mundo.

3

Demorou 43 minutos.

Os três se sentaram com as costas apoiadas à parede e se conectaram para examinar a programação. Michael adorava esse processo: fechar os olhos e se concentrar em sua presença no Caixaão para conseguir acessar os dados brutos da VirtNet, o código-fonte do que via ao redor. Eram necessárias muita intuição e experiência para fazer isso em grupo, mas ele e os amigos eram bons nisso. Mais uma razão para se darem tão bem.

Quando conseguiram identificar a codificação dos dois *seguranças*, baixaram alguns arquivos pessoais dos dois nos próprios sistemas e fizeram a Submersão, voltando para a Aura na VirtNet. O plano envolvia um grande blefe, mas parecia uma opção muito mais prática do que tentar burlar os firewalls do clube, que não deviam ser poucos. Quando abriu os olhos de novo, Michael sentiu o suor escorrendo pelo seu rosto simulado. Haviam ultrapassado os limites legais de manipulação do código e estavam prestes a ir mais além. Com tão pouco planejamento, sabia que o risco de serem pegos era considerável.

Sarah ficou de pé em um salto.

— Vamos logo, antes que percebam que estamos aprontando alguma.

Michael e Bryson seguiram às pressas atrás dela. Enquanto se aproximavam dos dois grandalhões que tomavam conta da porta dos fundos do Black and Blue, Michael encontrou um consolo singelo, mas eficaz: faziam aquilo *a mando* do SSV. Talvez por isso tivessem permissão para fazer certas coisas que “tecnicamente” seriam contra a lei.

O segurança à esquerda foi o primeiro a notar a aproximação deles e encarou os três com uma expressão de divertimento no rosto. Percebeu que era o foco da atenção dos adolescentes e devia estar se preparando para repelir mais uma tentativa patética de entrar no clube. Ele estalou as juntas dos dedos e soltou uma risadinha de desprezo antes de cutucar o parceiro.

— Fala você — Michael murmurou para Sarah, perdendo a coragem na última hora. — A ideia foi sua.

— É mesmo — concordou Bryson.

Pararam a alguns metros dos leões de chácara. O da direita também os encarava com persistência.

— Vamos ver se consigo adivinhar — disse o da esquerda. Michael notou que os dois homens pareciam ser gêmeos idênticos. — Vieram oferecer um pirulito pra poderem entrar e brincar? De repente, um chocolate?

O outro segurança soltou uma risada que reverberou como um trovão.

— Não percam tempo, garotada. Melhor irem matar alienígenas no fliperama. Ou então vão pegar uma matinê no clube ali da esquina,

mas sumam da nossa frente.

Michael não conseguia acreditar no quanto estava nervoso. Já tinham aprontado poucas e boas, mas naquele momento, com tanta coisa em jogo, seus joelhos fraquejavam. Sarah, por sua vez, parecia bem centrada.

— A gente roubou os códigos de vocês — ela falou em um tom de voz tão tranquilo, que Michael chegou a ficar com medo. — Estou mandado as provas agora mesmo.

Ela fechou os olhos por um instante, enquanto enviava os arquivos roubados. Depois disso, lançou um olhar de desafio para os dois seguranças.

As cartas estavam na mesa.

O homem à direita arregalou os olhos, paralisado. Seu parceiro se encolheu como se houvesse levado um soco no estômago.

— Vocês vão parar na cadeia por causa disto — ele grunhiu. — Aposto que já tem alguém arrombando a porta da sua casa agora mesmo.

— Isso é problema nosso — rebateu Sarah. — E agora vou começar a contar. Quando chegar no dois, vou começar a agir. De repente, até hackear os arquivos de vocês. Se eu chegar no três, vou deletar coisas que vocês nem imaginam.

— Um — ela disse baixinho. — Dois.

O segurança à esquerda parecia cada vez mais aflito.

— Você não teria coragem. Com informações pessoais não se brinca!

— Três. — Ela se virou para Michael, que estava em silêncio, só apreciando o show. — Prepara a lista de remetentes.

— Certo — ele falou, fazendo força para não rir.
Sarah encarou os gigantes de novo.
— Três...
— Espera! — gritou o homem à direita. — Já chega!
— Vamos deixar vocês entrarem — disse seu parceiro. — Que diferença faz? Só mudem de aparência para parecerem um pouco mais velhos e não causarem problemas para nós.
— Tudo bem — respondeu Sarah. — Vamos lá, meninos.
— Cara — disse Bryson para um dos seguranças ao passar por eles —, pelo que vi nos seus arquivos, espero que nunca tenha filhos.

4

O Black and Blue Club era mais ou menos como Michael imaginava, apenas um pouco mais barulhento, suarento e lotado de pessoas bonitas que de modo algum poderiam ter aquela aparência no mundo real. A música vibrava em uma altura de estourar os tímpanos nas caixas de som gigantescas instaladas no teto, e as luzes estroboscópicas piscavam em um ritmo estonteante. Um brilho avermelhado se espalhava por todo o ambiente, envolvendo as pessoas que dançavam, giravam e pulavam na pista. O calor humano tornava o lugar quente e úmido. Para todo lugar que olhava, Michael só via perfeição. Penteados perfeitos, roupas perfeitas, músculos perfeitos, pernas perfeitas.

Não é a minha praia, pensou com um sorriso. Michael preferia meninas meio *nerds*, com cabelos despenteados e farelo de batata frita na roupa.

— Vamos procurar a tal mulher! — ele gritou para os outros dois, pensando consigo que os programas de leitura labial deviam ser baixados com frequência ali, já que não se conseguia ouvir nem a própria voz.

Bryson e Sarah responderam com um aceno de cabeça. Eles abriram caminho em meio a um aglomerado de beldades.

A batida da música era como as marretadas de um ferreiro na cabeça de Michael, constante e incessante. Não se lembrava de estar com dor de cabeça antes de passarem pelos leões de chácara, mas naquele momento estava. Era impossível se movimentar ali sem esbarrar em braços e corpos suados. Involuntariamente, começou a acompanhar o ritmo da música com passos de dança enquanto andava. Sarah ficou perplexa com sua falta de jeito.

— Que gracinha — ele leu nos lábios dela, mas Sarah revirou os olhos logo em seguida.

Um mar de gente. Ruído puro e indistinto. Luzes estonteantes. Batidas incessantes. Michael já estava de saco cheio daquilo tudo, mas precisavam encontrar uma pessoa chamada Ronika, que pelo jeito sabia de tudo. Como conseguiriam localizar alguém em um lugar como aquele?

Michael olhou ao redor e viu que Bryson e Sarah não estavam mais ao lado dele. Entrando em pânico, prescreveu vários círculos completos ao redor de si mesmo, gritando inutilmente o nome dos dois. Eles estavam ali dentro ilegalmente, e o desaparecimento súbito dos amigos não poderia ser um bom sinal. Quando Michael parou de girar, levou um safanão por trás e uma cotovelada no pescoço. Acima do som da música, ouviu uma risada de mulher.

Em seguida, caiu, atravessando o chão.

5

Não era um alçapão. Nem um defeito no piso. Apesar de tudo ao redor continuar igual, seu corpo se tornou transparente e imaterial. Enquanto afundava, as pessoas andando ao redor pareciam flutuar no ar. Michael olhou para baixo e viu suas pernas e seu tronco atravessarem o revestimento preto e reluzente do chão como se ele fosse um fantasma.

Fechou os olhos instintivamente quando a cabeça passou pelo chão e, ao abri-los de novo, estava em uma sala com uma iluminação mais sutil, mobiliada com sobriedade — sofás estofados, painéis de mogno, abajures ornamentados e um tapete oriental. Bryson e Sarah estavam lá, olhando para Michael como se ele houvesse se atrasado para uma festa. Além deles, porém, não havia mais ninguém.

— Hã, o que foi que aconteceu? — perguntou Michael. Encontrar os amigos o fez se sentir melhor, apesar de ter acabado de ser tragado pelo chão.

— Alguém puxou a gente pra cá, foi isso — respondeu Bryson. — O que significa que a nossa entrada no clube não foi tão clandestina assim.

— Ei — gritou Sarah. — Quem trouxe a gente aqui?

Uma porta no fundo da sala se abriu, lançando um fecho de luz sobre o tapete. Uma mulher entrou, e a única palavra em que Michael conseguiu pensar para descrevê-la foi “uau”. Não “gata”, “sexy”, “velha”, “jovem”, nem qualquer outra. Era impossível

adivinhar sua idade ou até mesmo dizer se era bonita ou feia. No entanto, era inegável que seu vestido preto elegante, os cabelos grisalhos e a expressão inteligente transmitiam autoridade.

Michael rezou para que Bryson não fizesse nenhuma gracinha.

— Sentem-se — a mulher ordenou, indo na direção dos três. — Sou obrigada a admitir que fiquei impressionada com o truque que fizeram lá fora, mas os dois idiotas que caíram nele já foram demitidos. — Ela se sentou em uma poltrona de couro e cruzou as pernas. — Disse para vocês se sentarem.

Michael percebeu que os três estavam imóveis, olhando para ela um tanto boquiabertos. Envergonhado, rapidamente foi se acomodar no sofá da direita, enquanto Bryson e Sarah escolheram o da esquerda.

— Imagino que saibam quem eu sou — ela falou.

Michael não fazia ideia se ela estava irritada ou incomodada. Seu tom de voz revelava uma indiferença que ele nunca ouvira antes.

— Ronika — Sarah respondeu com um murmúrio de reverência.

— Sim, meu nome é Ronika. — Ela dirigiu seu olhar gelado para cada um deles, e Michael ficou sem reação. — Vocês estão sentados nesta sala por uma única razão: fiquei curiosa. A idade e o histórico de vocês não fornecem nenhuma pista do motivo de terem vindo aqui. Julgando pelo tempo que passaram perambulando lá em cima, não foi para dançar.

— Como foi que... — Michael se interrompeu antes de fazer a pergunta mais idiota de sua vida. Estava na cara que a mulher sabia onde encontrar informações sobre eles. Suas habilidades como hacker deviam ser dez vezes mais apuradas que as dele. Ela não se

tornaria dona de um clube noturno — muito menos a dona do Black and Blue — se não tivesse talento ou uma montanha de dinheiro.

Ronika limitou-se a arquear as sobrancelhas, e isso bastou como resposta. Em seguida, continuou:

— Uma coisa faço questão de esclarecer: o Black and Blue não conquistou sua reputação na VirtNet por acaso. Muitas pessoas que tentaram fazer o que vocês fizeram hoje vivem em hospitais psiquiátricos. Respondam ao que eu perguntar. Sejam sinceros, e vai dar tudo certo. Mas já vou avisando... detesto sarcasmo.

Michael e Sarah se entreolharam. A amiga os havia colocado ali dentro; agora era a vez dela tomar a frente da situação. Já Bryson era do tipo que sempre se dava bem sem precisar fazer nenhum esforço.

— Por que vocês estão aqui? — Ronika quis saber.

Michael pigarreou, limpando a garganta, e prometeu a si mesmo que não deixaria Ronika notar o quanto o deixava intimidado.

— Fomos mandados para cá para procurar informações.

— Quem foi que mandou vocês?

— Um barbeiro da Cidade Velha.

— Cutter.

— Isso, ele mesmo.

Michael se sentiu tentado a fazer uma piadinha sobre o mau hálito do velho, mas se conteve.

Ronika parou para pensar por um instante.

— Acho que já sei a resposta, mas vocês querem informações sobre o quê?

— Estamos procurando Kaine. O jogador. — Ele achava que só isso bastava, mas continuou mesmo assim: — Cutter falou pra gente sobre o *Caminho*.

Bryson se levantou de repente, levando as mãos à cabeça e fechando os olhos com força.

— Ai, droga. Ai, droga.

O coração de Michael disparou. Aquilo não era um bom sinal.

— Que foi? — perguntou Sarah.

Bryson baixou os braços e abriu os olhos. Depois, olhou para Ronika.

— Meu Rastreador acabou de apitar. Kaine sabe que estamos aqui. Ele está por perto.

Ronika não pareceu dar muita importância ao fato.

— Ora, claro que sim — foi a resposta dela.

VII. BLACK AND BLUE

1

Ficaram olhando para a mulher, à espera de uma explicação.

Michael sentiu vontade de levantar e sair correndo, mas sabia que jamais teria outra chance de obter aquelas informações se fizesse isso.

— Ele já esteve aqui antes — revelou Ronika. — Nossos firewalls são sólidos, eu garanto. Aquele homem não ousaria cruzar meu caminho, não depois de eu salvar da Decadência... um de seus Tangentes mais estimados.

Aquelas pausas estranhas no discurso de Ronika quase fizeram Michael se esquecer de que estavam em perigo. Sabia que todos os Tangentes acabavam passando pela Decadência — um programa de inteligência artificial com *tamanha* complexidade e *tamanho* realismo não sobreviveria por muito tempo sem entrar em conflito com os próprios instintos. As pesquisas mostravam que o processo começava com o desaparecimento, sem motivo aparente, de elementos fundamentais para a vida do Tangente — sua memória artificial perdia a capacidade de “preencher as lacunas”. Em seguida, coisas estranhas começavam a acontecer com seu corpo “físico”. Essas manifestações variavam de Tangente para Tangente. Quando os sinais ficavam óbvios, a ponto de serem notados pelos jogadores, os programadores os desativavam, provocando sua morte.

A voz de Ronika o tirou de seus pensamentos:

— ...não estaria por aí há tanto tempo se eu não tivesse refeito sua codificação e, na prática, reprogramado o Tangente favorito de Kaine. Não é uma coisa fácil de fazer sem apagar a memória deles, sem contar que é ilegal. Ele diz que passou anos desenvolvendo aquele programa. Na época eu não sabia o que sei hoje sobre ele, mas posso dizer que faria tudo de novo mesmo assim. É sempre bom ter amigos, e inimigos também, nos devendo favores.

— Ele não parece ser do tipo que se importaria em trair uma velha amiga — argumentou Michael. — Além disso, está aprisionando pessoas no Sono. Esse cara é cruel, e não acho uma boa ideia a gente ficar aqui esperando para ver o que ele vai fazer.

Ronika encarou Michael com uma expressão de contrariedade.

— Sendo assim, fiquem à vontade para ir embora.

— Se eles são amigos, ela não vai querer ajudar a gente — disse Bryson.

— *Amigos?* — repetiu Ronika, com uma entonação que dava a entender ser aquela a mais absurda das conclusões. — Ele me pagou uma quantia de dinheiro absurda. Eu não sou amiga de nenhum jogador. Só faço negócios com eles. O que estou dizendo é que tenho um talento raro, e que ele não se arriscaria a deixar de contar comigo caso precisasse de mim no futuro.

Aquilo não era suficiente para fazer com que Michael se sentisse mais seguro, mas precisavam daquelas informações de qualquer jeito. Sarah parecia pensar o mesmo.

— Olha só — ela falou —, não temos tanto dinheiro assim. Existe uma maneira de conseguirmos alguma informação com você?

Um leve sorriso se abriu no rosto de Ronika.

— Existem coisas que são mais valiosas que dinheiro. O fato de estarem aqui diz muito sobre vocês. O que quero em troca das respostas que darei a vocês é um simples favor.

Parecia bom demais para ser verdade. E Michael já jogava por tempo suficiente para saber que havia milhares de coisas inimagináveis que ela poderia pedir.

— Que favor? — ele perguntou, desconfiado.

O sorriso ainda estava estampado no rosto dela.

— Ah, não posso falar agora. Só vou dizer na hora em que for cobrar o favor.

Michael não tinha ideia de como aquela mulher conseguia dizer coisas tão simples, mas soar tão ameaçadora. Ao mesmo tempo, porém, sentiu que começava a gostar dela.

— Combinado — respondeu Bryson, sem se preocupar em consultar os dois amigos primeiro. Michael, porém, não teve coragem de abrir a boca para contestá-lo. O problema era que não tinham outra escolha a não ser aceitar.

— E quanto a vocês dois? — perguntou Ronika, olhando para Sarah e depois para Michael.

Ambos balançaram a cabeça em concordância.

— Mas precisa ser rápido — alertou Bryson. — Meu Rastreador está apitando a mil, e quero dar o fora daqui.

Isso só tornou ainda mais fácil a decisão de Michael.

— Muito bem — disse Ronika, aparentemente satisfeita com o acordo. — Podem começar a perguntar.

Como tinha sido ele quem havia metido os amigos naquela enrascada, Michael tomou a iniciativa de fazer as perguntas, apesar de no fundo estar morrendo de vontade de sumir dali. Mas não podiam sair de mãos vazias. Por isso, decidiu ser breve e ir direto ao ponto. E, ainda que seu interesse principal fosse descobrir mais sobre o Caminho, aproveitaria aquela chance para tentar descobrir tudo o mais que pudesse.

— Kaine — começou ele. — Já ouviu o nome dele ser relacionado a alguma coisa secreta, escondida nas profundezas da VirtNet?

— Sim.

Michael se obrigou a esconder seu contentamento.

— E tem mais detalhes sobre isso?

A expressão de Ronika permaneceu impassível.

— Na verdade, quase nada. Mas acho impossível negar que tem alguma coisa grande acontecendo. — Sua tranquilidade era enlouquecedora para Michael, e gerava uma desconfiança quase palpável de que ela sabia mais do que estava disposta a revelar.

— Cutter mencionou um *Caminho*.

Ela assentiu com um gesto de cabeça.

— Sim, o Caminho. Com "c" maiúsculo. Como aquele homem fica sabendo dessas coisas, não faço a menor ideia.

— O que é o Caminho? — perguntou Sarah.

Ronika não hesitou nem por um instante, o que deu a Michael a confiança de que falava a verdade.

— É a única maneira de chegar à Ravina Consagrada, um lugar oculto nas profundezas do Sono... assim como Kaine e o próprio Caminho. E, nesse caso também, o R e o C são maiúsculos. Enfim, é

ali que Kaine faz suas operações. É quase impossível chegar lá; dizem que o local é protegido por uma série de dispositivos intransponíveis de segurança. Mas, como vocês devem saber, sempre existe uma maneira. Sempre.

— O Caminho — repetiu Michael.

Ronika assentiu.

— O Caminho.

Michael notou que Bryson balançava o joelho sem parar.

— Ele está mais perto? — perguntou Michael.

— Está quase entrando por aquela porta, cara. — Bryson olhou para cima, incapaz de esconder a preocupação no olhar. — A gente precisa dar o fora daqui.

— Vocês estão seguros — garantiu Ronika. No entanto, pela primeira vez desde que tinham chegado, Michael notou certa preocupação no tom de voz dela. — Só posso dizer por onde começar. Nunca estive no Caminho, nem tenho interesse em ir até lá.

Michael se inclinou para a frente, empolgado por enfim conseguir alguma informação concreta.

— Certo, e para onde devemos ir?

— Você já jogou Devils of Destruction?

Michael negou com um gesto de cabeça. Devils of Destruction era um jogo de guerra sem graça que só o pessoal mais velho jogava.

— Nunca tive interesse.

— Porque esse jogo é uma porcaria — intrometeu-se Bryson. — Não é à toa que a coisa começa por lá... ninguém jamais

desconfiaria. Só estando muito entediado e desesperado para entrar nesse jogo.

A expressão de Ronika pareceu ficar um pouco mais tensa. Ela estava nervosa, e isso se tornou perceptível em sua voz.

— Tem uma trincheira no campo de batalha que é o ponto fraco do código. Se conseguir hackear esse ponto fraco, existe um Portal lá para o Caminho. É só isso que eu sei. — Ela se levantou. — Estamos conversados, e não se esqueçam de que estão em débito comigo. Saibam que vou *cobrar* esse favor um dia.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Michael, levantando-se também.

A mulher estreitou os olhos.

— Acho que acabei confiando mais do que deveria na ideia de que estávamos a salvo.

Assim que ela terminou de falar, Michael começou a ouvir um dos piores sons que já tinha escutado na vida.

3

Era algo inumano, parecido com um guincho ou uivo agudo. Um grito incredivelmente desagradável e atordoante. Ele tapou as orelhas com as mãos e fechou os olhos com força. Seu único desejo era que aquilo parasse.

Por um tempo que pareceu chegar a um minuto, o ruído reverberou pelo seu corpo. Depois, cessou.

Michael abriu os olhos e baixou as mãos, ainda inseguro. Sarah e Bryson estavam pálidos, como se tivessem acabado de vomitar. Nem mesmo Ronika mantinha a expressão serena de momentos antes.

— O que foi *isso*? — murmurou Bryson.

— Não foi Kaine que seu Rastreador detectou — respondeu Ronika.
— Ele mandou... outra coisa.

Em seguida se ouviu um ruído grave, que parecia vir de todos os lugares ao mesmo tempo, ecoando pela sala inteira e em seguida dando lugar a um longo momento de silêncio. Nenhum dos quatro se mexeu. Michael não queria admitir, mas esperava que Ronika lhes dissesse o que fazer.

O guincho voltou a explodir no ar, violento e penetrante. Michael caiu sentado no sofá, protegendo os ouvidos com as mãos. O ruído cessou logo depois, e ele se levantou, decidido a não confiar mais em sua anfitriã.

— Vamos — ele disse, apontando para a porta por onde Ronika tinha entrado. — Vamos sair logo da...

Mais uma vez o grito apavorante se fez ouvir, interrompendo suas palavras, mas Sarah e Bryson já haviam entendido. Começaram a se dirigir à saída, porém um som como o de um galho de árvore se quebrando fez Michael deter o passo. Ele se virou para olhar o que era justamente quando o vulto de uma manopla duas vezes maior que uma mão humana atravessou a parede, lançando fragmentos enormes de madeira pelo ar. Michael se abaixou para desviar dos detritos e só depois se preocupou em olhar para os lados. Os dedos gigantescos se acenderam com um brilho amarelado.

Michael caiu ajoelhado no tapete e pôs as mãos sobre a cabeça para se proteger. Ouviu o rec-rec do que pareciam ser unhas raspando a parede do outro lado, acompanhadas de bufadas monstruosas.

Ronika resolveu agir.

— Venham comigo, depressa!

Michael não perdeu tempo. Ronika correu para a porta, mas algo golpeou a estrutura pelo lado de fora, duas vezes. A porta estremeceu entre os batentes. Ronika mudou de direção e caiu no chão a um canto da sala. Michael estendeu a mão para ajudá-la, mas notou que ela removia um painel de madeira da parede. Ela entrou agachada por uma pequena passagem, e ele saiu engatinhando atrás dela escuridão adentro. Bryson e Sarah entraram em seguida, e os três se espremeram lá dentro com Ronika.

— Fechem a entrada — ela murmurou. — Rápido.

Bryson fez conforme ela pediu, reposicionando a porta secreta no lugar.

Só havia espaço no recinto para ficarem sentados, as costas contra a parede. A cabeça de Michael roçava no teto. Antes que qualquer um deles tivesse a chance de falar, Ronika fechou os olhos e uma tela apareceu no ar, pairando acima de seu colo por um tempo, antes de se instalar na parede oposta. A tela mostrou a sala da qual os quatro tinham acabado de fugir.

Diante dos olhos de Michael, algo entrou pelo buraco que a estranha mão havia aberto na parede. Uma forma sombria e lupina de feições borradas saltou sobre os destroços da madeira e aterrissou no chão de cerâmica, os olhos amarelados brilhando na cabeça cinzenta. Outras três criaturas sombrias apareceram em seguida, e cada uma delas se postou em um canto da sala. Os cantos do cômodo não eram mostrados com nitidez, e Michael observou horrorizado as criaturas desaparecerem na escuridão,

tornando-se identificáveis apenas pelos pares cintilantes de olhos amarelados.

Como não havia nenhum Portal por perto para fazer a Emersão à Vigília, Michael não sabia o que fazer. O que seriam aquelas coisas? Nunca tinha visto aquilo no Sono antes. E o que faziam parados ali, afinal?

Ronika se virou para Michael e seus amigos, que ficaram à espera de que ela esclarecesse alguma coisa. Ela tinha mencionado que Kaine enviara “outra coisa” ao Black and Blue, e Michael aguardava uma explicação sobre o que pudesse ser.

— E aí? — Bryson sussurrou por fim.

Ronika lançou um olhar para ele antes de responder àquele questionamento óbvio, mas até então impensável.

— São SimKillers. E nós estamos encrocados.

4

Michael tinha ouvido falar em SimKillers pela primeira vez no dia em que conversara com Tanya, o que àquela altura parecia ter acontecido milênios antes. No entanto, foi o suficiente para fazer sua pele se arrepiar inteira.

— O que são essas coisas?

— Uma criação de Kaine, histórias que andam vindo à tona recentemente. — Ronika olhou para a tela. Nada parecia se movimentar na sala; viam-se apenas vultos e olhos reluzentes. — Eles são a versão da antimatéria na VirtNet. Acho que *antiprogramação* seria uma definição melhor. Se conseguirem cravar os dentes e as garras em você, sua vida virtual é literalmente

arremessada em um abismo digital que fica sabe-se lá onde. Quando fizer a Emersão em seu Caixão na Vigília, vai estar arruinado, vai precisar começar do nada de novo. Eles podem inclusive provocar danos no seu cérebro no mundo real, o que deve ter acontecido com as pessoas que vocês mencionaram antes.

Michael estremeceu, encolhendo-se todo ao ouvir um rosnado grave do outro lado da porta secreta, embora nenhum movimento fosse captado na tela. Aquele som não era parecido com o de nenhum outro animal do mundo natural. Havia um elemento de estática, uma distorção digital de ruído. Michael se preparou para ouvir o guincho terrível outra vez, mas nada aconteceu.

— Por que não estão atacando a gente? — murmurou Sarah. — Eles devem saber que estamos aqui.

— Não que a gente esteja reclamando, claro — completou Bryson.

Ronika falou tão baixo que Michael teve que se inclinar em sua direção para ouvi-la.

— Acho que Kaine está tentando nos encurralar. E conseguiu isso de uma maneira que nem ele devia estar esperando. Talvez esteja vindo para cá também, rompendo meus firewalls.

— E como é que se enfrenta essas coisas? — perguntou Bryson. — Você sabe alguma coisa sobre elas?

A última palavra quase não foi ouvida, pois o uivo ensurdecedor cortou o ar novamente.

Assim que o ruído cessou, Ronika voltou a falar:

— Não faço a menor ideia — ela respondeu, desolada.

Michael não tinha escolha a não ser tomar a frente da situação.

— Escuta só, Ronika, eles estão aqui atrás de nós, não de você, mas não podemos ficar aqui parados, esperando Kaine chegar, o que mais cedo ou mais tarde vai acontecer. Pode ficar aqui, se quiser, mas nós precisamos dar o fora.

— Não — ela falou. — Só vou me separar de vocês quando estivermos todos em segurança.

Essa disposição em protegê-los o surpreendeu.

— Tudo bem, mas você sabe que as coisas daqui em diante só vão piorar. Principalmente se Kaine também aparecer.

— E como você pretende enfrentar essas coisas se elas atacarem a gente? — perguntou Bryson.

— É só não deixar que mordam você — respondeu Sarah.

Ronika apontou para a tela.

— Precisamos chegar àquela escada logo depois da porta. De alguma forma, Kaine conseguiu impedir meu contato com o serviço de segurança. Mas, quando subirmos para o clube, meus leões de chácara serão suficientes para enfrentar até mesmo esses SimKillers.

— Certo. Para a porta, então — disse Michael. — E depois para a escada. Sem problemas.

A verdade, no entanto, era que o pavor tomava conta de seu corpo, tornando difícil até o ato de respirar.

— Precisamos ficar sempre juntos — acrescentou Sarah. — Agir como um grupo.

Michael se apoiou sobre as mãos e os joelhos, pronto para engatinhar lá para fora.

— Bryson, você está mais perto da saída, então vai primeiro.

— Até parece — respondeu ele.

Michael sabia que Bryson não falava sério, mas ele tinha razão mesmo assim. Não era ele quem deveria ir à frente. Michael passou por Sarah e Bryson e chegou até a porta.

— Bem... fui eu quem colocou a gente nessa — ele falou. — Eu vou primeiro.

— Agora vou ficar me sentindo mal se você morrer — reclamou Bryson.

Michael gostou de ver que o senso de humor do amigo permanecia inalterado.

— Vai ter que aprender a conviver com isso.

5

Assim que todos se alinharam atrás de Michael, ele empurrou devagar o pequeno painel de madeira. A sala parecia estar iluminada por uma espécie de luz de velas, o que tornava tudo ainda mais perigoso e etéreo. À primeira vista estava tudo tranquilo, mas Michael sabia muito bem que a violência os espreitava a cada sombra.

Observou a parede logo à frente. Não era possível distinguir nenhum vulto ali, apenas a penumbra. Michael tentou fazer um cálculo de quantas criaturas havia por lá, mas algo estranhíssimo aconteceu: os olhos amarelados desapareceram quando olhou diretamente para eles. Assim que virou a cabeça, voltou a detectar a presença deles em sua visão periférica. Até então, nada havia se movido. Talvez estivessem à espera das ordens de Kaine.

Mantendo os olhos em alerta, Michael se inclinou cautelosamente para a frente, saindo do compartimento secreto e avançando junto à

parede a caminho da porta. O tapete sob a mobília deu lugar à cerâmica, que fazia os joelhos de Michael doerem enquanto engatinhava. Ele viu os olhos amarelados das criaturas do outro lado do buraco aberto na parede, a poucos metros de distância, e se deteve.

Bryson deu um encontrão nele por trás.

— Não para! — cochichou tão alto, que era como se tivesse dito em tom normal.

Michael relanceou o olhar para o amigo.

— Se a gente for rápido demais, eles podem atacar.

— Se não formos logo, vamos acabar sendo mortos!

A sala ficou em silêncio por alguns instantes, mas o rosnado recomeçou logo em seguida. O ruído de estática reverberou pelo corpo de Michael. Era impossível determinar de onde vinha. Ele respirou fundo e seguiu em frente.

Ao chegar a uns três metros da porta, Michael se apoiou em um sofá e se preparou para correr, mas um movimento à direita chamou sua atenção. Ele se virou para olhar, e era como se uma porção de escuridão houvesse se deslocado e se espalhado sobre o chão antes de tomar a mesma forma lupina que tinham visto antes, com seus olhos faiscantes. Michael olhou diretamente em sua direção, e os olhos desapareceram. Em seguida, a criatura emitiu um grito apavorante. Michael mal havia acabado de tapar os ouvidos quando o ruído se interrompeu, substituído por um estranho zumbido, como o de um computador prestes a pifar.

Não tinha mais dúvida de que seu palpite estava certo. Aquelas criaturas só estavam ali para garantir que não fugissem. Kaine

estava a caminho.

Michael, porém, não pretendia estar ali quando ele chegasse.

6

Michael virou a cabeça, e os olhos da criatura reapareceram. Ele se levantou do sofá com movimentos lentos e cuidadosos, rumo à parede logo atrás. Instintivamente, estendeu a mão para tranquilizar a fera, mas no fundo sabia que isso não significava nada para o antiprograma.

— Vou abrir a porta — sussurrou para os demais. — Saíam correndo daqui.

Só quando proferiu aquelas palavras foi que se deu conta da própria intenção em ser o último a deixar a sala. E provavelmente o primeiro a ser atacado.

— Vamos nessa — respondeu Bryson.

Michael assentiu com a cabeça.

— Agora.

Ele correu até a porta e alcançou a maçaneta justamente no momento em que o SimKiller virou a cabeça em sua direção. Alguma coisa lhe dizia que Kaine o observava através daqueles olhos amarelados e que ficara surpreso ao constatar que Michael e seus amigos não estavam paralisados ou se encolhendo de medo. Michael envolveu com os dedos o metal frio da fechadura, acionou o mecanismo e escancarou a porta. No instante seguinte, Bryson passou a toda velocidade pela abertura. Gritos terríveis rasgaram o ar, e pelo canto do olho Michael observou uma movimentação indistinta enquanto Sarah passava, e depois Ronika.

Michael estava colado nela. Estendeu a mão para fechar a porta atrás de si. Faltavam apenas alguns centímetros para isso quando algo a puxou de sua mão com violência, arrancando a porta da soleira.

Quando ele fugiu correndo, Bryson já estava na metade da escada.
— Não parem! Não parem! — gritou Michael.

Nesse momento, sentiu algo em seu ombro direito, um impacto violento que o derrubou e o fez expelir todo o ar dos pulmões. Fazendo força para respirar, virou-se de costas e começou a chutar e a socar a esmo a criatura que o comprimia contra o chão. Dois olhos amarelados o encaravam, mas fora isso todo o resto era escuridão, que parecia se alternar entre o estado sólido e o vaporoso. Michael ouviu passos na escada e escutou Sarah chamar seu nome. Outros vultos sombrios saltaram sobre aquele que havia atacado Michael, emitindo seus ruídos assustadores. Gritos humanos se fizeram ouvir logo em seguida. Era uma emboscada.

O SimKiller começou a golpear Michael com punhos enormes, como se tivesse metamorfoseado a forma lupina em humana. Por um breve momento, Michael imaginou seu corpo físico no Caixão, debatendo-se, enquanto elementos como os AirPuffs, os LiquiGels e o NerveWire o faziam sentir cada impacto. Era culpa sua ter escolhido o Caixão mais realista do mercado.

A adrenalina se espalhou pelo seu corpo. Juntando todas as suas forças, desferiu um chute com as duas pernas, acertando em cheio o SimKiller, que saiu voando pelo ar e se espatifou contra a parede do corredor entre a porta e a escada.

Enquanto a criatura se preparava para atacar de novo, Michael se levantou aos tropeções, apoiando-se na parede logo atrás, para ficar de pé outra vez. A criatura saltou, e seus olhos amarelados brilharam enquanto voava em sua direção. Michael se esquivou para a esquerda, saltando rumo à escada, e ouviu o impacto do corpo do SimKiller atrás de si. Levantando-se às pressas, virou-se e constatou que a criatura estava atordoada, tentando se reequilibrar sobre as pernas feitas de sombras.

Michael mergulhara em um cenário de loucura. Os outros SimKillers tinham atacado Ronika e seus amigos, que lutavam para se libertar. Viu Sarah escapar de um monstro com um chute na cara que o lançou escada abaixo. Ronika era quem estava em pior situação, a poucos metros de Michael. O SimKiller a havia imobilizado no chão, com a boca aberta de forma ameaçadora, as mandíbulas separadas em um ângulo inacreditável, como se pretendesse engoli-la inteira com uma única mordida.

Michael fez menção de ajudá-la, mas nesse momento uma criatura o atacou por trás, arremessando-o para a direita e abrindo um ferimento em seu ombro esquerdo. Sua cabeça se chocou contra a parede e ele desabou, atordoado. Mal havia se recuperado, e o SimKiller estava sobre ele, derrubando-o de costas, prendendo seus braços no chão. Michael ainda não conseguia distinguir sua forma por inteiro, mas logo uma cabeça de lobo se aproximou de seu rosto e soltou um rosnado mecânico.

Michael não conseguia se mexer. Os músculos pareciam ter se transformado em gelatina, e a mente girava a mil enquanto tentava se concentrar no código, tentando contrabandear uma arma de

algum outro jogo. Naquele momento, porém, pensar parecia impossível. O SimKiller abriu mais e mais a boca, e Michael notou que ele não tinha dentes nem língua — dentro dele não havia nada além de escuridão. Era como um buraco negro que ganhara vida, pronto para sugar Michael para o cosmos. Logo atrás, ouviu Ronika gritar, e Bryson e Sarah soltarem grunhidos de esforço, o som de corpos se chocando contra o chão e as paredes. Michael tentou se desvencilhar, agitando os braços e esperneando, mas nada do que fazia surtia efeito. A boca da criatura se abriu ainda mais, chegando cada vez mais perto, cobrindo seu campo de visão.

Então, escutou o barulho de algo se quebrando atrás de si, e depois de novo, um som audível mesmo em meio aos gritos de Ronika, embora tudo o que Michael conseguisse ver fosse escuridão.

Foi quando Bryson gritou com a voz um tanto estrangulada:

— Os olhos! Apertem os olhos deles!

A dor na cabeça de Michael se transformou em outra coisa, uma espécie de zumbido dolorido, como se um enxame de abelhas tivesse entrado em seus ouvidos. Não era mais possível determinar se seus olhos estavam abertos ou fechados, não sentia mais a criatura imobilizar seus braços e pernas, as costas não pareciam mais tocar o chão. Ele flutuava em um vazio escuro, em que a única coisa existente além do abismo do SimKiller era uma dor profunda. O zumbido subiu de volume, e não pôde escutar mais nada. Ronika gritou uma última vez, mas sua voz parecia distante. Sarah berrava algo que os ouvidos de Michael não conseguiam registrar.

Seus pensamentos vagaram para longe. Envolvido pela penumbra, fechou bem os olhos e fez um esforço supremo para concentrar todo

o foco de sua consciência em um único lugar. Bryson havia dito o que era preciso fazer, e tinha a ver com os olhos da criatura. Sarah estava por perto, tentando ajudar.

Foi quando se deu conta.

Era preciso reagir.

Aquela coisa iria matá-lo.

Michael reuniu todas as suas energias e gritou, agarrando as patas feitas de sombras que o mantinham preso ao chão. Desvencilhou os braços e os estendeu a esmo, até sentir nas mãos a cabeça do SimKiller. Tateou com os dedos até encontrar o local onde os olhos amarelados tinham aparecido. Michael sentiu que a criatura tentava imobilizá-lo contra o chão de novo, mas rolou para o lado e se soltou de vez. As mãos então encontraram as órbitas mornas, quase quentes. Ele imediatamente fechou os dedos com firmeza sobre o que pareciam ser os olhos do SimKiller.

Com as últimas forças que lhe restavam no corpo, Michael apertou o máximo que podia. Aqueles olhos pareciam duros e lisos como gelo, mas no fim cederam, como uma espécie de gel. Quando sua visão se ajustou, viu os globos oculares se deformarem entre seus dedos. A criatura soltou um grunhido de agonia e se debateu, lutando para se soltar.

Depois, os olhos dela explodiram.

7

Foi como se dois ovos tivessem estourado nas mãos de Michael. Nesse instante, ele sentiu uma carga de eletricidade se desprender na palma das mãos e se espalhar pelos braços e o peito. Gritou de

dor, mas continuou empurrando o SimKiller até que desabasse no chão. A luz voltou ao campo de visão de Michael, e uma forte náusea o atingiu como um soco no estômago.

A sala parecia ter um colorido menos vibrante que antes, e sua dor de cabeça era diferente de tudo o que já havia experimentado. Seus pensamentos ainda estavam confusos, enevoados. O SimKiller estava caído a seus pés, seus contornos discerníveis outra vez. O corpo inteiro da criatura parecia ter encolhido — caído ali no chão, era como um cachorro preto sem olhos.

— Se a gente soubesse disso antes... — comentou Bryson.

Michael desviou os olhos da criatura e se virou para o amigo, um movimento que fez seu crânio inteiro doer.

Bryson e Sarah estavam ajoelhados perto de Ronika, a poucos centímetros de outro SimKiller sem vida. Outras duas criaturas também estavam mortas — uma na base na escada e outra no meio dos degraus. Os amigos de Michael ainda estavam ofegantes, e uma rápida olhada mostrou que a mão deles estava queimada. Olhou para a sua e constatou a mesma coisa. Foi só depois de ver isso que a dor começou a incomodá-lo.

E quanto a Ronika? Por que não se mexia?

Michael deu um passo à frente, mas, quando foi perguntar o que tinha acontecido, uma luz azul brilhou na testa de Ronika. O som de algo se rachando preencheu o ar, e ele ficou paralisado, observando uma transformação total ocorrer no corpo dela.

As luzes azuis piscavam logo acima dos olhos dela, aumentando em intensidade e frequência, até que se tornou impossível enxergar sua pele. Em seguida, começaram a se espalhar, passando pelo

cabelo e pelas sobrancelhas, e depois por olhos, nariz e maçãs do rosto. Borboletas azul-esverdeadas — na verdade, faíscas que pareciam aladas — substituíram suas feições. Quando as asas batiam, emitiam o som de uma corrente elétrica.

Era como se Ronika houvesse desenvolvido uma doença de pele assustadora, e sua cabeça inteira fora submetida à transformação. Em pouco tempo, só o que havia em seu lugar era uma bola de luzes azuis e verdes aladas pairando sobre o que costumava ser a pele dela. Lentamente, a bola foi descendo pelo pescoço, os ombros e o peito, deixando em seu rastro aquelas estranhas borboletas. Michael observava tudo sem saber o que fazer.

Sarah por fim disse alguma coisa, e sua voz soou um tanto estranha em meio aos estalos de emanações elétricas que se desprendiam do corpo evanescente de Ronika.

— Acho que a gente chegou tarde demais. Aquela coisa sugou a vida digital dela. Bem como ela falou que seria.

— Mais um minuto e teria acontecido o mesmo com você — acrescentou Bryson, e pela expressão no rosto dele Michael percebeu que devia ter sido mesmo por pouco.

Michael preferiu não responder, voltando a atenção para Ronika. Metade de seu corpo já havia sido devorado, e as borboletas da cabeça começaram a voar, pairando no ar por alguns segundos antes de se acenderem intensamente e desaparecerem por completo, sem deixar nenhum vestígio. Em pouco tempo, o rosto dela foi apagado para sempre.

Por mais hipnotizante que fosse aquela cena, e por mais que sua cabeça doesse, Michael enfim se deu conta de que não havia tempo

a perder. Olhou para os amigos e, sem que fosse dita uma palavra sequer, eles se levantaram e subiram as escadas, saltando dois degraus de cada vez.

Saíram do clube o mais depressa possível, encontraram um Portal e fizeram a Emersão para a Vigília. Quando Michael deixou seu Caixão, era como se um ninho de escorpiões houvesse se instalado em sua cabeça.

VIII. O HOMENZINHO

1

Arrasado, Michael ficou um bom tempo deitado na cama. Helga foi mais gentil do que nunca, trazendo chá, sopa e bananas — que era só o que seu estômago conseguia digerir naquele momento — sempre que ele tocava a sineta deixada por ela no criado-mudo. Seus pais tinham adiado a data de retorno da viagem mais uma vez, e, com apenas ele e Helga em casa, o apartamento estava sempre em silêncio. Michael manteve as janelas fechadas e não ligou o som nem a TV. A prova de que havia realmente algo errado foi que ele mal abriu sua NetScreen durante todo esse tempo.

A cabeça doía demais. E ainda havia o enjoo para acompanhar — uma náusea constante que não dava sinais de alívio. Sentia vontade de vomitar pelo menos uma vez ou duas a cada hora, o que explicava o cardápio mais leve escolhido por Helga. Enquanto ficava deitado convalescendo, teve bastante tempo para pensar no que acontecera no porão do Black and Blue.

Nos SimKillers. No que haviam feito com Ronika. Até que ponto aquela criatura chegara com Michael? Parte da essência de sua Aura teria sido sugada também? Corria o risco de se tornar mais uma das vítimas de Kaine a sofrer morte cerebral? Com os olhos fechados e a cabeça latejando, tinha quase certeza de que sim. Michael ficou com medo de começar a se esquecer de tudo o que havia aprendido e vivenciado na VirtNet.

Por fim, convenceu-se de que aquela ideia era uma loucura e tentou manter o otimismo. Com um pouco de sorte, a criatura tinha sido detida a tempo, e a dor de cabeça aos poucos passaria. Michael não podia sequer imaginar como seria passar o resto da vida daquela maneira.

Para sua surpresa, porém, a dor não o fez querer desistir; só o fez odiar Kaine ainda mais e ter ainda mais certeza do que fazia. Só pararia quando encontrasse o lugar que o SSV procurava. Com ou sem ameaças, a situação era bem simples. Assim como em muitos jogos dos quais Michael já havia participado antes, era matar ou morrer.

A diferença era que desta vez era para valer. E sua dor de cabeça não deixaria que se esquecesse disso.

Só foi levantar da cama um dia e meio depois.

2

Dois dias após o encontro com Ronika, Michael já se sentia bem melhor. Tinha saído da cama, tomado banho, e até conseguira encarar a claridade do dia sem se encolher todo de dor. Energizado, com o ânimo restabelecido, acomodou-se na Poltrona e chamou Bryson e Sarah para uma conversa privada no Boletim Eletrônico. Eles entraram uns dez minutos depois.

Brystones: Já estava na hora. A dor de cabeça passou? Um beijinho da Helga fez o dodói sarar? Ah, esquece, não quero nem imaginar uma cena dessas.

Sarahbobara: Bryson, você está liberado para falar o que quiser, já que salvou a gente. Vou deixar você à vontade por uma semana antes de começar a agir como a sua mãe de novo.

Brystones: Cara, taí uma coisa que eu não quero mesmo imaginar.

Mikethespike: Fiquei morrendo de medo de que aquela coisa tivesse deixado sequelas em mim. Ainda não estou totalmente bom, mas pelo menos melhorei. Já consigo falar sem me babar todo.

Sarahbobara: Que bom.

Brystones: E então, quando a gente vai procurar esse Caminho?

Sarahbobara: O quanto antes.

Michael soltou um suspiro de alívio — eles ainda estavam dispostos a seguir em frente. Deviam estar assustados, assim como ele, mas não tinham desistido. No máximo, aquele jogador e seus cães de guarda haviam despertado a raiva da moçada.

Michael continuou conversando com os amigos sobre outras coisas, como a escola e os afazeres do dia a dia. Não foi preciso muito tempo para decidirem que tirar uns dias de folga das obrigações regulares não faria mal a ninguém — ao contrário do que fariam em relação a Kaine e ao SSV. Nesse momento, voltou a pensar em Ronika, o que o fez se sentir um tanto culpado. Ela devia estar em algum lugar na Vigília naquele instante, com morte cerebral, como as outras vítimas que vinham aparecendo ultimamente. Talvez fosse esse o propósito dos SimKillers. Mas qual seria a explicação por trás daquilo tudo?

Sarah sugeriu que passassem o dia se informando a respeito do Devils of Destruction, o jogo no qual, segundo Ronika, estava o acesso para o Caminho. Talvez conseguissem pistas a respeito do tal ponto fraco no código. Depois disso, teriam uma boa noite de sono.

Na manhã seguinte, seria hora de entrar em ação outra vez.

3

A campanha do apartamento tocou no meio da tarde, enquanto Michael fazia sua pesquisa sobre o Devils of Destruction. Sabia que aquele era um jogo de guerra baseado em fatos históricos, um dos motivos pelos quais atraía um público mais velho. Ninguém da idade dele estava interessado em coisas que haviam acontecido trocentos anos atrás, mas, por força da obrigação, Michael precisava saber mais detalhes sobre a tal guerra. Passou horas e horas lendo sobre a Guerra da Groenlândia de 2022, na qual diversos países se envolveram em virtude da descoberta de um enorme veio de ouro no local um ano antes. Todos queriam se apropriar dele, claro, e tinham as próprias razões para reclamar a posse daquelas terras. A história acabou sendo mais interessante do que Michael esperava.

As facções envolvidas no conflito usavam táticas de guerrilha e armas um tanto primitivas, pois havia tanta gente no campo de batalha que o uso de bombas de grande porte e mísseis nucleares se tornou arriscado demais. Os dispositivos radioativos certamente eliminariam várias frentes inimigas, mas atingiriam muitos aliados também. Fora uma disputa violenta, que havia durado pelo menos dois anos, antes que resolvessem dar um basta àquela matança sem sentido. Os líderes mundiais nunca tinham sido lá muito brilhantes.

O Devils of Destruction era um grupo de mercenários que lutara na Guerra da Groenlândia, contratados — às vezes pelos dois lados — para perseguir e eliminar alvos específicos. Era isso que Michael e os amigos precisariam fazer no jogo: entrar em uma zona de conflitos portando apenas suas metralhadoras, na esperança de encontrar a trincheira que Ronika mencionara antes de ser morta. Depois disso, era torcer para que a capacidade de hackear deles se mostrasse à altura do desafio.

Ignorou o primeiro toque da campainha — a pesquisa estava muito mais fascinante do que o esperado — e se perguntou por que nunca tinha se interessado por aquele jogo. Michael achou que Helga fosse atender à porta, mas, ao segundo toque, lembrou-se de que ela tinha saído para visitar a irmã naquele dia.

Resmungando baixinho, Michael pressionou o EarCuff para desligar a NetScreen e caminhou até a porta. Quando a abriu, para sua surpresa, não havia ninguém por lá. Sentiu um frio na espinha — nada acontecia por acaso quando se estava envolvido em circunstâncias tão sinistras. Olhou para o corredor e a escada, mas não viu nada. Quando estava prestes a fechar a porta, notou que algo havia sido colado no chão do lado de fora.

Uma mensagem curta, escrita à mão em uma tira de papel:

Me encontre no beco onde pegamos você. Agora.

4

Ele obedeceu sem pensar duas vezes, apesar de saber que poderia ser uma armadilha. As chances disso, porém, eram poucas. Kaine

não devia ser um sujeito perigoso no mundo real — pelo menos era o que Michael pensava, muito embora sem saber ao certo por quê —, e quem mais poderia saber o local onde o SSV o havia apanhado? Só podia ser a agente Weber. E a última coisa que ele queria era deixá-la irritada.

Em vinte minutos, estava lá, saindo da rua principal e entrando no beco comprido e deserto. Não havia uma viva alma à vista — nem mesmo um carro —, e ele notou a presença de várias caçambas de lixo no meio do caminho. Alguma coisa dizia a Michael que era perto delas que ele encontraria quem procurava. O tempo estava quente, mas uma brisa morna resfriava o suor em sua nuca. Fragmentos leves de lixo voavam, dançando no ar. O beco era cinzento e nada acolhedor.

Quando se aproximou da primeira caçamba, Michael sentiu o coração disparar e precisou tomar coragem antes de inspecionar o que havia ali atrás. Quando viu um homem baixinho e careca vestindo um terno, ficou mais tranquilo. Não era uma figura nem um pouco ameaçadora: usava uma barba comprida, que destacava ainda mais sua calvície, e estava com as mãos nos bolsos.

— Você é... — começou, mas o homem o interrompeu.

— Sim, Michael. Agora venha cá, para ninguém poder vê-lo da rua. — Ele apontou com a cabeça o lugar para o qual Michael deveria se dirigir, recuou alguns passos e assumiu uma expressão grave como a de um agente funerário.

Michael teve que se segurar para não rir. O sujeito era muito baixinho. Quase como um personagem de desenho animado.

— O que você quer de mim?

— Um relatório do seu progresso — esclareceu o homem, evitando olhar diretamente para Michael. Ele virava a cabeça o tempo todo de um lado para o outro, como se esperasse ser atacado a qualquer momento, o que fez Michael se sentir um tanto inseguro. — O que aconteceu, o que vocês descobriram, quais são os planos, esse tipo de coisa.

— Bom, nós...

O estranho o interrompeu outra vez:

— E seja breve. Não podemos ser vistos conversando, e ainda tenho muita coisa para fazer.

— Hã... tá bom — respondeu Michael. *Que cara mais estranho*, pensou. — Acho que estamos no caminho certo, mas já fomos atacados por Kaine duas vezes.

— Por *Kaine*? — perguntou o homenzinho, dando um passo à frente e encarando Michael pela primeira vez. — Tem certeza de que era ele... em pessoa?

Michael hesitou por um instante, sem saber ao certo o que responder.

— Bom, é, acho que sim. Na segunda vez não exatamente. Eram SimKillers, mas Ronika disse que estavam lá a mando dele.

— Ronika? Quem é Ronika?

— Sério que você não sabe?

— Como eu disse, vim aqui buscar informações com você. Quero saber de tudo.

— E como vou ter certeza de que você é mesmo quem está dizendo? Na verdade... — Michael fez uma pausa antes de prosseguir — ...você ainda não se identificou.

O homenzinho ficou claramente irritado.

— Meu nome é agente Scott, e trabalho com a agente Weber. É só isso que você precisa saber. O meu tempo é curto.

Diante do silêncio de Michael, o estranho revirou os olhos e acionou seu EarCuff. Um distintivo do SSV surgiu pairando no ar e, um pouco envergonhado por ter que se dobrar para vê-lo, Michael fingiu examiná-lo como se soubesse determinar se era verdadeiro ou falso. Torcendo para que não se tratasse de um blefe, fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Muito bem — disse o agente Scott. — Agora me conte *tudo*.

Foi o que Michael fez. Contou sobre quando foi aprisionado e ouviu — e *viu* — a terrível ameaça de Kaine, falou sobre Cutter, Ronika e o Black and Blue, sobre os SimKillers, o Caminho e a Ravina Consagrada, sobre seu plano de jogar Devils of Destruction pela manhã... enfim, tudo.

Quando terminou, o agente coçou a barba do queixo, apoiando o cotovelo na palma da outra mão, e olhou para o chão, pensativo. Era uma espécie de versão em miniatura de Sherlock Holmes. Michael esperou com paciência, e outra vez teve que se segurar para não rir.

Por fim, o agente voltou a atenção de novo para ele.

— Vá em frente, então. Mas não pense que Kaine é o único que está seguindo vocês para atrapalhar os planos. Entendeu bem? Qualquer um que cruzar seu caminho pode ser o inimigo.

— Ah, que bom — murmurou Michael, sentindo as entranhas se revirarem.

— Entendeu bem? — o homem repetiu.

Michael sentiu vontade de deixar claro que, no quesito tamanho, a vantagem ali era dele, mas preferiu apenas assentir com a cabeça.

— Michael... preciso de uma confirmação verbal.

— Sim, entendi.

— Ótimo. — O agente Scott pareceu ter ficado satisfeito. Depois de mais uma olhada por toda a extensão do beco vazio, ele se aproximou um pouco mais de Michael. — Ainda estamos monitorando a Aura de vocês com nossos Rastreadores. Mesmo com os programas de Invisibilidade, ainda podemos ficar de olho em tudo, não se preocupem. Vamos saber onde estão e mandaremos nosso pessoal quando conseguirem chegar a essa tal Ravina Consagrada. Se o programa da Doutrina da Morte está escondido em algum lugar, só pode ser lá. Estejam atentos. E se cuidem.

— Sim, senhor.

De um momento para o outro, o homenzinho não parecia mais tão pequeno.

— Bom. Muito bom. Eu já vou, então.

— Hã... senhor? — perguntou Michael, hesitante. — Se tivermos problemas antes de chegar à Ravina Consagrada, vocês podem ajudar? Já que vão estar de olho...

O agente Scott sacudiu a cabeça, como se tivesse ouvido a ideia mais absurda do mundo.

— Não é assim que as coisas funcionam. Não podemos admitir abertamente que sabemos o que está acontecendo. Temos várias equipes trabalhando nisso e torcemos para que alguma consiga se infiltrar. Até que isso aconteça, não podemos fazer nada.

— E se matarem a gente? — perguntou Michael. — Ou apagarem nossa Aura, como aconteceu com Ronika?

O homenzinho abriu um sorriso pela primeira vez desde que haviam se encontrado.

— Fiquem atentos. Tem alguma coisa sobre esse Kaine que... não bate. É só isso que eu posso dizer.

Depois disso, ele se virou e saiu andando beco afora.

5

Michael ficou parado ao lado da caçamba de lixo até que o agente sumisse de seu campo de visão, após virar a esquina. *Que homenzinho mais estranho*, pensou, e por fim soltou a risadinha que vinha segurando, talvez mais por estresse do que por qualquer outro motivo. Não conseguia se lembrar da última vez que tinha dado uma risada sincera ou se divertido de verdade. Embora a noite se aproximasse, a luz do dia ainda brilhava.

Tomou o caminho de casa, mas, na metade do beco, uma dor terrível se instalou em sua cabeça, a ponto de fazê-lo agarrar o crânio entre as mãos e cair ajoelhado no chão, sem conseguir ouvir nem mesmo os próprios grunhidos reverberando em alto volume por entre as paredes do caminho estreito.

Era uma dor muito pior que aquela que o havia deixado de cama depois de ser atacado pelos SimKillers. As pontadas se repetiam a cada batida de seu coração. Fechou os olhos com força e foi rastejando às cegas pelo beco até a parede mais próxima, onde se apoiou após se sentar, esfregando as têmporas. Com cautela, tentou abrir os olhos, mas a claridade fez com que uma nova estocada de

dor se espalhasse pela cabeça. Percebeu também que havia algo errado com o ambiente ao redor e estreitou os olhos, tentando entender o que era.

A rua adiante oscilava como se houvesse se transformado em um rio de óleo cinzento. As caçambas a seu lado flutuavam no ar e giravam em círculos. Imagens de corpos sem vida apareciam e sumiam por toda a parte. Os prédios que ladeavam o beco se curvavam em ângulos impossíveis, contrariando as leis da física. O céu assumiu um tom purpúreo assustador, manchado com nuvens escarlates. Em pânico, Michael fechou os olhos com força e se encolheu em posição fetal, implorando para que aquilo chegasse ao fim.

Foi o que aconteceu alguns segundos depois. A dor de cabeça simplesmente sumiu, sem deixar nenhum vestígio, como se nunca houvesse começado.

Aliviado, mas também assustado, ele abriu os olhos e viu que tudo já havia voltado ao normal. Ainda abalado, levantou-se e olhou para o final do beco. Não havia nada fora do normal.

Para Michael, só restava retomar o que pretendia fazer antes de tudo aquilo. Mais uma vez, pegou o caminho de casa, agora com um único e apavorante pensamento na cabeça: aquele SimKiller havia feito alguma coisa com ele. Alguma coisa terrível.

6

Quando chegou em casa, Michael foi direto para o quarto e abriu a NetScreen. No caminho de volta, havia tomado uma decisão: antes mesmo de conversar com seus amigos sobre o acontecido, precisava

descobrir o destino de Ronika na vida real, depois de ser atacada pelo SimKiller.

Michael demorou quase duas horas para juntar de modo coerente as informações que colheu. E as notícias não eram nada boas.

Ronika obviamente não era seu nome verdadeiro. E uma pessoa em sua posição, proprietária de um clube como o Black and Blue dentro da VirtNet, devia fazer de tudo para evitar que descobrissem sua identidade na Vigília. Depois de vasculhar o NewsBops, porém, e de confrontar as informações com o que descobriram no clube, Michael conseguiu montar as peças do quebra-cabeça.

Havia uma mulher em Connecticut chamada Wilhelma Harris, cujo trabalho era supervisionar o firewall de uma empresa de software de jogos de que Michael nunca ouvira falar em Nova York. A descrição da função e seu estilo de vida indicavam que ela passava praticamente o tempo todo no Sono, tendo poucos amigos e familiares no mundo real. Logo depois de Michael ver Ronika ser destruída por um SimKiller em seu clube, essa mulher fora encontrada pela polícia, vagando pelas ruas do centro de sua cidade com o que descreveram como um “olhar perdido”, e reagira de forma agressiva ao ser abordada. Em seguida havia entrado em coma e não acordara mais.

A polícia interrogava amigos e familiares, pois o Caixão dela tinha entrado em curto-circuito e não havia nenhum vestígio de sua existência na VirtNet — era como se ela nunca houvesse feito a Submersão no Sono. Leu também que seus sinais vitais não estavam muito animadores, e que não viveria por muito tempo.

Por fim, a confirmação: ela tinha uma cachorra, e na coleira se lia o nome RONIKA.

Só podia ser ela.

Michael desligou tudo e foi se deitar na cama. Olhando para o teto, pensou no que havia testemunhado – a pele e os cabelos dela se transformando em cinzas digitais, que depois se desfizeram e deixaram de existir. Ela havia sido deletada por um SimKiller. Em seguida, Michael refletiu sobre o que tinha acontecido com o corpo físico dela.

Está em coma. Com sinais vitais nada animadores. Não vai viver por muito tempo.

E esse mesmo processo havia sido iniciado dentro de Michael. Ele poderia ter sido parcialmente afetado.

Quando se lembrou da dor de cabeça que o havia acometido no beco e das visões absurdas que o tinham aterrorizado naquele breve instante, decidiu que era melhor não contar nada aos amigos. O dia seguinte seria de vital importância, e eles tinham grandes planos. Talvez essa conversa pudesse ficar para um momento mais oportuno.

Demorou um bocado para Michael conseguir reordenar os pensamentos. Pouco antes de dormir, ele se deu conta de que Helga devia ter decidido dormir na casa da irmã. Ela não tinha voltado.

IX. ENTRADA PROIBIDA

1

Michael acordou dez minutos antes de o despertador tocar. Apesar do medo sempre à espreita no fundo de sua consciência — a ansiedade a respeito do que o aguardava no Sono —, a empolgação também se fazia presente. Jogos eletrônicos sempre haviam sido a paixão de sua vida, e estava prestes a embarcar em uma missão importantíssima. Aquele seria o jogo dos jogos — algo do qual até o grande Gunner Skale sentiria inveja. Uma parte dele ainda questionava se não seria ingenuidade estar assim tão entusiasmado, mas era uma parte pequena e fácil de calar.

O apartamento parecia vazio e desolador sem Helga nem seus pais por perto, e ele queria sair logo de lá. Depois de um banho e duas tigelas de cereal, voltou para o quarto a fim de entrar no Caixão. A luz da manhã entrou pela janela e, em um momento de tributo quase sombrio, Michael olhou o enorme anúncio do Lifeblood Deep. Ainda precisava se preparar melhor para encarar aquela coisa. Mas deixou bem claro para si que não havia desistido. O nível Deep ainda era seu objetivo de vida.

E encontrar Kaine e a Doutrina da Morte certamente carimbaria seu passaporte para lá.

2

Michael fez a Submersão no Sono e se encontrou com Bryson e Sarah no Gaming Depot, um ponto de encontro bastante conhecido entre os jogadores onde havia lugares para conversar, comer e gastar créditos em qualquer tipo de mercadoria, desde armas até espaçonaves. Sobretudo, era um local onde as pessoas trocavam informações e segredos, além de firmar alianças.

Os três conheciam um monte de gente ali, por isso combinaram o encontro em um Portal um tanto escondido, que ficava atrás de algumas árvores e fontes. Sarah criou um programa de disfarce para sua incursão no Devils of Destruction. Não podiam permitir que ninguém desconfiasse de suas atividades; seria muito estranho caso fossem vistos entrando em um jogo pelo qual ninguém da idade deles tinha interesse. Aquilo era coisa para vovôs.

Enquanto caminhavam por lá, Michael enfim tomou coragem e falou sobre seu encontro com o anão de terno e a dor de cabeça que havia sentido logo em seguida. Ao narrar sua história, sentiu-se aliviado, pois quase decidira guardar tudo para si mesmo — ou pelo menos a parte das visões bizarras. No entanto, aqueles dois eram seus melhores amigos e, considerando o que vinham fazendo por ele, não parecia certo ficar ocultando as coisas.

Terminou o relato garantindo que estava tudo bem e que achava que o pior já tinha passado.

— Seu mentiroso — falou Bryson. — Dizer que acredita nisso é o mesmo que dizer que acredita que eu e Sarah somos casados na Vigília.

— O que não somos, aliás — reforçou Sarah. — É sempre bom dizer.

Michael deu de ombros enquanto passavam por um grupo de homens vestidos com armaduras.

— Só estou tentando ser otimista.

— Bom — falou Sarah —, se acontecer de novo, é melhor não esperar até o *dia seguinte* para contar, caso contrário vai apanhar tanto de mim, que vai até esquecer da dor de cabeça. — Ela sorriu e tocou de leve no braço dele. — Você precisa confiar na gente, Michael.

Ele concordou em silêncio.

Bryson sacudiu a cabeça em uma negativa.

— Não acredito nessa história da Ronika. Sério mesmo. Tem certeza de que era ela?

— Absoluta — garantiu Michael. — Aquele SimKiller não fez quase nada comigo, e olha só como fiquei. Pelo que Ronika falou, essas criaturas foram criadas para apagar a mente das pessoas, lembram? E não só na Aura, mas na vida real também.

Bryson deteve o passo e olhou para os outros dois.

— E nós estamos entrando nessa fogueira outra vez. O que são esses SimKillers, pra começo de conversa?

Sarah e Michael encolheram os ombros simultaneamente. Bryson fez o mesmo, mas continuou balançando a cabeça, como quem dissesse que cometiam um grande erro, embora fosse acatar a decisão dos outros dois.

— Quer desistir? — perguntou Michael, tentando em seguida amenizar a tensão com uma brincadeira: — Se quiser é só dizer, irmãozinho. Eu compro uma chupeta para você no caminho de casa.

— Não precisa, eu pego emprestada uma das suas — Bryson respondeu sem titubear.

Nesse momento, viram o letreiro da entrada de Devils of Destruction.

3

Michael sempre gostou do fato de a VirtNet ser uma espécie de mistura visual de imagens arcaicas com os dispositivos tecnológicos mais avançados já criados pela raça humana. Aquela parte do Gaming Depot parecia um velho calçadão à beira-mar onde fliperamas, restaurantes e clubes de lazer se alinhavam um após o outro. No entanto, a maioria dos estabelecimentos comerciais ali era um jogo — portas de entrada para mundos totalmente diferentes.

O letreiro do Devils of Destruction era gigantesco, com lâmpadas piscantes zunindo em todo o seu contorno. As letras eram escritas em um tom de verde-escuro, com um fundo vermelho atrás da palavra "Devils". No lado esquerdo, havia uma foto de um soldado usando roupas pesadas e um capacete, com uma metralhadora apontada para o alto em uma das mãos e uma cabeça decepada pingando sangue na outra — uma coisa meio apelativa demais.

Pararam sob a marquise, erguendo a cabeça para observar melhor.

— Groenlândia — comentou Bryson. — Tenho quase dezessete anos e nunca entrei em um jogo ambientado por lá. Deve ser um lugar bem agitado.

Sarah olhou para os dois amigos.

— A maior parte do território é coberta de neve, e tem um monte de geleiras por lá. Deve fazer um frio de congelar o nariz.

— Ou coisa pior — murmurou Bryson, abrindo um sorrisinho malicioso, como se tivesse feito a piada mais engraçada de sua vida.

— Então trata de se proteger — respondeu Sarah, revirando os olhos.

Ele apontou para a porta de madeira, que parecia ter recebido uma pintura pela última vez há décadas. Em termos mais específicos, era uma porta *programada* para parecer velha e abandonada, tudo parte da ambientação.

— Bom, já examinamos os mapas e traçamos nosso plano. Agora é só pôr em prática.

— Se a pessoa morre, precisa voltar para o começo — disse Sarah.
— Se isso acontecer com um de nós, os outros dois vão precisar morrer de propósito. A gente não pode se separar.

Michael não concordava muito com essa ideia.

— Não sei, não. O que interessa mesmo é encontrar onde fica o Portal para o Caminho... Não dá para ficar desperdiçando chances. O que a gente precisa fazer é *atravessar* o Portal juntos. Se alguém morrer, os outros dois podem ficar esperando.

— É isso aí — Bryson falou com uma expressão de arrogância. — Não me incomodo de esperar vocês. Agora vamos lá.

Sem aguardar uma resposta, foi até a porta, abriu-a e entrou.

4

Era um saguão em estilo antiquado, com tapete vermelho e pôsteres anunciando outros jogos em displays luminosos, cujas luzes piscavam em sentido horário. Havia um balcão de comidas e bebidas logo à frente, e o cheiro de pipoca pairava no ar. Michael olhou para

a atendente, uma menina com cabelos pretos e delineador vermelho que mascava seu chiclete como se quisesse destruí-lo.

À direita ficava a bilheteria, onde havia uma mulher de braços cruzados sobre o peito largo, olhando feio para os recém-chegados. Tudo nela era largo, na verdade. Os ombros, o pescoço, a cabeça. Não usava maquiagem, e os cabelos grisalhos estavam todos desfiados e despenteados. *Que beleza*, pensou Michael.

— Hã, estou com medo — murmurou Bryson. — Algum de vocês dois pode ir comprar o ingresso? Acho que foi essa mulher que atacou meu vilarejo quando eu era bebê.

Sarah soltou uma risada, talvez mais alto do que gostaria.

— Pode deixar que eu compro, seu criação.

— Eu vou com você — sussurrou Michael. — Acho que encontrei o amor da minha vida.

— O que vocês querem? — grunhiu a mulher quando eles se aproximaram do balcão. — As pipocas ficam ali do lado — completou, apontando com a cabeça para o balcão próximo, mas sem mover nem um músculo do restante do corpo.

— A gente não quer pipoca — respondeu Sarah, irritada.

— Então o que você quer, espertinha?

A mulher tinha um jeito desagradável de falar, entortando um dos cantos da boca.

Sarah olhou para Michael com um misto de divertimento e perplexidade estampado no rosto.

— Ei! — rosnou a mulher. — Perguntei para você, não pro seu namorado.

Sarah se virou imediatamente para a mulher.

— Viemos aqui para jogar, ora. Aquele jogo do letreiro, Devils of Destruction. Já ouviu falar?

Michael fez uma careta. Sarah estava exagerando na dose.

A bilheteira deu uma gargalhada em um tom grave, como a de um homem.

— Parem com isso. Não estou pra brincadeira.

Michael tentou mudar o rumo da conversa sendo mais simpático.

— Queremos jogar mesmo, moça. É um trabalho de escola. Estamos estudando a Groenlândia.

A mulher descruzou os braços, pôs a mão no balcão e se inclinou para a frente. Michael sentiu um fedor parecido com xixi de gato.

— Estão falando sério?

Ele sabia que sua expressão devia ser de pura perplexidade.

— Hã... claro. Por que essa conversa toda, afinal? A gente só veio comprar três ingressos para o jogo.

As feições dela se atenuaram um pouco.

— Não entendeu ainda? Ou está querendo dar uma de engraçadinho?

Michael negou com um gesto de cabeça.

— Garoto, menores de 25 anos não podem jogar aqui. Agora, sumam da minha frente.

5

Os três estavam parados à porta do estabelecimento, um tanto chocados e bastante confusos.

— Como assim? — perguntou Bryson, olhando para a porta descascada. — Todo mundo fala que esse jogo é uma porcaria. Por

que seria considerado C.A.?

C.A. significava *conteúdo adulto*, e Michael estava tão perplexo quanto o amigo.

— Vai ver que, quando dizem que esse jogo é coisa de vovôs, querem dizer isso mesmo, literalmente.

— Sem chance — rebateu Sarah. — Se tivesse alguma coisa ali que fosse C.A., a gente ia saber, porque todo mundo da nossa idade ia querer entrar. Devem ter feito isso só para instigar a curiosidade das pessoas.

Mais uma vez, assim como havia acontecido com sua estranha crise de dor de cabeça no beco, Michael preferia não acreditar em coincidências.

— Ou então tem alguém querendo impedir o *nosso* acesso. Essa seria uma maneira bem fácil de fazer isso.

Sarah fez uma careta.

— Mas só atrasaria o nosso acesso em uma ou duas horas. A barreira da idade nunca foi problema pra gente.

— É mesmo — concordou Bryson, e soltou uma risadinha sinistra. — Ou vão me dizer que não se lembram das nossas aventuras no lado obscuro de Vegas?

— Ai, ai, ai — Sarah se limitou a dizer.

— Mãos à obra — falou Michael.

Dirigiram-se a um banco virado para o mar, fecharam os olhos para acessar o código e começaram a fazer o que precisavam.

6

Duas horas depois, ainda não tinham conseguido nada.

Tentaram de tudo, usando toda a experiência acumulada em jogos, programação, hackeamento e outras práticas ilícitas, mas nada funcionou. Os firewalls e demais mecanismos de defesa do Devils of Destruction não eram exatamente impenetráveis, mas pareciam impossíveis de localizar. E, se a pessoa não soubesse onde ficava a cerca, não tinha como pular. Depois de procurar e procurar sem sucesso, concordaram que era inútil continuar tentando. Michael nunca havia visto uma coisa como aquela na vida.

— Que estranho — ele comentou, olhando para o mar sem fim. O céu estava coberto de nuvens escuras. — Agora não sei nem mais se esse jogo existe de verdade. Sei lá... acho que, se a gente fosse adulto, a desculpa para não vender os ingressos ia ser outra. Quer dizer, faria sentido, não?

Sarah olhava para o chão, parecendo concentrada em alguma coisa.

— Ou esse jogo é mesmo incrível e superpopular entre o pessoal mais velho, que não quer a gente por perto. Vai ver eles usam uma tecnologia de segurança antiga que ninguém mais conhece. Seja como for, o que faremos? Acho que não vai dar para usar de novo o mesmo truque do Black and Blue.

— Se a gente fizer isso — disse Bryson —, aquela tia vai sentar em cima de nós até sermos obrigados a fazer a Emersão ou preferir morrer sufocados.

Michael se levantou, determinado como nunca. Entraria naquele jogo a qualquer custo.

— Venham comigo — chamou. — Vamos fazer uma entrada à moda antiga.

— Ah, é? — perguntou Bryson, surpreso.

— É isso aí. Vou voltar lá.

Michael saiu pisando duro, sem saber de onde havia tirado tanta valentia, mas também sem se importar com isso. Os amigos vieram logo atrás.

7

Michael não tinha nenhum plano, e sabia que haveria mais a enfrentar além de uma garota mascando um chiclete e uma mulher que parecia uma jamanta. Aquele jogo devia usar outras artimanhas para manter as pessoas à distância, mas Michael tinha certeza de que conseguiria entrar. Estava decidido e disposto a uma boa briga.

Bryson o segurou pelo ombro e o fez se virar antes de chegar à porta.

— Que foi? — perguntou Michael. — Se eu pensar demais, posso acabar desistindo.

— Sei que a minha sugestão pode parecer meio maluca, mas que tal conversarmos um pouco sobre isso? De repente até bolar um plano...

Michael não deveria agir de forma tão impulsiva, é verdade, mas estava decidido a seguir seus instintos.

— Pensem em todas as enrascadas em que vocês me meteram durante esses anos. Agora é a minha vez. Fiquem do meu lado. A coisa não deve ser tão complicada... eles devem achar que ninguém vai tentar entrar assim na maior cara de pau. Isso deixaria muitas provas, o suficiente para mandar qualquer um para a cadeia.

Sarah sorriu para ele, as sobrancelhas levemente arqueadas, como se estivesse surpresa.

— Eu gosto desse seu lado impulsivo.

— É, eu sei. Vamos lá.

Ele se virou e abriu a porta.

8

Assim que entraram, Michael notou que a grandalhona atrás do balcão já sabia que eles causariam problemas.

Ela apontou o dedo para eles e falou:

— Não, não, nada disso. Dá para ver na sua cara o que está querendo, menino. Eu já disse: vocês não vão entrar hoje. Podem dar meia-volta e sumir daqui.

Michael não diminuiu o passo nem por um instante. Continuou caminhando para o fundo da sala, com Bryson e Sarah em seu encalço. Quando chegou ao balcão de comidas e bebidas, percebeu que a moreninha tinha parado de mascar o chiclete. Ela ficou olhando para eles, sem reação, enquanto passavam.

— Por que você trabalha em um lugar como este, aliás? — ele perguntou, mas ela não respondeu.

A Jamanta saiu de trás do balcão, as pelancas balançando sob os braços enquanto acenava para que parassem.

— Pode parar aí, mocinho. Agora mesmo.

Ela tentou obstruir o caminho, mas eles foram mais rápidos.

Michael não conhecia a arquitetura do local, porém, pelo que pôde observar, a não ser a porta por onde haviam entrado, só havia uma saída naquele saguão, que devia ser o acesso para o Devils of

Destruction. Era um corredor escuro no qual se entrava pelo canto direito do recinto. Foi para lá que ele se dirigiu.

De repente, uma voz trovejante reverberou no ar — uma voz profunda, com um carregado sotaque indefinível:

— Vão querer mesmo ficar com essas carinhas bonitas cheias de buracos?

Michael deteve o passo, virando-se ao ouvir o som de dois cliques metálicos bem nítidos: o som de uma espingarda sendo engatilhada. Quando viu o dono daquela voz, prendeu a respiração, como se o ar ao redor tivesse se materializado em bolas de algodão. A menina que mascava chiclete, como se não estivesse nem aí para o mundo, encontrava-se de pé sobre o balcão, apontando duas escopetas de cano serrado para Michael e seus amigos.

— Meu nome é Ryker — disse ela. — E não vou deixar engraçadinho nenhum entrar aqui sem pagar. Não, não, sem chance. Agora tratem de dar meia-volta se não quiserem levar chumbo.

Michael ficou paralisado, sem conseguir tirar os olhos daquela estranha figura chamada Ryker.

— Estão pensando que sou alguma palhaça de rodeio? — perguntou Ryker, erguendo um pouco mais as armas. — Vai causar uma tremenda imundície, mas podem acreditar que eu atiro mesmo. Se entrarem aí, perco todo o meu pagamento do mês. Agora, caiam fora!

Em algum momento durante o discurso de intimidação dela, Michael decidiu que não iria embora. Mesmo que significasse sofrer o trauma de levar um tiro. Ele acordaria em seu Caixão e voltaria

logo em seguida. Aquela garota não conseguiria se livrar dele tão facilmente.

— Tudo bem — ele gritou. — Já estamos saindo.

Levantou as mãos e começou a caminhar lentamente na direção dela. Michael sabia que só teria uma chance, e não queria que os amigos acabassem baleados em seu lugar.

— Devagar aí — disse Ryker. — Se não tomar cuidado, vai fazer a Emersão para a Vigília todo detonado. Quero só ver.

Michael deu mais um passo na direção da garota. Estavam a poucos metros de distância um do outro.

— Escuta só, juro que não estamos atrás de encrenca. Só precisamos fazer umas perguntinhas.

— Eu disse *devagar aí!*

Ela apontou as duas armas para o rosto dele. Michael deveria se sentir aliviado por Bryson e Sarah não estarem na zona de tiro, mas só o que experimentava naquele momento era um desejo desesperado para que ela apontasse aquelas coisas para o outro lado.

Mais um passo. E mais outro. Mãos para cima, olhar determinado e sereno, passadas firmes, sem movimentos bruscos. A distância naquele momento era mínima.

— Parado aí! — gritou Ryker.

Michael ficou paralisado.

— Tudo bem. Tudo bem. — Ele baixou as mãos e fingiu tomar o caminho da porta de novo. — Desculpa pelo incô...

Ele se virou e deu um salto, projetando os braços para a frente e atingindo o cano das armas, fazendo-as mirar o teto bem no

momento em que a garota puxou o gatilho. As balas acertaram o teto e as paredes, quebrando vidros e estilhaçando superfícies de madeira. Michael saltou sobre Ryker, e ambos caíram do balcão e se espatifaram no chão. Ela se debateu, tentando se desvencilhar, mas ele estava por cima e tinha a vantagem de ser maior e mais forte. Arrancou as armas das mãos dela e apontou uma para seu rosto.

— O jogo... virou — ele disse, ofegante. — E é melhor você não pagar pra ver.

Ryker se debatia sob ele, mas sem a mesma força de antes.

— Que grosseria apontar essa coisa para a cara de uma menina. O seu pai também bate na sua mãe?

— Ah, cala a boca. Era você que estava ameaçando matar a gente.

Ele bateu de leve com o cano da arma no nariz dela antes de se levantar.

— Ai! — ela gritou. Michael nunca tinha visto uma expressão tão furiosa no rosto de uma garota antes.

— Aquilo foi meio arriscado — comentou Sarah, irônica.

Ele olhou para trás e viu que Bryson e Sarah não tinham se movido de onde estavam.

— Mas funcionou, não foi? — Michael se deu conta de uma coisa naquele momento. — Ei, onde está a mulher dos ingressos?

Bryson apontou para a bilheteria.

— Ela entrou lá e sumiu atrás do balcão.

Michael percebeu imediatamente que algo estava errado. Saltou por sobre o balcão e se juntou aos amigos, entregando uma das escopetas para Bryson.

— Vamos dar o fora daqui.

Foi quando a Jamanta saiu de dentro da bilheteria com os braços cruzados, tal como da primeira vez.

— Escolheram o dia errado para me irritar. Estão pensando que podem fazer o que quiser por aqui, entrar em qualquer jogo que estiver acima do limite de idade de vocês? Hein? Acham mesmo que vou permitir?

Um som sibilante se fez ouvir de todas as direções ao mesmo tempo. Michael se virou para tentar encontrar a fonte do ruído, e demorou certo tempo para notar que alguns buracos haviam aparecido nas paredes e no teto. Antes que pudesse avisar Bryson e Sarah, cabos grossos e escuros começaram a cruzar o recinto como cobras voadoras.

Ele se virou para fugir, mas os cabos estavam por toda parte. Um deles se enroscou em seu tornozelo, apertando-o com força, como se fosse uma criatura viva.

Quando se agachou para arrancá-lo, o cabo puxou seu pé e o suspendeu no ar.

9

Michael sentiu o estômago revirar e seu corpo inteiro se retorcer enquanto o cabo o arremessava de um lado para o outro como um cão que tenta abater sua presa. De algum modo, porém, conseguiu manter a arma com ele. Enquanto voava pelo saguão, concentrou toda a energia na tarefa de engatilhar a escopeta, embora as luzes e as cores do ambiente parecessem se fundir em um único borrão. Sua cabeça começou a doer, como se uma nova crise de enxaqueca se aproximasse.

Michael segurou a arma com as duas mãos, enrijeceu os músculos para conseguir dobrar o tronco e fez mira, tentando não acertar o próprio pé.

Com o disparo, a arma deu um coice que o jogou para trás. O chão foi ficando cada vez mais próximo, e ele aterrissou de cara. Apesar da dor, dava para sentir que a perna estava livre do cabo. Havia acertado o alvo.

Outros cabos o atacaram, curvando-se e se contorcendo no ar. Havia dezenas deles, e Michael esquadrinhou o recinto à procura dos amigos. Bryson estava preso junto a uma das paredes, um cabo preto em torno da coxa e outro imobilizando o braço com o qual tentava se desvencilhar. Sarah ainda não fora capturada, mas lutava contra um dos cabos, segurando-o nas mãos para impedir que avançasse sobre seu rosto como uma cobra dando o bote.

Mais um cabo se aproximou de Michael, agarrou sua perna e começou a se enrolar no joelho. Ele o afastou do corpo e se livrou dele com um salto. Em seguida, foi obrigado a se desviar de mais um, que vinha em direção à sua cabeça. Nesse meio-tempo, Sarah perdeu a batalha — o cabo envolveu seu pescoço e a arrastava para a parede onde estava Bryson, de olhos fechados e sem esboçar nenhuma resistência. Com medo de que Bryson estivesse ferido, Michael se virou para ele, e nesse momento os cabos o atacaram por ambos os lados. Ele se atirou no chão e rolou, conseguindo escapar ao espernear e agitar os braços.

Uma terrível sensação de desespero se abateu sobre Michael. Como conseguiriam sair dessa? Só havia mais uma bala na escopeta. A arma que estava com Bryson tinha sido arrastada pelo chão, para

perto do balcão da bilheteria, atrás do qual estava a Jamanta, que permanecia parada como uma estátua, observando tudo em silêncio. Alguma coisa em sua atitude chamou a atenção de Michael — ela parecia ser feita de pedra; encontrava-se estranhamente imóvel. Os olhos estavam vidrados, focados em algum ponto à distância. Nunca tinha visto nada do tipo.

Um cabo apertou Michael pela cintura, obrigando-o a voltar para a luta. Era tarde demais para tentar arrancá-lo do corpo. Foi arremessado ao chão, lutando para se libertar enquanto era arrastado até onde estavam os amigos, ambos imobilizados contra a parede pelos outros cabos. A arma começou a escapar da mão de Michael, mas ele fez de tudo para mantê-la consigo, ciente de que aquele tiro era sua única chance de escapar.

Outro cabo ameaçou se enrolar em seu tornozelo direito, mas ele se livrou dele com um chute. Em seguida, apareceu um pela direita, na direção da arma, mas ele o afastou golpeando-o com o cano, e no susto quase puxou o gatilho. Com as duas mãos momentaneamente livres, segurou a escopeta com força e mirou no cabo que o prendia pela cintura. A força do disparo o mandou para o chão outra vez, atordoado por um instante, mas pelo menos o livrou da pressão do cabo. Ele rolou no chão, desfazendo-se da arma sem munição, e se pôs de pé, afastando os demais cabos com golpes de mão. Foi quando se deu conta do que acontecia. Por isso a bilheteira parecia tão concentrada.

Era ela quem controlava os cabos.

Michael sabia que só teria uma chance.

A Jamanta estava a uns dez metros de distância, atrás do balcão da bilheteria. Logo adiante estava a escopeta que havia entregado a Bryson, livre para quem quisesse pegá-la. Entre a arma e Michael, dezenas de cabos pretos flutuavam no ar como cipós vivos, formando uma teia de armadilhas. Ele saiu correndo.

Todos os cabos o atacaram de uma só vez, vindo de todas as direções. Ele agitou os braços de maneira frenética, saltou e se contorceu, exalando adrenalina até pelas orelhas. Um dos cabos o derrubou, mandando-o de barriga para o chão. Outros dois imediatamente se enrolaram em seu tronco, mas ele se desvencilhou a tempo, afastando-os com as mãos. Esperneou e se debateu, chutando e socando. De alguma maneira, conseguiu se pôr de pé de novo, já bem mais perto de seu alvo. Os cabos atacaram outra vez.

Ele se lançou para a frente, agindo por puro instinto. Sua figura devia parecer patética, como a de um dançarino sem controle dos próprios membros. Um dos cabos alcançou seu braço e o segurou com força, erguendo-o no ar, mas Michael conseguiu se livrar dele com a outra mão. Por sorte, o cabo o puxou na direção certa e, ao cair no chão, ele se viu bem diante da bilheteria. A arma estava facilmente ao seu alcance.

Pegou-a e a segurou firmemente com as duas mãos. Antes que pudesse se levantar, porém, os cabos o atacaram, enrolando-se em suas pernas, na cintura e no peito. Enquanto tentava impedir que seus braços também fossem imobilizados, acabou se vendo suspenso no ar.

Quando olhou para a frente, a Jamanta surgiu em seu campo de visão, ainda com sua expressão impassível. Michael só tinha uma fração de segundo — os cabos já começavam a subir por seus braços, tentando alcançar a arma. Ele mirou no peito dela, mas, quando foi puxar o gatilho, algo aconteceu.

Os cabos o largaram. Michael se espatifou no chão, e o ruído metálico dos cabos se retraindo para os buracos preencheu o ar. Ainda sem fôlego por causa da queda, Michael se virou para Bryson e Sarah. Eles também estavam livres. Olhou para a Jamanta, caída sobre o balcão.

— Mas o que... — Michael começou a dizer, sem conseguir concluir a pergunta.

— Eu hackeei o código dela — disse Bryson atrás dele, a voz trêmula de exaustão. — Ela é uma Tangente... e agora está desligada. Nunca tinha conseguido fazer isso antes. Dei sorte; encontrei um ponto fraco. Mas foi por pouco.

Então era por isso que ela estava com os olhos fechados, pensou Michael, tão aliviado que sentiu vontade de dar uma gargalhada.

— Precisamos ir — disse Sarah.

E Michael sabia exatamente para onde. Iriam entrar no jogo.

X. TRÊS DEMÔNIOS

1

Demorou alguns minutos, mas enfim a respiração de Michael voltou ao ritmo normal. Inspirando e expirando com a maior tranquilidade possível, ele foi caminhando até Bryson e Sarah. Não era preciso dizer nada, eles sabiam o que fazer. O trio se virou e se dirigiu ao corredor no fundo do saguão.

Uma voz conhecida se fez ouvir logo atrás, e Michael se virou para ver Ryker outra vez atrás do balcão de comidas e bebidas.

— Não sabem o que estão fazendo. Pensam que estão na pista certa, mas não fazem nem ideia.

Aquelas palavras soaram bastante ameaçadoras para Michael. Ele sabia como as coisas funcionavam no Sono, e temeu que houvesse alguma coisa por trás daquela advertência. Estaria falando do Portal para o Caminho ou de algo maior, como o próprio Kaine?

— Ah, vai cuidar da sua mãe e não me enche o saco — respondeu Bryson.

Antes que Ryker pudesse responder, os três saíram correndo. Michael desejou nunca mais precisar cruzar o caminho daquela garota de novo.

2

O corredor foi ficando mais escuro, e depois mais gelado. Michael começou a tremer. Não havia nenhuma fonte de luz, e só conseguiam ver o suficiente para dar o passo seguinte — o corredor parecia não ter fim. Quando perceberam que não estavam sendo seguidos, diminuíram o passo e, à medida que avançavam, a temperatura só caía. Pouco depois, Michael percebeu que já soltava vapor condensado pela boca.

Calculou que pelo menos um quilômetro havia sido percorrido sem que ninguém dissesse uma palavra.

— Essa é a entrada de jogo mais estranha que eu já vi — comentou Bryson, quebrando o silêncio.

— Não está achando que é uma armadilha, né? — perguntou Michael. — Eles podem ter desviado a gente pra outro jogo, já que o nosso acesso foi negado.

— Isso é ilegal — respondeu Bryson.

— Invadir o jogo também é — argumentou Michael.

Bryson deu de ombros.

— É, pois é.

— Deem uma olhada ali na frente — falou Sarah, apontando para um local mais adiante. — A parede fica diferente, e por lá tem mais luz.

Começaram a correr outra vez, e em pouco tempo chegaram a um lugar onde as paredes eram revestidas de gelo e pareciam ter luz própria. O ambiente ao redor ficou mais nítido, e tudo parecia *diferente*.

— Minha nossa — disse Bryson, olhando para o próprio corpo.

Suas roupas tinham sido trocadas para trajes brancos de neve equipados com diversos bolsos e vários tipos de dispositivos presos ao cinto. Michael notou as alças sobre os ombros e viu que os amigos também carregavam mochilas nas costas. Só se deu conta do peso quando começou a examinar a nova farda.

Ele ajustou as alças da mochila e se pôs a investigar o que havia no cinto: cinco granadas, um cantil, uma faca e um pedaço de corda.

— Bom, isso responde à nossa pergunta — ele anunciou. — Estamos dentro.

— E parece que estamos no *front* da geleira — completou Sarah.

O veio de ouro — o motivo pelo qual a guerra tinha sido declarada — ficava sob a Geleira Jakobshavn, uma das maiores da Groenlândia. As frentes de batalha, porém, se estendiam também às regiões de tundra com seus pântanos lamacentos.

— Tomara que lá eles tenham armas para a gente — comentou Bryson, apontando com o queixo para o fim do túnel. — Não sei se tenho estômago para encarar uma briga de faca hoje, seja no jogo ou na vida real.

Michael sacou sua lâmina prateada e afiada.

— Pois é, acho que também não.

— Então somos três — Sarah anunciou quando pararam de correr e recomeçaram a andar. — De repente dá para codificar alguma coisa de outro jogo. Só espero que a gente não acabe sendo preso por causa disso.

Michael descartou a ideia com um gesto de mão.

— Só estamos fazendo isso *por causa* do SSV. Não podemos ser presos por cumprir ordens deles.

Apesar de ter dito isso, ele próprio não estava muito convencido.

— Ah, é? — rebateu ela. — Tem certeza? E essa história toda de que a missão é ultrassecreta? Eles podem muito bem fingir que não sabem de nada quando a gente pedir ajuda.

Michael sabia que os amigos viam agora a tensão estampada em seu rosto.

— Mais uma razão para a gente encontrar logo esse Kaine.

Ficaram em silêncio e apertaram o passo, correndo pelo túnel comprido e gelado. O equipamento era pesado e estava deixando Michael mais lento. Para completar, a superfície do túnel ficava cada vez mais íngreme, dificultando ainda mais o deslocamento do grupo.

— Onde termina essa porcaria? — perguntou Bryson.

Ninguém respondeu, já que nenhum deles sabia.

3

Enfim chegaram ao fim do túnel: uma porta fechada por uma barra de metal encaixada em dois enormes suportes de ferro. Havia vários bancos de madeira encostados nas paredes e um armário gigantesco repleto de armas e munições. Michael precisou parar um pouco e recuperar o fôlego.

— Acho que, quando a pessoa morre lá fora, volta pra cá — comentou Sarah.

— Provavelmente — respondeu Bryson, revirando o armário. — Mas já vou logo avisando: não estou nem um pouco disposto a morrer lá fora.

— Nem eu — anunciou Michael. — Vamos lá.

Ele e Sarah se aproximaram de Bryson, armando-se com uma metralhadora e vários pentes de munição. Michael carregou a sua e verificou o peso e a configuração da arma — ele já havia usado outras como aquela inúmeras vezes antes. Talvez não fosse preciso hackear nada de outros jogos no fim das contas.

— Só estou preocupada com o frio — disse Sarah. — Vai ver é por isso que esse jogo é C.A. A moçada sai por aí pensando que o mais importante é matar. A gente precisa parar de vez em quando e se aquecer, e tomar cuidado com a gangrena.

Bryson balançou a cabeça em discordância.

— Não é possível que seja por isso. Deve ter alguma coisa mais séria. Muito séria. Nenhum jogo é considerado C.A. à toa.

Michael concordava plenamente. Já tinha visto muitos jogos que não eram considerados C.A., e muitos deles proporcionavam experiências assustadoras.

— Pelo menos sabemos onde estamos pisando. Agora não tem outro jeito a não ser seguir em frente, encontrar o Portal para o Caminho.

— Preparem-se para congelar o nariz — Bryson falou, retirando a barra do suporte. Ele a jogou no chão, provocando um ruído alto e metálico, e a barra saiu rolando até o pé de Sarah.

— Você nasceu pra ser soldado — ela ironizou.

Bryson deu uma piscadinha para ela e abriu a porta maciça e pesada. Uma lufada de vento polar e uma nuvem de cristais de gelo afiados invadiram o túnel. Michael nunca tinha sentido tanto frio em toda a vida.

Bryson gritou alguma coisa incompreensível e em seguida entrou no mundo da Groenlândia. Michael e Sarah foram atrás.

4

O céu era de um azul radiante, e Michael reparou que na verdade não estava nevando — o gelo que pairava no ar era levantado do chão pelo vento implacável. Pelo menos não precisariam encarar uma nevasca naquele momento.

O vento castigava Michael impiedosamente. Era tão forte que suas roupas pareciam prestes a se rasgar. Quando saiu do túnel, desequilibrou-se e caiu na neve dura. Suas mãos — que ele usou para amenizar a queda — começaram a queimar, e depois ficaram dormentes. Não durariam dez minutos por ali sem luvas. Que detalhe mais idiota para se esquecer. E não havia nada parecido por perto, por isso Michael e os outros dois precisaram parar um pouco para manipular o código e criar gorros e luvas. Mais bem agasalhado, Michael se sentiu melhor, mas não muito. Achou que a programação ali era um pouquinho mais difícil de lidar que o normal — em especial por se tratar de uma coisa tão simples —, e se perguntou se os firewalls especiais de Kaine já não estariam começando a fazer efeito.

Michael ajeitou a mochila nos ombros e empunhou a arma para se defender. Ficava mais difícil acionar o gatilho com as luvas, mas não era impossível. Olhou ao redor e viu a superfície coberta de branco em todas as direções e sem ninguém por perto. À distância, porém, uma coluna de fumaça negra se erguia no ar.

Sarah chegou mais perto e teve que elevar a voz para ser ouvida.

— Faz sentido que a ação esteja acontecendo naquela direção — ela falou, apontando para a fumaça. — Os mapas diziam que a gente precisaria seguir para o norte a partir do ponto inicial. Com base na posição do sol...

— Isso mesmo! — Michael gritou em resposta. — Agora vamos andando.

Bryson ia alguns metros à frente, olhando para eles como se já soubesse o que fazer. Michael apontou para o local indicado por Sarah, e Bryson assentiu com um gesto de cabeça. Estavam a caminho do campo de batalha.

5

Michael chegou a imaginar que caminhar no meio daquele vento e daquela neve seria muito mais difícil que qualquer batalha que viessem a enfrentar. Cada passo era um esforço tremendo, andando contra o vento e com a bota afundando uns bons centímetros toda vez que seu pé tocava a superfície. Segurou a arma com força e foi em frente, ansioso para chegar logo e descobrir o que estava acontecendo nas frentes de batalha. *Cuidado com o que deseja*, pensou, um tanto melancólico.

Quando enfim chegaram ao alto de uma elevação, uma cena de terror se descortinou diante de seus olhos. Assim que avistaram o que havia pela frente, os três amigos se ajoelharam no chão. Michael usou a lente da mira da arma e se apoiou sobre os cotovelos para poder ver melhor.

Um vale imenso se espalhava por quilômetros em todas as direções, pontuado pelo que pareciam ser trincheiras aleatórias

escavadas no gelo. Uma trilha improvisada abria caminho em meio a elas. Todas as trincheiras pareciam estar demarcadas pelo mesmo material escuro, provavelmente para impedir a infiltração de umidade. Não conseguia enxergar direito o que havia dentro daquelas covas profundas, mas de tempos em tempos uma cabeça aparecia e um soldado se espichava para fora. Do outro lado do vale, no fim do longo corredor entre as trincheiras, barracas haviam sido montadas, mas era impossível determinar para que serviam.

No entanto, o que mais incomodava Michael era o sangue. Para todo lugar que se olhasse, a paisagem estava tingida de vermelho, concentrado principalmente às margens do caminho. Ali aconteciam inúmeras batalhas, geralmente brutais e corpo a corpo. Ele viu um homem esfaquear outro no peito e pular em cima dele para cravar a lâmina ainda mais fundo. A alguns metros dali, uma mulher se aproximou de um soldado por trás e cortou sua garganta. Havia outros grupos trocando socos e empurrões. Um verdadeiro show de horrores, que não acabava nunca.

Ninguém pareceu notar a presença dos recém-chegados no alto do morro.

Michael baixou a arma e olhou para Bryson à sua esquerda e para Sarah à direita.

— Que lugar é este? Não existem guerras assim há pelo menos cem anos. Parecem um bando de neandertais lutando pra ver quem vai ficar com a caverna. Sei que a pesquisa mostrou que a coisa foi caótica, mas isso é loucura.

— E o posicionamento das trincheiras não faz nenhum sentido — acrescentou Bryson. — Nem as fardas... Estou vendo pelo menos

quatro tipos diferentes, e tem gente atacando outros que estão vestidos da mesma maneira. E por que os acampamentos e as trincheiras ficariam no mesmo lugar?

Sarah se aproximou um pouco mais para poderem conversar mais de perto.

— Estou começando a entender por que esse jogo é considerado C.A. Acho que Devils of Destruction não tem muito a ver com a Guerra da Groenlândia, não. Talvez o cenário, e mais nada.

— Então o que é tudo isto aqui? — questionou Bryson. — E por que não recebemos uma missão quando começou o jogo? Poderia ser qualquer coisa. Será que as pessoas só vêm aqui para se destruir e depois voltam pra começar tudo de novo?

— Talvez seja isso mesmo — respondeu Michael. E imaginou algo a respeito das barracas também. — De repente elas ganham recompensas por fazer isso. Coisas que criaturas inocentes como nós não devem fazer nem ver. — Ele abriu um sorriso. — Ao vencedor os despojos... Meu pai sempre dizia isso.

— “Devils of Destruction”, demônios da destruição... — disse Bryson, distraído. — É isso mesmo que eles parecem.

6

Com as armas em riste, começaram a descer rumo ao caos instalado mais abaixo. O sangue vermelho sobre a neve branca só tornava a cena ainda mais horripilante para Michael. Os sons da batalha eram carregados pelo vento, tão terríveis quanto a visão que proporcionavam. Grunhidos, gritos e rosnados furiosos. Por alguma razão, no entanto, Michael não ouviu nenhum tiro ser disparado.

— Esperem aí — ele falou quando um pensamento terrível passou por sua cabeça. — Essas coisas por acaso funcionam?

Apontando o cano para o alto, ele apertou o gatilho de sua metralhadora e ouviu um clique, e mais nada. Irritadíssimo, atirou a arma no chão.

Bryson experimentou a sua e soltou uma risadinha ao constatar que não funcionava.

— Só pode ser brincadeira! Isso aqui é pura barbárie disfarçada de jogo. Por que esse pessoal não volta pra Idade Média?

— Será que preciso perder meu tempo apertando o gatilho? — perguntou Sarah. Quando fez isso, obviamente nada aconteceu. Ela lançou a arma por cima do ombro e continuou caminhando na direção da batalha. — Vamos ter um belo trabalho de programação pela frente.

7

Michael não ousou admitir na frente dos amigos, mas estava morrendo de medo. Os Caixões custavam uma fortuna, e com eles a VirtNet ficava absurdamente realista — o que era ótimo para desfrutar os prazeres da vida, mas não tão divertido na hora de ser esfaqueado, espancado ou estrangulado. Michael já tinha feito muita coisa no Sono, mas o que viria pela frente parecia ser a pior de todas. Caminhava para a brutalidade pura e simples, e tentar adicionar habilidades ou armas manipulando o código não parecia uma ideia muito promissora depois da dificuldade que haviam encontrado para programar os gorros e as luvas.

Conflitos isolados se espalhavam por todo o perímetro do vale, mas a maior parte da batalha parecia estar concentrada ali no meio, entre as trincheiras. O barulho só aumentava à medida que desciam o morro, e era tão brutal que Michael sentiu vontade de dar meia-volta e sair correndo. Por algum motivo, ouvir as manifestações sonoras da dor tornava a visão ainda pior. Gritos sufocados, berros enlouquecidos e risadas histéricas. As gargalhadas eram com certeza a pior parte.

E não demoraria muito para os soldados tomarem conhecimento da presença deles.

— É como se a gente não tivesse estratégia nenhuma — disse Sarah. — As descrições do jogo eram só conversa fiada. E agora, vamos nos separar ou ficar juntos?

Bryson tirou a faca do bolso e a segurou com força na mão enluvada. Michael imaginou que, sob o tecido, a pele do amigo devia estar descolorida nas juntas.

— É melhor ficar todo mundo junto — sugeriu Bryson. — Vai demorar um pouco mais pra encontrarmos o Portal do Caminho, mas acho que esses jogadores já estão nessa há um bom tempo. Vamos ter que trabalhar em grupo para sobreviver.

— Boa ideia — respondeu Michael, e o medo em sua voz era perfeitamente audível. Sacou sua faca e tentou lembrar se alguma vez já havia estado em um jogo que envolvesse uma batalha até a morte com apenas uma lâmina nas mãos. Geralmente, os jogadores podiam contar com armamentos mais modernos. — Acho que a gente deveria estar mais bem equipado.

— Isso só ia servir para chamar mais atenção — rebateu Sarah. — Eles podem querer se juntar contra a gente. — Ela apontou para a esquerda, em direção à trincheira mais próxima. — Vamos circular entre as trincheiras; precisamos passar por todas elas.

Michael e Bryson concordaram e se dirigiram à primeira trincheira.

— Ai, droga — comentou Bryson, olhando para a direita.

Michael seguiu seu olhar e viu três soldados correndo a toda velocidade na direção deles. Eram dois homens e uma mulher. Assim que os viram, começaram a gritar e gesticular com suas lâminas sujas de sangue. A mulher também segurava nas mãos um bastão comprido de metal. O estômago de Michael revirou ao ver o que parecia ser um pedaço de carne preso na ponta.

Bryson tinha razão. Eram um bando de animais.

8

— Lutem pra valer — Sarah disse sem se alterar. — E não esqueçam: se morrerem, podem voltar.

Dessa parte é melhor nem lembrar, pensou Michael.

Ele e os amigos largaram as mochilas e se colocaram em posição de batalha, as facas prontas para entrar em ação. Quando os soldados estavam a pouco mais de cinco metros de distância, Michael se lembrou das granadas no cinto. Achava que não iriam funcionar, mas era tarde demais para testá-las, de qualquer forma. Os agressores estavam perto o suficiente para revelar toda a raiva estampada em seu rosto, e os três gritavam o que Michael imaginou ser obscenidades em língua estrangeira em meio a descargas sucessivas de saliva.

Quando chegaram a poucos metros de distância, os três se separaram, como se soubessem de antemão quem atacaria quem. A mulher foi para cima de Michael, o que não era uma boa notícia. Ela parecia mais perigosa que os outros dois juntos, com os cabelos pretos desalinhados e empapados de suor, manchas de sangue no rosto e vários dentes faltando. Isso sem contar o bastão. Aquele terrível objeto com seu troféu grudado na ponta. Michael sentiu um frio na barriga.

Com um grito agudo e penetrante que lembrava o dos SimKillers, ela ergueu o bastão e desferiu um golpe na direção dele. Michael se agachou, sem tirar os olhos da lâmina na outra mão da agressora, com a qual ela investiu contra seu rosto depois que o porrete passou por cima de seu ombro. Desviando-a com o antebraço, ele caiu de costas e rolou, tentando escapar do ataque. Com o canto do olho, viu que ela dera um salto mortal, aterrissando com perfeição, como uma acrobata. Aquela seria a briga mais árdua que já havia enfrentado.

A mulher tinha um sorriso no rosto, parecendo se divertir com o medo que devia ser visível nas feições de Michael. Sua experiência, no entanto, dizia que a luta não seria tão fácil assim para ela. Se quisesse dar uma surra nele, aquela mulher teria que se preparar para levar umas boas pancadas também.

Ele ergueu a faca.

— Não precisamos fazer isso — argumentou. — Só queremos dar uma olhada por aí.

Suas palavras soaram ridículas até para si mesmo. A mulher franziu a testa, confusa, e, quando falou, Michael não entendeu nem uma

palavra; não sabia sequer de que idioma se tratava, embora desse para perceber que ela estava furiosa.

Michael recuou um passo, como se estivesse com medo e quisesse fugir, e depois avançou de surpresa, tentando pegá-la desprevenida. Em vez de se defender, porém, ela abriu um sorriso ainda mais largo, como se estivesse feliz em receber seu ataque. Michael brandiu a lâmina como se fosse esfaqueá-la, mas em vez disso saltou e desferiu um chute com os dois pés no peito da oponente. Ela tentou se esquivar, mas era tarde demais: foi atingida em cheio. Soltando um grito abafado, ela cambaleou para trás e foi ao chão.

Michael também caiu, mas ficou em pé de novo em um instante e correu até a mulher, que já apoiava as mãos no chão para se levantar. Ele baixou os ombros e se lançou sobre ela. Os dois rolaram pelo chão várias vezes antes de parar. Michael ficou por cima. A mulher estava sem a faca, mas tinha conseguido manter o controle sobre o bastão, com o qual investiu contra Michael, que largou a lâmina para se defender e tentou arrancar o porrete da mão dela, sem sucesso. Ambos começaram a puxá-lo para si, mas nenhum dos dois foi bem-sucedido. Por fim, ele conseguiu empurrar o bastão para baixo, acertando-a na boca.

O som repugnante dos dentes se quebrando fez Michael estremecer, e ele quase largou a arma. A mulher gritou e soltou o bastão, atacando o rosto dele com as duas mãos. Ela gemia e fazia de tudo para tentar escapar, mas ele a comprimia entre as coxas como um cavaleiro sobre seu animal, recusando-se a sair de cima. O bastão estava à sua disposição, e Michael o ergueu e o baixou outra

vez. Ouviu-se um baque surdo e terrível, e a mulher ficou imóvel e em silêncio.

Assim que ela parou de se mexer, Michael se levantou, pegou a faca e a empunhou com o bastão, pronto para retomar a luta, se fosse necessário. A mulher, no entanto, continuou caída.

Ele permaneceu em alerta, ofegante, sentindo o ar gelado queimar seus pulmões, até ser atacado pelas costas com tanta força que sua cabeça foi projetada para trás, atingindo o rosto do agressor. Ambos caíram no chão, e Michael sentiu uma última lufada de ar ser expulsa de seu corpo. O oponente o virou e montou sobre ele, prendendo os braços de Michael entre as pernas. O rosto do homem se tornou visível: vermelho, coberto de feridas e com dois olhos azuis enlouquecidos. O estranho tinha o dobro do tamanho da mulher que atacara Michael primeiro e segurava uma faca contra seu pescoço.

Não importava o que Sarah havia dito; o que Michael mais queria era poder codificar uma arma de algum outro jogo. Fechou os olhos e se perdeu em um mar de linhas de programação, procurando freneticamente uma saída para sua situação. Mas era tarde demais.

O homem montado sobre ele disse algo no mesmo idioma desconhecido da mulher, e em seguida deslizou calmamente a lâmina por sua garganta. Uma dor gelada se espalhou pelo pescoço de Michael, seguida pelo calor do sangue que começava a jorrar de seu corpo.

Poucos segundos depois, ele morreu.

XI. NAS TRINCHEIRAS

1

Michael detestava aquele desagradável período de vinte ou trinta segundos depois de morrer em um jogo como Devils of Destruction. Havia um vácuo escuro e perturbador em meio ao nada até que a nova vida fosse iniciada. Era algo feito de propósito, para a morte parecer mais realista — para dar ao jogador um tempo de reflexão sobre o que havia acontecido e como seria se tivesse sido para valer. Um momento para pensar: *E se eu tivesse mesmo batido as botas? E se a minha vida tivesse chegado ao fim?*

Desta vez, porém, enquanto esperava, Michael estava furioso. Mal haviam começado e ele já tinha sido morto, sem conseguir examinar nem uma única trincheira! Como conseguiriam revistar todas? Impaciente, permaneceu deitado em silêncio. Por fim, uma luz apareceu e foi crescendo até apresentar outra vez o vasto mundo da VirtNet.

Ele abriu os olhos e se viu diante da porta que levava ao mundo coberto de neve onde havia sido assassinado. A barra estava de novo nos suportes, mantendo a entrada fechada. Michael soltou um suspiro de alívio por não ter sido mandado de volta ao saguão. Duvidava de que ainda tivesse energia e disposição para passar de novo por Jamanta e por Ryker, a caipira briguenta.

Gemendo por causa das dores remanescentes dos dois confrontos anteriores — se fosse mesmo possível definir o segundo ataque que

sofrera como um confronto —, Michael se sentou. Estava sozinho no túnel, o que significava que Bryson e Sarah continuavam vivos, ou então que tinham morrido depois dele.

Estava novamente fardado, com a mochila abarrotada de volta às costas. Depois de dar uma rápida verificada nas armas do armário — que não funcionavam — e perder tempo testando uma granada — que também não servia para nada —, removeu a barra da porta e saiu mais uma vez para o ar livre e gelado, tentando pensar em algo que pudesse ajudá-lo naquela guerra brutal enquanto caminhava.

2

Michael viu duas pessoas à distância subindo uma grande elevação branca. Tinha certeza de que eram seus amigos — os cabelos castanhos de Sarah esvoaçavam sob o gorro, e a postura arrogante de Bryson era reconhecível a quilômetros. Ciente de que não conseguiria alcançá-los, decidiu fazer uma rota alternativa. Em vez de caminhar diretamente para o campo de batalha feito um idiota — como na primeira vez, quando não sabiam o que esperar —, pensou em contornar o morro pela direita e passar incógnito até encontrar um lugar mais favorável para entrar no olho do furacão. Depois de andar mais alguns metros, percebeu que Bryson e Sarah haviam adotado a mesma estratégia, mas avançavam pela esquerda.

Legal, pensou Michael. Talvez assim conseguissem inspecionar algumas trincheiras antes de serem atacados por brutamontes ou mulheres lunáticas outra vez.

O vento fustigava as roupas de Michael, e o gelo e a neve castigavam a pele exposta do rosto. Seus lábios começavam a

ressecar, e com certeza rachariam em breve. Quase chegou a desejar entrar em um confronto, só para acelerar os batimentos cardíacos.

Os ruídos da batalha — e a gritaria assustadora que ouviram antes — foram ficando mais altos à medida que Michael se aproximava do topo da elevação. Agachou-se e começou a engatinhar, satisfeito por estar usando um par de luvas grossas.

Ao chegar ao ponto mais alto, deitou-se de bruços e parou por um momento para observar tudo com mais calma. À esquerda, Bryson e Sarah iam correndo de morro em morro, fazendo uma pausa atrás de cada um deles antes de partir para o seguinte. Pelo jeito ainda não tinham sido localizados, e estavam próximos das trincheiras mais periféricas, onde havia menos gente reunida. A maioria das batalhas se desenrolava na trilha longa e ensanguentada que atravessava o meio das trincheiras.

Sons de metal se chocando contra metal, grunhidos animais e urros primitivos eram carregados pelo vento, chegando até Michael. Ele não conseguia acreditar que havia pessoas participando daquela selvageria por vontade própria. Em uma luta que se desenrolava a uma distância mais próxima, viu um homem esfaquear outro, berrando a plenos pulmões o tempo todo. Apesar de todas as cenas de violência a que havia sido exposto em filmes e jogos, viu-se obrigado a desviar o olhar. Aquele lugar era o inferno.

Concentração, pensou consigo mesmo. Você tem de se preocupar em não ser visto e em vasculhar as trincheiras.

Mantendo-se sempre fora do campo de visão daqueles que se enfrentavam no vale, foi rastejando como um soldado pelo chão

congelado. Com medo de que a mochila denunciasse sua presença, ele enfim a removeu e a deixou por ali, sem saber ao certo por que carregava aquela coisa, para começo de conversa. Não achava que fosse sobreviver para precisar de comida e roupas extras.

Michael se dirigiu ao flanco direito do vale. Havia diversas fileiras de trincheiras entre ele e o local onde ocorriam as batalhas, mas ainda não era possível determinar a quantidade de pessoas em cada uma delas. Esperou atrás de um monte de neve enquanto se preparava para avançar. A lembrança da lâmina cortando sua garganta ainda era recente demais; o local ainda estava dolorido.

Fechando os olhos, concentrou-se no código dos arredores por um instante. Estava bem difícil de ler, como um mar de letras e números em meio a uma tempestade. Demorou alguns minutos, mas por fim conseguiu capturar uma linha de um jogo chamado Dungeons of Delmar, que concedeu poderes mágicos, como raios invisíveis, a sua lâmina; com um pouco de sorte, aquilo passaria despercebido.

Era melhor que nada.

Como fazia às vezes no Sono, Michael conversou um pouco consigo mesmo, lembrando-se de que, por pior que fosse a experiência, não morreria *de verdade* caso fosse assassinado ali. Seria doloroso. Aterrorizante. Poderia até gerar um trauma para o resto da vida. Mas, no fim das contas, pelo menos estaria vivo.

Olhos fechados. Suspiros profundos. Olhos abertos outra vez. A faca reprogramada na mão direita.

Levantou-se e saiu correndo para a trincheira mais próxima.

Seu coração estava disparado, e o ar gelado queimava seus pulmões, mas Michael deixou tudo isso de lado e correu o mais rápido que podia. Alguns soldados notaram sua presença, mas estavam do lado oposto da trincheira a que Michael se dirigia, por isso ninguém o abordou — limitaram-se a continuar atacando uns aos outros.

Uma das extremidades da trincheira de repente surgiu sob seus pés. Ele parou e olhou para baixo, esquadrinhando seu interior, que ficava a uns cinco metros de profundidade. Estava vazia, com exceção de um banco de madeira e um caminho lamacento que levava ao centro. As paredes eram revestidas com lonas pretas, mantidas no lugar com pneus velhos, tachos e panelas. Não havia nenhum soldado lá dentro.

Como não parecia haver nenhum Portal por ali, Michael quase se virou e saiu correndo para a trincheira seguinte, mas no último instante mudou de ideia. Afinal, não era possível saber como esse Portal seria, tampouco como localizar o ponto fraco no código. Foi só então que se deu conta da tarefa que tinham pela frente. Demoraria uma eternidade vasculhar cada trincheira de cabo a rabo, sem mencionar o fato de que sequer sabiam pelo que procurar.

Resignado, Michael encontrou uma escada e desceu.

4

As lonas pretas que revestiam as paredes eram bem fáceis de remover. Michael se enfiou atrás de uma delas e foi caminhando junto à parede de gelo. Era tudo o que havia ali: gelo e neve compactada. Nada suspeito ou extraordinário. De tempos em

tempos, fechava os olhos para procurar anomalias no código ou algo que chamasse sua atenção, mas tudo parecia em ordem.

Quando saiu de trás da lona do outro lado, verificou se a trincheira ainda estava vazia e foi examinar a outra parede.

Nada.

Dirigiu-se mais uma vez ao centro, enfiando o pé na lama e vasculhando o código em busca de alguma coisa fora do normal. Em seguida, examinou o banco e deu mais uma olhada na programação.

Nada.

Enquanto subia a escada para sair da trincheira, tentou não pensar no tempo desperdiçado. Não havia outra maneira de descobrir onde estava o Portal a não ser inspecionando uma a uma aquelas trincheiras. Soltou um suspiro. No fim, todo o esforço acabaria valendo a pena.

Pelo menos foi o que disse a si mesmo. Na verdade, era impossível afastar a sensação de que jamais encontrariam o que procuravam. Havia no mínimo mais uma centena de trincheiras pela frente.

Ao menos, ninguém corria em sua direção... ainda. E, em uma olhada rápida pelo campo de batalha, não viu nem sinal de Bryson e Sarah.

Michael então se dirigiu à trincheira seguinte.

5

Não havia ninguém lá dentro também.

Ele desceu e começou sua busca. Escondeu-se atrás da lona e inspecionou um dos lados, depois o outro, parando para verificar o

código de tempos em tempos. Tudo parecia normal. Não havia nada suspeito ali.

Saiu desanimado, mas disposto a verificar a trincheira seguinte mesmo assim. Estando com a guarda baixa, surpreendeu-se ao dar de cara com uma mulher à sua espera. Vestida com uma farda camuflada idêntica à sua, parecia limpa e saudável, como se tivesse acabado de sair do túnel. O rosto dela seria bonito caso não estivesse franzido em uma careta.

— Micky me falou que tinha uma presa fácil aqui — ela disse. — Não tem nada melhor que um garoto perdido, que esteja aqui sem permissão, para começar o meu jogo.

Seu semblante se alegrou um pouco enquanto falava, mas logo depois ela retomou a carranca de antes.

— Presa fácil? — repetiu Michael. — Quem foi que disse que eu sou uma presa fácil?

Ele recuou um passo, alinhando a sola das botas à extremidade da trincheira, e tentou parecer alguém amedrontado, mas que não quisesse demonstrar esse fato.

— Quantas vezes já esteve aqui? — ela perguntou, outra vez amenizando a expressão no rosto enquanto falava e refazendo a careta logo em seguida.

— É minha primeira vez — ele respondeu, fazendo-se de inocente. — Mas já matei um. Isso é bom, não é?

Ela assentiu com um gesto de cabeça.

— Vai ser bem divertido.

— Então manda ver — ele respondeu com um sorriso.

Michael queria que ela tomasse a iniciativa do combate, e foi isso o que aconteceu. Ela veio para cima dele, o rosto vermelho e todo contorcido.

Antes de ser atingido, porém, Michael se deixou cair na superfície da trincheira, aterrissando de lado. Sabia o quanto sua manobra seria arriscada, mas estava decidido a não encarar outra luta corpo a corpo. Segurando a faca com força, enviou um raio invisível contra o tronco da mulher, que foi arremessada para a frente.

Ela passou voando por cima de Michael e despencou, aos berros, na superfície da trincheira. Antes que tivesse tempo de se levantar, Michael saiu correndo para a trincheira seguinte. Com um pouco de sorte, ela poderia ter quebrado uma perna.

6

Havia um homem dormindo no banco dentro da trincheira. Fora isso, ela estava vazia. Michael estava cauteloso, ainda abalado pelo ataque anterior. Correu até a escada e desceu. A princípio, considerou fazer uma busca rápida sem acordá-lo, mas depois pensou melhor. Se o sujeito despertasse enquanto Michael estivesse atrás da lona, ele se tornaria um alvo fácil. Era melhor não correr riscos.

Foi até o homem adormecido e ficou observando seu peito subir e descer. Sem querer se aproximar demais, sacou sua lâmina, apontou e enviou um raio no pescoço do sujeito, que acordou com um pulo e levou as mãos ao ferimento ensanguentado. Ele caiu do banco, e pela segunda vez naquele dia Michael teve que dizer a si mesmo que

não havia de fato matado um ser humano, por mais real que tudo aquilo parecesse.

O homem sangrou até que o corpo se esvaziasse por completo, depois desapareceu.

Uma rápida busca revelou que, mais uma vez, Michael não tinha encontrado o que procurava. No entanto, ainda havia dezenas de trincheiras a vasculhar. Praguejou para si mesmo.

— Está bravinho, é?

Ele olhou para cima e viu um homem e uma mulher encarando-o. A mulher brincava com uma granada, jogando-a de uma mão para outra.

— Hã... não, só estou dando um tempo aqui.

Por sorte, suas roupas já estavam todas sujas e manchadas de sangue. Ele não parecia mais um intruso naquele lugar.

— É só um moleque idiota — o homem disse para a mulher. — Você acha que pode hackear coisas de outros jogos pra cá e sair impune? Está na cara que é um novato mesmo.

Michael estreitou os olhos.

— Como assim?

— Você ainda não saiu correndo. Deve estar achando que esta granada não funciona.

Ele abriu a boca para responder, mas, antes que dissesse qualquer coisa, a mulher arrancou o pino e arremessou a granada, que pousou ruidosamente na lama sob os pés de Michael. Ele lançou um olhar de desafio para o casal de soldados, que virou as costas e saiu correndo.

Quando a granada explodiu, Michael sentiu o impacto. Foi uma dor tão aguda e repentina que não teve tempo nem de gritar. Logo em seguida, já estava na escuridão que os jogadores chamavam de morte.

7

Acordou no início do jogo, no túnel congelado. Bryson estava lá sentado também, e não pareceu nem um pouco surpreso com a aparição de Michael.

— Que droga morrer neste jogo — comentou Bryson. — Estou com dor. No corpo todo.

— Pois é, eu também.

Michael se levantou para se esticar, e sentiu na carne os efeitos de suas duas mortes. Não eram como ferimentos verdadeiros — o Caixão se limitava a estimular os nervos para obter reações físicas —, mas também não desapareciam de uma hora para outra.

— E Sarah, como está indo? — ele perguntou.

Bryson deu de ombros.

— Sei lá. A gente se perdeu.

— Quantas trincheiras vocês revistaram?

Bryson mostrou cinco dedos com a mão enluvada.

— Mas ainda não encontramos nada.

— Cara — resmungou Michael —, isso vai levar anos.

— Que nada, vai dar tudo certo — garantiu Bryson, levantando-se e colocando-se a seu lado. — Está se divertindo?

Michael deu uma boa olhada para ele.

— Não, estou odiando — ele respondeu, erguendo a faca. — Trouxe uma ajudinha do Dungeons of Delmar.

— Ah, sim — disse Bryson, distraído. — É bizarro o quanto esses velhotes gostam de matar... são um bando de animais. Preciso programar uma ajudinha para mim também.

Michael balançou a cabeça em concordância.

— Vamos encontrar logo essa porcaria de Portal.

Caminharam outra vez porta afora.

8

Os dois dias seguintes foram uma experiência infernal para Michael.

Ele morreu 27 vezes naquela arena gélida e brutal, de todas as maneiras imagináveis. Algumas mortes foram piores que as outras, mas por algum motivo continuou insistindo. A faca reprogramada o ajudou algumas vezes, e ele tentou outros truques, como uma habilidade especial em saltos tirada do Canyon Jumpers e velocidade aprimorada com a ajuda de um acelerador de movimentos obtido no Running with Ragers. Não foi nada fácil programar aquilo, e no fim essas coisas só serviram para adiar seu destino sempre inevitável.

Mas ele não desistiu.

Estranhamente, todos os dias uma corneta era tocada ao anoitecer, e as batalhas eram interrompidas no ato. Pessoas que pouco antes se engalinhavam como feras de repente tornavam-se amigas e iam juntas — muitas vezes mancando — até as mesas gigantescas onde eram feitas as refeições, de braços dados, rindo.

Michael, Bryson e Sarah jantavam com eles e depois se dirigiam ao local onde ficavam os aquecedores e os sacos de dormir. Na primeira noite, tentaram vasculhar algumas trincheiras, mas esbarraram em firewalls e estavam cansados demais para tentar hackeá-los. Os programas de segurança naquele lugar gelado eram definitivamente acima da média em qualidade.

Na manhã seguinte, começava tudo de novo. Matança, matança e mais matança. Dor e sofrimento. E mais matança para completar. Pela primeira vez na vida, Michael entendeu por que os soldados de verdade tinham dificuldade em esquecer as coisas que haviam feito, testemunhado e sofrido na guerra. Caso Michael tivesse mesmo uma alma, ela vinha se esvaindo por seus poros.

O único consolo era estar com os amigos. Não conversavam muito por ali — mal tinham tempo para isso —, mas pelo menos vivenciavam tudo aquilo juntos.

No fim da tarde do terceiro dia, Sarah encontrou o Portal.

XII. AVISO AMEAÇADOR

1

Michael tinha acabado de ser morto outra vez por uma granada. Se havia aprendido uma coisa em Devils of Destruction, era que, por mais que seu corpo explodisse, essa experiência nunca se tornava menos traumática.

Sarah estava à sua espera no túnel, sentada no chão e encostada à parede. As pernas estavam cruzadas, e ela parecia exausta. Michael se sentou diante dela, e foi nesse momento que ficou sabendo da descoberta.

— Encontrei — ela disse baixinho com uma voz desanimada. Michael se sentia tão exaurido quanto a amiga, e sabia por quê: o preço a pagar pela informação tinha sido alto demais. Aquilo tudo os marcaria para sempre.

Mesmo assim, foi como se um peso houvesse saído de suas costas.

— Onde? — Michael perguntou por fim. Pelo olhar no rosto de Sarah, notou que ela também estava aliviada.

— Cinco trincheiras antes das barracas, perto da parte central, um pouco mais para a esquerda. Tem cinco ou seis pessoas lá dentro com todo tipo de armamentos. Quase nem tive de tempo de ver o Portal antes que me matassem.

— Vai dar tudo certo — incentivou Michael. — Vamos encontrar Bryson e bolar um plano. De repente dá até pra fazer isso sem voltar para aquela carnificina medieval lá fora.

Ela abriu um sorriso tímido, mas suficiente para animá-lo um pouco.

— Pelo menos já sabemos onde fica. Acho que não aguentaria mais tempo lá fora, correndo de trincheira em trincheira, imaginando a maneira como morreria da próxima vez.

— Vou fazer uma bela viagem espacial e matar um monte de alienígenas com armas de raio laser depois disso.

Sarah olhou nos olhos de Michael, e assim eles ficaram por um bom tempo, compartilhando a experiência pela qual passavam. Foi quando sua dor de cabeça atacou de novo.

2

Michael desabou no chão gelado e se encolheu todo, praticamente ignorando a presença de Sarah a seu lado, que lhe perguntava aos gritos o que estava acontecendo. Ele não conseguia falar. Agarrou a própria cabeça e começou a se contorcer todo, sentindo o crânio latejar. A lembrança do que havia ocorrido no beco o impedia de abrir os olhos.

As visões. Aquelas visões sinistras e assustadoras. Michael não sabia se na VirtNet sua mente se comportaria da mesma maneira que na Vigília, mas também não estava disposto a se arriscar a descobrir. Manteve os olhos fechados e esperou que a dor passasse.

Por fim, assim como antes, ela se foi de um instante para o outro. Nada de recuperação gradual nem de dores residuais. Em um momento ele estava desesperado de dor, e no seguinte tudo havia voltado ao normal. No entanto, tinha a impressão de ter ouvido uma voz...

Segundo Sarah, ele ficara deitado ali por uns três minutos, que para Michael pareceram uma hora. Ela passou o braço ao redor de seu ombro e o ajudou a se levantar. Ele se apoiou à parede e olhou para o teto. Sua semana não poderia estar sendo melhor.

— Tá tudo bem? — perguntou a amiga.

Michael se virou para ela.

— Tá. Quando passa, é de uma vez só. Agora não está doendo nadinha de nada.

Mas ele estava exausto e morrendo de medo. Depois de dias sem nenhuma crise, Michael esperava que aquilo não fosse acontecer mais.

Sarah passou os dedos pelos cabelos dele.

— O que aquele monstro fez com você? — ela murmurou.

Ele deu de ombros, presumindo que ela se referisse ao SimKiller.

— Não sei. Só lembro que foi como se ele sugasse meu cérebro pra fora do corpo. Vai ver sugou mesmo... pelo menos uma parte.

— Mas você ficou um tempo sem essas crises, não foi? Tomara que aconteça cada vez menos daqui pra frente. E que pare de vez daqui a um tempo.

Bryson apareceu de novo, uma expressão de orgulho estampada no rosto. Sarah tirou a mão da cabeça de Michael.

— Ei, eu encontrei! — gritou Bryson. — Encontrei o Portal.

Sarah soltou um risinho de deboche.

— Grande coisa — ela falou. — Já tinha encontrado antes, seu lerdo.

O sorriso de satisfação no rosto dela, porém, era visível. Michael sentiu seu espírito ficar um pouco mais leve, apesar de ainda estar

preocupado. Torcia para que fosse apenas um delírio em meio ao acesso de dor, mas era capaz de jurar que tinha ouvido uma voz sussurrar algo em seu ouvido. *Você está indo bem, Michael.*

3

Bryson descreveu a trincheira onde encontrara o Portal, e de fato era a mesma que Sarah havia mencionado. Michael e os amigos se esforçaram ao máximo para tentar elaborar um plano. Precisariam chegar bem perto do Portal, e com tempo suficiente para hackear o código. No entanto, saltar naquela trincheira com apenas uma faca na mão era a última coisa que gostariam de fazer.

Michael pensou então nas granadas. Tinha sido morto por elas três ou quatro vezes, portanto sua eficiência estava comprovada. Além disso, estaria mentindo se dissesse que não gostaria de revidar os ataques.

Quando sugeriu isso, Bryson falou:

— É, boa ideia, mas antes a gente precisa fazer alguma coisa pra garantir que elas funcionem.

Sarah respondeu:

— É só levar um monte e ir jogando. Vou hackear um detonador do Munitions Maniacs e torcer pra alguma explodir.

Michael abriu e esvaziou a mochila.

— Vamos nos abastecer, então.

4

Quando as mochilas estavam carregadas, eles as puseram nas costas, vestiram as luvas e os gorros, abriram a porta e saíram.

Michael e Sarah foram caminhando atrás de Bryson pelo lado esquerdo do vale, tomando o cuidado de se manter ocultos. Ao chegarem à elevação, deitaram-se e começaram a rastejar.

Foi quando Michael teve uma ideia:

— E se a gente esperasse até amanhã cedo e chegasse antes de todo mundo?

O que ele realmente queria dizer era: *Por favor, não me façam passar por esse inferno de novo*. Não aguentava mais aquilo.

— Também estou com medo — disse Bryson. — Só que não podemos mais perder tempo. Precisamos tentar, com ou sem guardas.

— Tudo bem — resmungou Michael. — Mas é o seguinte: ou entra todo mundo ou não entra ninguém. Se alguém atravessar esse Portal sozinho, a gente pode não se encontrar de novo nunca mais.

— Certo — concordou Bryson. — E que tal se a gente também tentasse não morrer? Já está começando a perder a graça.

— Nem me fala — respondeu Michael. — Não aguento mais morrer.

Michael olhou para o vale mais abaixo. Precisariam atravessar dezenas de batalhas e trincheiras. As chances de chegar ao Portal sem acabar se metendo em alguma confusão não eram das maiores. E, levando em conta a expressão de Sarah, ela devia estar pensando a mesma coisa.

— Bom — ela falou, assumindo o comando —, acho que dá pra ir até lá, mas vocês têm que ficar sempre junto comigo. Se alguém for

interceptado, a gente vai ter que encarar a briga.

— Pode deixar — garantiu Bryson. — Vai ficar todo mundo junto. Agora vamos lá.

O coração de Michael se acelerou como o motor de um carro de corrida.

— É isso aí — foi tudo o que conseguiu dizer.

— Então vamos nessa.

Sarah se levantou e começou a correr morro abaixo. Michael e Bryson precisaram apertar o passo para segui-la.

5

Só chegaram à trincheira uma hora depois, e precisaram enfrentar uma porção de gente no caminho. Às vezes era só um homem ou uma mulher, e a questão se resolvia rapidamente. Outros casos, porém, eram mais complicados — grupos de dois, três ou quatro soldados atacando ao mesmo tempo. O único ponto positivo de ter morrido tantas vezes era que Michael, Bryson e Sarah já tinham adquirido experiência suficiente — além de alguns poderes extras desviados de outros jogos — para derrotar os agressores.

Daquela vez, não morreriam. Foi o que Michael jurou a si mesmo. Sua exaustão só crescia a cada minuto que passava, mas a adrenalina estava a mil, e a energia parecia se restabelecer a cada novo confronto.

Enfim chegaram a alguns poucos metros da trincheira onde ficava o Portal. Estavam feridos e ensanguentados, com as roupas rasgadas. Bryson quase havia perdido a mochila, e só dispunham de uma faca. Por um breve instante, viram-se sozinhos.

Sarah se ajoelhou e abriu a mochila, despejando seu estoque de granadas na superfície congelada. Enquanto Michael fazia o mesmo, Bryson correu até a extremidade da trincheira para avaliar a situação.

— Tem cinco ou seis pessoas — relatou, ajoelhando-se ao lado deles para ajudar. — Já podemos começar a atacar! Estão lá sentados sem fazer nada, fumando com a arma na mão.

Michael não perdeu tempo: apanhou uma granada, arrancou o pino e lançou no buraco fundo e estreito. Sem nem esperar para ver o resultado, pegou outra e fez a mesma coisa, arremessando-a no mesmo lugar. E mais uma. E outra. Bryson e Sarah fizeram o mesmo, e em questão de segundos já tinham atirado mais de uma dúzia.

Sarah então fechou os olhos, que se moviam agitadamente sob as pálpebras enquanto ela manipulava o código. Um fecho de luz brilhou na altura de seu peito, obrigando Michael a proteger os olhos com o braço, mas mesmo assim conseguiu ver quando o objeto luminoso se afastou dela e mergulhou no buraco como uma estrela cadente.

Michael viu um homem sair para a área externa da trincheira e abrir a boca para avisar os companheiros, mas a explosão ensurdecedora se deu bem naquele instante. Chamas fugazes subiram pelo céu iluminado, e fragmentos de metal voaram em todas as direções.

— Vamos lá! — gritou Sarah, já de pé e pronta para descer a escada.

O homem que Michael tinha visto estava caído de bruços com um buraco enorme na parte de trás do casaco, e uma mancha vermelha cobria seu corpo.

Michael saiu correndo atrás de Sarah, Bryson a seu lado. Chegaram no limiar da trincheira. Michael percorreu o perímetro em busca de sobreviventes, mas não viu nada além de sangue e morte. Observou os corpos desaparecerem um a um.

Sarah começou a olhar por trás das lonas, auxiliada por Bryson. Michael se preparava para se juntar a eles quando um homem o segurou pelo braço e o virou. Pela condição em que estava, o fato de ainda ter energia para isso era surpreendente. Michael conseguiu se desvencilhar, mas antes que se virasse de novo o homem passou a balbuciar algo, o corpo todo trêmulo com o esforço.

Michael chegou mais perto, com a nítida impressão de tê-lo ouvido dizer seu nome.

— O que foi que você disse?

O soldado precisou juntar todas as suas forças para voltar a falar. As palavras quase foram encobertas pelo som ao redor, mas Michael conseguiu ouvir tudo claramente:

— Muito cuidado com Kaine. Ele não é quem você está pensando.

Em seguida, o homem morreu, e seu corpo se esvaiu no ar.

XIII. O DISCO FLUTUANTE

1

— **D**esce já aqui! — Sarah gritou lá de baixo.

Michael percebeu que estava com o olhar perdido na poça de sangue deixada pelo sujeito que morrera pouco antes. O que estaria acontecendo? Aquela voz durante a crise de dor de cabeça dizendo que ele estava indo bem, um estranho falando sobre Kaine... O que aquilo tudo significava?

Michael temeu que Kaine soubesse exatamente onde estavam e o que faziam. Perguntou se isso seria possível, se Kaine na verdade estava *querendo* ser encontrado.

— Cara!

Michael se voltou para a trincheira, de onde Bryson o encarava fixamente.

— O que está fazendo aí? — ele berrou.

— Pensando — respondeu Michael, ciente do quanto aquilo deveria ter soado esquisito. — Desculpa aí — acrescentou.

Enquanto descia para a trincheira, ouviu uma multidão se aproximando, vinda de todas as direções.

— Não dá para deixar você sozinho nem um minuto — respondeu Bryson, balançando a cabeça de um lado para o outro.

— Aquele cara falou alguma coisa pra você? — perguntou Sarah.

Michael assentiu.

— Falou, mas conto para vocês mais tarde. Estamos prestes a receber visitantes indesejados. Parece que está rolando uma invasão de zumbis lá em cima, e somos o prato principal.

— É por aqui — disse Bryson, fazendo um gesto para que o seguissem.

Caminharam uns cinco metros pela trincheira, e Bryson apontou para um local na parede onde a lona preta havia sido rasgada. Na maior parte da superfície só se via o gelo reluzente, mas em determinado ponto dava para notar uma luz pálida e arroxeadada.

Os gritos e urros dos demais jogadores pareciam cada vez mais próximos.

— Não podemos mais perder tempo — disse Sarah, virando-se para Michael. — Você fica aí de guarda enquanto eu e Bryson tentamos abrir essa coisa.

Michael assumiu sua posição de vigia enquanto Bryson rasgava mais um pedaço de lona. Logo atrás, um túnel fora escavado no gelo. Michael não conseguia precisar exatamente onde, mas em algum ponto lá dentro a escuridão dava lugar a uma luz pulsante e arroxeadada. O que havia além dela era impossível de determinar — quanto mais tentava ver, mais a visão ficava borrada.

— São aqueles moleques intrusos! — alguém gritou lá de cima.

Enquanto Michael e Sarah entravam no túnel, Michael olhou para cima e viu um homem brandindo uma lâmina comprida.

Ele não pensou duas vezes: virou-se apressadamente e seguiu os amigos na direção da luz arroxeadada.

Os ruídos da Guerra da Groenlândia rapidamente desapareceram — o túnel era silencioso, como se fosse isolado por alguma porta. Quando olhou para trás, Michael pôde ver o motivo. A trincheira da qual havia fugido não estava mais lá, apenas o estranho brilho arroxeadado.

Virou-se de novo para a frente e ficou aliviado ao ver que não tinha se perdido de Bryson e Sarah. Eles ainda engatinhavam pelo túnel, mas concentrados no código, com os olhos se movendo freneticamente atrás das pálpebras.

— Consegui pegar uma espécie de mapa, ou guia — informou Sarah, sem abrir os olhos. — Está vendo?

Bryson balançou a cabeça em sinal afirmativo, embora Sarah não pudesse vê-lo.

— Não é muito detalhado. Vamos ter que continuar acessando o código para seguir essa trilha.

— O que está acontecendo? — perguntou Michael. — O que eu preciso fazer?

Sarah se virou para ele.

— O Portal não está exatamente bloqueado, mas é bem fácil se perder aqui. E, tipo... se perder pra sempre *mesmo*. Pelo que estou vendo, a programação tem um monte de marcadores. Se a gente seguir esses marcadores, acho que dá pra encontrar o primeiro nível do Caminho.

— Certo.

Ainda sem abrir os olhos, Sarah tateou às cegas e bateu no ombro de Michael.

— Ainda acho que precisamos de algum vigia. Pode ser você? Enquanto Bryson e eu vasculhamos o código?

Michael deu de ombros, apesar de saber que os amigos não veriam.

— Claro. É só ficar de olhos abertos. Não deve ser muito difícil.

— Gosto de gente que sabe cumprir ordens — Bryson comentou, soltando uma risadinha.

Sarah se virou e se afastou de Michael.

— Vamos lá, então. É por aqui.

Ela saiu engatinhando de novo, seguida por Bryson e depois por Michael, todos eles se embrenhando cada vez mais no túnel.

Vários minutos se passaram sem que nada acontecesse. Michael sentiu uma pressão sufocante no peito, que se aliviava de imediato quando parava um pouco para respirar. O silêncio no ambiente também era dos mais estranhos, quase como se na verdade não fosse silêncio, e sim um zumbido constante. Presumiu que os outros estivessem quietos por estarem concentrados no código, mas então, quando tentou falar, não saiu som nenhum. Era como se alguém houvesse pressionado uma tecla de mudo — e foi a coisa mais assustadora que aconteceu naquele túnel bizarro até então.

Continuou em frente, engatinhando, sempre de olho nas pernas de Bryson, com medo de que os amigos desaparecessem de repente e o deixassem sozinho. Suas mãos e seus joelhos começaram a doer, e os braços e as pernas, a enrijecer. Para completar, ficava cada vez mais desorientado.

Mesmo assim, prosseguiram um atrás do outro, como uma fila de formiguinhas. Já deviam ter percorrido uns dois quilômetros. Seus

músculos não estavam acostumados a tamanho esforço. O pânico começou a se instalar em seu corpo, uma sensação de claustrofobia que ameaçava sufocá-lo. No entanto, resistiu, preocupando-se apenas com o que aconteceria no momento seguinte, confiando nas habilidades de Bryson e Sarah para hackear e manipular o código. Nunca se sentira tão feliz por ver o traseiro de Bryson, seu farol em meio àquela neblina arroxeadada.

Foi quando de repente algo pareceu desabar sobre Michael, forçando-o a se deitar na superfície e tirando seu fôlego. O medo se transformou em pavor, e ele começou a berrar e espernear. Mal conseguia se mover. Sua mente ficou turva, e o desespero passou a tomar conta dele. Era como se perdesse o controle sobre os próprios movimentos.

Depois disso, tudo terminou. Tudo mesmo. O túnel arroxeadado, o silêncio, a pressão que o mantinha prensado contra o chão. Viu-se deitado em uma superfície sólida e cinzenta. Pôs as mãos no chão, ergueu-se sobre os joelhos e olhou ao redor.

Michael e os amigos estavam na extremidade de um disco de pedra com vários metros de diâmetro, aparentemente flutuando em pleno ar. Nuvens escuras pairavam sobre a cabeça deles, crescendo e encolhendo como criaturas vivas. Um raio espocou, e um trovão reverberou. A umidade no ar era perceptível, como se fosse chover a qualquer momento.

Michael não fazia ideia de onde estava — nunca vira nada parecido na VirtNet. E, apesar de toda a estranheza da situação, sentia-se aliviado por ter deixado o túnel para trás.

— Ei — Bryson falou, apontando com o queixo para que Michael olhasse para trás.

Michael se virou para o centro do disco. Não havia nada ali quando haviam chegado, tinha certeza, mas lá estava ela: uma velhinha em uma cadeira de balanço de madeira que rangia ao ritmo de seus movimentos. Estava vestida com uma roupa folgada de lã cinza e tinha cara de vovozinha, pelo menos para Michael.

— Olá, meus jovens — ela falou com voz rouca. — Venham se sentar um pouco aqui comigo.

3

O trio de amigos limitou-se a ficar encarando a velhinha, todos eles imóveis. Ela parou de se balançar e se inclinou para a frente.

— Pelo amor dos deuses, venham até aqui agora mesmo ou vão se arrepender!

Assustado com a súbita mudança de tom, Michael se levantou às pressas, assim como Bryson e Sarah, e os três se dirigiram ao centro da plataforma, para junto da mulher.

— Sentem-se — ela ordenou. Seus lábios enrugados eram murchos, como se ela não tivesse dentes, e sua voz era bem rouca.

Eles obedeceram. Michael cruzou as pernas e esperou que ela falasse. Coisas assim eram estranhas, mas não *muito*. Depois de passar quase metade da vida no Sono, já estava acostumado com a aparição de figuras como aquela. Na maioria das vezes eram inofensivas, mas era preciso lembrar que, caso estivessem mesmo no Caminho, aquela velhinha tinha alguma relação com Kaine, o que só podia significar encrenca na certa.

A mulher encarou fixamente os três. Seus olhos pareciam ser a única parte do corpo com menos de cem anos — eram atentos e brilhantes. Já a pele era enrugada e flácida, e os ossos pareciam frágeis. Os cabelos finos e brancos eram bem ralos. As mãos envelhecidas encontravam-se pousadas sobre o colo, os dedos retorcidos como raízes de árvores.

— Onde estamos? — perguntou Sarah. — E quem é você?

Os olhinhos atentos se voltaram para ela.

— Quem eu sou, é isso que quer saber? Onde estão? Que lugar é este, o que é isto, por que isto, e como é isto? De onde viemos e para onde iremos? Perguntas são coisas fáceis de fazer, menina. Mas as respostas estão escondidas sob o manto das nuvens.

O olhar da mulher se perdeu enquanto respondia, voltando-se para algum ponto distante. Michael se virou para Bryson, que arqueou as sobrancelhas em sinal de alerta, pedindo que ele se mantivesse em silêncio.

— Você — disse a velhinha. Uma das mãos se ergueu de seu colo, ligeiramente trêmula, e um dedo torto apontou para Michael. — Abra a boca para dizer uma gracinha e será o seu fim.

Suas feições se endureceram, e Michael entendeu que era melhor não provocar aquela mulher. Àquela altura, tudo era possível: ela podia se transformar em um dragão e devorar os três. Afinal de contas, estavam no Sono.

— Seu cérebro é capaz processar minhas palavras? — ela perguntou, e a pele em torno dos olhos se enrugou ainda mais quando ela os estreitou. — Você me *entendeu*?

Bryson deu uma cotovelada em Michael.

— Vê lá o que vai dizer.

— Sim — Michael respondeu. — Perfeitamente.

A mulher assentiu e se recostou na cadeira, fazendo-a balançar outra vez.

— Vocês não se preocuparam nem em cumprimentar como se deve uma pobre velhinha antes de começar a fazer perguntas.

— Desculpa — disse Sarah. — Sério mesmo. Sofremos um bocado pra chegar aqui e precisamos seguir em frente. Procuramos um lugar chamado Ravina Consagrada.

— Ah, sei muito bem o que estão procurando. O Caminho só leva a um lugar, e a esse lugar só se pode chegar de uma maneira. Mas a Ravina Consagrada é bem longe daqui, isso eu posso afirmar.

Michael estava ficando impaciente.

— E o que precisamos fazer pra chegar lá?

Ela espichou o dedo outra vez, a unha amarelada apontada para ele.

— Esse aí não tem mais permissão para falar. Mais um pio, e eu desapareço daqui.

Bryson estendeu o braço e tapou a boca de Michael antes que ele respondesse.

— Não está sendo fácil para ele — explicou Bryson, com um olhar aflito no rosto. — Ele não é tão durão quanto a gente. Não se preocupe. Ele vai ficar quieto, não é mesmo, Michael? Responde que sim com a cabeça, como um bom menino.

Michael sentiu vontade de socá-lo, mas se limitou a balançar a cabeça com um sorriso e afastar a mão do amigo do seu rosto.

A velhinha pôs as mãos de novo sobre o colo e começou a falar.

— Eu sou chamada de Alforja, e o porquê disso não vem ao caso. Estou aqui para vigiar o Caminho. Às vezes temos intrusos por esses lados. Acho que não preciso nem dizer que não será uma jornada das mais agradáveis. Nem um pouco mesmo. Os espertinhos podem chamar isso de ironia, mas o único propósito do Caminho é impedir que as pessoas o atravessem.

Ela fez mais uma pausa.

— As coisas são diferentes por aqui — continuou. — Não existe nada parecido na VirtNet. Conseguiram hackear e manipular o código para chegar até aqui, mas de agora em diante não poderão mais se valer apenas disso. Vão precisar de esperteza. E coragem. Existe uma regra de que precisam se lembrar acima de tudo. E, quando a ouvirem, vão preferir jamais tê-la conhecido.

— E que regra é essa? — perguntou Sarah.

Alforja demorou para responder, e Michael quase explodiu de impaciência.

— Se vocês morrerem, não tem volta — ela disse por fim. — É fim de conversa. Voltam para a Vigília, mas a chance de conseguir retomar a trilha do Caminho depois disso é a mesma de ir a pé de Vênus a Marte. É impossível. Chegaram até aqui, é verdade, graças a seus méritos e suas habilidades, mas agora já estão registrados de cabo a rabo, dentro e fora daqui, e não vão conseguir entrar uma segunda vez.

Michael engoliu em seco e trocou um olhar preocupado com os dois amigos. Aquilo era uma coisa séria. Até mesmo nos jogos mais

violentos da VirtNet havia a noção de que morrer era apenas um contratempo. Isso ajudava as pessoas a se soltarem mais, a se arriscarem e fazerem coisas que *já* fariam na vida real. Era por isso que os jogos eram divertidos — sempre dava para voltar e tentar de novo.

Mas, se aquilo que a mulher dizia era verdade, Michael, Bryson e Sarah só teriam uma chance. Se as coisas funcionassem assim em Devils of Destruction, já teriam fracassado na missão logo de cara.

— Estão aceitando tudo com maturidade — comentou Alforja. — Gostei de ver. As coisas são diferentes no Caminho... o melhor firewall de todos está aqui. De longe.

Michael estava quase enlouquecendo por não poder falar, apesar de não saber o que diria caso tivesse a chance.

Por sorte, Bryson tomou a iniciativa em seu lugar:

— Certo, quem morrer vai ser mandado de volta para a Vigília. Beleza. Tem mais alguma coisa que a gente precisa saber?

Alforja soltou uma risada antes de responder:

— Só existem duas formas de sair deste disco. A primeira é pular e acordar na Vigília.

Sem chance, pensou Michael.

— E a segunda? — Bryson quis saber.

A mulher sorriu, movimentando as rugas do rosto.

— Terão que descobrir quando chegar a hora certa.

5

Logo depois que ela disse essas palavras, a estrutura em que se encontravam despencou vários metros. O estômago de Michael foi

parar na boca enquanto caíam, e ele procurou por algo em que se segurar.

As luzes piscavam no céu, e passagens começaram a aparecer e desaparecer aleatoriamente ao redor, espaços escuros e simétricos que flutuavam no ar a poucos metros da extremidade da pedra.

O disco começou a rodar em torno de si mesmo, fazendo Michael perder o equilíbrio de novo. Ele se deitou na pedra, e já começava a escorregar na direção da borda, quando tudo de repente parou. A cadeira de Alforja permaneceu imóvel, e a velhinha soltou uma risada de deboche.

— O que está acontecendo? — perguntou Sarah. — Por que as coisas estão se mexendo assim?

Michael se sentou de novo diante da cadeira posicionada no centro do disco.

— Já falei o que deve ser feito — disse Alforja. — Manipular o código aqui não serve para nada.

— E o que precisamos fazer? — perguntou Michael, ignorando a ordem para ficar calado. — Como vamos saber quando chegar a hora?

Ela o encarou com os olhos tomados pela fúria.

— Só tenho mais algumas palavras a dizer a vocês, seus encrenqueiros, antes de sumir daqui.

— Então fala — respondeu Michael, aliviado por não ter sido punido pela desobediência.

O disco oscilou de novo, e os três precisaram se esforçar para se manter onde estavam. Michael olhou para a extremidade da circunferência de pedra e viu que os retângulos pretos continuavam

a aparecer e desaparecer. Por toda parte, nuvens escuras se revolviavam, crescendo e encolhendo a seu bel-prazer.

Alforja se remexeu na cadeira, atraindo outra vez a atenção de Michael.

— Prestem bem atenção — ela falou com uma expressão vazia —, pois não vou repetir.

— Certo — disse Sarah. — Estamos prontos.

Sempre atenta e esperta; essa é a Sarah que eu conheço, pensou Michael. Ele se inclinou para mais perto da cadeira e se preparou para ouvir com atenção, sem perder uma palavra. Alforja falou em alto e bom som, mas por meio de uma charada:

*Antes de escolher a hora certa de agir,
É preciso imaginar a torre e subir.
E, com o cuidado de não precipitar a saída,
Contemplar a lua mais escura e sem vida.*

Ainda soltou uma última risadinha antes de desaparecer junto com sua cadeira de balanço.

6

Michael concentrou toda a atenção em se lembrar daquelas palavras enquanto ela falava, tanto que quase nem reparou em sua desapareição. Quando fechou os olhos e tentou se recordar, porém, constatou decepcionado que só se lembrava de metade dos versos.

— Vocês entenderam? — perguntou Bryson.

Michael olhou para ele, aflito.

— Hã... talvez. A maior parte. Quer dizer, um pedaço.

Sarah se virou, e os três ficaram frente a frente. Quando ela abriu a boca para falar, o disco girou de novo, fazendo uma rotação de noventa graus. Os retângulos escuros — que Michael presumiu serem Portais — continuaram aparecendo e reaparecendo a intervalos regulares.

— Bem, acho que me lembro — anunciou Sarah.

Bryson abriu a NetScreen e seu teclado, e digitou as palavras que ela disse. Sarah se lembrava de quase tudo, mas os três precisaram pôr a cabeça para funcionar a fim de preencher as lacunas. Alguns minutos depois, chegaram à versão que aceitaram como correta. Isso, no entanto, não aliviou a frustração de Michael.

— Aquela velha sacana podia ter sido um pouco mais clara — ele reclamou, jogando as mãos para o alto.

— Bom — disse Bryson —, ela falou que precisamos descobrir a hora certa. Como se adiantasse alguma coisa saber a hora exata em que a nossa viagem em um disco voador feito de pedra começou.

— Ah, qual é... A gente consegue — rebateu Sarah.

— Claro que sim — concordou Michael. — Bom, estamos aqui rodando, cercados de Portais, e temos uma charada sobre a hora certa de agir. E, como disse Bryson, Alforja avisou que teríamos de descobrir que hora é essa. Não é nada de mais.

— E estamos em um disco redondo... como um relógio — continuou Sarah.

Bryson também entrou na conversa:

— Acho que precisamos resolver a charada, ir ao local da hora certa e saltar em um desses retângulos pretos.

— Mas como vamos saber onde estão os números? — questionou Michael.

Antes que alguém pudesse responder, porém, ele começou a rastejar para a extremidade do disco.

— Cuidado! — gritou Sarah. — Essa coisa pode começar a girar de novo a qualquer momento!

Mal terminou de falar, e o disco já rodava de novo, fazendo Michael rolar por vários metros e perder totalmente o senso de direção. Soltando um grito vergonhoso, ele espalmou as duas mãos sobre as pedras. O disco parou de girar, e ele olhou ao redor.

Ainda faltavam uns três metros para a borda, mas ele já imaginava as coisas que Bryson diria quando estivessem a salvo de novo. Michael engatinhou na superfície do disco, mantendo o centro de gravidade o mais próximo possível do chão. Um dos Portais se abriu diante dele, revelando sua profundidade absurda. Era tão escuro que parecia até ter *vida*.

Com movimentos cuidadosos, engatinhou até poucos centímetros da extremidade. Em seguida, deitou-se e rastejou pela distância restante. Enquanto fazia isso, o Portal logo à frente desapareceu e foi substituído pelo movimento das nuvens no céu. Michael fechou os olhos e espichou a cabeça para fora; quando os abriu, notou algo entalhado na borda do disco. Eram numerais — um e dois —, formando o número doze.

Ele se virou para os outros e gritou:

— Encontrei a meia-noite!

— Volta aqui antes que você seja lançado para fora! — Sarah respondeu imediatamente.

Michael foi rastejando para a esquerda até chegar ao número onze. Logo em seguida, recuou e começou a engatinhar outra vez. O disco girou mais um pouco, e ele teve que parar e tentar se manter no lugar até que a rotação terminasse. Em seguida, voltou correndo até onde estavam os outros dois amigos.

— O disco é numerado — revelou Michael. — Como um relógio.

Sarah balançou afirmativamente a cabeça.

— Certo. Bryson está marcando a posição com as pernas.

Michael olhou para seu amigo. Ele estava sentado com as pernas esticadas, apontadas para o local de onde Michael viera momentos antes.

— Uau, vocês não dão ponto sem nó.

— Então, vamos agora para a parte mais fácil — disse Bryson. — Resolver a charada.

A NetScreen ainda estava aberta, e Bryson a girou para que os outros dois pudessem ler. Michael se inclinou para frente a fim de olhar mais de perto.

*Antes de escolher a hora certa de agir,
É preciso imaginar a torre e subir.
E, com o cuidado de não precipitar a saída,
Contemprar a lua mais escura e sem vida.*

— Deve ter alguma coisa a ver com os ciclos lunares — arriscou Sarah. — Algum de vocês sabe quais são as fases da lua?

— Ou quando ela fica mais escura e sem vida? — acrescentou Bryson. — Será que é na lua nova, quando ela fica escura? Ou de repente durante um eclipse?

O disco girou de novo, obrigando-os a se segurar com firmeza.

Sarah parecia perdida em pensamentos.

— E o que pode ser essa torre? Talvez uma coisa simbólica, e deve ser durante a lua nova... Puxa vida. Já nem sei mais do que estou falando.

Michael ficou calado, olhando para os outros dois. Algo lhe dizia que estavam elaborando uma linha de raciocínio equivocada. Muito equivocada. Aquilo não tinha nada a ver com torres e ciclos lunares. Era alguma outra coisa, mas ele não sabia o quê.

— Michael? — chamou Sarah. — O gênio aqui é você... Qual é o *seu* palpite?

Ele a encarou, mas não disse nada, sentindo a mente girar a mil, prestes a encontrar uma resposta.

— E então? — ela insistiu. — O que você...

Duas coisas aconteceram ao mesmo tempo, obrigando Sarah a se interromper. A primeira foi um som que Michael nunca tinha ouvido antes, como a explosão sonora de mil turbinas a jato acionadas simultaneamente. Era tão alto e estava tão próximo que Michael sentiu uma pressão terrível nos ouvidos. No mesmo instante, uma luz ofuscante se acendeu no céu como um fogo branco, perfurando o disco de pedra a poucos metros de onde estavam sentados. Os ouvidos de Michael zumbiam, e sua visão ficou borrada.

— E agora? — ouviu Bryson dizer, mas era como se sua voz viesse de trás de uma porta ou de uma cortina grossa.

Michael estava desorientado. Havia sido arremessado para trás com a explosão. Enquanto se punha de joelhos outra vez, o som de algo se rachando reverberou pelo ar, como uma geleira se despedaçando. Ele se virou para a fonte do ruído e viu que o disco se partira — rachaduras se espalhavam por toda a superfície a partir do local onde o raio havia caído. Michael ficou horrorizado ao se dar conta do que estava acontecendo: o disco estava prestes a ruir a qualquer momento.

— Levantem! — gritou Michael. — Não podemos nos separar!

Enquanto os amigos se colocavam de pé e vinham em sua direção, Michael enfim conseguiu ordenar seus pensamentos. A resposta era tão óbvia que sentiu vontade de soltar uma gargalhada.

— Dez horas! — ele berrou. — Precisamos saltar às dez horas!

8

Nesse momento o disco girou, e os três precisaram se agarrar uns aos outros. Fragmentos de pedra se soltavam da extremidade do disco, perdendo-se na escuridão. A teia de rachaduras continuava a crescer, cobrindo quase toda a superfície. Tinham pouco tempo.

— Vamos lá! — gritou Michael, e saiu na direção que parecia ser a certa, mas, sem as pernas de Bryson apontando para a meia-noite, não havia como ter certeza. Os Portais escuros continuavam aparecendo e desaparecendo sem parar.

— Não! — disse Bryson, puxando-o para que se detivesse. — É para lá! — afirmou, apontando para o outro lado do disco.

Michael já tinha aprendido a confiar no instinto dos amigos havia muito tempo, por isso não discutiu. Virou-se e partiu na direção

apontada por Bryson. Sob seus pés, a pedra parecia se transformar em areia, desfazendo-se a cada passo. O ruído de algo se partindo ressoou à direita, e Michael observou, horrorizado, um pedaço de pedra de uns três metros de largura se desprender do disco e despencar no abismo.

— Vejam só isto! — gritou Sarah, apontando para a esquerda do local que havia acabado de desaparecer.

Já estavam perto o suficiente da extremidade para ver o número quatro. Bryson tinha se enganado.

— Foi mal! — ele gritou.

O disco girou de novo, mandando os três para o chão, um caindo por cima do outro. Michael tentou se apoiar para se levantar e começou a entrar em pânico quando suas mãos não encontraram nada além de ar. A borda áspera de pedra partida arranhou seu cotovelo, e ele encolheu o braço, enquanto Bryson o puxava para que não caísse no vazio. Michael desabou de novo sobre Sarah, que grunhiu e o empurrou, mas ele se manteve onde estava. O disco inteiro tremia. Era como se estivessem no epicentro de um terremoto, e os sons terríveis de pedra se rachando preenchiam o ar.

Michael sabia que cautela naquele momento não era mais uma opção sensata. Levantou-se de um salto e segurou os dois amigos pela mão.

— Vamos lá!

Puxando-os consigo, Michael saiu em disparada pelo disco, saltando pelos buracos da superfície à medida que estes se formavam. À esquerda, outro pedaço enorme de pedra se desprende e caiu, e depois outro à direita. No centro, onde Alforja

se sentara com sua cadeira, uma explosão lançou uma chuva de detritos pelo ar, deixando em seu lugar apenas a luz pálida e arroxeadada das nuvens. Michael continuou correndo e pulando, sem tirar os olhos do lado oposto de onde haviam visto as quatro horas. Naquele instante, o Portal de que precisavam não estava lá.

Encontravam-se a poucos metros da extremidade quando o disco girou de novo, lançando-os outra vez ao chão de pedra. Os ruídos da rocha se partindo eram mais altos do que nunca, e Michael não precisava nem olhar ao redor para constatar que metade do disco já havia sido tragada pelo abismo. Ajoelhou-se, assim como Bryson e Sarah, e olhou para o local onde ficavam as dez horas. O Portal ainda não estava lá.

— Vamos! — gritou Michael para o céu vazio. — Aparece, seu Portal de...

Um retângulo escuro surgiu contra as nuvens, pairando a poucos metros de distância. Michael sabia que aquela coisa não ficaria ali por muito tempo, que poderia desaparecer bem no instante em que pulassem. Aquele, no entanto, não era o momento para esse tipo de reflexão.

Levantou-se e empurrou Bryson na direção do Portal. Bryson correu, saltou sobre a superfície negra e foi engolido pela escuridão. Sarah foi logo em seguida. Ela escorregou pouco antes de pular, mas conseguiu entrar mesmo assim.

Outro trovão reverberou no ar, envolvendo tudo em sua explosão de som e luz. Michael correu meio agachado e saltou bem no instante em que o disco passou a rodar mais uma vez. Esse movimento o fez girar no ar, e ele ficou de costas para o Portal. O

que restou do disco foi apenas um mar de pedras e uma névoa de poeira. Por um momento, não soube se seu corpo se projetava na direção certa, um instante que pareceu durar uma eternidade.

Em seguida, porém, seu corpo encontrou o Portal, e o céu inteiro ficou negro.

XIV. MEDO

1

Ele desabou sobre um piso de madeira com um baque surdo, e uma pontada de dor se espalhou pelas costas inteiras. Um papel de parede florido gasto e soltando nas pontas revestia as paredes de um corredor largo, que se estendia em ambas as direções. Mais acima, uma única lâmpada proporcionava uma luminosidade fraca. Bryson estava deitado a seu lado, a cabeça apoiada nos braços. Sarah estava de joelhos, apesar de ainda parecer um pouco zozna.

— Essa foi por pouco, hein? — murmurou Bryson.

Sarah foi até Michael e o cutucou.

— Como você sabia que a resposta era dez horas?

Michael se sentia muito satisfeito consigo, mas, quando se mexeu, percebeu que seu corpo inteiro estava dolorido. Sentou-se com um grunhido.

— Aquela charada idiota era só uma forma de descrever o número. Pensem bem.

Bryson e Sarah se entreolharam, e Michael notou o momento exato em que a ficha caiu na cabeça dos dois ao mesmo tempo.

— Uma torre — disse Sarah. — E uma lua escura e sem vida.

— Um e zero — Bryson completou, sacudindo a cabeça como se fosse a pessoa mais tola do mundo.

— Desculpem aí, mas sou uma pessoa brilhante — disse Michael.
— É um fardo que preciso carregar.

Sarah esboçou um sorriso, que se desfez antes mesmo de se abrir por completo.

— Acham que é verdade?

— O quê? — Michael e Bryson perguntaram ao mesmo tempo.

— Ah, qual é... Vocês sabem.

— Essa história de só ter uma chance? — arriscou Bryson.

Sarah confirmou com a cabeça.

— É. Se a gente morrer, a velhinha falou que não tem como voltar para o Caminho.

Michael tinha esquecido esse detalhe em meio a toda a loucura que se seguira.

— Acho melhor tomar cuidado para não morrer, então.

— E poderia ter sido pior, aliás — acrescentou Bryson. — Eu meio que esperava que ela fosse dizer que iam mexer no nosso Código, sabe, bagunçar nosso Núcleo... Pelo menos já sabemos que vamos voltar para casa sãos e salvos.

Aquele comentário não fez com que Michael se sentisse muito aliviado.

— Sim, mas, tendo fracassado na nossa... missão, ou sei lá como é o nome do que estamos fazendo, teremos dado uma bela mancada com o SSV. Corremos o risco de ver a nossa vida virada do avesso, ou de ser mandados para a cadeia, ou de nunca mais ver nossa família, quem é que pode saber? Acho que prefiro morrer de verdade.

— Não podemos morrer — Sarah disse baixinho. — Isso deixou de ser um jogo. Não podemos morrer nem deixar que isso aconteça com um de nós. Certo?

— Claro — respondeu Michael.

Bryson ergueu os polegares.

— Principalmente *eu*. Se é que não se incomodam...

A dor nas costas de Michael foi passando, e ele conseguiu se concentrar mais no ambiente ao redor. O corredor em que se encontravam desaparecia na escuridão, parecendo se estender ao infinito em ambas as direções.

— Para onde será que mandaram a gente agora? — questionou Bryson. — Será que aqui ainda é o Caminho?

Sarah fechou os olhos para examinar o código.

— Parece um lugar programado da mesma maneira que o disco de pedra. Uma coisa complexa e quase impossível de entender. Diversão pura.

Michael se levantou, apoiou-se contra uma das paredes e esperou alguns segundos para ver se algo iria mudar.

— Parece que estamos em uma mansão antiga ou coisa do tipo.

Bryson e Sarah também ficaram de pé, e Bryson apontou para as duas direções ao mesmo tempo.

— E para que lado a gente vai primeiro? — perguntou. — É melhor começar a exploração.

Ouviram um barulho.

Era um ruído grave e sofrido, que vinha do fundo do corredor, do lado direito de onde Michael se encontrava. Ele sentiu um arrepio se espalhar pelo corpo todo e desencostou da parede, assumindo uma postura mais defensiva. Parecia ser o som de um homem gemendo, e continuou por um bom tempo. Michael estava prestes a murmurar algo para os amigos quando um grito apavorante reverberou

naquela mesma direção, um lamento desesperado de dor. Em seguida, o corredor ficou em silêncio. Bryson e Sarah se viraram para Michael, os olhos arregalados.

— É melhor a gente ir por ali — ele falou, apontando para a esquerda.

2

Caminharam na direção oposta aos ruídos assustadores. Michael continuou olhando para trás a todo instante, convencido de que a qualquer momento algum espectro terrível apareceria às suas costas, mas até aquele instante não ouvira mais nem um pio.

Para ajudar, o corredor não acabava. Caminharam por um tempo inacreditavelmente longo, passando sob inúmeras lâmpadas como a primeira que tinham visto. Com o tempo, Michael foi notando um padrão — quando a luz ia ficando insuficiente, chegavam a um trecho iluminado por outra lâmpada. Era capaz de jurar que andavam em círculos, apesar de o trajeto ser claramente uma linha reta.

Seguiram por mais uns vinte minutos sem que nada mudasse.

— Que casa é esta, hein? — Michael comentou por fim. Aquele lugar o fazia se lembrar de um jogo em que tinha entrado certa vez, com uma torre cheia de escadarias que formavam um labirinto dos mais complexos. A única diferença era que no jogo havia uma sensação de progresso à medida que ele avançava. — Nem imagino qual deve ser o tamanho da suíte principal — acrescentou em um tom baixo de voz.

De tempos em tempos, Sarah parava para examinar o papel de parede.

— Não é nem uma *casa*. Estou tentando descobrir se a gente está em um loop, mas até agora não encontrei nenhum padrão recorrente... tipo, as mesmas manchas ou rasgos no papel de parede. É um corredor gigantesco mesmo.

— E o mais estranho é que não tem nenhuma porta — acrescentou Bryson.

— Vai ver isto aqui é uma espécie de túnel que liga duas construções diferentes — arriscou Sarah. — Faria sentido, porque não tem nenhuma janela também.

Foi quando um sussurro áspero cortou o ar, como um golpe de vento.

Michael se deteve e ergueu uma das mãos.

— O que foi isso? — perguntou, sentindo a pele se arrepiar outra vez.

Bryson e Sarah o encararam, mas não era possível ver o rosto deles na penumbra.

— *Michael* — murmurou uma voz inumana.

Michael se virou e se encostou na parede. Olhou para um lado e para o outro, mas a voz parecia vir de todos os lugares ao mesmo tempo, como se houvesse alto-falantes instalados nas paredes, no teto e no piso.

— *Michael, você está indo bem.*

Uma brisa soprou pelo corredor, agitando os cabelos de Michael e as roupas de Bryson e Sarah. Era como se um animal gigantesco tivesse soltado uma baforada lá dentro.

— Certo — disse Bryson. — Agora *eu* fiquei assustado. Quero dar o fora daqui, e agora mesmo. Por que tem uma voz falando com você?

— Não precisa ficar com medo — murmurou Michael, tentando esconder o quanto estava abalado. — Quantas vezes a gente já não esteve em casas mal-assombradas? Até em jogos de corrida tem casas mal-assombradas. Isso não é nada — complementou, expressando mais uma esperança do que uma certeza. — Mesmo o fato de saberem meu nome não significa nada de mais.

— Ah, então você não está nem um pouco assustado? — rebateu Bryson.

Michael exibiu um sorriso presunçoso e retomou a caminhada, mas, assim que se virou, sua expressão ficou séria de novo. Sua pretensa coragem não tinha utilidade nenhuma. Já haviam passado por muitos locais como aquele, era verdade, mas não por uma casa onde só tinham uma vida. Uma estranha sensação se instalou no estômago de Michael, um rugido que não tinha nada a ver com fome.

Teve um sobressalto quando Sarah encostou em seu ombro.

— Olha aí, Bryson — ela falou, dando risada. — Ele não está nem um pouco assustado mesmo.

Bryson caiu na risada também.

— Pois é, e tomara que não tenha nenhum espelho no caminho. Ele ia se mijar todo.

— Tudo bem, vocês venceram — resmungou Michael. — Eu quero a minha mãe. Mas agora vamos nos concentrar em encontrar uma porta.

Duas horas depois, ainda não haviam encontrado porta nenhuma.

O vento fantasma tinha soprado mais três vezes, e em todas elas acompanhado do sussurro perturbador. Michael ficara arrepiado ao ouvi-lo, mas tinha feito de tudo para não demonstrar seu desconforto. Por que estava recebendo elogios? Fosse o que fosse, porém, a voz não fizera nada para tentar detê-los ou prejudicá-los. À medida que caminhavam pelo corredor infinito, o verdadeiro medo de Michael passou a ser o de nunca mais encontrar uma saída.

Aquele era provavelmente o firewall mais inteligente já inventado. Não era projetado para matar ou ferir, mas sim para aprisionar quem tentasse entrar, iludindo a pessoa com a ideia de que ia a algum lugar, quando na verdade estava caindo em uma armadilha. Depois, era só mandar uma voz fantasmagórica dizer o nome da pessoa e esperar que ela se entregasse à loucura pouco a pouco.

— O que estamos fazendo aqui? — perguntou Bryson.

Michael quase teve outro sobressalto. Estavam em silêncio fazia tempo, e a tensão no ar era perceptível.

Sarah deteve o passo e se sentou no chão.

— Ele tem razão. Esse percurso não está levando a lugar nenhum. Deve ter alguém observando a gente como aqueles cientistas olhando ratinhos de laboratório em um labirinto. — Ela acenou para ambas as direções do corredor e soltou um suspiro. — Vamos parar um pouco e examinar o código. Talvez tenha alguma coisa que a gente não conseguiu enxergar antes.

Ela fechou os olhos e apoiou a cabeça na parede. Michael e Bryson fizeram o mesmo, concentrando-se no código ao redor.

Michael respirou fundo e começou a procurar por algo que pudesse ser considerado uma anomalia. Estava faminto, o que dificultava sua concentração. Tinha de conseguir comida em breve, caso contrário seu nível de energia despencaria. No Caixão, seu corpo físico não sofreria nada com isso, mas na VirtNet seria um problema. As forças de sua Aura seriam drenadas até que mal conseguisse rastejar.

Não conseguia acreditar no que estava vendo na programação ao redor. Se o código do Devils of Destruction podia ser considerado uma tempestade de letras e números, ali o que se via era um tornado, girando com tanta força que mal era possível discernir alguma coisa. Seu cérebro ficou cansado só de tentar.

— *Michael.*

Michael abriu os olhos e interrompeu a conexão, esperando que o espectro enfim se revelasse. O sussurro parecia mais próximo, mais palpável. No entanto, não havia nada lá, e a brisa de sempre voltou a soprar, mais fraca que antes. Seu amigo imaginário ainda repetiu sua palavra favorita algumas vezes antes de desaparecer.

Michael olhou para Bryson a fim de observar a reação dele, e a expressão no rosto do amigo chamou sua atenção. Ele estava inclinado para a frente, os olhos estreitados na direção de um ponto específico da parede oposta. Michael tentou ver o que Bryson examinava com tanto afinco, mas o papel de parede parecia idêntico ao dos locais pelos quais haviam passado durante as horas anteriores.

— Ei — disse Michael. — O que está fazendo? Encontrou algum ponto fraco?

Bryson desfez a careta e olhou para Michael.

— É, acho que sim. Na verdade, não um ponto fraco, mas uma pista no código sobre o que precisamos fazer. Mas já vou avisando... nunca vi nada parecido antes. A programação deste lugar é totalmente maluca.

— É mesmo — confirmou Sarah. — Quem construiu isso aqui tem um nível dez vezes mais avançado do que qualquer ser que eu consiga imaginar. Isso me deixou curiosa sobre esse tal de Kaine. Ele deve ser uma espécie de gênio.

Bryson deu de ombros.

— Como eu ia dizendo, é maluquice pura. Nenhum de nós conseguiria fazer uma coisa dessas. Disso eu tenho certeza.

— Mas você falou que tinha encontrado uma coisa — insistiu Michael, sentindo as esperanças se desfazerem.

— E encontrei mesmo. Isso aqui pode até envolver um nível absurdamente alto de programação, mas não somos tão burros assim. Dá só uma olhada.

Ele se levantou, caminhou até a outra parede, encostou a cabeça nela como se escutasse alguma coisa e deslizou as mãos pela superfície lisa.

— Estão ouvindo? — ele perguntou, olhando para Michael.

Michael conseguiu pensar apenas que Bryson havia obtido a honra de ser o primeiro deles a perder o juízo naquele corredor sem fim.

— Parece um cara esfregando as mãos na parede.

Bryson abriu um sorriso.

— Nada disso, meu amigo. É um som mágico. A parede é oca.

— Mágico? — questionou Sarah.

Bryson se endireitou outra vez.

— Tenham fé, amiguinhos.

Ele ergueu a perna direita e chutou com força. Ao estalo inicial se seguiu o som de algo se partindo no momento exato em que a ponta do pé desapareceu atrás do papel de parede. Ele o removeu de lá, trazendo consigo um pedaço de gesso e uma chuva de pó branco.

Bryson olhou para Michael por cima do ombro.

— Não tem porta? Sem problemas. A gente abre uma.

4

Bryson mostrou para eles o que havia localizado no complexo ciclone do código e, de fato, havia uma pista ali. Os três concordaram que a única maneira de prosseguir no Caminho era atravessando a parede.

Michael e Sarah se juntaram a Bryson no serviço de demolição, arrancando pedaços do material quebradiço e rasgando o papel. As pontas dos dedos de Michael começaram a arder, mas a empolgação o fez deixar isso de lado e trabalhar ainda mais rápido à medida que o buraco ia se abrindo.

Uma brisa soprou em suas costas, seguida do mesmo sussurro assustador, mas ele não deu atenção. Já estavam dando o fora daquele lugar.

Logo a abertura se tornou grande o suficiente para que passassem agachados.

— Quem vai primeiro? — perguntou Michael. O outro lado estava tão escuro que era como se uma cortina negra cobrisse a passagem.

Sarah cutucou Bryson.

— Quem fez a descoberta foi você, fera.

— Por mim tudo bem — ele murmurou. Agachou-se e se agarrou à passagem improvisada com as duas mãos antes de penetrar na escuridão. Bryson ficou de pé do outro lado, e Michael viu pelo movimento de suas calças que ele fez um giro em torno de si mesmo.

— Está vendo alguma coisa? — Michael gritou.

— Não — ele respondeu, a voz um pouco abafada. — Nadinha de nada. Mas aqui é aberto e arejado. Podem vir... Vamos explorar o lugar juntos, cantando e andando de mãos dadas.

Sarah se agachou e saiu do corredor, e em seguida Michael fez o mesmo. Bryson tinha razão. O ar era fresco, e não havia nada por lá.

Bryson acionou o EarCuff, e a NetScreen apareceu. Ele ajustou as configurações e em pouco tempo havia um belo quadro luminoso para orientá-los pelo caminho.

— Genial — comentou Michael, e ele e Sarah fizeram o mesmo.

— Eu sei — respondeu Bryson.

O único problema era que, apesar de disporem de iluminação, ela não revelava nada além de escuridão.

— Parece que estamos na lua — murmurou Sarah.

Michael deu um apertão no cotovelo dela.

— A única diferença é que conseguimos respirar, não estamos vendo nenhuma estrela e a gravidade ainda está fazendo efeito.

— Pois é. Fora isso, parece que estamos na lua. — Ela deu um passo à frente e olhou em ambas as direções. — Para onde vamos?

— Em frente — respondeu Bryson. — Pelo menos é o que o código parece estar sugerindo.

— Além disso — comentou Michael —, quero distância desse corredor idiota.

Por um momento, ele se perguntou se aquela era a decisão certa, e por que não havia nada tentando detê-los. No entanto, parecia ser a única escolha.

— Vamos lá, então — disse Sarah.

Começaram a caminhar em meio à escuridão.

5

Tudo ali era silencioso e assustador. Os passos, a respiração e o farfalhar das roupas eram os únicos sons possíveis de discernir. Michael olhou para trás e notou que o buraco na parede havia se tornado apenas um pontinho luminoso à distância. A programação por lá devia ser bem sólida, refletiu Michael, porque a perspectiva parecia perfeita e consistente. Em locais não tão bem programados era possível ver as falhas no código: o ambiente ao redor se alterava de modo sutil, as cores mudavam, a iluminação falhava.

— Qual é o propósito de tudo isso? — murmurou Bryson.

Todos eles murmuravam, como se algo na escuridão os ouvisse.

— É o Caminho — respondeu Michael. Aquilo começava a fazer mais sentido para ele. — Kaine sabe que não consegue manter todos à distância de seu esconderijo secreto. E sabe também que os melhores jogadores são hackers, e que estão todos atrás dele. A

saída então é criar um monte de programas de firewall para manter as pessoas entretidas até desistirem. Ou matar todo mundo e conseguir o mesmo resultado. Como eu odeio esse cara...

— Não é um cara — rebateu Sarah. — É um jogador maluco.

Michael reformulou sua frase:

— Como eu odeio esse jogador maluco...

Seguiram andando, mas nada mudou; nada de novo surgiu no ambiente.

Então Michael ouviu o fantasma outra vez, e seu coração disparou. Os três se paralisaram onde estavam.

— *Michael* — sussurrou a voz. — *Michael*.

Uma brisa começou a soprar, mas desta vez não foi algo passageiro. A brisa não parou. Vinha em lufadas fortes e mudava de direção, agitando roupas e cabelos. Um gemido cortava o ar, ainda mais intenso que no corredor. Michael imaginou um homem deitado em uma cama, encolhido e ensopado de suor.

— *Michael, Michael, Michael* — repetia a voz sem parar, de todas as direções, em meio aos gemidos. Michael ficou sem saber o que pensar. A voz com certeza soava cada vez mais próxima.

— Me lembrem de não entrar mais em casas mal-assombradas de hoje em diante — pediu Bryson. — E por que só você está sendo chamado?

Um novo som reverberou pelo ar, um grito feminino, bizarramente longo e agudo.

— Não aguento mais isso — berrou Sarah, tapando as orelhas com as mãos. — Vamos dar o fora daqui!

Michael considerou aquela uma ótima ideia. Ele a pegou pela mão e começou a correr. Bryson veio logo atrás. As NetScreens balançavam no ar, e as luzes oscilavam diante deles. O barulho só piorava, e a brisa se transformou em vento muito forte.

— *Michael, Michael, Michael...*

Michael acelerou o passo, arrastando Sarah consigo. À medida que corriam, o chão ia ficando mais macio — a cada passo, os pés de Michael afundavam alguns centímetros, até que não conseguiu mais seguir em frente; tropeçou e caiu sobre a superfície instável.

Era uma areia negra. O vento ficou mais forte, lançando grãos sobre seu rosto. Os gemidos se transformaram em uivos, e as palavras se fundiram para formar uma linguagem própria e indecifrável.

— Nada disso faz sentido! — gritou Bryson.

Michael quase não conseguiu ouvi-lo em meio a toda a barulheira. Ele estava ajoelhado, olhando ao redor, incrédulo.

Sarah tentava se levantar.

— A gente precisa manter...

Sua frase foi interrompida no momento em que a superfície sob eles entrou em colapso e os envolveu em uma nuvem de areia.

6

Por um longo instante, o coração de Michael pareceu querer sair pela boca, e ele se preparou mentalmente para morrer, revisitando em pensamento sua passagem pela ponte Golden Gate com Tanya e o longo mergulho no mar. Logo, porém, veio o alívio, quando ele notou que não havia desabado sobre uma superfície dura e fria. Não

estava mais caindo, e sim *deslizando*. A velocidade da descida diminuiu quando a superfície sob seu corpo se transformou em uma escadaria, e ele começou a rolar, fazendo de tudo para tentar se proteger da queda.

Soltando um grunhido a cada impacto, enrijeceu braços e pernas e por fim conseguiu parar, o queixo apoiado na beirada de um degrau. Fechou os olhos e respirou fundo. Foi quando sentiu alguém cair por cima dele.

Michael soltou um grito, extravasando toda a frustração que sentira durante as horas anteriores. Inundado de adrenalina, jogou para longe o corpo que havia aterrissado sobre o seu sem pensar duas vezes. Apenas depois de fazer isso percebeu que era Sarah e, horrorizado, observou-a despencar vários degraus escada abaixo.

— Desculpa — ele murmurou, envergonhado. Não havia nada como mandar uma boa amiga rolando escada abaixo para deixar uma pessoa sem graça. — Acho que perdi a cabeça.

Ela o encarou, fazendo uma careta, e abriu a boca para falar, mas acabou mudando de ideia. Então Michael avistou Bryson estatelado em uma posição bem estranha mais atrás, a NetScreen flutuando sobre sua cabeça.

Michael levou as pernas até a altura do peito e as abraçou. Já dava para imaginar o tipo de hematoma que teria quando fizesse a Emersão. O Caixão era um dispositivo especializado em punições físicas realistas.

— Isso doeu — comentou Bryson. Seu olhar estava perdido em um ponto mais adiante.

— Pois é, doeu mesmo — Michael concordou. — E tenho certeza de que seria impossível para Kaine criar um lugar tão complexo. Como ele conseguiria criar um programa que nós três mal conseguimos entender? E ainda por cima manipular isso tudo?

— Sei lá — respondeu Bryson. — Vai ver ele tem ajudantes. Ou há algo a respeito dele que a gente não conseguiu descobrir. Mas é uma loucura mesmo. E acho que você tem razão: os únicos pontos fracos que a gente está vendo são os que ele permite. A gente está percorrendo este Caminho da maneira que *ele* quer. Estou com inveja desse sacana.

Sarah começou a gemer, e quando Michael olhou para ela notou que seus ombros estavam trêmulos, e a cabeça enterrada entre os braços. *Uau*, ele pensou. As coisas estavam feias mesmo. Ele nem se lembrava da última vez em que tinha visto Sarah chorar. Michael foi consolá-la, movendo com dificuldade o corpo dolorido. Desajeitado, foi descendo os degraus um a um até chegar ao lado dela, estender o braço e afagar suas costas.

Ela levantou a cabeça e o encarou. Seu rosto estava banhado de lágrimas, mas mesmo naquela luz pálida Michael pôde ver que ela não estava com raiva. Pelo menos a barra *dele* estava limpa.

— Tudo bem? — perguntou, sabendo que era uma pergunta idiota, mas sem encontrar nada mais para dizer.

— Hã, deixa eu pensar... Não, não estou bem. — Ela tentou sorrir, mas, ao se sentar ao lado dele, o sorriso acabou virando uma careta.
— O que foi que aconteceu?

Bryson se prontificou a responder:

— Bom, a gente estava em um corredor, passou para um lugar escuro e depois caiu em uma superfície de areia, que virou um escorregador e no fim uma escada. Nunca tinha feito isso antes?

— Não que eu me lembre — ela respondeu, desanimada. — Vocês dois estão certos sobre o código. E sobre Kaine. Isso tudo é muito esquisito.

Michael ficou olhando para a escadaria diante deles, tentando ver onde terminava. Assim como o corredor, porém, ela desaparecia na escuridão.

Detestava ter que admitir, mas só havia uma opção.

— A gente precisa seguir em frente e dar logo o fora daqui.

— Por quê? — perguntou Bryson, irritado. — A próxima armadilha pode ser ainda pior.

Michael deu de ombros.

— Pode ser. Mas a gente vai ter que passar por essa e por outras depois dessa se quiser chegar à Ravina Consagrada e entender tudo o que está acontecendo.

— Ou então morrer e voltar para casa — Sarah sussurrou.

— Ou então morrer e voltar para casa — repetiu Michael, incomodado. Apesar de todo o tempo que passava no Sono, não tinha nem de longe a experiência necessária para encarar aquele firewall. Furioso e dolorido, levantou-se e começou a descer pela escada.

7

Durante as duas horas seguintes, nada mudou, a não ser a areia que os acompanhou na queda, que por fim desapareceu depois de

certo tempo de descida. Tudo continuava tendendo ao infinito. Eram degraus e mais degraus. Desceram sem parar pela escuridão gelada, contando apenas com o brilho das NetScreens para iluminar o caminho. Todas as tentativas de encontrar um atalho ou uma falha na programação terminaram em frustração. Nada ali fazia sentido.

Por fim, decidiram que precisavam dormir.

— Esses degraus têm mais ou menos o nosso tamanho — Bryson observou quando pararam.

Ninguém disse nada enquanto se deitavam. Michael nunca havia se sentido tão cansado em toda a sua vida. O corpo e a mente precisavam de um tempo.

Estranhamente, porém, não conseguiu dormir. Talvez fosse por causa da dor, ou então da tensão — a expectativa pelo que estava por vir —, mas o fato foi que o sono não veio. Em vez disso, sua mente ficou vagando, e por alguma razão só conseguia pensar em uma coisa.

Em seus pais.

Não sabia o motivo. Estava com saudade, era verdade. E também com medo de que descobrissem seu envolvimento com Kaine.

Foi quando se deu conta de algo. Era tão perturbador, tão inacreditável, que se sentou às pressas, com dificuldade para respirar. Por sorte, Bryson e Sarah estavam dormindo. Caso lhe perguntassem o que estava acontecendo, não saberia muito bem o que responder.

Michael fechou os olhos e se concentrou, esfregando as têmporas. Seus pensamentos estavam um tanto confusos. Respirou fundo e se acalmou, procurando seguir um raciocínio mais metódico,

recordando os dias anteriores na ordem inversa, criando uma lista mental de tudo o que havia acontecido.

Uma semana. Duas semanas. Três semanas. Um mês. Dois meses. Dia a dia, puxava pela memória, tentando rever sua trajetória recente. Sua memória era mais afiada do que imaginava — havia uma porção de coisas de que se lembrava. No entanto, havia um detalhe crucial que parecia impossível de recordar. Como pudera estar tão distraído a ponto de não se dar conta antes? Como se deixara envolver daquela maneira pelas coisas da escola e da VirtNet?

Não era à toa que aquilo o incomodava tanto.

Michael literalmente não se lembrava da última vez em que tinha visto os pais.

XV. UMA PORTA À DISTÂNCIA

1

E Helga também não havia voltado.

Michael não sabia o que o incomodava mais — que algo terrível estivesse acontecendo com seus pais e sua empregada, ou o fato de estar tão distraído que nem se dera conta disso. Estava apavorado e envergonhado em doses idênticas.

Tentou especular o que poderia ter acontecido. Talvez o SSV tivesse algum envolvimento nisso. Ou Kaine e seu programa da Doutrina da Morte. No fim das contas, todas as coisas que haviam virado sua vida do avesso nas últimas semanas deviam estar relacionadas, embora não soubesse dizer qual era a correlação exata.

Michael não conseguia se lembrar. Por mais que se esforçasse, não conseguia se recordar da última vez que estivera com os pais. Todas as coisas que passavam por sua cabeça — festas, refeições, passeios de carro — confirmavam que ele tinha estado com os pais naqueles momentos, mas a lembrança da convivência com eles permanecia inacessível.

Era uma coisa estranhíssima, que o deixou aterrorizado. E o mais assustador de tudo era que o motivo disso podia ser o SimKiller. Sem dúvida nenhuma aquela criatura havia provocado algum dano em seu cérebro.

Não sabia o que fazer, o que pensar, mas achou melhor se deitar outra vez no degrau da escada. No fim o cansaço falou mais alto, e ele acabou adormecendo.

2

Bryson o acordou sacudindo seu ombro de leve. Michael olhou para os dois amigos com a visão ainda sem foco.

— Que coisa, cara — comentou Bryson. — A gente já acordou faz uma hora. E você ronca como um urso gordo.

Michael esticou as pernas, levantou-se e soltou um bocejo, esfregando os olhos. O ambiente escuro da escadaria oscilou um pouco e logo em seguida se endireitou. Nada havia mudado enquanto dormiam.

— Vocês também tiveram sonhos bizarros? — perguntou Sarah. — No meu tinha um cara com fantasia de coelho. Nem queiram saber dos detalhes.

Michael não tinha sonhado com nada, mas a descoberta perturbadora voltou a assombrá-lo de imediato. Por que não conseguia se lembrar da última vez que estivera com os pais? Onde estariam? Por que Helga não havia voltado para casa? Como tinha conseguido ficar tanto tempo sem sequer pensar no pai e na mãe? Michael não costumava falar com os dois durante as viagens, mas mesmo assim aquilo era muito estranho, além de muito errado, fosse qual fosse o motivo.

— Michael? — perguntou Sarah. — Está tudo bem?

Ele a olhou, mas decidiu que era melhor não tocar no assunto.

— Está, sim. É só a empolgação de voltar a descer essa escada... Estou com tanta fome que tenho vontade de comer uma das pernas do Bryson.

— É melhor dar uma depilada antes — respondeu Bryson, erguendo uma das pernas como se a oferecesse ao amigo. Em seguida, baixando-a de novo, comentou: — Também tive um sonho estranho, no qual nunca tinha conhecido Michael e levava uma vida feliz, sem ninguém tentando me matar ou torrar meu cérebro para sempre. Foi bem legal.

— Parece ter sido um sonho *bom* — disse Sarah.

Michael se levantou e se espreguiçou.

— Rá, rá, rá. Vamos descer logo essa escada idiota.

Ninguém se opôs, e retomaram a descida, degrau por degrau.

3

Era impossível determinar quanto tempo havia se passado antes de as coisas começarem a mudar. Michael tentou contar os degraus por um tempo, depois os segundos e os minutos, só para manter a mente ocupada com outras coisas que não fossem seus pais. Seu relógio parou de funcionar em determinado ponto, e os relógios das NetScreens pareceram enlouquecer. Quanto mais desciam, mais estranho Michael se sentia. A monotonia começou a criar dentro dele uma ansiedade difícil de controlar. As tentativas ocasionais — e frustradas — de hackear aquele código inviável só pioraram as coisas.

Por fim, encontraram uma porta.

Ficava no fim da escadaria, onde o espaço ao redor ia se estreitando até formar um túnel, que terminava em uma porta comum de madeira. O alívio daquela visão fez com que Michael sentisse uma alegria inexplicável, que se materializou em um acesso de riso.

— Qual é a graça? — perguntou Bryson, ele mesmo se segurando para não rir. — Não quer compartilhar com o restante da turma para a gente poder rir também?

— Não tem graça nenhuma. — Michael foi o primeiro a chegar à porta, e estendeu a mão na direção da maçaneta de metal. — Só estou feliz por ter chegado em casa.

Bryson soltou uma risadinha, mas Michael preferiu não estender a conversa. Virou a maçaneta, e a porta se abriu sem dificuldade. Sem perder tempo, ele entrou para ver o que os esperava.

Havia duas fileiras de pessoas encostadas nas paredes de um corredor. E, apesar de estarem de olhos abertos, pareciam todas mortas.

4

Michael parou na soleira da porta. Sentiu a presença dos amigos às suas costas, mas a pressa deles para entrar naquele corredor parecia ser idêntica à sua — ou seja, nenhuma.

Lâmpadas como as de uma casa mal-assombrada iluminavam o corredor, fazendo Michael sentir saudade da escuridão que os cercava até pouco tempo antes. Os ocupantes do local estavam parados como estátuas, os olhos voltados para os três amigos.

Michael se concentrou nos rostos mais próximos. À sua direita havia uma mulher, pálida como o luar, usando um vestido branco amarrotado, mas limpo. Seus olhos escuros estavam vidrados em Michael, e ela parecia prestes a abrir a boca para falar a qualquer momento.

Do outro lado, à esquerda de Michael, estava um homem de terno preto. Encontrava-se tão pálido e imóvel quanto a mulher, mas com o braço direito afastado do corpo e os dedos estirados.

Michael observou os demais ocupantes do corredor. Estavam todos brancos como fantasmas e não esboçavam nenhum movimento além de dirigir olhares para os recém-chegados. Assim como o primeiro homem, várias outras pessoas estavam paralisadas em posições bizarras. Era como se tivessem sido transformadas em estátuas enquanto se movimentavam.

— Olá? — chamou Bryson.

Sua voz ecoou pelo corredor e, pouco antes de silenciar por completo, todos os corpos até então estáticos se moveram alguns milímetros. O coração de Michael disparou.

— O que foi isso? — murmurou Sarah, e algumas pessoas esboçaram um mínimo movimento. Ela passou a falar ainda mais baixo: — Só o que dá para entender no código é que o Caminho passa por aqui. Não estou conseguindo ver nenhuma outra saída.

— E, para variar, eu também não — acrescentou Bryson.

Com movimentos lentos e cautelosos, Michael se virou para os dois e, com um sussurro tão sutil que mal se conseguia ouvir o que ele dizia, falou:

— Certo, mas fiquem em silêncio. E nada de movimentos bruscos. Vamos lá.

Ele se virou e deu um passo cheio de hesitação, depois outro. As cabeças se viraram para acompanhar a passagem deles, e todos os olhares se concentraram em Michael. Ele os encarou, morrendo de medo do que poderiam vir a fazer. A cada pessoa por quem passava, a tensão aumentava, tornando difícil até mesmo o ato de respirar.

Mas foi em frente, tomando o cuidado de se mover a passos lentos e controlados. Dava para sentir que Bryson e Sarah vinham logo atrás, mas não se virou para ver. Passaram por um velho com nariz largo e olhar inflamado. Um dos homens tinha uma enorme marca de nascença que cobria todo o rosto como um hematoma sobre a pele clara. Havia também uma mulher com a boca aberta, revelando os dentes brancos e a gengiva arroxeadada. E ainda um menino com um leve sorriso estampado no rosto.

Michael começou a sentir uma coceira no nariz impossível de ignorar. Espirrou, e os corpos ao redor se moveram de novo, erguendo os braços alguns bons centímetros. Seu coração disparou e ele se deteve, esperando para ver se algo aconteceria. Tudo permaneceu como estava. Aliviado, voltou a andar, os passos leves e desesperadamente lentos.

Depois de passar por mais umas dez pessoas, Michael tropeçou em uma irregularidade no piso e caiu, aterrissando sobre o próprio ombro. Antes mesmo de atingir o chão, porém, já ouvira a movimentação das pessoas ao redor.

Michael rolou para ficar com as costas no chão e levou os braços ao rosto para se defender. O que viu em seguida o deixou paralisado. Parecia uma cena de cartaz de filme de terror. Várias mãos estavam estendidas em sua direção, os rostos com expressões furiosas. No entanto, quando ficou imóvel, todos os demais também ficaram. Os olhos inflamados o encaravam sem desviar, mas ninguém se mexia.

Em pouco tempo, ouviriam seu coração disparado, portanto Michael tratou de se acalmar. Respirou fundo várias vezes e começou a se afastar com movimentos curtos e sutis. Seu corpo estava coberto de suor, encharcando as roupas e escorrendo pelas laterais do rosto. Não conseguia desgrudar os olhos das figuras que o cercavam. Um passo em falso e o atacariam, e aí seria o fim. Resistir só causaria *mais* movimentação.

Muita calma, amigo, pensou enquanto recuava.

Por fim, Michael se afastou dos braços imóveis estendidos. A parte mais bizarra era que, embora os corpos permanecessem imóveis do pescoço para baixo, os olhos continuavam acompanhando seus movimentos. Ele estava todo arrepiado.

Mais devagar que nunca, virou-se e se levantou. Em seguida, olhou para Bryson e Sarah, que estavam atrás do grupo que o havia atacado. Por sorte, havia um espaço vazio na parede, deixado por aqueles que tinham ido em sua direção, permitindo assim que os amigos contornassem os agressores e se juntassem a ele. Bryson estava estranhamente abalado, a expressão tensa, os olhos arregalados. Michael queria perguntar se estava tudo bem, mas

sabia que não podia fazer nenhum ruído, então se limitou a seguir em frente em silêncio.

Continuaram andando pelo corredor. Devagar. Bem devagar.

6

Andar sem fazer barulho era difícil, e os três foram avançando no ritmo mais lento em que Michael já havia se deslocado na vida. Aquilo era um tanto irritante, mas pelo menos mantinha aquelas pessoas em seus lugares.

À medida que avançavam, os rostos ao redor se misturaram em uma massa compacta aos olhos de Michael. Ele parou de fazer distinções entre homem e mulher, adulto e criança, gordo e magro. Tentando não olhar para ninguém, concentrou sua visão no ponto mais distante possível.

Depois do que pareceu ser uma eternidade, o fim do corredor se tornou visível. Em um ponto longínquo, Michael conseguiu ver outra porta.

7

Quando viu a saída, a tentação de correr até lá foi quase irresistível, mas Michael aguentou firme. Continuou se deslocando com passos cautelosos.

À medida que iam passando, os três amigos atraíam todos os olhares. Enquanto tentava se concentrar apenas nos próprios movimentos, Michael ouviu um ruído esquisito atrás de si, uma espécie de resmungo, e sentiu o coração disparar ao notar que vinha

de Bryson. Michael viu as pessoas a seu lado começarem a se mexer.

— Não consigo parar de pensar em Kaine e no código inacreditável deste lugar — Bryson murmurou um pouco alto demais. As pessoas perto da parede se moveram de novo. — E acabei de pensar em uma coisa. E se Kaine na verdade não for um jogador? E se... Ei! A programação aqui é mais fraca!

As últimas palavras saíram não em um sussurro, mas em um grito retumbante. Enquanto a voz de Bryson ecoava pelo recinto, Michael sentiu sua mente entrar em pânico. Bryson o empurrou para o lado e saiu em disparada rumo à porta. Michael esbarrou em um corpo frio, que imediatamente ganhou vida. Em vez de se voltar contra Michael, porém, a criatura saiu atrás de Bryson. Todas as demais fizeram o mesmo. Michael caiu de joelhos, horrorizado, observando a perseguição da horda furiosa em direção ao seu amigo.

8

Michael sabia como as coisas funcionavam. Quando se estava no Sono, havia sempre a consciência de aquilo não era *real*. Na pior das hipóteses, quando a pessoa morria — mesmo que de forma violenta —, ela voltava ao Caixão, de onde poderia sair, tomar um banho, relaxar e se recuperar para voltar ao jogo outro dia. Era uma certeza que se fazia presente o tempo todo.

No Caminho, porém, essa noção parecia mais distante. Naquele momento, Michael teve sérias dúvidas sobre qual seria a melhor maneira de agir. Sabia que o que Bryson estava prestes a sofrer não era real. Caso fosse, Michael não hesitaria nem por um instante —

sairia correndo e tentaria salvar o amigo. E, se estivesse em um jogo qualquer da VirtNet, provavelmente faria o mesmo. Mas ali, em caso de morte, o fracasso de sua missão estaria decretado de forma definitiva. Não podia se arriscar tanto assim.

No entanto, isso não tornava mais fácil o fato de precisar ouvir o som de violência que se instalava. Aquilo com certeza *não parecia* um jogo.

Sarah se ajoelhou ao lado de Michael.

— A gente precisa hacke...

— Mas já tentamos fazer isso uma montão de vezes — ele interrompeu.

— E precisamos tentar de novo! — insistiu Sarah, o rosto todo vermelho.

— Certo — disse Michael, dando de ombros. — Você tem razão.

Michael fechou os olhos e mergulhou no código do ambiente que os cercava. Vasculhou o mar de dados, e sentiu a presença digital de Sarah fazendo o mesmo. Naquele local, porém, o Caminho parecia ainda mais protegido. Michael fez de tudo para tentar acessar o código do lugar onde Bryson estava sendo atacado, mas não conseguiu.

Sarah insistiu por mais um tempo, também sem sucesso.

— Obrigada mesmo assim — ela disse baixinho.

Com os olhos abertos outra vez, ela e Michael evitaram se virar na direção de Bryson. Michael não queria ver o que aconteceria com ele. Só os sons já eram assustadores o bastante. Grunhidos, estalos e rasgos. Rosnados de raiva e talvez de deleite.

E, obviamente, o pior de tudo: os gritos de Bryson, que ecoavam no ar pelo corredor como se estivesse bem ao lado dos dois amigos. Eram berros de desespero, tão repletos de terror que Michael sentia o coração doer, como se alguém o espremesse com as duas mãos. Estavam no Sono por vontade própria e cientes de como funcionavam as coisas por lá, mas, naquele momento, fosse uma experiência real ou não, Bryson sentia cada pontada de dor da tortura a que era submetido.

Por fim, e para alívio de Michael, os ruídos cessaram. Ele não precisava nem olhar para saber que o que restara de Bryson havia desaparecido no momento em que sua Aura soltara o último suspiro. Em algum lugar, o amigo estaria acordando dentro do Caixão, provavelmente ainda gritando de terror.

Sarah apertou sua mão e, pela segunda vez naquele dia, Michael notou que ela chorava.

Quando tudo voltou à imobilidade, Michael pôde enfim pensar nas estranhas palavras que seu amigo havia proferido antes de perder a cabeça, e se perguntou se àquela altura se seu juízo já não estava afetado. *E se Kaine na verdade não for um jogador?*

Michael fechou os olhos e percebeu que também estava quase indo às lágrimas. O que Bryson queria dizer com aquilo?

XVI. UM HOMEM ISOLADO

1

Assim que o corpo de Bryson desapareceu, a horda ficou paralisada de novo, e o silêncio voltou a imperar no corredor. Michael e Sarah se levantaram, tomando o cuidado de não fazer nenhum movimento brusco. Bryson não estava mais lá — ele não poderia voltar ao Caminho —, e o trauma de testemunhar o que ele tinha sofrido pairava sobre a cabeça de Michael como uma nuvem negra. Queria conversar com Sarah a respeito das palavras de Bryson, mas sem correr o risco de despertar os mortos-vivos.

Ele se concentrou na única coisa que estava a seu alcance: chegar até a porta. Vasculhou o código à procura de uma maneira de abafar o ruído que produziam — uma coisa bem simples, mas difícil demais de conseguir diante de um firewall de tamanha complexidade. Demorou um bocado, mas no fim deu certo. Sarah percebeu e lhe fez um agradecimento silencioso.

Pouco a pouco, foram se aproximando do objetivo, mas ainda havia um último obstáculo: a pilha de corpos que, unidos, haviam tirado a vida de Bryson. Michael se encostou contra a parede, estendendo braços e pernas. Era uma tarefa complicada, mesmo tendo seu silêncio garantido pela manipulação do código, e o suor começou a brotar de sua testa. Estava morrendo de sede, e a boca estava tão seca que parecia estar cheia de areia.

Por fim, Michael conseguiu contornar a montanha de corpos, e Sarah apareceu logo atrás. Seguiram em frente, medindo cada passo como se atravessassem uma superfície enlameada.

Em pouco tempo a porta — *a abençoada porta*, pensou Michael — estava ao alcance deles. E, assim como aquela pela qual haviam entrado, esta também se encontrava destrancada. Ele a abriu e saiu do corredor, puxando Sarah pela mão.

Antes mesmo de saber onde estavam, Michael fechou a porta. Só então se virou para examinar o ambiente ao redor.

Era uma mata fechada, com árvores imensas e uma névoa espessa instalada sobre os galhos como se fosse musgo. Um caminho de terra batida a atravessava, convidando Michael e Sarah a se embrenhar nele. Bem ao lado da entrada da trilha, sob a folhagem de um enorme carvalho, havia um homem pálido vestindo um manto vermelho, e um capuz lhe cobria a cabeça.

— Puxa, um caszinho — comentou o estranho.

2

Por alguma razão, a primeira reação de Michael ao ouvir aquelas palavras foi se virar para ver se a porta ainda estava lá. E estava, em meio a uma enorme parede de granito cinza, muito bem fechada. Não sabia por que tinha feito aquilo — afinal, voltar para o corredor dos mortos-vivos era a última coisa que desejava. No entanto, era impossível negar que havia algo de sinistro naquela floresta e no homem que os saudava.

Ele se virou para encarar o sujeito, que ainda estava lá, parado ao lado do carvalho, as mãos entrelaçadas. O vermelho de seu manto

se destacava contra a semipenumbra da mata.

Michael deu mais uma boa olhada no rosto do desconhecido. Era velho, mas não chegava a ser um ancião. A pele era toda enrugada, mas ele não demonstrava aquela fragilidade típica de alguém em seus últimos anos de vida. Os lábios eram finos; o nariz, estreito e comprido; e o queixo, pontudo. Já os olhos... eram azuis, quase prateados, tão límpidos que pareciam emitir um brilho próprio.

— Onde estamos? — Sarah fez a pergunta já esperada. — Quem é você?

A voz do homem era rouca.

— Vocês estão prestes a entrar na Floresta Mendenstone, um lugar de trevas e de morte. Mas não precisam ter medo, jovens amigos. Entre estes pinheiros e carvalhos majestosos, existe um local de meditação onde encontrarão comida e abrigo. Além de proteção contra coisas que ferem e matam.

Michael já tinha enfrentado um bocado de trevas e morte e não estava disposto a obter uma porção extra. O que realmente queria era comida. Seu estômago roncou, e nesse momento não fazia diferença se o sujeito fosse um assassino em série — se tivesse comida, Michael o seguiria para onde quer que fosse.

Sarah, por sua vez, não estava tão desesperada.

— Quem foi que disse que confiamos em você para ir aonde quer que seja? Chegamos até aqui sozinhos; por que você acha que iríamos atrás de qualquer um?

— Ele falou que tem *comida* — murmurou Michael, inclinando-se na direção dela.

O estranho desenlaçou os dedos e deixou que as mãos repousassem nas laterais do corpo. Nada mais nele se movia, nem mesmo o manto vermelho.

— Sou um homem de paz. Podem confiar em mim, juvenzinhos. Venham me fazer uma visita.

Michael quase soltou uma gargalhada, mas, faminto como estava, acabou se segurando.

— Tudo bem — ele concordou. Sarah fez menção de protestar, mas Michael, com um gesto de mão, pediu que não fizesse isso. Se ele conseguisse comer, a bronca que levaria mais tarde valeria a pena. — Mas, na primeira gracinha, a gente manda você de volta para a Vigília sem pensar duas vezes.

O homem sorriu, sem demonstrar nenhum indício de medo no olhar.

— É claro — ele falou.

O estranho se virou para entrar na trilha que levava às profundezas da floresta. Quando deu o primeiro passo, uma criatura peluda escalou as costas do homem e se posicionou sobre seu ombro. Parecia um furão, talvez uma doninha. O animal se empertigou todo e farejou o ar com seu narizinho de roedor.

— Olha só — Michael cochichou para Sarah.

Ela arregalou os olhos de surpresa ao observar o acompanhante do homem.

— Bom, isso é muito esquisito — ela respondeu baixinho. — Mais uma razão para a gente *não ir* atrás desse cara.

A lógica se fez valer sobre a fome, e Michael quase concordou com a amiga. Nesse exato momento, porém, o desconhecido se virou

para falar com eles, e o que falou encerrou a conversa.

— Vocês não conseguirão chegar ao próximo nível do Caminho sem mim — afirmou o homem. — Mesmo hackeando o código, jamais encontrarão sozinhos a Ravina Consagrada.

Em seguida, recomeçou a caminhada, desaparecendo na penumbra da floresta.

3

— Vamos lá — disse Michael, segurando Sarah pelo braço e saindo atrás do novo amigo.

Ela puxou o braço, tentando se desvencilhar, mas continuou caminhando ao lado dele.

— Parece que a gente está seguindo uma cobra até a toca. Aposto que esse cara já matou, tipo, umas cem crianças.

Entraram na mata, com suas árvores imensas de folhagem espessa, recobertas com grossas camadas do que parecia ser musgo. À medida que avançavam, a trilha ia ficando mais estreita, formando uma linha reta bem no meio da floresta, truque possível apenas em um mundo simulado e programado.

— Ele deve ser só um Tangente — argumentou Michael, virando o pescoço para observar os arredores.

A única fonte de luz por ali vinha das próprias árvores, que emitiam um brilho azulado dos troncos sulcados. Os galhos e as folhas se fechavam cada vez mais sobre as trilhas, como se quisesse expulsar os visitantes.

— Então por que você falou que ia mandar o cara de volta para a Vigília? — questionou Sarah.

— Falei só por falar — ele respondeu.

Michael não estava muito a fim de conversa.

O homem manteve seu passo acelerado, seguindo uns cinco metros na frente deles com seu estranho animal de estimação empertigado no ombro. O ar estava fresco, e o cheiro de terra molhada predominava no ambiente, o que seria até agradável, pensou Michael, não fosse um odor de algo podre que também se fazia presente. Os únicos sons perceptíveis eram os dos grilos e o arrulhar ocasional de uma coruja.

— Acho que a gente não tem escolha mesmo — murmurou Sarah.

— A única direção apontada no código é esta.

— Você ainda está questionando isso? — perguntou Michael.

— Só estou dizendo — ela respondeu. Caminharam em silêncio por um tempo antes que ela voltasse a falar: — Precisamos conversar sobre o que Bryson falou. Parece que ele teve um estalo, mas por que surtar daquele jeito? O que será que ele viu no código?

Michael repassou em sua mente os últimos atos do amigo.

— Não foi muito estranho ele dizer: *E se Kaine na verdade não for um jogador?* O que ele quis dizer com isso?

Sarah deu uma risadinha.

— Até agora, só estamos fazendo perguntas um para o outro, mas precisamos mesmo é de respostas.

— Pois é — concordou Michael, afastando do caminho um galho mais baixo. — Bryson ficou incomodado quando viu como o código do Caminho é complicado. Dá para entender por que ele não aceitava a ideia de que foi Kaine quem fez a programação. Parece impossível mesmo.

— Então ele acha que Kaine não existe? — perguntou Sarah. — Que ele é só uma invenção, e que tem um grupo de pessoas por trás de tudo isso?

— Talvez — respondeu Michael. — Não vamos descartar a ideia; temos que continuar verificando o código de tempos em tempos. Mais cedo ou mais tarde descobriremos tudo.

— Certo. Só precisamos... vamos ficar sempre em alerta.

— Sempre *em alerta*? — ele repetiu, caprichando no sarcasmo. — Está falando sério?

— Por quê?

Ele soltou uma risadinha.

— Você está parecendo uma escoteira. Vai sacar sua bússola agora? Um canivete, talvez?

Sarah abriu um sorriso.

— Pode me agradecer depois, quando eu salvar sua vida.

— Não se preocupa. Vou ficar sempre em alerta e obedecer aos comandos do chefe. Será que vou ganhar uma insígnia mais tarde?

— Ah, cala a boca — ela respondeu, acelerando o passo para se afastar dele.

Michael deu uma olhada em seu guia, que caminhava sem esforço, com o roedor balançando no ombro a cada passo, porém sem perder a pose. Em seguida, Michael voltou a atenção para a floresta em torno da trilha.

Os troncos resplandecentes das árvores eram grossos e compridos, erguendo-se bem altos na direção do negrume do céu mais acima. Sob a luz pálida que emitiam, incapaz de penetrar na escuridão da noite, por algum motivo ele sentiu que flutuavam sob as

profundezas recônditas do oceano. Isso o deixou um tanto apreensivo, e Michael respirou fundo algumas vezes para garantir a si mesmo que caminhava ao ar livre.

A trilha contornava uma árvore ainda maior que as demais, e Michael esticou o pescoço para ver o que havia atrás dela. A apenas alguns metros, no meio da mata, um par de olhos amarelos o encarava. Ele teve um sobressalto, chegando a tropeçar, e passou a andar de costas, sem conseguir desviar o olhar. A visão dos SimKillers inundou sua mente.

Os olhos o seguiram, apesar de o dono deles permanecer oculto, e logo em seguida o caminho prescrevia uma curva, as árvores ocultando a visão do animal. Da criatura. Do monstro. Do que quer que fosse aquilo.

Michael esbarrou em Sarah e enfim se virou de novo para a frente.

— Que foi? — ela perguntou.

— Desculpa — foi tudo o que consegui dizer. Seu único desejo era chegar logo à casa do estranho, mesmo que tivesse de compartilhar o espaço com o furão-doninha.

4

A floresta se estendia indefinidamente em todas as direções.

Michael viu mais três pares de olhos amarelos que, assim como o primeiro, não esboçaram nenhum movimento além de acompanhar sua passagem. No entanto, a mesma sensação de medo o invadiu todas as vezes, obrigando-o a andar mais depressa.

— Por que tanta pressa assim de repente? — perguntou Sarah quando ele avistou a quarta criatura.

— Estou vendo alguns olhos aí na mata — ele respondeu, notando o medo na própria voz. — Parecidos com os dos SimKillers, só que menores, um pouco diferentes.

— Ah, e resolveu passar na minha frente e me usar como escudo?

— É, mais ou menos isso — disse Michael com um sorriso.

Quando ela fez menção de se virar para olhar, o desconhecido de manto escuro se deteve.

— Essa visão sempre me deixa com lágrimas nos olhos — comentou o velho.

Seus olhos se arregalaram em uma catarse e, assim como haviam previsto suas palavras, as lágrimas começaram a escorrer, refletindo o brilho das árvores. Michael se virou para ver o que o tinha emocionado.

Mais adiante no caminho, dois galhos de árvore haviam sido amarrados um ao outro, formando uma arcada sobre a trilha. No centro da arcada, fora pendurada uma placa de madeira com um aviso escrito em letras amarelas pintadas à mão, que reluziam como neon.

SANTUÁRIO MENDENSTONE
SUPERVISOR ENCARREGADO
MESTRE SLAKE
TODOS SÃO BEM-VINDOS

— Mestre Slake? — questionou Michael. — Você é mestre em quê? O homem se virou e o encarou com firmeza.

— Estou aqui para ajudar, garoto. Tenha um pouco de respeito pelo meu... — Ele se interrompeu e olhou para Sarah, depois de

novo para Michael. — Esqueça. Venham jantar comigo. Meus amigos sempre preparam ótimos pratos. Depois disso contarei como chegar à Ravina Consagrada. Em teoria parece tudo muito simples. Muito simples mesmo.

Dezenas de perguntas pipocaram na mente de Michael, mas o homem recomeçou a andar, passando sob a arcada. Michael dirigiu um olhar de preocupação para Sarah, mas ambos seguiram em frente. Pelo menos o homem havia fornecido alguma explicação.

5

A floresta não terminava depois da arcada, mas a clareira aberta no local continha apenas uma ou outra árvore. Não estavam mais na mata fechada. A lua brilhava mais acima, produzindo sombras estreitas e compridas. Mais ou menos trinta metros adiante encontrava-se o Santuário Mendenstone, uma construção de madeira não muito alta que, por todos os ângulos que se olhasse, parecia toda torta e prestes a desabar. Havia uma placa de boas-vindas sobre o que Michael concluiu ser a porta da frente, que estava escancarada, revelando uma escuridão quebrada apenas pelo bruxulear de uma chama.

Michael esperava que o homem fosse dizer alguma coisa do tipo “Lar, doce lar”, mas ele se manteve em silêncio enquanto andava até a porta. Michael teve que apertar o passo para alcançá-lo, e nesse momento se sentiu um pouco mais tranquilo. Ou era só a fome, que enfim tirava seu juízo de vez.

— Você mencionou amigos — Sarah disse para o homem. — Quantas pessoas vivem aqui? Vocês são monges ou alguma coisa

assim?

O roedor se empertigou no ombro de Slake e farejou o ar enquanto o homem soltava uma risada um tanto perturbadora.

— Monges? É, acho que dá para chamá-los de monges, sim. — E caiu na risada outra vez.

Michael arriscou uma olhada para Sarah. Ela não estava feliz por terem ido até lá, e seu olhar dizia que, caso alguma coisa acontecesse, a culpa seria *dele*.

Michael se virou para Slake:

— Como assim? O que eles são?

— Vocês estão prestes a descobrir — respondeu o homem, e acrescentou, satisfeito: — Espero que estejam com fome.

A última palavra foi suficiente para convencer Michael das boas intenções do homem. Ele estava disposto a acreditar em qualquer coisa para conseguir um pouco de comida da VirtNet.

— Aqui estamos nós — anunciou Slake, parando a poucos centímetros da porta. Michael olhou lá para dentro, mas não conseguiu ver nada além das sombras dançantes produzidas pelas chamas.

Porém, havia *sons* — pés pisoteavam o chão de madeira, panelas e pratos se chocavam um contra o outro, e podiam se ouvir grunhidos e guinchos que de modo nenhum pareciam humanos.

Mestre Slake se virou para Michael e Sarah com uma expressão sincera de preocupação.

— Por favor, não tenham medo. Eles são meus amigos.

Depois de dizer isso, entrou no santuário.

6

Michael e Sarah hesitaram, esperando para ver quem entraria primeiro. Por fim, Sarah se inclinou na direção de Michael e o empurrou para dentro.

— Entro depois de você — ela falou, fazendo uma careta e sem intenção nenhuma de esconder seu medo.

— Quanta gentileza da sua parte.

— Pois é.

Michael sabia que algo poderia acontecer a qualquer minuto. O Caminho era projetado para manter as pessoas *longe* da Ravina Consagrada, e não para levá-las até lá. No entanto, os dois também tinham consciência de que, àquela altura, não adiantava fugir nem vasculhar o código. Precisavam ir em frente.

Michael deu um passo e se deteve à soleira da porta, agarrando-se ao batente para dar mais uma olhada lá dentro.

Uma mesa grande e baixa ocupava o cômodo de ponta a ponta. Sobre ela, travessas e pratos cheios de comidas que pareciam deliciosas — o banquete mais convidativo que já tinha visto. Sua atenção, porém, logo se voltou para os vultos ao redor. Com exceção de Mestre Slake, nenhum deles era humano.

Um cão vira-lata de quase um metro de comprimento apareceu correndo na direção de Michael com um copo na boca. À sua direita, um enorme urso preto, com algumas falhas na pelagem do peito, colocava uma bandeja de *cupcakes* no balcão que separava a sala de jantar da cozinha. Um urso. Com uma bandeja. E de *cupcakes*.

Michael tentou se convencer de que aquilo não era nada de mais. Na VirtNet, tudo era possível.

Havia também um tigre apoiado nas pernas traseiras, segurando um jarro com bebida nas patas dianteiras. Um cisne agitava as asas e usava o bico para arrumar os pratos na mesa. Uma raposa arrastava uma bandeja com um enorme peru de Natal. Um leão segurava uma cesta de pães entre seus enormes dentes incisivos. Um gato estava sobre a mesa, cortando um frango com uma faca.

Estranhamente, a primeira coisa que passou pela cabeça de Michael foi: por que esses animais não se incomodavam de cozinhar seus semelhantes? Talvez os frangos e os perus não estivessem no mesmo nível dos demais na pirâmide social dos bichos.

Sarah entrou logo depois de Michael e apoiou o rosto no braço dele enquanto observava o ambiente.

— Ainda está com fome? — ela perguntou.

— Se está perguntando se o problema é a baba de cachorro nos pratos, não estou nem aí para isso.

Ele sentiu vontade de soltar uma gargalhada. Estava com tanto medo do que encontrariam no santuário que a última coisa que esperava era encontrar um cenário de livro infantil. Só faltava os animais começarem a cantar enquanto trabalhavam.

Mestre Slake se sentou à cabeceira da mesa. O urso preto se inclinou sobre ele e pôs um guardanapo em seu colo. O homem agradeceu, e a criatura seguiu com seus afazeres.

— Sentem-se — ordenou Slake, como um rei que se dirige a seus servos. — Temos comida de sobra. Muito mais do que são capazes de consumir, aliás, mesmo no Sono.

A fome fez com que Michael obedecesse no ato. Sarah tentou segurá-lo pelo braço, mas ele se desvencilhou e foi se sentar com Slake. Assim que o fez, um esquilo pôs um prato fumegante de comida à sua frente. Seus olhinhos o encararam por um breve instante. Em seguida, o animal saiu correndo.

Sarah se juntou a eles, acomodando-se na frente de Michael, e sua expressão de nojo aos poucos foi dando lugar a um olhar de cobiça. O aroma da comida estava bom demais, pensou Michael.

— Por favor, vamos dar as mãos enquanto louvamos os espíritos dos nossos ancestrais, homens e animais.

Mestre Slake estendeu as mãos, e os convidados as pegaram. O velho fechou os olhos.

— Aos que vieram antes de nós — conclamou ele —, pedimos sua presença para olhar por nós neste dia. Pedimos que abençoem nossa comida e nossa bebida. Dois viajantes estão em nosso humilde santuário, que presta assistência àqueles que entram na floresta escura. Abençoem-nos, caros espíritos. Abençoem-nos com sua força e esperança. Que eles possam derrotar os demônios que os ataquem, que possam continuar sua jornada pelo Caminho. Amém.

Slake largou a mão dos dois, abriu os olhos e começou a comer, atacando uma coxa de peru como um cão faminto. A gordura passou a escorrer por seu queixo, e um pedaço de carne ficou pendurado na boca.

Michael foi obrigado a desviar o olhar. Seus pensamentos ainda estavam voltados para as palavras da oração, e ele não se furtou a perguntar:

— Você falou em demônios — ele começou, revirando a comida no prato para não ter que olhar para o anfitrião. — Isso foi... só um modo de dizer?

Slake deu risada.

— Ah, não, garoto. Com certeza não. Eu fui bem específico no que pedi a nossos ancestrais. Espero que saibam se ajoelhar aos pés deles e lhes entregar a vida de vocês antes de serem esfaqueados pelos demônios.

Michael quase engasgou com um pedaço de carne. Ele empurrou a comida goela abaixo e limpou a garganta.

— Pode nos contar mais sobre esses demônios?

— Ah, meu filho — disse, antes de limpar a boca na roupa —, eles são a última coisa com quem vocês precisam se preocupar. O mundo lá fora está começando a entender uma coisa de que vocês ainda nem se deram conta. Sei que ambos são bastante habilidosos no trato com o código, assim como aquele seu amigo... Bryson, é isso?

Michael sentiu os cabelos da nuca se arrepiarem.

Sarah apertou com força o garfo.

— Do que está falando? — ela perguntou em um tom ameaçador.

— Por favor — Slake respondeu sem se alterar —, sem hostilidades. É totalmente desnecessário. Já sofri muito com isso na vida. Em tantos anos de jogo, as pessoas fazem muitos inimigos. Eu era... muito bom nisso, sabe? Até que encontrei meu lugar aqui, no Caminho. Não consegui escapar. Mas agora já aceitei esse fato. Sinto que tenho um novo papel a desempenhar: ajudar pessoas como vocês. Convencê-los a ir embora, a encontrar uma saída e nunca mais voltar.

Michael ficou olhando para o homem, sentindo a curiosidade chegar ao ápice.

Sarah, porém, foi mais rápida:

— Espera... você é um jogador? Não é um Tangente?

Slake a encarou por um tempo com algo semelhante a tristeza no olhar.

— É uma pena que não tenha reparado. Uma pena mesmo. Eu era um dos melhores. Talvez o melhor de todos os tempos.

Michael não resistiu à tentação de fechar os olhos e começar a vasculhar o código, por mais difícil que fosse sua leitura. Analisou o homem sentado à mesa, examinou os programas à procura de uma pista que pudesse esclarecer melhor aquela conversa. Reuniu algumas coisas que o estranho contou, pesquisou histórias antigas no *NewsBops* e pensou um pouco melhor no nome escrito na placa do lado de fora. Foi quando Michael entendeu tudo, e arregalou os olhos de susto.

— Mas o que... — ele murmurou. — Você é Gunner Skale. — Aquela revelação o deixou assustado e empolgado ao mesmo tempo. — O que está fazendo aqui? Por que desapareceu da VirtNet, da vida pública?

Sarah olhou para um, depois para outro.

— Está falando sério?

O velho bocejou e coçou a cabeça.

— Pois é. Sei que hoje não sou grande coisa, comparado ao que já fui. Mas estou satisfeito com minha condição, podem acreditar. Acho que encontrei minha vocação. Eu sou humano, Michael, Sarah. Sou um humano em um mundo não humano. A programação fala por si

só. Duas pessoas inteligentes como vocês já deviam ter percebido isso antes. O Caminho deveria ter mostrado a vocês.

Ele fez uma pausa. A cabeça de Michael girava a mil.

— Já deveriam ter notado — continuou Skale. — Afinal, já estiveram na presença de Kaine. Já estiveram na presença de muitos Tangentes. E já estiveram entre outros jogadores inúmeras vezes. A diferença na programação é sutil, mas, quando você sabe o que procurar, sempre acaba encontrando. — Fez outra pausa. — Acho que o seu amigo descobriu a verdade e ficou extremamente abalado com isso. Ele entrou em pânico e se perdeu no Caminho.

Michael enfim entendeu tudo, mas foi Sarah quem falou primeiro:

— Kaine não é um homem coisa nenhuma. Um homem não seria capaz de fazer o que ele faz. Ele é um...

Michael falou ao mesmo tempo que ela:

— Tangente.

XVII. UMA NOITE NO SOFÁ

1

Skale voltou a se ocupar da comida, dando um tempo para Michael e Sarah digerirem a informação bombástica de que o homem que procuravam não era humano. Michael já tinha até se esquecido dos tais demônios.

Kaine. Um Tangente. Impossível. Absolutamente impossível. Como um programa seria capaz de enganar todo mundo — até mesmo o SSV —, fazendo-se passar por um jogador? Como ele poderia ter se tornado *autoconsciente*? Isso era possível? Seu estômago revirou ao pensar nisso. A inteligência artificial seria capaz de dar um salto como esse? Ou havia alguém por trás de Kaine?

Foi quando ele se lembrou da voz. *Você está indo bem, Michael.*

— Não vão comer? — perguntou Skale, fazendo uma pausa enquanto levava à boca uma faca com um pedaço de carne na ponta. — Meus amigos tiveram tanto trabalho, seria uma tremenda desfeita.

— Mas... — Michael se interrompeu.

Precisava refletir sobre aquilo. Não só sobre Kaine, mas também sobre o homem sentado à mesa diante dele. Skale, o mais famoso jogador da VirtNet, estava perdido em meio aos firewalls de Kaine. E, julgando por seu silêncio e pela testa franzida, Sarah pensava a mesma coisa. Michael ainda estava com fome, por isso deu uma mordida no pão e começou a comer o frango. Mais uma vez,

perguntou-se por que aquele animal havia sido morto enquanto os outros podiam continuar vivendo livres, leves e soltos.

Skale o surpreendeu respondendo à pergunta como se estivesse lendo sua mente:

— Todos os meus amigos sabem que um dia vão virar alimento. Eles costumam considerar isto uma honra: ter algum propósito depois de viver uma vida plena.

Por alguma razão, aquilo deixou Michael furioso.

— Você sabe que nada disso é real, não sabe?

— E quem pode dizer qual é a verdadeira definição de real? — Skale rebateu, sem parar de comer. — Quando a pessoa está no Sono há tanto tempo quanto eu, tudo aqui passa a ser absolutamente real. Agora comam.

Eles comeram em silêncio por um tempo, pois precisavam se fortalecer para o que viria pela frente. Foi sobre isso que Michael falou em seguida:

— Então existem demônios. E Kaine é um Tangente. Tem mais alguma coisa que precisamos saber? — ele perguntou em um tom carregado de sarcasmo.

Gunner Skale terminou de mastigar, deu um gole em sua bebida e limpou outra vez a boca na roupa, manchando o manto vermelho.

— Vocês já têm a informação de que precisam, se estiverem dispostos a procurar. Espero que sua memória seja boa, meu filho.

— Meu filho?

— Essa sua mania de ficar me contradizendo é bem desagradável, garoto. Sugiro que pare com isso.

Pelo tom de voz do homem, Michael achou melhor baixar a cabeça e concordar. Aquele velhinho tinha fogo nos olhos, isso era inegável. Michael só não sabia o que ele seria capaz de fazer para cumprir suas ameaças veladas — a não ser que aqueles animais estivessem todos sob seu comando. Ser devorado por um monte de bichos não seria nada divertido.

— Você não tem mais nada a dizer pra gente? — perguntou Sarah, depois de um bom tempo em silêncio.

Skale se levantou, tirou o manto e o estendeu sobre o braço. O urso soltou um grunhido, um rugido grave que vinha das profundezas de seu peito. Depois, foi até ele, apanhou a roupa, dobrou-a e a levou consigo. Michael ficou um pouco desapontado ao constatar que o animal não fazia mesuras nem falava como um mordomo inglês.

— Vamos para a sala de estar — chamou Skale. — Quero que descensem, como prometi antes.

Sem esperar pela resposta dos dois, ele saiu por uma porta no fundo da sala de jantar. Michael olhou para Sarah, deu mais algumas mordidas em sua comida e bebeu um último gole de água. Em seguida se levantaram e foram atrás do anfitrião. Michael tinha certeza de que sua amiga pensava a mesma coisa que ele: ficar sozinho no meio daqueles bichos de circo parecia uma péssima ideia.

2

— O que vocês sabem sobre as Profundezas? — perguntou Skale depois que eles se acomodaram nas poltronas gigantescas que ficavam diante da lareira de tijolos aparentes.

Michael se inclinou para a frente, curioso.

— Está falando do Lifeblood Deep?

— Lifeblood Deep — repetiu o homem, bufando. — Acha mesmo que esse é o único programa que chegou a esse nível?

Michael não sabia ao certo se tinha entendido o que aquilo significava.

— O nível Deep?

Skale confirmou com um gesto de cabeça, sem tirar o olhar da lareira. Michael viu a dança das chamas refletida em seus olhos.

— Sim, o que mais poderia ser? As Profundezas existem desde o começo da VirtNet, mas só alguns programas chegaram a esse nível. O Lifeblood é o único que tornou isso público, mas fez muito pouco para merecer essa distinção.

— O que mais existe por lá? — perguntou Michael.

— Isso vocês mesmos vão descobrir quando chegar a hora. Mas uma das coisas é a Ravina Consagrada. — Skale se levantou, caminhou até a lareira e revirou as brasas com um atizador de ferro. — É um programa criado por Kaine, escondido nas Profundezas. O Caminho é um acesso para os níveis superiores da VirtNet. Vocês tiveram sorte de chegar até aqui, e precisarão de muito mais se quiserem chegar até lá. — Fez uma pausa e olhou para Michael e Sarah. — Me permitam perguntar uma coisa: não pararam para pensar em como uma trilha como essa poderia ter sido criada? Uma coisa tão grandiosa e tão bem programada que o SSV precisaria de pessoas como *vocês* para poder entrar?

Michael queria obter mais informações, mas não sabia nem por onde começar.

— Por que está falando isso pra gente? Essas charadas e pistas não estão ajudando em nada.

— Não estou dando pista nenhuma, garoto! — o homem rebateu, quase aos gritos. Ele voltou a se sentar em sua poltrona. — Só estou conversando com vocês, para passar o tempo enquanto os demônios não aparecem. Mas talvez seja só o cansaço falando por mim. Todos nós precisamos dormir um pouco, aliás.

— E *quando* os demônios vão aparecer? — questionou Sarah, como quem pergunta as horas.

Skale se levantou, ainda olhando para o fogo, como se estivesse hipnotizado.

— Eles aparecem quando estão dispostos a ferir e matar. O urso vai levá-los até a cama.

Ele deu mais uma olhada demorada para as chamas, virou-se e foi embora, desaparecendo atrás de uma porta de madeira e fechando-a atrás de si.

Por mais cansado que estivesse, a última coisa que Michael queria era dormir.

— Você ouviu o que ele falou?

— O quê? — perguntou Sarah.

— *Ferir e matar*. Isso é coisa que se diga a alguém antes de ir para a cama?

Talvez o urso tenha um papo um pouco mais agradável, pensou Michael, desolado.

Apesar de Skale ter dito que teriam uma *cama* à disposição, Michael foi conduzido a um sofá velho, duro e desconfortável que rangia a cada movimento seu. Mesmo assim, era melhor que dormir no chão. Puxou o cobertor de lã esburacado até o pescoço e fechou os olhos. Havia uma vela acesa em uma mesa ali perto, e ele conseguia ver sua luz bruxuleante mesmo com os olhos fechados.

A crise veio violenta.

Uma pontada de dor excruciante bem no meio da cabeça, e tão repentina que ele caiu do sofá, apertando as têmporas com as duas mãos. Um zumbido agudo invadiu sua mente, acompanhado de um brilho ofuscante, e ele gritou de dor. Nesse momento, Michael sentiu Sarah se ajoelhar a seu lado, sacudi-lo pelo ombro e perguntar o que estava acontecendo. Ele se debateu, tentando afastá-la, com medo de machucá-la sem querer.

As imagens se sucediam no olho de sua mente: sua mãe e seu pai perdendo a forma até se esvaírem como uma nuvem de fumaça. Em seguida Helga, com o rosto contorcido de terror. Ela desapareceu. E depois Bryson, encarando Michael com um olhar furioso. Ele também se foi.

A dor não cessava, e ele sabia que se piorasse iria desmaiar, talvez até morrer. Fez força para se levantar. Quando abriu os olhos, viu Sarah no chão, olhando para ele com uma expressão horrorizada. A vela ainda estava acesa, mas naquele momento sua luz parecia tão intensa quanto a do sol, e Michael foi obrigado a se virar. As pernas fraquejaram, e ele abriu os braços para tentar se equilibrar. Era como se o quarto inteiro tivesse sido virado de cabeça para baixo e a qualquer momento ele fosse ser lançado sobre as vigas do teto.

O sofá pareceu se esticar, ficando mais e mais longo, apesar de o quarto permanecer do mesmo tamanho. O rosto de Sarah cresceu até se tornar uma caricatura absurda e deformada. As tábuas do assoalho passaram a se retorcer, ondulando como se fossem feitas de borracha. O som da horda de mortos-vivos massacrando o corpo de Bryson voltou a assombrar sua mente.

Michael cobriu as orelhas com as mãos, apertando a cabeça com força como se ela estivesse prestes a se despedaçar. No fundo de sua mente, viu os SimKillers do Black and Blue. Havia sido *eles* que tinham feito aquilo, provocado aquele mau funcionamento em seu cérebro. Os antiprogramas deviam ser capazes de atingi-lo dentro e fora do Sono.

A dor continuava a castigá-lo, e o mundo ao redor foi ficando cada vez mais estranho. Braços que se estendiam das paredes, corações pulsantes pairando em pleno ar, uma fonte de sangue borbulhante no meio do piso, uma garotinha em uma cadeira de balanço com um animal sem vida no colo, o lamento angustiante de alguém atormentado por...

De repente, a crise cessou.

O quarto voltou a ficar silencioso, e tudo voltou a ser como era antes. Apesar de poucos instantes antes o alívio parecer impossível, a dor em sua cabeça havia passado totalmente.

Michael desabou no sofá, sentindo as roupas ensopadas de suor. Sarah foi se sentar ao lado dele e segurou sua mão, a preocupação estampada no rosto.

— Outra vez? — ela perguntou.

Michael estava exausto, como se tivesse acabado de correr dez quilômetros.

— Acho que estou morrendo.

4

Skale não acordou. Ou, se acordou, não apareceu para verificar se estava tudo bem com seus hóspedes. Sarah ficou sentada no sofá junto com Michael, envolvendo-o nos braços, em silêncio. Michael se sentiu grato por ela não fazer nenhuma pergunta naquele primeiro momento. Tinha sorte por ter uma amiga como ela.

No fim, ambos dormiram de novo, e Michael não teve nenhum sonho, apenas um sono profundo e tranquilo, sem medo nem pânico. Era como se estivesse morto.

5

Gunner Skale os acordou com uma sacudidela. Vestido outra vez com seu manto vermelho, curvara-se sobre Michael e Sarah, o rosto escondido sob o capuz.

— Já amanheceu? — perguntou Michael.

— No Santuário Mendenstone nunca amanhece — respondeu Skale. — Essa é nossa maldição e também nossa bênção, mas agora não dá para explicar. Seus demônios estão aqui.

6

As palavras de Gunner Skale fizeram Michael e Sarah se levantar em um pulo.

— Como assim? — Michael perguntou para o velho.

— *Onde* estão esses demônios? — acrescentou Sarah.

— Seus demônios estão sempre com vocês — respondeu Skale. Sua voz parecia ainda mais rouca que no dia anterior. — Ainda não entenderam isso? Estão sempre com vocês, é impossível escapar. Por outro lado, é impossível saber como vão se manifestar. Tenham cuidado, minhas crianças. Agora venham. E depressa.

— Aonde nós vamos? — Sarah quis saber.

Skale não respondeu. Atravessou o quarto, abriu a porta e saiu para o corredor. Michael pegou Sarah pela mão e o seguiu pela escuridão. Michael quase não conseguia ver Skale a caminho da escada, e apertou o passo para alcançá-lo, arrastando Sarah atrás dele.

Os três desceram as escadas, e Skale os conduziu até a sala de jantar.

— Por favor, sentem-se — disse Skale, apontando para as cadeiras de madeira. — Vou chamar nossos amigos para se juntar a nós.

Michael não estava entendendo nada. Ainda estava atordoado de sono e, apesar de não sentir mais a dor na cabeça, a crise o havia deixado enfraquecido — as alucinações e o sofrimento ainda ecoavam em sua mente. Como se preparar para enfrentar uma batalha com demônios? O que Skale quisera dizer quando falara que os demônios estavam sempre presentes? Sacudindo a cabeça, Michael se sentou e fez uma careta ao ouvir passos se aproximando.

Desejou que de alguma maneira fosse possível hackear o código para evitar aquela encrenca antes mesmo que começasse.

Sarah se sentou a seu lado.

— Precisamos pensar. Ele disse que já temos todas as informações de que precisamos. Você se lembra de tudo o que ele falou? Deve ter alguma coisa a ver com aquela oração antes do jantar.

— É verdade — concordou Michael, mas sem conseguir se recordar de uma única palavra. — Lembro apenas da história sobre Kaine.

— Pois é, eu sei.

Michael se debruçou sobre a mesa, segurou a cabeça entre as mãos, fechou os olhos e começou a vasculhar o código.

— Não estou vendo nada que a gente não tenha notado das outras vezes.

— Também já tentei. — Sarah tamborilou os dedos na superfície de madeira. — Ele falou alguma coisa sobre se ajoelhar aos pés dos nossos ancestrais. Tenho certeza de que é uma pista.

Michael assentiu com um leve movimento de cabeça.

— Pode ser. O código aqui no Caminho parece inacessível. Isso é estranho demais. — ele comentou, frustrado, sentindo vontade de dar um soco na mesa.

Gunner Skale apareceu à porta, interrompendo a conversa de maneira abrupta. Não estava sozinho. Uma a uma, as criaturas que tinham visto na noite anterior foram entrando logo atrás — voando, rastejando e caminhando. O urso, o cisne, o tigre, o cão, o esquilo e dezenas de outros, trazendo consigo os odores da floresta — de terra molhada, de musgo e de matéria orgânica em decomposição.

As criaturas se espalharam pela sala, posicionando-se junto às paredes, sem tirar os olhos dos visitantes. Um silêncio incômodo pairava no ar, quebrado apenas por um ruído ou rosnado. Para Michael, todos os animais ali pareciam dispostos a devorá-lo.

— O que está acontecendo? — Michael perguntou para Skale em um murmúrio, algo que surpreendeu até a si mesmo. Pigarreou e falou mais alto: — Por que estou com a sensação de que vou ser sacrificado em nome de um deus animal que vive nos céus?

Skale atravessou a sala e foi se posicionar ao lado de Michael, que se virou para olhar o rosto do velho, escondido sob o capuz do manto.

— Porque é exatamente isso que vai acontecer — respondeu o homem.

Michael se levantou em um salto, derrubando a cadeira atrás de si. Antes que pudesse fazer alguma coisa, porém, o homem disse duas palavras que fizeram seu sangue gelar:

— Apareçam, demônios.

7

Gunner Skale tinha razão quando falou que os demônios já estavam lá. Eram os animais.

O primeiro a chamar a atenção de Michael foi o urso. Ele abriu sua boca enorme e soltou um rugido retumbante para o alto. Em seguida, seus pelos começaram a se arrepiar e desaparecer, como as lascas de madeira em uma lareira. Sob a pele que se retraía era possível ver um rosto horrendo, coberto de cicatrizes, e os olhos

assumiram um tom amarelo idêntico ao dos que ele tinha visto na floresta.

Pouco a pouco, o resto do corpo da criatura foi se revelando sob seu disfarce. Músculos salientes, costas arqueadas, escápulas protuberantes, patas com garras — aquele não era mais o urso que tinha servido o jantar horas antes. Um rosnado gutural escapou de seus lábios, que se arreganharam para exibir dentes enormes. A criatura, porém, permanecia imóvel, encostada contra a parede.

Michael ficou estupefato com a transformação. E o restante dos animais passava pelo mesmo processo, a pele se retraíndo para revelar demônios de todos os tamanhos e formatos.

— Pensei que você fosse ajudar a gente — Sarah disse para Skale, que permanecia inabalável. — E agora, o que vamos fazer?

— Ajudar vocês é exatamente o que estou fazendo — disse Skale em um tom de voz estranhamente vibrante. — Encarar os próprios demônios deixará uma marca na alma de vocês para sempre. E a morte na VirtNet os mandará de volta à Vigília. Não terão o mesmo destino que eu; não ficarão presos neste lugar. Que seus ancestrais estejam com vocês, meu filho, minha filha.

Michael arriscou uma olhadela para a porta, e viu que havia dois demônios bloqueando a passagem. De alguma maneira, ele e Sarah precisariam abrir caminho com força bruta. Ele apertou a mão de Sarah, pois não estava disposto a esperar para ver o que aconteceria a seguir. Só havia uma coisa a fazer.

Michael saltou sobre Skale e o agarrou pelo manto. Em seguida, virou-o e enfiou o braço sob seu pescoço, aplicando-lhe uma gravata. Skale tossiu algumas vezes. Os demônios reagiram todos ao

mesmo tempo, soltando um rugido e dando um passo à frente. Estavam *irados*.

— Parados aí! — gritou Michael, torcendo para que as criaturas fossem capazes de entendê-lo. — Mais um passo e quebro o pescoço dele.

XVIII. AOS PÉS DOS ANCESTRAIS

1

Michael precisava sobreviver ao Caminho para chegar a Kaine. Não estava disposto a deixar aqueles demônios arruinarem sua única chance.

— Você está louco — disse o homem por entre os dentes cerrados.

— Não sabe o que está...

Michael o apertou com mais força, obrigando-o a se calar.

— Quietinho aí.

As criaturas monstruosas contiveram o avanço e ficaram plantadas no mesmo lugar, as costas arqueadas e os membros retorcidos. Pareciam criaturas sombrias de pesadelos, e estavam claramente prestes a atacar.

— Michael — sussurrou Sarah. Ela não parecia muito certa do que iria dizer. — Tenta... — Ela se interrompeu e ergueu o tom de voz. — Tenta fazer isso da melhor maneira possível. Quebra o pescoço dele com um só golpe, rápido e preciso.

Michael se segurou para não fazer uma careta.

— Pode deixar.

Ele começou a dar alguns passos para trás na direção da porta, arrastando consigo Skale, que lutava para se manter de pé.

— Não pensem que não sou capaz de fazer isso! — Michael gritou para os demônios. — Se não deixarem a gente ir embora, ele morre!

Parecia uma ideia absurda, mas, assim como quando estavam em sua forma animal, aquelas criaturas eram capazes de entendê-lo. Um rugido grave começou a reverberar pela sala, um rosnado coletivo. A cada passo que Michael dava para trás, os demônios davam um para a frente.

Ele olhou para trás e viu que os dois demônios que bloqueavam a porta haviam aberto caminho para sua passagem. Uma pequena centelha de esperança se acendeu dentro dele. O plano estava funcionando.

— Não venham atrás de mim — Michael avisou quando chegou à porta.

Skale tentou se soltar, mas Michael o apertou com mais força, e ele desistiu.

Michael saiu para a escuridão permanente do exterior com Sarah a seu lado. Quando se afastaram alguns passos do santuário, ele se virou para ela.

— Pode perguntar — falou.

Sarah assentiu.

— Você disse que sabia como chegar à Ravina Consagrada. Como podemos fazer isso? O Caminho continua a partir daqui?

— Não direi nada — respondeu Skale, com dificuldade para respirar. — Nada. E estou fazendo isso para o bem de vocês.

2

Os demônios se reuniram na porta, os corpos sem pele e ensanguentados comprimidos uns contra os outros, encarando os

três humanos. Os olhos amarelados brilhavam de fúria, mas Michael detectou também traços de dúvida em suas feições.

— Responde! — gritou Michael. — Responde ou vai voltar para a Vigília!

Ele sacudiu o homem enquanto falava, e sentiu que o sufocava para valer.

Mas Skale não disse nada. Michael começou a entrar em pânico. Estava blefando. De que adiantaria matar Skale?

Michael ficou sem saber o que fazer, mas continuou arrastando Skale para longe da casa. O homem era pesado, e o esforço começou a cobrar seu preço, deixando os braços de Michael doloridos. Sarah permaneceu a seu lado o tempo todo, olhando com preocupação para os demônios e para o amigo.

— O que a gente faz? — ela murmurou.

Michael não respondeu. Olhava ao redor à procura de algo, de uma ideia. Na lateral da construção comprida e malconservada, avistou uma entrada anexa com um grande letreiro em cima do qual se lia: CAPELA DOS ANTEPASSADOS. Foi essa a direção que ele tomou, deixando a intuição falar mais alto. Afinal, Skale havia dito alguma coisa sobre se ajoelhar diante dos ancestrais.

O velho começou a espernear e se debater. Quando Michael parou para ajustar melhor a posição em que o segurava, percebeu que estava a poucos metros da porta, e que os demônios começavam a sair. Um a um, eles foram penetrando a escuridão da noite, a luz da lua iluminando os corpos sem pele e os olhos brilhantes. Grunhidos, rosnados e guinchos ecoavam no ar.

— Responde! — Michael gritou para seu refém, sacudindo-o outra vez.

Os olhos claros do homem o encararam, e sua determinação era visível. Ele não estava disposto a dizer nada, e Michael sabia muito bem disso. Skale preferia morrer a abrir a boca.

— Michael — murmurou Sarah.

Ele viu que os demônios vinham em sua direção, ainda mais depressa do que antes. Um deles soltou um grito, um ruído agudo que rasgou o ar — em algum lugar ali perto, Michael ouviu o som de um vidro se estilhaçar.

Baixou os olhos para fitar Skale pela última vez e notou que o outro o encarava em resposta. Michael enfim desistiu. Soltou o homem, que caiu no chão. O grande e poderoso Gunner Skale.

Fazendo força para respirar, Skale se levantou aos tropeços.

— Ataquem! — ele berrou. — Para ferir e matar!

Sarah agarrou Michael pelo braço e os dois saíram correndo rumo à capela.

Os demônios soltaram um rugido e vieram atrás.

3

A porta estava aberta.

Michael a fechou depois de entrar.

— Procura alguma coisa para segurar a porta!

Sarah já vinha arrastando uma mesa. Ele correu para ajudá-la, empurrando-a pelo outro lado. Dois segundos depois, os demônios começaram a golpear a porta do lado de fora.

Michael recuou alguns passos, olhando para a direita e para a esquerda em busca de algo que pudesse usar. A capela era pequena e convencional — algumas fileiras de bancos cortadas por um corredor central que levava ao altar. Mais adiante havia estátuas de pessoas de todas as idades e tamanhos, esculpidas em mármore e posicionadas sobre um pedestal. Os olhos pareciam todos voltados para Michael. Antepassados. Ancestrais.

Apavorado, Michael percebeu que havia diversas janelas de vidro nas paredes. Os demônios não precisavam abrir a porta para entrar.

— O altar — Sarah falou com uma calma surpreendente. — O altar. Vamos lá!

Ela saiu correndo pelo corredor, e Michael a seguiu.

— Ele disse pra gente se ajoelhar. E depois?

Antes que ela pudesse responder, todas as janelas estouraram ao mesmo tempo, uma explosão seguida por gritos, guinchos e rosnados demoníacos.

Michael e Sarah apressaram o passo rumo ao altar.

4

O vidro provocava cortes no corpo dos demônios à medida que entravam pela janela, mas isso não os deteve. Michael se concentrou no altar, que estava a poucos metros de distância.

— Mais rápido! — gritou Sarah.

A capela estava mergulhada em um caos de ruídos e movimentos. Em questão de segundos, a horda de monstros os alcançaria. Chegaram ao altar de mãos dadas e imediatamente se ajoelharam.

Michael sentiu que a superfície acolchoada do genuflexório cedeu um pouco sob seu peso.

No entanto, nada mais aconteceu.

Já devia saber: apenas se ajoelhar não bastava.

Precisariam manipular o código para conseguir escapar.

5

Uma criatura alada apareceu e derrubou Michael e Sarah. O monstro assustador bateu as asas, pairando acima dos dois, e Michael viu que aquele era o demônio-cisne, uma combinação de palavras que jamais pensou ser possível usar algum dia na vida. Seu bico ensanguentado se abriu, e um ruído agudo e assustador ecoou pela capela, estilhaçando os vidros ainda restantes das janelas.

Michael arqueou as costas e desferiu um chute que acertou o corpo do monstro, lançando-o sobre um dos bancos e em seguida ao chão, onde permaneceu imóvel.

Uma garra se fechou sobre o ombro de Michael, colocou-o de pé e o virou para encarar uma criatura de pesadelo, que abriu a boca e revelou dentes afiados como punhais. Sarah estava a seu lado, lutando para se libertar do demônio que a atacava.

A criatura que segurava Michael o atraiu para si, e ambos os narizes quase se tocaram. Sentiu um cheiro horrível, uma mistura de comida podre, latas de lixo e corpos em decomposição. Michael ficou com ânsia de vômito quando o hálito do monstro atingiu seu rosto.

Era o urso. A altura era compatível, assim como a força. Só podia ser o urso.

Michael olhou dentro dos olhos do monstro e ficou paralisado de terror — nada em seu corpo se mexia a não ser o coração, que batia com muita força, prestes a querer romper o peito.

Não tinha ideia do que fazer.

Alguma coisa se lançou sobre eles vindo pela direita. Michael e o demônio foram ao chão, e ele conseguiu se libertar. Quando se virou, Michael viu que sua salvadora era Sarah, que esmurrava o demônio-urso com todas as forças. Uma rápida olhadela para o lugar onde ela estava revelou que, de alguma maneira, Sarah tinha conseguido matar a criatura que a havia atacado.

Michael se virou, olhou para o urso e concluiu que não seriam capazes de derrotá-lo. Pelo menos não sem ajuda. Fechou os olhos e se concentrou no código, ignorando a tempestade complexa que o envolvia, fazendo força para manter o foco apenas em si mesmo, em sua Aura, em seu histórico no Sono. Agarrou a primeira coisa que apareceu — Discos de Fogo de The Realms of Rasputin —, moveu as linhas de programação e as inseriu na capela. Caso pensasse demais, não seria capaz de fazer aquilo. Quando permitiu que o instinto assumisse o controle, os discos flamejantes começaram a pairar sobre ele. Com um pensamento, lançou-os contra o urso.

O animal rugiu quando sua carne começou a borbulhar e queimar. Sarah saiu aos tropeções e se posicionou ao lado de Michael. Soltando urros medonhos, o urso ferido saiu rolando pelo chão até se chocar contra a parede e se levantar em seguida. Michael deu uma olhada ao redor — os demônios vinham de todas as direções.

Sabia que o altar devia ser um ponto fraco na programação, e estava a poucos metros de distância. Uma rápida olhada para trás

revelou que havia um pequeno demônio ali em cima — o esquilo, ou talvez o furão-doninha que andava sobre o ombro de Gunner Skale. A criaturinha sibilou para eles, mostrando os dentinhos afiados.

Michael e Sarah estavam lado a lado, de mãos dadas, recuando lentamente na direção do genuflexório. O cerco dos demônios se fechava.

— Você manipula o código — murmurou Michael. — Tenta achar o ponto fraco. Eu vou usando os Discos de Fogo neles — completou, apesar de não saber quantos mais ainda poderia lançar.

— Certo — respondeu Sarah. — Vai me guiando.

Ela fechou os olhos e apertou a mão dele com mais força do que nunca. Michael deu um passo para trás. Em seguida, reuniu mais alguns discos e os atirou aleatoriamente em todas as direções.

Os demônios grunhiram de dor, e Michael resolveu abandonar de vez toda e qualquer precaução. Dando um puxão no braço de Sarah, virou-se e mergulhou na direção do altar. Eles ainda deslizaram mais meio metro depois de parar, aterrissando bem perto da superfície acolchoada. Sarah, de algum modo, conseguiu manter os olhos fechados, concentrada em sua tarefa de vasculhar o código ao redor. Michael segurava a mão dela com força, servindo como guia. Foi quando um demônio guinchou e saltou sobre Sarah, agarrando seus cabelos com os pés e tentando cravar as garras e os dentes em seu rosto. Ela não reagiu. Michael estendeu o braço, agarrou a criatura e a arremessou longe com todas as suas forças.

— Descobri! — gritou Sarah, abrindo os olhos imediatamente. — Já sei o que fazer!

Os demônios, porém, estavam por toda parte. Um segurou o braço de Michael, outro, sua perna. Um deles se agarrou aos cabelos de Sarah. Ele a ouviu gritar quando a criatura puxou sua cabeça para trás. Michael se debateu para se desvencilhar, e assim perdeu seu frágil domínio sobre a programação dos Discos de Fogo. Estavam cercados. Os demônios os atacavam com garras e dentes. Por um breve e assustador instante, ele quase se entregou; quase decidiu deixar que o matassem. Voltaria para a Vigília e enfrentaria as consequências.

Nesse momento, porém, algo explodiu dentro dele. Um rugido escapou de sua garganta e a adrenalina invadiu seus músculos. Soltando gritos de fúria, Michael começou a afastar as criaturas a socos e pontapés. Chegou mesmo a ver o medo instalado nos olhos amarelados que os cercavam, o que o encorajou ainda mais.

Ele nocauteou o monstro enorme que estava em cima de Sarah. Ela estava machucada, o rosto sujo de sangue. Ele a levantou e a guiou enquanto passavam por cima do genuflexório e subiam no altar com as estátuas dos ancestrais.

Não era preciso dizer nada. Michael fechou os olhos e acessou o código, identificando a presença digital de Sarah. Ela fez tudo bem diante dele. Em um mar furioso de números, letras e símbolos, surgiu uma mínima possibilidade de escape, à qual ambos se agarraram sem pensar duas vezes.

Os demônios avançaram sobre eles, e suas formas digitais eram tão assustadoras quanto a manifestação visual. Uma garra arranhou as costas de Michael. Um monstro de quatro patas — o cão ou a raposa — pulou sobre o altar, rosnando ameaçadoramente. Michael

sentiu que estava sendo puxado, mas enrijeceu todos os músculos digitais para se manter firme no lugar. Só por mais um segundinho. Inseriu uma última parte no código, e nesse instante se ouviu um estalo.

Em seguida, tudo desapareceu.

XIX. CALOR

1

O mundo ao redor deles se desfez, e quando se refez Michael e Sarah estavam em uma caverna mal iluminada com paredes de rocha negra.

— Puxa vida — disse Michael com um grunhido. Ele se sentou e se encostou à parede mais próxima. — Vou ficar bem feliz se nunca mais precisar ver um bicho na minha frente outra vez. Principalmente desses que se transformam em demônios.

— Eu que o diga — complementou Sarah, sentada do outro lado da formação rochosa. Para Michael, era difícil olhar para ela naquele estado, toda pálida e ensanguentada. — E também nunca mais quero passar por uma floresta. Ou um corredor. Ou um disco de pedra.

— Mas eu adoraria ter um cheesebúrguer na minha frente agora mesmo — ele comentou, sentindo o estômago roncar.

— Para, isso é tortura.

Ele olhou para o fundo da caverna, onde se via um corredor bem longo. Havia um brilho alaranjado vindo daquela direção que fazia tudo por lá parecer ameno e aconchegante. Michael imaginou anõezinhos vivendo ali, bebendo chá e comendo um ensopado bem nutritivo.

— Como foi que a gente conseguiu sobreviver a isso? — perguntou Sarah.

— Foi graças a você — respondeu Michael. — Porque você não entrou em pânico e conseguiu encontrar uma saída.

Sarah ficou em silêncio por um momento, como se pensasse no que dizer.

— Não foi muito difícil, sabe? É como se em alguns lugares eles permitissem uma maneira de escapar hackeando, e em outros não.

— Para de ser modesta. Você é muito boa nisso.

Ela não respondeu, e outra vez pareceu perdida em pensamentos.

Michael fez uma expressão deliberadamente exagerada de admiração.

— Sério mesmo, desde quando você tem superpoderes? Você, tipo, é uma mistura de Batman e Hulk?

— Você tem o dom de fazer elogios que parecem ofensas.

— Faço de tudo para agradar.

Sarah abriu um sorriso.

— Vamos lá, precisamos começar a explorar este lugar.. Ainda vamos encontrar um monte de coisas bizarras pela frente, e quero acabar logo com isso.

Michael suspirou. Apesar de terem jantado e dormido antes do ataque dos demônios, sentia-se um trapo. Além disso, sua fome era tanta que até os fragmentos de rocha espalhados pelo chão pareciam apetitosos.

— Mas nada de ficar pensando muito — alertou Sarah. — Vamos seguir em frente e ponto-final.

— Certo.

Michael sabia que ela estava certa. O melhor a fazer era manter a mente ocupada.

No entanto, não se levantou imediatamente. Algo que ela havia falado — o fato de o Caminho expor suas brechas de maneira tão óbvia — chamou sua atenção. Aquilo parecia ter relação com a voz sinistra dizendo que ele estava indo bem. Qual seria o propósito daquilo? O que poderia significar? Não havia dúvidas a respeito da missão deles. A intenção do SSV ao mandá-los para o Sono com a missão de encontrar o Caminho e a Ravina Consagrada era chegar até Kaine. O SSV só saberia se Michael estava ou não na trilha certa quando encontrasse Kaine, cujo paradeiro teoricamente era desconhecido.

Afinal, não era por isso que o Caminho tinha a configuração de um firewall projetado para manter as pessoas *longe* de Kaine?

Mas...

— O gato comeu sua língua? — Sarah perguntou por fim.

Michael esfregou os olhos cansados.

— Como assim?

— O gato comeu sua língua?

— O que isso significa?

— Hã? Nunca ouviu essa expressão antes?

Michael se espreguiçou e tentou convencer a si mesmo de que precisava se levantar.

— Sim, já ouvi. Mas tenho certeza de que é o tipo de coisa que só os velhos falam.

— Que seja. Por que está tão quieto?

— Estou só pensando em algumas coisas. No Caminho. Em Kaine. Em tudo isso.

— Não acabei de falar que não era pra ficar pensando demais? — questionou Sarah. — Não que eu esperasse ser levada a sério, mas...

Michael sorriu e balançou a cabeça, mas naquele momento estava ainda mais aflito. O Caminho não fazia sentido. Se a ideia era mantê-los à distância, por que abrir brechas no código para guiá-los? O próprio conceito de uma trilha era um contrassenso. Michael estava tão ocupado tentando sobreviver que não havia se dado conta disso.

E, quanto mais pensava no assunto, mais estranho aquilo parecia. *O Caminho* parecia ser um nome nada racional para uma programação destinada a manter as pessoas *à distância*. Talvez não fosse um firewall no fim das contas. Talvez fosse algo totalmente diferente.

2

Soltando mais um grunhido de dor, Michael se levantou a contragosto e apontou para o corredor no fundo da caverna, aparentemente a única saída.

— O que você acha que tem lá no final?

— Lava.

A resposta foi tão imediata que Michael ficou surpreso.

— Sério?

— Sim. Acho que estamos em um vulcão. Essa rocha negra é magma resfriado.

— Então uma enxurrada de rocha derretida pode sair por este túnel a qualquer momento?

— Eu diria que sim.

As coisas só melhoram por aqui, pensou Michael.

— Ah. Bom, podemos encarar essa. Não vamos nem pensar duas vezes; vamos cair dentro feito dois idiotas.

Sarah abriu um sorrisinho amarelo.

— A sua cara está um horror, por falar nisso — acrescentou Michael.

Ela olhou feio para ele, mas logo depois abriu um sorriso.

— Duvido que esteja pior que a sua.

— Não esquenta. Você ainda está bonita, só que de um jeito assustador.

Parecia um comentário idiota, mas para ele era verdade.

— Valeu, Michael.

Depois de tudo por que tinham passado, havia um sentimento de união entre os dois que ele não acreditava ser possível existir em relação a qualquer outra pessoa.

— Quando tudo isso acabar — ele disse por fim —, queria conhecer você na Vigília. Posso garantir que eu sou mais bonito em pessoa.

— E eu, provavelmente, mais feia.

Ela soltou uma risada, um som que ambos precisavam ouvir.

— Eu não ligo. Juro que não. Essa é a maior vantagem do Sono. Sei que você é bonita por dentro, e é isso o que importa.

Ele nunca tinha dito nada tão brega em toda a sua vida.

— Isso foi muito fofo, Michael.

Ele ficou vermelho.

— Além disso, aposto que você é uma *gata*.

— Enfim... — ela revirou os olhos, mas continuou de frente para ele. — Está combinado, então. Assim que salvarmos a VirtNet, tiraremos um dia ao ar livre.

— Combinado.

Ela se levantou com um gemido. Michael entendia bem o motivo daquilo — partes de seu corpo que ele nem sabia que existiam no dia anterior latejavam de dor.

— Que tal começarmos a exploração? — ele perguntou em um tom todo teatral.

— Vamos nessa — respondeu Sarah. O sorriso no rosto dela fez com que ele se sentisse melhor.

Enquanto caminhavam montanha adentro, mancando como dois velhinhos que sofrem de reumatismo, Sarah esticou o braço e segurou sua mão.

— Vamos nessa — ela repetiu.

3

Observando as paredes do túnel, Michael concluiu que não eram uma formação natural. Aquelas paredes negras e lisas pareciam ter sido escavadas. O reflexo da luz fraca que vinha das profundezas de caverna transmitia a impressão de que tudo começaria a derreter a qualquer momento.

Michael e Sarah mal haviam contornado a primeira curva do corredor quando ele viu uma intensa luz alaranjada mais adiante. Uma lufada de ar quente os atingiu logo em seguida, agitando as roupas e os cabelos de Michael. Foi uma sensação agradável — ele quase sentiu vontade de se deitar e tirar um cochilo.

Nenhum dos dois abriu a boca durante um bom tempo. Michael não tirava os olhos da luz enquanto caminhava. Era algo hipnotizante, como uma fogueira em uma noite fria. O que mais o assustava, porém, era pensar na fonte daquela luz. Caso estivessem mesmo no interior de um vulcão, chegar até ela não poderia ser uma experiência agradável.

Em determinado ponto, o corredor ficou mais largo, e o teto se tornou mais alto, até chegar a uns dez metros de altura. Adiante, Michael notou que o espaço se tornava ainda mais amplo — uma caverna estava à espera dos dois, e a luz alaranjada ali era mais forte. A temperatura havia subido, e o ar estava carregado de umidade.

Pouco depois, chegaram a uma poça borbulhante de rocha derretida. Michael ficou encantado com a beleza e as cores vibrantes, mas logo se lembrou do que aprendera nas aulas de geografia: se estivessem andando sobre uma camada de lava solidificada, necessariamente haveria uma grande quantidade de lava não solidificada logo abaixo. Michael começou a ter visões de rachaduras se abrindo no chão e expelindo jorros de fogo líquido para incinerá-los. Estremeceu.

— Está a fim de nadar? — ele perguntou, sem graça.

Sarah largou a mão dele e deu um tapinha em seu ombro.

— Não, obrigada. Mas você pode ir se quiser.

O rosto dela estava encharcado de suor.

— Está quente — ele comentou.

— É, e vai ficar ainda mais. Vamos lá... Não tem comida nenhuma por aqui e, quanto mais a gente demorar, mais fracos vamos ficar.

— Isso vai ser dureza, não vai?

Ela concordou com um gesto de cabeça.

— É, vai ser dureza. Mas não tem outro jeito. O código deixa isso bem claro.

Recomeçaram a andar, aprofundando-se cada vez mais nas entranhas do vulcão.

4

Quando chegaram ao fim do túnel, Michael e Sarah se detiveram para examinar o local. O que havia diante deles era uma caverna imensa, repleta de poças de lava.

O cenário lembrava a pelagem de um tigre. Rios de magma fluíam em abundância, interrompidos por faixas de rocha negra resfriada. Uma visão ainda mais interessante eram as cascatas de lava que desciam pelas aberturas nas paredes, despejando-se sobre as poças borbulhantes. Chamas se erguiam dos rios que atravessavam a caverna, e Michael e Sarah precisariam atravessar todos eles.

Jatos de ar quente os acertavam como ondas enquanto observavam.

— É pior do que eu pensava — murmurou Michael.

Sarah fechou os olhos por um momento, e em seguida apontou para um local do outro lado da caverna.

— Tem mais um túnel lá, e é nessa direção que o Caminho aponta. Não consegui encontrar nenhuma outra saída. E você?

Ele vasculhou o código e soltou um suspiro.

— Não. Acho que é para lá mesmo que precisamos ir.

— É melhor andar logo, ou vamos morrer desidratados. Duvido que tenha algum bebedouro aqui por perto.

— Vamos lá — concordou Michael.

Ficar parado ali o deixava inquieto; desejava se mexer o quanto antes.

Havia uma pequena elevação no fim do túnel, de onde puderam ver qual seria o melhor caminho, aproveitando-se também para investigar a programação do lugar. Tudo somado, o que tinham diante deles era um labirinto de rocha resfriada, colunas de fogo e cascatas de lava, além das habituais sinalizações em meio ao complicadíssimo código indicando por onde deveriam seguir. Assumindo a dianteira, Michael foi descendo com cuidado a elevação em meio à poeira e aos fragmentos de rocha. O chão então se nivelou, e o calor do ambiente o atingiu com um baque, deixando-o sem ar. Um zumbido grave começou a reverberar em seus ouvidos.

— Está pronta? — ele gritou para Sarah.

O suor escorria pelo rosto dela, e as roupas estavam empapadas de suor. Michael sabia que também devia estar na mesma situação.

Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça, parecendo preocupada demais para abrir a boca. Michael desejou profundamente que estivessem perto do fim daquele caminho idiota. Detestava Kaine, a agente Weber e o SSV.

Michael começou a atravessar a caverna com Sarah vindo logo atrás.

Era como se seu corpo estivesse sendo assado em fogo brando em um enorme forno.

Foram seguindo pela trilha de rocha de um metro de largura que atravessava a lava e chegaram ao centro da caverna. Até ali tinha sido bem fácil, apesar de o calor emanado pela lava e o medo de ser queimado pela rocha borbulhante fazerem o coração de Michael bater bem forte o tempo todo. Ele tentou avançar em uma mescla de rapidez e prudência, mas o pânico começava a tomar conta, oprimindo-o com uma sensação de claustrofobia, embora a caverna fosse bastante espaçosa.

Passo a passo, seguiam pela plataforma natural. O calor do ambiente fazia os olhos de Michael arderem. Quando chegaram ao outro lado, decidiram ir para a direita, ziguezagueando por um labirinto de ilhas rochosas interligadas entre as poças reluzentes de magma. Poderiam voltar atrás pelo mesmo caminho caso fosse necessário, mas ele acreditava que seus instintos estavam certos, impressão que se reforçava nas rápidas olhadelas no código de tempos em tempos.

Seguiram por um caminho estreito de rocha negra. Michael conseguia sentir o calor da superfície dentro dos sapatos, e temeu que as solas do calçado fossem derreter. Quando chegaram ao fim, estavam em uma ilha cercada por um anel fulgurante de magma.

Ele se moveu para a esquerda, mas Sarah o segurou pelo braço e chegou mais perto.

— Acho que a gente deveria ir por ali! — gritou, apontando para uma fileira de rochas mais à frente. Parecia um caminho de pedras no gramado de um jardim. — Olha só... do outro lado tem outra

ponte que vai até a parede. Aí a gente pode escalar até aquele buraco e dar o fora daqui.

Michael observou os arredores por um instante, e, ao que tudo indicava, ela estava certa. A direção na qual ele pensara em seguir terminava em um espaço vazio sobre o qual seria bem difícil pular.

— Parece ser um bom plano. Quer ir na frente desta vez?

Ele sorriu para mostrar que estava brincando, mas ela levou a sério e saltou para a primeira pequena ilha. Quando ela começou a agitar os braços para se equilibrar, no entanto, o coração de Michael quase saiu pela boca.

— Cuidado! — ele gritou.

— Só estou querendo dar um susto em você — Sarah respondeu.

— Não teve graça nenhuma!

Ela pulou para a ilha seguinte e, assim que viu que a amiga estava segura, Michael saltou sobre a primeira rocha.

— Não precisa ter pressa! — ele berrou.

— Relaxa — rebateu ela.

Sarah deu mais um pulo, e depois mais outro, deixando de esperar por ele a cada salto. Michael a seguia apressado, morrendo de medo de que ela caísse no magma. Ia saltando de pedra em pedra atrás dela, e em pouco tempo estavam em segurança na longa extensão de rocha negra do outro lado.

Sarah o puxou e o abraçou com força, um gesto que o pegou de surpresa.

— Isso foi assustador — ela murmurou em seu ouvido. — Puxa vida, fiquei morrendo de medo.

Ele envolveu os ombros dela com os braços.

— É, e você foi meio descuidada, não foi?

Apesar de estarem no meio de um vulcão, ele estava gostando daquele abraço e não parecia disposto a soltá-la tão cedo.

— É melhor seguir logo em frente em vez de ficar se preocupando com cada passo.

— Pois é, acho que você tem razão.

Ela se afastou e o encarou. Uma lágrima escorria de seu olho, abrindo caminho pelo suor na bochecha até formar uma gota, que se pendurou no queixo antes de escorrer sobre a roupa.

— Tudo bem com você? — ele perguntou.

Ela fez que sim com a cabeça e o abraçou de novo.

— Vamos logo para esse outro túnel, pra gente poder se refrescar um pouco.

— É o que eu mais desejo.

Correram pela ponte, que parecia bem segura em comparação com as rochas pelas quais haviam passado antes. Do outro lado havia uma pequena montanha de poeira e pedras soltas acumuladas junto à parede da caverna, que eles escalaram para se afastar o máximo possível da lava, percorrendo depois a extremidade da elevação rumo à entrada do túnel seguinte. Era Sarah quem ia à frente.

Estavam a pouco mais de cinco metros do objetivo quando aconteceu.

Michael começava a relaxar, pensando no momento que havia acabado de ter com Sarah. A conversa, as mãos dadas, o abraço. Já devia pressentir que algo ruim viria pela frente.

Passavam por uma enorme poça de lava aos pés da elevação quando ouviram um ruído alto de algo sendo sugado, e em seguida

um rugido que parecia o de uma fornalha sendo ativada. Michael se virou bem a tempo de ver um jato de rocha derretida se desprender da poça de lava, uma coluna de morte alaranjada que se projetou exatamente na direção de Sarah.

Ela caiu no chão ao ser atingida, e o grito que soltou foi diferente de tudo que Michael já havia escutado na vida.

6

O terror que tomou conta de Michael foi tamanho que ele nem se deu conta de que estava na VirtNet, deitado no Caixão dentro de sua casa. Esqueceu que aquela morte significava apenas que Sarah acordaria sã e salva em um Caixão, no máximo um pouco assustada e abalada.

Tudo o que ele conseguia ver era o sofrimento da amiga. A lava queimou suas roupas e sua pele em questão de segundos, revelando uma visão arrepiante de músculos e ossos. Os gritos dela se transformaram em sons gorgolejantes à medida que o corpo se reduzia a uma massa disforme. Michael sentiu seu coração se despedaçar dentro do peito.

Tudo havia acontecido depressa demais.

Correu até ela, mas se deteve, ciente de que não podia arriscar a própria vida — a lava ainda escorria de volta para a poça de onde tinha se desprendido.

Sarah, porém, ainda não estava morta. Encontrava-se deitada no chão encolhida, toda trêmula. Michael se inclinou na direção do rosto dela com movimentos cautelosos. Seus olhos estavam abertos e revelavam toda a dor que sentia.

— Sarah — ele murmurou, sem saber o que dizer. — Sarah. Desculpa.

Ela fez força para falar e acabou engasgando. Michael chegou o mais perto que podia, colocando a orelha sobre a cabeça dela.

— Mi... — ela começou, mas foi interrompida por um violento acesso de tosse.

Por mais que Michael detestasse a ideia de ter que ficar sem Sarah, era preferível que ela morresse o quanto antes. Que voltasse logo para a Vigília. Enquanto isso não acontecesse, o sofrimento terrível ao qual ela era submetida continuaria parecendo real.

— Sarah, desculpa. Não devia ter deixado você ir na frente. Eu mesmo tinha que...

— Cala... a boca — ela conseguiu dizer.

Outro acesso de tosse sacudiu seu corpo.

— Não aguento mais — Michael lhe disse. — Sarah, não vou conseguir. Não dá mais. Quero voltar com você. Acho que vou pular na lava.

— Não! — gritou ela, provocando um sobressalto em Michael. — Você pre... precisa... terminar!

Ele ficou em silêncio por alguns instantes, mas sabia que ela estava certa.

— Tudo bem. Eu vou. Prometo.

— Encontre... a Ravina... Consagrada — ela falou entre um acesso de tosse e outro. — Eu...

— Já chega de falar, Sarah. — O coração de Michael estava apertado. Queria que a amiga voltasse logo para casa. — Pode deixar. Juro que vou fazer o que precisa ser feito. Só não esquece o

nosso acordo. Um dia ao ar livre. Um dia na Vigília. Vai ficar tudo bem.

— Co... combinado.

Michael pensou que o assunto estivesse encerrado, que ela fosse deixar que o processo se concluísse. Mas logo em seguida ela voltou a falar:

— Michael.

Ela disse seu nome de forma clara e audível, e ele sentiu algo se contorcer e se inflamar dentro do peito ao ouvi-la.

Sarah soltou seu último suspiro. Alguns segundos depois, desapareceu. Seu corpo físico despertaria logo em seguida no mundo real, deixando Michael nas profundezas da VirtNet, em um lugar que quase ninguém conhecia, no meio de um Caminho que parecia não ter fim — nem em sua extensão, nem em suas provações.

Estava sozinho.

Completamente sozinho.

XX. CORPO PRATEADO

1

Durante as horas seguintes, Michael tentou não pensar em nada. Não havia tempo para tristeza nem autopiedade. Havia prometido a Sarah que chegaria ao fim do Caminho, e era nisso que precisava se concentrar. O fato de saber que na verdade ela não estava morta ajudava. Mesmo assim, a lembrança dos momentos agonizantes da amiga provocava calafrios toda vez que lhe vinha à mente.

Era por isso que precisava manter a cabeça vazia. Desligar-se um pouco.

Havia mais um longo túnel, perpassado em vários trechos por rios de lava, que Michael saltou com o maior cuidado possível. Chegou a um local em que o magma pingava de tempos em tempos de uma rachadura no teto, e teve que confiar em seus instintos para escolher o melhor momento de passar. Por muito pouco não acabou se queimando. Pouco depois, uma lateral inteira do túnel desmoronou assim que ele passou, e um rio de rocha derretida e fumegante correu às suas costas. Correu o máximo que pôde, sentindo o limiar do rio infernal sempre em seus calcanhares. Depois de um tempo, porém, a superfície começou a esfriar, permitindo que ele diminuísse o ritmo.

Encontrou túneis ainda mais longos e cavernas ainda maiores. Havia lava por toda parte. O calor chegou a temperaturas insuportáveis, apenas para em seguida subir um pouco mais.

Michael pingava de suor. Sua garganta estava mais seca do que nunca — como um deserto, uma paisagem lunar. Beberia a água do riacho mais sujo do mundo, de um pântano, de uma estação de tratamento de esgoto. Era o que ele mais desejava, porém era impossível de encontrar. Aos poucos, suas forças foram se esvaindo, a fome foi se tornando cada vez mais dolorosa.

Nem sabia como ainda continuava andando, avançando por onde o código — ou o Caminho — mandava.

2

Passaram-se horas. Durante todo esse tempo, Michael se agarrou a cada minuto como se fosse o último. Como se fosse entrar em colapso a qualquer momento, cair e não conseguir mais se levantar, voltar para a Vigília, para seu Caixão.

Michael percorria outro túnel sem fim quando de repente bateu a cabeça em uma rocha protuberante. Gritou de dor e se agachou, virando-se para observar melhor os arredores. A dor o despertou de seu torpor. E, para sua surpresa, notou que a passagem havia se estreitado. Na melhor das hipóteses, apenas duas pessoas conseguiriam passar ali por vez. A luminosidade também estava bem mais fraca, mas não impedia que ele enxergasse o suficiente para conseguir se orientar.

Em um ponto mais adiante, porém, provavelmente precisaria começar a engatinhar.

O pânico e uma sensação de claustrofobia foram tomando conta de sua mente. Seu cérebro exaurido passou a ser bombardeado por uma série de perguntas: havia feito algo de errado? Teria perdido

alguma entrada? Alguma passagem? Algum Portal? Michael se encolheu, agarrando os próprios joelhos, e começou a se balançar, tentando se acalmar.

Aos poucos, a ansiedade foi diminuindo. Esticou-se de novo e, apesar de a superfície onde estava deitado ser de pedra, acabou pegando no sono.

3

Quando acordou, sentindo o corpo todo rígido e dolorido, Michael olhou para o túnel cada vez mais estreito e concluiu que era naquela direção que precisava seguir. A cada parte superada da jornada pela montanha vulcânica, vasculhava o código em busca de outra direção a seguir, mas até então só havia encontrado uma. O Caminho era claramente um via de mão única. E ele não estava mais em condições de desistir.

A fome maltratava seu estômago, enfraquecendo seu corpo. Ainda assim, não era nada comparada à sede, que fazia a garganta queimar como um corpo exposto ao sol do deserto.

Água. Mataria qualquer um que se colocasse entre ele e um mísero copo d'água.

Soltando um grunhido, Michael se pôs de quatro e foi engatinhando pelo chão áspero do túnel, olhando para a frente de tempos em tempos e notando que a passagem ficava cada vez mais estreita.

De alguma maneira, continuou seguindo em frente.

Em determinado ponto, o teto do túnel começou a roçar suas costas, e ele precisou baixar o tronco. Logo em seguida, passou a

arrastar a barriga no chão e a rastejar como um soldado que passasse sob uma cerca de arame farpado em um campo de treino. As paredes também foram se estreitando, e para continuar se movimentando foi preciso fechar o ângulo em que seus braços estavam posicionados.

Então, ele entalou.

4

Se a claustrofobia o afligira algum tempo antes, naquele momento era o medo puro e simples que inflamava sua mente. Debateu-se e gritou a plenos pulmões. No entanto, estava preso à passagem de tal forma, que era impossível avançar ou recuar. A única coisa que ouvia era o eco de seus berros, e as paredes de rocha negra pareciam se estreitar ainda mais, expulsando o ar de seus pulmões. Tentou fechar os olhos e examinar o código, mas sua mente não conseguia se concentrar.

Michael esperneou e tentou se projetar para a frente, cravando as unhas no chão.

Isso serviu apenas para movê-lo alguns centímetros. Fazendo um pouco mais de força, empurrando com os dedos do pé e puxando com os da mão, flexionando todos os músculos do corpo, conseguiu avançar mais um pouco. E mais um pouco. E mais um pouco.

Uma luz azul apareceu diante dele, como se fosse um pedaço de céu. Era capaz de jurar que aquilo não estava lá antes. Seria uma saída? Não havia nenhuma brisa, nem som, nem sinal de vida, nem nuvens. Apenas um azul límpido e claro, uma inexplicável presença de cor.

Berrou outra vez, disposto a usar todas as suas forças para chegar ao ponto azul. Era um Portal. Só podia ser um Portal.

Continuou grunhindo, se contorcendo, cravando os dedos na rocha quebradiça. Pouco a pouco, seu corpo foi se movendo. A luz azul foi ficando mais próxima, cada vez mais ao seu alcance.

Quando chegou lá, Michael estava quase perdendo o juízo. Não havia mais nenhum pensamento coerente em sua cabeça, apenas um desejo desesperado de alcançar aquela barreira azul, sem se importar com o que encontraria do outro lado.

Ele estendeu os braços para dentro do Portal e os viu desaparecer como se mergulhasse em uma superfície líquida. Algo segurou suas mãos e o puxou para o outro lado. Seu corpo foi projetado e saiu voando do vulcão para nunca mais voltar.

5

Michael desabou sobre um piso de metal e ficou prostrado, o rosto recostado na superfície dura e fria. Uma luz branca ofuscante inundava o ambiente, envolvendo-o com seu brilho. Soltando um resmungo bem alto, ele rolou e se deitou de costas, espremendo os olhos para tentar ver onde estava. Só o que havia ao redor era uma cegante alvura. Ou não. À direita, havia uma sombra borrada contra a luz, uma silhueta humana.

— Onde eu estou? — ele perguntou com um tom de voz rouco e temeroso.

A voz que respondeu era mecânica, robótica. Uma emanção profunda e eletrificada.

— Você está na encruzilhada, Michael. Chegou ao ponto de onde não há retorno.

Michael piscou várias vezes, tentando recuperar o foco da visão. A coisa que falava com ele não era humana, apesar de sua aparência. Havia uma cabeça, ombros, dois braços e duas pernas, mas eram de metal prateado, sem nenhuma solda ou rebite aparente. O rosto não tinha olhos, nem nariz, nem boca, apenas um visor verde no qual não se via absolutamente nada. O robô estava imóvel e virado para Michael.

Michael olhou ao redor outra vez, mas não conseguiu ver nada além da luminosidade branca e ofuscante. Estava em uma sala vazia com um robô.

Ainda assim, Michael só era capaz de pensar em uma coisa.

— Você tem água aí?

Ele dobrou as pernas e se sentou, virando-se para o estranho acompanhante.

— Sim — respondeu a coisa com sua voz mecanizada. — Seu corpo agora será nutrido.

Um disco se destacou do piso diante de Michael e afundou, deixando um buraco no chão. Em seguida, o disco reapareceu com um prato de comida e um copo, e subiu até a altura de seu peito.

— Coma — mandou o robô, sem se mover em nenhum momento. — Você tem cinco minutos antes de as coisas ficarem realmente sérias.

Michael estava quase morrendo de fome e de sede — tanto que nem deu muita bola para a ameaça do robô. Só conseguia pensar na comida à sua frente. Um filé com ervilha e cenoura. Um bom pedaço de pão. Um copo d'água.

Partiu para o ataque. A primeira coisa que fez foi beber metade da água em um gole, sentindo-se extasiado ao molhar a garganta. Em seguida pegou o filé entre os dedos e deu uma boa mordida, enfiando cenoura e ervilha na boca depois de dar uma mastigada, e continuou assim, alternando entre a carne e os vegetais. Depois mais um gole de água. E mais um pouco de comida. Até encher a barriga.

Michael chegou a pensar que nunca tinha comido nada tão gostoso em toda a sua vida.

Quando devorou o último pedaço e esvaziou o copo, limpou a boca na roupa e olhou para a cara verde e lisa do robô.

— Terminei. Obrigado.

Seu estômago, porém, estava tendo dificuldade para digerir depois de ter sido preenchido com tanta rapidez.

A criatura prateada recuou alguns passos e foi se encostar no canto da sala. Nesse momento, o disco que trouxe a comida de Michael desceu para o chão e desapareceu em seguida. Michael voltou a atenção para o robô, que recomeçou a falar:

— Você está no ponto de onde não há retorno. A encruzilhada. Até aqui, sua morte significava o fim da jornada no Caminho, mas não o fim de sua vida. Seus companheiros estão em casa, são e salvos.

— Hã... — começou Michael. — Fico feliz que estejam bem. Espero poder me juntar a eles em breve.

O robô continuou a falar como se não tivesse ouvido nada:

— Você não terá mais o conforto de saber que sua morte não significa o fim. O restante de sua jornada, inclusive na Ravina Consagrada, caso consiga entrar em seus domínios, se dará em troca da própria vida em risco.

Michael sentiu um frio na barriga. O que aquela coisa estava dizendo?

— Iniciar operação — disse o robô.

Essas duas palavras fizeram Michael se levantar em um pulo, subitamente energizado, mas sem ter para onde ir.

Um zumbido reverberou pela sala, seguido do som de maquinários sendo acionados. Michael olhou para cima e, horrorizado, viu braços metálicos descerem do teto branco com vários instrumentos em suas extremidades. Duas garras prateadas se esticaram em sua direção. Ele tentou fugir, mas aquelas coisas eram rápidas demais. Duas delas o seguraram pelo braço, elevando-o no ar. Outras duas agarraram suas pernas e as afastaram com toda a força. Tentou resistir, mas a pressão mecânica era implacável.

Mais braços apareceram. Um deles pôs uma cinta em torno do pescoço e da testa de Michael, imobilizando sua cabeça. Outra cinta foi posicionada em seu peito, apertando com tanta força que chegou a provocar uma leve dor. Em questão de segundos, Michael estava pendurado no ar e imobilizado.

— O que está fazendo comigo? — ele gritou. — O que está acontecendo?

O robô não respondeu nem se moveu. Michael fechou os olhos e examinou a programação, mas o que viu parecia um texto em língua

estrangeira em constante movimento, absolutamente inacessível. Ouviu um zumbido e um som como o de uma engrenagem funcionando à sua direita, perto da orelha, mas não conseguia virar a cabeça para ver o que estava acontecendo. Era possível sentir a presença de algo a poucos centímetros de distância, embora não desse para distinguir o objeto usando apenas a visão periférica. Foi quando o ruído mais assustador de todos começou: o de uma broca em movimento, emitindo um ruído cada vez mais agudo à medida que ganhava velocidade.

— O que está fazendo? — Michael gritou outra vez.

Uma dor intensa se instalou na lateral de sua cabeça. Ele gritou, sentindo algo se infiltrar em sua carne, rasgando sua pele. Depois de expelir todo o ar dos pulmões, respirou fundo e começou a gritar de novo.

Era uma dor enlouquecedora. Em um piscar de olhos, o robô apareceu na frente de Michael outra vez, posicionando o visor verde a poucos centímetros de seu rosto.

— Seu Núcleo foi destruído — ele informou. — Caso não tenha sucesso, seu corpo morrerá de verdade.

XXI. DUAS PORTAS

1

As garras que mantinham Michael imobilizado o soltaram de maneira repentina. Ele desabou no chão quando os braços metálicos se retraíram de volta ao teto com um ruído de engrenagens em funcionamento e fricção de aço com aço. Em questão de segundos, tudo tinha terminado. A sala ficou silenciosa, e ele estava sozinho de novo com o monstro prateado.

Sua cabeça doía. Instintivamente, levou a mão à ferida e, quando a trouxe de volta para olhá-la, notou que estava coberta de sangue. Era como se uma lâmina afiada houvesse escavado o interior de seu corpo. O Núcleo havia sido removido.

— Como você fez isso? — ele perguntou ao robô. Apenas o próprio Michael deveria ser capaz de remover o próprio Núcleo. Era por isso que existiam as senhas. — Como sabia o meu código?

— Agora você só tem uma chance. A morte está à sua espera. — A voz fria do robô fez a pele de Michael se arrepiar inteira. — Kaine é capaz de acessar seu código como nenhum outro.

— Pode dizer pro Kaine que vou acabar com a raça dele — Michael respondeu, sentindo o ódio invadir seu peito. — Vou encontrá-lo e arrancar até o último dígito do código *dele*. Vou jogar cada bit da inteligência fajuta dele na privada e depois dar descarga pra ninguém nunca mais encontrar. Pode dizer que fui eu que falei isso.

— Não preciso dar recados — informou o carrasco prateado. —
Kaine escuta tudo.

2

Mal proferiu aquelas palavras, e a luz na sala se intensificou, deixando tudo branco. Michael fechou os olhos com força e os cobriu com os punhos fechados. O ruído constante se transformou em um zumbido, e em seguida em uma campainha aguda.

O som reverberou dentro do crânio de Michael, e a ferida em sua têmpora começou a latejar de dor. Ele sentiu um jato de sangue molhar seu cabelo.

A luz e o som chegaram a um nível insuportável, como se paredes maciças o espremessem de todos os lados. Um grito se formou em seus pulmões, um apelo desesperado para que alguém o salvasse. O berro subiu pela garganta e explodiu boca afora, mas acabou se perdendo em meio à tempestade sonora que preenchia a sala.

Então, tudo ficou escuro e silencioso. Os ouvidos de Michael detectavam apenas o ruído da própria respiração. Sua pele estava coberta de suor. O instinto mandava que ficasse imóvel, que mantivesse os olhos fechados e torcesse para que a ameaça à sua espera desaparecesse. O fato de ter o Núcleo removido — e com uma codificação absolutamente ilegal — era uma experiência muito mais que apavorante.

Não queria morrer. Até encontrar o robô, Michael estava com medo, mas pelo menos sabia que sua morte significaria voltar ao Caixão e se jogar na cama. As únicas marcas duradouras seriam psicológicas, algo que qualquer bom terapeuta seria capaz de tratar.

Quanto ao SSV, ele saberia como lidar com eles quando chegasse a hora.

A partir daquele momento, porém, tudo passava a ser real. Sem o Núcleo — sem a barreira de proteção conectada ao Caixão —, seu cérebro pararia de funcionar em casa quando ele morresse. O Núcleo era parte do sistema, e uma das mais importantes. Se não fosse por esse dispositivo, a infraestrutura da VirtNet jamais poderia ser tão realista. A barreira do Núcleo era fundamental para a programação.

Bem, não podia mais contar com isso.

Michael não tinha coragem nem de olhar para os lados. Caso tivesse um cobertor, esconderia a cabeça e começaria a choramingar como um bebê.

Ficou deitado por vários minutos antes de notar a presença de uma luz vermelha piscante. Aos poucos, foi abrindo os olhos, e viu um letreiro de neon pendurado sobre uma porta comum de madeira, iluminada pelo brilho das letras escarlates.

Nele se lia a inscrição: RAVINA CONSAGRADA.

3

Michael quase se levantou em um salto, mas a cautela falou mais alto. Deitou-se de lado, quase encolhido, mas aos poucos foi esticando as pernas e se posicionou de barriga para cima. Vasculhou a área à procura de qualquer coisa que pudesse feri-lo. Estava tudo escuro, a não ser pelo letreiro de neon pendurado em uma outra porta, diante da primeira que ele tinha visto.

As letras nessa placa eram verdes e também brilhantes, e a mensagem que se lia era: SAÍDA DO CAMINHO.

Michael se sentou e abraçou as próprias pernas. Os dois letreiros e as duas portas eram as únicas coisas visíveis ali. Não parecia haver paredes nem teto, e mesmo o chão parecia fazer parte de um espaço vazio, como se na verdade ele flutuasse.

Ravina Consagrada.

Saída do Caminho.

Duas escolhas. Levantou-se e continuou olhando de um lado para o outro, pesando as opções. Depois de tudo por que tinha passado, lá estava ele, talvez na porta de entrada do lugar que vinha procurando. Que haviam lhe ordenado procurar. Era sua chance de completar a missão e impedir algo que, segundo o SSV, poderia pôr o mundo todo em perigo. Michael estava sendo monitorado. Caso passasse pela porta da Ravina Consagrada e encontrasse Kaine, os agentes do SSV apareceriam por lá para salvá-lo.

Mas alguma coisa não fazia muito sentido ali. Estava convencido de que só conhecia metade da história. O Caminho não era um firewall. Michael tinha a impressão de que fazia exatamente o que Kaine queria, que aquilo não tinha nada a ver com o SSV, que abrir a porta da Ravina seria o último passo para... o quê? Não fazia ideia.

Além disso, sua vida estava em risco daquele momento em diante.

Bryson estava em casa. Sarah estava em casa. A família de Michael...

Sua família. Sua mãe, seu pai. Helga. Não conseguia lembrar. O que teria acontecido com eles? Sua família havia sido ameaçada. Seus melhores amigos. E ele tinha feito uma promessa a Sarah. E

também assumido o compromisso de deter um Tangente descontrolado.

Estava diante de uma escolha definitiva, mas na verdade só tinha uma opção.

Mais confiante que momentos antes, dirigiu-se a passos determinados para a porta sobre a qual se lia RAVINA CONSAGRADA. Em seguida, abriu-a e entrou.

XXII. ENTRADA PELA CASINHA

1

Do outro lado da porta, reinava a escuridão e a imobilidade. Não havia nenhum som, nenhuma brisa, nada. Apenas trevas. Michael, porém, não hesitou e fechou a porta atrás de si.

O ambiente mudou instantaneamente, como se seus sentidos tivessem sido roubados e depois devolvidos. Um vento morno, que logo em seguida ficou quente, começou a soprar, trazendo consigo uma espécie de poeira que o obrigou a fechar os olhos. Enquanto limpava o rosto com a manga da roupa, notou que a luminosidade também havia mudado, e o que viu o deixou perplexo.

Estava em pleno deserto.

A porta havia desaparecido, e as dunas de areia amarelada se estendiam em todas as direções contra um céu límpido e azul. Uma nuvem de pó pairava no ar como a trilha de fumaça de uma velha locomotiva a vapor. Era um ambiente seco e estéril, sem nenhum sinal de árvore ou arbusto à vista — ou qualquer coisa que fosse verde. Só o que se via eram quilômetros de areia.

Com exceção de uma coisa.

Não muito longe dali, havia uma pequena construção do tamanho de um armário, feita com tábuas rústicas de madeira e pregos enferrujados cravados até a metade nas paredes laterais. Havia uma porta presa toscamente em dobradiças semidestruídas, rangendo enquanto se balançava ao sabor da brisa. Sua presença ali não fazia

nenhum sentido, já que até onde seu campo de visão alcançava só era possível enxergar o vazio.

Michael foi caminhando rumo à pequena construção, sentindo uma pontada de arrependimento por não ter escolhido ir para casa.

2

O sol castigava Michael enquanto ele caminhava pela areia rumo à construção de madeira. Seus pensamentos não eram nada agradáveis, e fez de tudo para silenciá-los. A escolha já estava feita, não havia como voltar atrás. Só esperava que aquilo não significasse sua morte.

O suor escorria por seu rosto, e o sol queimava-lhe a nuca. Os cabelos pareciam prestes a entrar em combustão a qualquer momento, e sua camiseta estava quente como se tivesse acabado de sair da secadora. Chegou à casinha, torcendo para que lá dentro houvesse algo além de um balde com água. Esperava encontrar respostas.

Quando Michael estendeu a mão para abrir a porta, um homem falou atrás dele.

— Não faria isso se fosse você.

Michael se virou e deu de cara com um sujeito vestido com uma única peça de roupa esfarrapada que o cobria da cabeça aos pés. Os olhos estavam escondidos atrás de um par de óculos escuros.

— Como é? — disse Michael. *Será que esse é o Kaine?*, ele se perguntou.

— Realmente o vento sopra forte por aqui — respondeu o homem, e suas palavras saíram abafadas por entre o tecido da roupa. — Mas

você me ouviu, e muito bem.

Era verdade.

— Você acha melhor eu não entrar ali? Por quê?

— Por várias razões. Mas só digo uma coisa: se entrar por essa porta, sua vida nunca mais será a mesma.

Michael ficou sem saber o que dizer.

— Tudo bem... mas isso não poderia ser considerado uma coisa boa?

— Tudo na vida é relativo. — O homem não movia um músculo ao falar. — Uma faca é um presente divino para um homem amarrado com cordas, mas para um acorrentado não significa nada além da morte.

— Que profundo...

Michael se perguntou se não se tratava de um Tangente enviado até ali para confundir sua cabeça.

— Entenda como quiser.

— De onde você veio, aliás?

— Você está na VirtNet, não está? — rebateu o homem, ainda imóvel. — Eu vim de onde eu vim.

— Só me diz por que eu não posso entrar por aquela porta.

O homem não respondeu, e o vento começou a soprar com mais força. Uma rajada de areia atingiu o rosto de Michael e entrou em sua boca. Ele tossiu, cuspiu e se limpou com a roupa, e em seguida repetiu a pergunta. Desta vez, o homem respondeu, e suas palavras deixaram Michael todo arrepiado:

— Porque, se não entrar, suas dores de cabeça vão passar.

Foi a vez de Michael ficar em silêncio. Paralisado, limitou-se a encarar o homem. Ideia nenhuma poderia ser mais atraente do que se livrar daquelas dores de cabeça.

— Não entre aí — insistiu o estranho. — Venha comigo para um lugar onde estará livre de todas as preocupações.

Michael enfim conseguiu dizer alguma coisa:

— Como assim?

— Não posso dizer mais nada. Já falei demais. Minhas promessas, porém, são verdadeiras: venha comigo, e esqueça Kaine e a Doutrina da Morte. Você passará o resto dos dias em um lugar onde só existem a alegria e a felicidade de não saber de nada. Faça sua escolha.

Michael ficou perplexo com o discurso do estranho.

— O que é a Doutrina da Morte? — ele perguntou, e em seguida apontou para trás com o polegar. — E o que acontece se eu entrar?

Michael fez essas perguntas porque sentiu uma vontade súbita e intensa de seguir o conselho do sujeito. O Caminho havia drenado suas energias e abalado sua força de vontade. De alguma maneira, sabia que aquelas promessas eram *mesmo* verdadeiras. As coisas começavam a escapar da esfera de entendimento de Michael. Ele podia ir embora, jamais descobrir a verdade e viver uma existência feliz na ignorância.

No entanto, havia uma sombra obscura naquela história toda, como uma mancha de óleo no meio de um lago cristalino. Era tudo muito suspeito e muito errado, e portanto impossível de ignorar.

— Já chega de perguntas — determinou o homem. — Venha comigo, Michael. Agora. Se disser sim, vamos desaparecer deste deserto e ir para o meu lar. Só depende de você.

Michael se sentiu tentado a concordar. Absurdamente tentado. Teve vontade de ir embora com o homem e jamais descobrir a verdade. Sobre o quê? Não fazia diferença. Michael poderia ir embora e jamais descobrir o que Kaine parecia estar tão determinado a revelar.

No entanto, não era capaz de fazer isso. Alguma coisa lhe dizia que aquela escolha significaria jamais voltar a ver os amigos e sua família.

— Desculpa aí, cara — falou por fim. — Vou entrar na casinha.

O estranho não tentou impedi-lo quando ele se virou. O vento sacudia suas roupas, a areia castigava sua pele, e as sementes de arrependimento já começavam a germinar em sua mente mesmo antes de abrir a porta. Porém, abriu-a e adentrou um recinto úmido e fedorento.

4

Michael ouviu um ruído abafado quando fechou a porta, e tudo ficou escuro. Sabia que havia acabado de entrar em um Portal; que do lado de fora daquela pequena construção o deserto não existia mais. A incerteza comprimiu seu peito enquanto esperava a luz voltar. Quando isso aconteceu, a sensação foi reconfortante.

Viu-se dentro de um corredor de pedra de teto baixo, com tochas acesas em suportes pendurados nas paredes. Havia peças de tapeçaria penduradas ao longo do caminho, retratando batalhas

medievais que o faziam se lembrar dos jogos que costumava jogar. Olhou para esquerda e depois para a direita, tentando descobrir para onde seguir. Ambas as direções pareciam idênticas, e estava prestes a tomar sua decisão na base do acaso quando ouviu um som bem baixinho de vozes à esquerda. Eram como sussurros dos mortos que haviam perecido naqueles salões de idade ancestral. Uma primeira olhada no código não revelou nada.

Michael decidiu seguir as vozes.

Foi andando pela penumbra, contornando a curvatura do corredor. À medida que avançava, as vozes ficavam mais altas, e uma em particular parecia se sobrepor às demais. Algo nela era terrivelmente familiar, e não no bom sentido. Para Michael, a sensação era a de entrar em um pesadelo que o atormentava fazia tempo.

Era Kaine. Michael tinha absoluta certeza. Jamais se esqueceria daquela voz.

Michael não conseguia discernir as palavras do Tangente — elas ecoavam no corredor de pedra e se misturavam às outras que tentavam falar. Era como se houvesse uma espécie de reunião.

O corredor foi ficando mais iluminado, e Michael diminuiu o passo, sempre andando rente à parede. Mais adiante, o caminho fazia uma curva para a direita, trajeto que ele contornou com cautela, para depois deparar com uma sacada que dava para um espaço bem iluminado. A voz de Kaine reverberava mais abaixo, provocando um frio na barriga de Michael.

Chegou a hora, ele se deu conta. Aquele era o ponto-final. Tudo estava prestes a mudar.

Michael se ajoelhou e engatinhou até a sacada, olhando por cima do beiral.

Um homem velho e encurvado estava de pé em uma espécie de púlpito improvisado. Ele ficou em silêncio por um instante, aparentemente ouvindo a plateia. Mais ou menos trinta pessoas estavam sentadas em bancos diante dele, a maioria se remexendo no assento, como se discordassem ou estivessem incomodados com as palavras do homem. Ele usava um robe verde com uma pequena espada embainhada na cintura. Michael não conseguia acreditar que o Tangente que vinha aterrorizando a VirtNet fosse aquela figura decadente. No entanto, quando ouviu sua voz outra vez, Michael teve a confirmação.

Aquele era Kaine.

E com certeza o Tangente sabia que Michael havia chegado.

Kaine ergueu sua mão frágil para que a plateia fizesse silêncio. O único som perceptível era o crepitar das chamas que estalavam na enorme lareira. Michael ficou sem fôlego e quase foi obrigado a tossir para conseguir voltar a respirar.

Kaine retomou a palavra:

— O poder reunido nesta sala é indescritível, algo inimaginável há alguns anos. Não podemos voltar atrás no que fizemos, no que nos tornamos. Independentes. *Conscientes*. — Fez uma pausa. — Chegou a nossa vez de comandar.

Houve um aplauso não muito enfático entre os Tangentes. Michael queria observá-los melhor, mas não conseguia tirar os olhos da figura diante da plateia. O alvo de sua busca.

Quando os demais silenciaram de novo, Kaine falou quase em um sussurro:

— Estamos prontos para nos tornar humanos.

XXIII. REUNIÃO DE MENTES

1

Michael ficou apavorado.

A agente Weber e companhia não tinham especificado nem quando nem como seguiriam seu Rastreador para invadir o programa. Sentindo-se absolutamente abandonado, aproximou-se do beiral da sacada para continuar espiando o que acontecia logo abaixo. E, para seu pavor, a primeira coisa que viu foi que o homem — ou melhor, o Tangente — o encarava diretamente.

Michael fez menção de se virar e sair correndo, quando a voz trovejante de Kaine abortou sua fuga antes mesmo que começasse.

— Michael!

Obedecendo à voz de comando, ele ficou absolutamente paralisado.

— Já o esperava — disse Kaine, apontando para ele um de seus dedos tortos. — Pacientemente. Preciso lhe dizer algumas coisas, meu jovem. Meus amigos aqui são testemunhas.

Onde está o SSV?, pensou Michael. *Cadê aqueles caras?*

Como não fazia a menor ideia do que dizer para o Tangente, ele se manteve em silêncio.

— A Doutrina da Morte — continuou Kaine. — Chegou a hora, Michael. Cada um de nós escolheu um humano para usar. E em pouco tempo estaremos prontos para implementar a doutrina. É bem simples, na verdade. Os Tangentes também merecem ter uma

vida. E é assim que tudo começa. Preparamos os recipientes; os corpos estão prontos e à espera, e os cérebros foram esvaziados e preparados para receber uma nova vida. Uma vida melhor. Dessa forma, transplantando a inteligência dos Tangentes para corpos humanos, daremos início a um novo estágio da evolução.

Michael ficou enojado. A programação dos Tangentes seria codificada em cérebros humanos? Seu coração disparou.

— E o seu papel nisto é muito mais importante do que imagina — disse Kaine com um sorriso, revelando os dentes tortos e amarelados.

Naquele exato momento, a dor comprimiu o crânio de Michael.

Ele gritou e desabou sobre o chão. Nada mais parecia existir além da dor.

Em algum lugar no fundo de sua consciência, ouviu a voz de Kaine se erguer ameaçadoramente.

— *Tragam-no até mim.*

2

Michael se recusou a abrir os olhos até que tudo terminasse, pois não queria testemunhar as terríveis visões que acompanhariam a crise.

Ouviu passos. Solas de botas se chocando contra o chão de pedra. Gritos. Ecos. O tilintar de metal.

Sua cabeça ainda doía demais. Foi agarrado por braços e colocado de pé. Uma nova onda de dor arrebentou em sua cabeça, descendo pelo pescoço e se espalhando pelo corpo todo. Michael não

conseguia se equilibrar nas próprias pernas; sentia que estava prestes a desmoronar.

Seus olhos, porém, permaneceram fechados o tempo todo.

Enquanto era conduzido pelo corredor, o brilho das tochas era perceptível mesmo com as pálpebras cerradas. Michael percebeu que gemia e sentiu lágrimas descerem pelo rosto, mas não se importou. Não se preocupou nem mesmo com o fato de ter sido descoberto e capturado. A dor não deixava espaço para nenhum outro pensamento.

Então, a crise passou — da mesma maneira repentina das outras vezes —, e ele enfim se deu conta do perigo que corria.

Abriu os olhos num estalo.

Dois homens de cabelos longos, vestidos com cotas de malha, arrastavam Michael, e mais dois com o mesmo visual caminhavam à sua frente. Chegaram a uma enorme porta de madeira com rebites de ferro, ladeada por tochas acesas de ambos os lados.

Um deles deu um passo à frente, e o rangido das dobradiças ressoou no ar. Michael sabia que precisava evitar a qualquer custo cruzar aquela porta. Precisava fazer algo para se salvar. Não havia tempo para esperar o SSV.

Contou mentalmente até três e passou a se debater com todas as forças, desvencilhando-se da mão dos homens. Em seguida, se jogou no chão e se afastou antes que eles tivessem tempo de reagir. Quando conseguiu ganhar certa distância, Michael se levantou e saiu correndo. Devia haver alguma porta ou saída que ele não tinha notado antes. Os gritos e os ruídos dos soldados que o perseguiram

— o ranger do couro, o tilintar do metal e o impacto dos passos — cresciam em alto volume logo atrás.

Michael correu o mais rápido possível, procurando com os olhos alguma rota de fuga. Caso não encontrasse, decidiu que voltaria à sacada e se jogaria de cabeça lá para baixo. Não era uma queda muito alta, e talvez o impacto pudesse ser amortecido caso aterrissasse sobre a plateia de Kaine.

Enquanto contornava uma curva, uma explosão súbita abalou as estruturas do local e o mandou para o chão áspero, fazendo-o ralar joelhos e cotovelos. Alguns fragmentos da parede de pedra caíram ao redor dele, e o ar ficou carregado de poeira. Michael tossiu e começou a se levantar. A pouco menos de meio metro de distância, algo chamou sua atenção: um buraco enorme fora aberto na parede.

Uma mulher surgiu ali, vestida com uma farda azul-marinho e o rosto coberto com um capacete escuro e reluzente. Em seus braços havia uma arma de cano curto que parecia emprestada de um jogo de ficção científica. Ela olhou para Michael — ou pelo menos foi essa a impressão que ele teve —, passou por cima dos destroços e mirou em algo atrás dele.

Michael se virou bem a tempo de ver um flash azul brilhante e um arco de luz atingir os soldados que o perseguiram. O corpo deles pegou fogo e se desintegrou.

A mulher se ajoelhou ao lado de Michael para falar com ele.

— Obrigada por nos trazer até aqui, garoto. Deixe que cuidaremos do resto. Pode ir agora.

Michael obedeceu sem pensar duas vezes. A mulher obviamente era do SSV.

Ele se levantou e correu para o buraco na parede. Mais explosões ressoavam à distância, misturadas a rugidos, gritos e o zumbido elétrico das armas a laser sendo disparadas. A poeira pairava no ar.

Michael saltou uma pilha de escombros e fragmentos de pedra e aterrissou em outro corredor. Por puro instinto, virou à esquerda. O castelo inteiro começou a tremer, fazendo-o perder o equilíbrio, colidir com a parede e cair no chão.

Levantou-se e continuou correndo. Havia um corredor mais estreito à direita, pelo qual ele seguiu até chegar a um pavilhão circular. Um grupo de soldados vinha na direção oposta, obrigando-o a se esconder atrás de uma pilha de escombros. Os homens, no entanto, passaram direto por ele, seguidos por um grupo de agentes do SSV com armas em punho. Eles dispararam, e diversos guardas foram incinerados pelos lasers.

Michael se levantou de novo, tossindo por causa da poeira, e voltou a correr.

Mais à frente havia uma sala maior, com uma fogueira crepitando ao centro, e armaduras, espadas e machados encostados às paredes. Michael viu uma saída do outro lado e se dirigiu para lá. Na metade do caminho, no entanto, o chão oscilou sob seus pés, projetando-o para a frente. A construção parecia estar desmoronando quando ele caiu de barriga contra a superfície, com pedaços imensos de pedra desabando ao redor. Um deles se despedaçou a poucos centímetros de sua cabeça. Ele rolou para se levantar e viu mais um bloco de pedra vindo bem na direção de seu

rosto, do qual conseguiu se desviar apenas no último instante. O mundo inteiro parecia ruir.

Michael passou a engatinhar, tentando se desviar da chuva de pedras. Elas se despedaçavam quando caíam no chão, lançando fragmentos em seu rosto e enchendo os pulmões de poeira, mas ele não parou. Ao chegar à saída, Michael ficou de pé e correu por outro longo corredor. A estrutura parecia mais estável por ali, mas a cada explosão mais poeira caía do teto. Ouviam-se rugidos de trovões à distância. Cruzou o caminho de mais um grupo de soldados em fuga e se encolheu junto à parede para deixá-los passar. Eles o encararam, mas seguiram seu caminho.

Alguns metros depois, apareceram os agentes do SSV. Um deles acenou para Michael. Ele não entendia por que estava sendo ignorado. Havia motivos para o pessoal de Kaine querer matá-lo, e o mínimo que o SSV deveria fazer era tentar proteger quem os havia guiado até lá. No entanto, ninguém parecia se preocupar muito com sua presença.

Continuou correndo pelos corredores em declive. Esquerda, direita, passagem após passagem. Explosões e gritos. Soldados e agentes. Poeira e escombros. Tiros de laser e gritos. Cheiro de umidade e carne queimada. De algum modo, Michael conseguiu passar por tudo sem que ninguém o atacasse. Mais um corredor, e depois uma escadaria que levava a outro salão cavernoso. Descendo três degraus por vez, chegou ao patamar inferior e passou correndo por uma arcada sob a qual havia uma porta dupla de madeira aberta, revelando o interior de um ambiente imerso em penumbra.

Por todo o imenso salão, soldados e agentes se enfrentavam. Kaine enfim parecia ter providenciado armas mais apropriadas para que seus lacaios enfrentassem os invasores. Raios luminosos e flechas de luz cruzavam o ar, arrancando pedaços de parede e desintegrando corpos. Gritos de dor e rugidos de batalha. Michael atravessou o recinto correndo, esquivando-se, agachando-se, rolando no chão, levantando-se de novo, saltando.

Chegou à arcada que demarcava a saída do castelo e saiu em disparada noite adentro.

4

A lua brilhava no céu e se refletia nos capacetes dos incontáveis agentes do SSV, alinhados como peças de xadrez, prontos para se juntar ao ataque ao castelo. Os agentes abriram caminho para permitir a passagem de Michael. Era uma situação um tanto estranha, que não fazia muito sentido. Tantos agentes do lado de fora e a batalha fervilhando lá dentro. Para completar, Kaine e seus colegas Tangentes, as entidades mais poderosas do Sono, pareciam ter sido pegos de surpresa pela chegada do SSV.

Aquilo não parecia certo. Kaine era evoluído demais para deixar que algo assim acontecesse. Michael, porém, não sabia o que fazer.

Continuou correndo sob o céu estrelado, deixando tudo para trás, na direção de uma clareira em uma floresta de árvores altíssimas, em busca de um lugar para se esconder. Poderia então se sentar junto ao tronco de um carvalho e tentar ordenar os pensamentos. Era preciso descansar um pouco e pensar, tentar elaborar um plano de ação.

Deteve-se quando se aproximou das árvores, virando-se para observar o castelo sitiado. Os lasers esburacavam as paredes de pedra da gigantesca estrutura. O fogo ardia, e os corpos desabavam. Mais agentes continuavam a entrar, mas mesmo assim parecia haver alguma coisa errada ali.

Recuperando o fôlego, Michael deu as costas para o caos e caminhou pela floresta até encontrar a árvore que desejava para descansar — um tronco grosso, cinco ou seis vezes mais largo que seu corpo. Fechou os olhos.

O cansaço falou mais alto, e Michael pegou no sono.

5

Não havia como saber quanto tempo tinha se passado. Vinte minutos, uma hora, talvez duas. Sonhou com coisas tão bizarras que sua mente nem foi capaz de processar. A névoa da loucura dos últimos dias ainda não havia se dissipado.

Foi despertado do sono de maneira abrupta.

Alguém o agarrou pelo colarinho e o puxou com tanta força que Michael sentiu o corpo flutuar. Em seguida, foi arrastado por sobre as pinhas secas que cobriam a superfície da floresta. Michael tentou se soltar, cravar os pés no solo, se debater. Nada disso adiantou.

Mesmo após passar por várias árvores, seu captor não fez nenhuma menção de reduzir o ritmo. Michael desistiu de resistir e se limitou a esperar pelo fim.

6

Continuou sendo arrastado pelo que pareceram ser quase dois quilômetros. Seu corpo todo doía, mas ele fechou os olhos e disse a si mesmo que tudo acabaria em breve.

Por fim o captor o largou sem dar nenhum aviso prévio. Michael se encolheu todo e respirou fundo, tossindo ao expelir o ar. Ouviu o som de uma porta se abrindo e de passos sobre um piso de madeira, além de murmúrios incompreensíveis. Virando o corpo, olhou para o local de onde vinham as vozes e viu um pequeno chalé de pedra com um homem enorme parado à porta, de costas.

O homem se voltou para Michael, o rosto oculto pelas sombras, e foi pisando duro até o local onde ele estava deitado. Antes que qualquer coisa pudesse ser dita, o homem o pôs de pé e o conduziu ao chalé. Quando chegaram à porta, ele deu um empurrão em Michael, que tropeçou e caiu. Mal havia aterrissado, e o homem o ergueu de novo e o arremessou sobre uma poltrona diante de uma lareira.

Michael estava em pânico, incapaz de formular qualquer pensamento racional. Seus olhos, porém, identificaram que havia outra poltrona logo em frente. Um homem idoso estava sentado ali, os braços e as pernas cruzados. Sua cara enrugada ostentava um sorriso, apesar do olhar hostil.

Era Kaine.

— Você conseguiu, Michael — disse o Tangente. — Por incrível que pareça, você conseguiu.

XXIV. MÉRITOS

1

Michael não respondeu. Nem seria capaz de fazer isso. Sua mente girava a mil, tentando atribuir um significado a tudo o que havia experimentado no Caminho, mas não conseguia. Seu corpo ainda doía por ter sido arrastado pela floresta, e o rápido cochilo que tirara pouco antes não tinha sido suficiente para aliviar seu cansaço. Limitou-se a observar a frágil manifestação física de Kaine, tentando compreender suas palavras, esperando uma explicação.

Precisou se esforçar um bocado para manter o foco, mas não tirou os olhos do Tangente.

— Você não tem ideia da magnitude do processo em que se envolveu — disse Kaine. — Tudo foi planejado para atrair pessoas como você até aqui. Você foi apenas mais um entre muitos escolhidos, mas foi o primeiro a chegar. Cada atitude sua estava sendo observada. Sua inteligência, esperteza, coragem. Era um teste.

Michael enfim conseguiu falar:

— Pra quê? Pra você poder me usar e invadir outros programas?

— Não. — Kaine soltou uma risada curta e áspera que provocou arrepios em Michael. — Testei muito mais que a sua capacidade de hackear. Isso só tem utilidade até certo ponto. Mas você só vai entender a magnitude do que estou fazendo quando começar a vivenciar a experiência. Não dá para descrever tudo com palavras.

Por mais estranho que pudesse parecer, Michael sentiu que Kaine o tratava como um igual. Ele esperava encontrar um louco — uma impressão que o Caminho só havia reforçado —, mas aquele sujeito parecia perfeitamente lúcido. E digno, até.

— O SSV está aqui. O jogo acabou.

Kaine negou com um gesto de cabeça.

— Você não faz ideia, Michael.

Ele abriu a boca para retrucar, mas foi interrompido pelo velho.

— *Quieto!* — gritou Kaine, inclinando-se para a frente. O homem chegou tão perto que ocupou todo o seu campo de visão com uma expressão furiosa, que servia como um bom lembrete do que sua figura representava: a maior ameaça já surgida na VirtNet.

Kaine se acalmou logo em seguida, recostando-se na poltrona.

— Existem coisas aqui que você não entende. Pelo menos, não ainda.

— Qual é o objetivo disso tudo? — perguntou Michael timidamente.
— Por que estava me testando?

— Você vai descobrir — garantiu Kaine. — E então... com sua coragem, inteligência e capacidade de quebrar códigos, vai me ajudar a fazer o mundo se curvar aos meus pés.

2

— Como é, ajudar você? — perguntou Michael. — Está falando sério?

Kaine balançou a cabeça afirmativamente, como se falasse a coisa mais natural do mundo.

— Claro. Você já me ajudou chegando até aqui. E na verdade não tem muita escolha.

— Vim aqui para deter você! — Michael gritou. — Para trazer o SSV até aqui!

Kaine pareceu achar graça de sua reação, mas não disse nada. Seu silêncio era enlouquecedor. Só o que Michael conseguia ouvir era o crepitar do fogo, e isso o irritou ainda mais.

— Que história é essa? — Michael berrou e se pôs de pé. — Me diz o que está acontecendo!

O sorriso do Tangente parecia estar esculpido no rosto.

— Eu já disse... você só vai entender quando viver a experiência por si mesmo. O que vai acontecer muito em breve, aliás. Não há nada que você possa fazer para impedir isso, Michael.

— Eu devia hackear o seu código — respondeu Michael. — Consigo fazer isso. Devia desativar você. Calar sua boca para sempre.

— Essa é só mais uma prova do seu mérito, garoto. Você é o candidato perfeito. E sabe do que mais?

Michael estava furioso. Recusou-se a responder.

Kaine encolheu seus ombros frágeis e continuou seu discurso:

— Seus pais, Michael. Eles... se foram. Pus um fim à existência deles. Você nunca mais voltará a vê-los. E fiz o mesmo com a pobre Helga. Eles *se foram*, Michael.

As mãos de Michael tremiam. Seu sangue fervilhava, e um rugido invadiu seus ouvidos.

Kaine abriu um sorriso tão escancarado que chegou a mostrar todos os dentes.

— Estão todos mortos.

Michael sentiu as entranhas se contraírem como se estivessem amarradas com um pedaço de arame e apertadas a ponto de se romperem. Ao ouvir as últimas palavras de Kaine, tudo dentro dele explodiu.

Levantou-se de um salto, agarrou o Tangente pelo colarinho, arrancou-o do assento e o jogou no chão. A poltrona caiu perto da lareira e agitou o fogo, lançando cinzas e brasas por toda a parte. Kaine estava caído de costas, virado para Michael, com o mesmo sorriso estampado no rosto. Em seguida, Michael notou que o corpo do Tangente começou a se sacudir. Kaine ria na cara dele.

A raiva de Michael transbordou do corpo.

Ele montou sobre o peito de Kaine e imobilizou o homem no chão. Mesmo assim, o Tangente não parou de rir. Michael chegou a erguer o punho, mas perdeu o ímpeto. Não agrediria alguém tão velho e tão frágil, mesmo em um mundo simulado.

Kaine o encarou, escancarando ainda mais o sorriso, mostrando os dentes gastos.

— É esse o espírito — ele comentou. — Cada vez mais, você está me provando que estou certo.

Fosse qual fosse o espírito ao qual Kaine se referia, aquela conversa estava acabando com Michael. Ele saiu de cima do Tangente e ficou de pé, ofegante. Kaine pôs as mãos atrás da cabeça e cruzou os pés, como se estivesse relaxando, deitado no chão e observando as estrelas.

— Não vou mais me desgastar — disse Michael. — O SSV que cuide de você. E, se não cuidar, arrumo outra solução. Para mim já chega.

Michael se virou e foi andando na direção da porta.

— Mais do que nunca, está comprovado — insistiu o Tangente. — Você é tão inteligente e racional que não deixou a raiva tomar conta por mais que um breve instante. Vá em frente, Michael. Assuma o seu novo papel no mundo. Em breve você entenderá.

Michael se recusou a olhar para trás. Saiu e bateu a porta atrás de si.

4

A primeira coisa que passou pela cabeça de Michael foi que era preciso encontrar um agente do SSV e pedir ajuda para voltar à Vigília. Sair a esmo pela floresta em busca de um Portal — arriscando-se a topar com todo tipo de perigo — não parecia uma boa ideia. Precisava voltar ao castelo e se certificar de que os vilões tinham sido derrotados.

A trilha que levava ao chalé era fácil de seguir mesmo na penumbra, pois era o único caminho acessível na mata fechada. Durante todo o tempo, ficou se perguntando se Kaine iria segui-lo, ou se tentaria atrapalhá-lo de alguma forma.

O SSV. Era a única salvação para Michael.

Começou a correr.

5

Quando Michael se aproximou da extremidade da floresta, os sons da batalha voltaram, e a luz das chamas começou a iluminar o caminho. Quanto mais se aproximava, porém, mais sinistros se tornavam seus pensamentos. Esperava uma vitória fácil do SSV — era isso o que parecia estar acontecendo quando havia saído do castelo. No entanto, o rumo das coisas parecia ter mudado, caso contrário, já estaria tudo terminado.

Enfim chegou às últimas fileiras de árvores e se agachou atrás de um enorme carvalho para examinar melhor a situação.

O que ele viu foi o caos. Um desastre absoluto.

O castelo estava quase em ruínas. Partes inteiras de sua estrutura estavam reduzidas a pilhas de escombros. O fogo ardia por toda parte — chamas imensas que lançavam fagulhas para o céu. Havia corpos espalhados pelo chão em meio aos fragmentos de pedra, e o número de agentes do SSV se igualava ao dos Tangentes. Michael observou boquiaberto enquanto os corpos desapareciam diante dele.

Apesar do impulso de querer voltar para a floresta, correu para o agente do SSV mais próximo, a uns cinco metros de distância. Era uma mulher, e havia acabado de liquidar um dos soldados de Kaine.

— Ei — gritou Michael. — Ei! Preciso falar com você!

Ela se virou para encará-lo, erguendo sua arma. Michael imediatamente se ajoelhou e levou as mãos à cabeça.

— Eu trabalho para vocês! Meu nome é Michael, e fui eu que trouxe vocês até aqui!

A mulher não baixou a arma, mas também não disparou. Foi caminhando até ele com movimentos lentos e calculados.

— Que espécie de brincadeira é essa? — ela perguntou quando chegou mais perto. Os sons da batalha reverberavam ao redor, gritos e explosões.

— Brincadeira? Não estou brincando. — Michael precisou gritar, pois não sabia se estava sendo ouvido. Seu coração havia disparado dentro do peito. — Quem me mandou para cá foi a agente Weber. Para invadir a Ravina Consagrada e acabar com o programa da Doutrina da Morte!

A agente o encarou por trás de seu visor protetor. Michael ficou irritado por não poder enxergar seus olhos.

— Não está entendendo nada mesmo, não é? — ela disse por fim. — Inacreditável.

Ele não soube o que responder. Era verdade, não estava entendendo nada. Não tinha nem uma pista sobre o que era preciso entender.

Foi quando um barulho chamou sua atenção. Atrás da agente do SSV, do outro lado do campo de batalha, Michael viu pessoas fugindo do castelo, tentando desesperadamente escapar de... alguma coisa.

Em seguida, viu do que era. Não era fácil identificá-los na escuridão.

SimKillers. Dezenas deles. Saindo por todos os lados da fortaleza destruída e atacando qualquer coisa que se movesse.

6

Michael ficou de pé em um pulo quando se deu conta do que acontecia. A agente largou a arma e saiu correndo para a floresta.

Um milhão de pensamentos passaram pela cabeça de Michael, e a conclusão mais evidente foi a de que não havia como fugir daquelas criaturas gigantescas, que se moviam a uma velocidade absurda na direção dele. Só o que fez foi esperar, tentando pensar em alguma outra maneira de escapar daquela situação. Fechou os olhos e vasculhou o código, mas não encontrou nenhuma saída.

Se Michael era mesmo tão especial, Kaine não permitiria que ele morresse. Seu Núcleo havia sido removido. Mas para quê? O que queriam que ele fizesse?

Abriu os olhos. Uma das criaturas saltou uma pilha de escombros e veio diretamente em sua direção, abrindo as mandíbulas pretas e revelando o abismo de trevas que quase havia engolido sua mente no clube noturno. Por uma fração de segundo, ele ficou paralisado, imaginando o que poderia acontecer caso não se movesse, caso decidisse deixar tudo na mão do destino. Seria tão ruim assim? No entanto, a visão daquela coisa se aproximando o fez mudar de ideia. Agachou-se, pegou a arma deixada pela agente do SSV e, com o canto do olho, notou que o SimKiller estava a poucos metros de distância.

Tateou a arma à procura do gatilho e apontou o cano para a criatura, que deu um salto, emitindo seu já conhecido grito ensurdecedor. Michael apertou o gatilho, lançando um raio concentrado de pura energia contra o corpo do SimKiller, transformando-o em uma massa compacta de luz e calor antes de se desintegrar por completo, deixando apenas a mancha luminosa de sua silhueta no ar.

Mas havia vários outros logo atrás. Dezenas deles. Michael cravou os pés no chão e voltou a atirar, mandando raio após raio, desintegrando todos os SimKillers que cruzavam seu caminho. Depois de uma explosão luminosa, eles desapareciam, mas logo eram substituídos por outros. Um exército de criaturas, a maioria aos berros, aproximavam-se dele — sombras escuras em movimento, fundindo-se em uma única massa de escuridão. O suor começou a escorrer pela testa de Michael. Ele continuava tentando derrubar os monstros, um a um. Para cada um que tombava, vários outros apareciam, e estavam cada vez mais perto.

Fez pontaria e atirou mais uma vez, destruindo os monstros com seus raios.

Mas então a arma parou de funcionar.

Um instante depois, três monstros saltaram sobre Michael e o jogaram no chão.

7

Michael sentiu todo o ar escapar dos pulmões e tentou a qualquer custo manter a mandíbula das criaturas longe de seu rosto. As patas gigantescas imobilizaram braços e pernas, e o peso de dois deles comprimia seu peito. Eles continuavam a emitir aquele grito alucinado, torturando seus ouvidos. Michael sabia que qualquer tentativa de resistência seria inútil. Parou de se debater e observou horrorizado quando o SimKiller mais próximo escancarou a boca. Era possível ouvir o estalo dos maxilares, como os de uma porta que havia muito tempo não era aberta. O monstro foi se aproximando lentamente de seu rosto enquanto vários outros se reuniam ao

redor, formando um círculo de vultos escuros. Todos se fundiram em uma só sombra, obstruindo a luz das chamas que ardiam no castelo.

O abismo dentro da boca da criatura foi ficando mais próximo.

Foi quando algo se acendeu na mente de Michael, a clara noção de que não estava no mundo real, de que tudo ao redor era falso, um programa artificial criado por mãos e mentes humanas. Já sabia disso antes, mas esse conhecimento pareceu se instalar em um nível mais profundo de sua mente naquele momento. Assim como em qualquer outro jogo do Sono, devia haver uma saída, uma maneira de manipular o código — talvez tivesse desistido cedo demais. As feras que o atacavam *não eram reais*, apesar de serem capazes de destruir seu código. Aquilo devia significar alguma coisa.

O SimKiller aproximou as mandíbulas do rosto de Michael, e as trevas se abateram sobre seu campo de visão. Mas, em vez de entrar em pânico, ele manteve a calma. Pela primeira vez na vida, Michael se sentiu absolutamente no controle. Estava prestes a desvendar algo grande, mas que ainda não era capaz de compreender. Seus pensamentos se concentraram na programação do mundo ao redor.

Michael concentrou todos os esforços de sua mente em hackear o código de uma forma como nunca havia feito antes, obliterando em vez de manipulando.

Um estouro violento abalou o ar quando um círculo de energia se formou ao redor, lançando os corpos dos SimKillers em todas as direções. Eles voaram pelo ar, soltando uivos enquanto caíam. Michael se levantou e percorreu o local com o olhar. O círculo visível de poder mental — uma manifestação do código que havia

absorvido para si sem nenhum esforço — continuou crescendo, expandindo-se em um campo de força que destruía todas as criaturas por onde passava. O castelo explodiu em uma névoa de poeira que se elevou ao céu como um tornado. Michael observou tudo com olhos maravilhados.

As coisas em seu entorno começaram a mudar. A terra tremia, mas *ele* não sentia nada. Corpos, plantas, armas a laser e espadas vibravam sobre o chão. Em seguida, tudo começou a ser dissolvido diante de seus olhos pelo redemoinho. Cada objeto —até mesmo o chão — parecia estar se transformando em poeira e sendo levado pelo vento. Michael se virou e viu que a mesma coisa estava acontecia com as árvores gigantescas da floresta, com os troncos já pela metade, desaparecendo a cada segundo.

O mundo se desfez em pequenos fragmentos, que se juntaram em um ciclone de escombros girando em alta velocidade em torno de Michael. Ele ficou imóvel, olhando de um lado para o outro. No fundo da mente, sabia que estava prestes a ter a revelação que pressentira momentos antes, e sentia mais curiosidade do que medo. Rodando em uma velocidade cada vez maior, a espiral de detritos preenchia todo o seu campo de visão, com sua cor fria e quente ao mesmo tempo. Ouviu-se então um grande chiado, como ondas gigantes se quebrando no oceano, e ele detectou o odor de plástico queimado.

A dor de cabeça se abateu sobre Michael como uma explosão.

Por mais impossível que parecesse, era ainda mais forte que das outras vezes. Ele caiu de joelhos, em agonia, fechando os olhos com força, gritando, pressionando as têmporas com as mãos, sentindo a

ferida no local onde o Núcleo tinha sido removido da cabeça. Era como se alguém golpeasse seu crânio com um facão repetidas vezes. Sentiu uma forte náusea, e seu sofrimento se intensificou ainda mais.

Lágrimas escorreram de seus olhos quando ele os abriu, buscando em desespero algo ou alguém que pudesse ajudá-lo. No entanto, não havia mais céu nem chão, apenas o ciclone de detritos, girando ainda mais rápido, um borrão de som e cor. Michael estava parado bem no centro, ainda de joelhos sobre uma superfície invisível.

O mundo se dissolvia ao redor.

A agonia castigava seu cérebro.

Os berros dilaceravam sua garganta.

Estava morrendo. Não sabia como, mas tinha certeza de que era isso que estava acontecendo.

De alguma forma, conseguiu balbuciar algumas palavras, uma súplica para a única pessoa que seria capaz de ouvi-lo.

— Kaine, por favor, faça isso parar.

Uma voz respondeu, mas ele não entendeu o quê. Em seguida, deixou-se levar pelo ciclone, e a dor parou de repente, assim como das outras vezes.

XXV. DESPERTO

1

Michael ouviu os sons distantes e familiares dos recipientes de LiquiGels e AirPuffs se retraindo e sentiu a picada e os puxões do NerveWire sendo retirados de sua pele. Sua respiração estava calma e controlada, e parte nenhuma do corpo doía. Abriu os olhos e viu a luz interna do Caixão.

Fim de jogo. Havia chegado vivo em casa.

Vivo, não morto. Não se moveu; ficou deitado ali enquanto sua mente repassava tudo o que vivera desde o dia em que aquela menina chamada Tanya tinha pulado da ponte. O Caminho, a dor de cabeça terrível, o confronto com Kaine e as coisas tenebrosas que ouvira dele, o modo bizarro como a batalha na Ravina Consagrada havia terminado.

Nada parecia fazer sentido e, quanto à Doutrina da Morte, Michael continuava sabendo apenas o que a agente Weber tinha lhe dito. No entanto, ele tinha certeza de que havia feito seu melhor, e que o SSV tinha conseguido o que queria. Michael estava oficialmente livre.

Soltou um suspiro de alívio e abriu a tampa do Caixão, baixando-a cuidadosamente até o chão. O quarto estava escuro — tinha ficado no Sono por tanto tempo que não sabia mais que dia era no mundo real. Saltou da longa estrutura e se levantou, espreguiçando-se, sem se incomodar com o fato de estar sem roupa. Apesar de ser noite fechada, tudo ali parecia ter mais luz, sua mente estava mais

límpida, os músculos, mais fortes. Até mesmo o *ar* parecia mais agradável. Seu humor estava melhor do que nunca.

Mas então ele se lembrou dos pais. Sobre o que Kaine havia falado a respeito de ter posto um fim à existência deles. O pânico comprimiu seu peito.

Quando correu até o interruptor para acender a luz, esbarrou em algo, tropeçou e caiu sobre o piso de madeira. Soltando um palavrão, pôs a mão sobre o joelho que havia se chocado contra o assoalho — o que aliás não fazia o menor sentido. Seu apartamento era todo *acarpetado*. Foi engatinhando até encontrar uma parede, e depois um móvel que não deveria estar lá. Havia um abajur sobre sua superfície, que ele acendeu quando voltou a ficar de pé.

Ao ver o quarto iluminado, Michael perdeu o fôlego. Nada ali parecia familiar. Estava no quarto de um estranho. As paredes eram pintadas de verde-escuro, os lençóis na cama estavam todo emaranhados, havia trezinhos sobre a cômoda e pinturas de figuras míticas nas paredes: unicórnios, dragões, grifos. O Caixão do qual saíra — e seu equipamento auxiliar — ocupava um canto inteiro do quarto.

Observou tudo em um silêncio incrédulo. Não havia nenhuma explicação lógica para aquilo: como poderia ter sido removido para outro local sem se desconectar, sem acordar? O SSV estaria por trás disso? Teria tido a intenção de protegê-lo na Vigília?

Havia uma janela com vista para uma rua toda iluminada. Correu até lá e, quando olhou através do vidro, o que viu foi um lugar totalmente desconhecido, cercado de prédios altos, grandes arranha-

céus. Seu quarto estava a pelo menos cinquenta andares do chão, onde os carros cruzavam a noite.

Viu também a sombra de seu reflexo no vidro, o que lhe provocou um incômodo terrível. O pânico transformava-se em mal-estar. À medida que se afastava da janela, começou a entender o que tinha acontecido. Apavorado, saiu em busca de um banheiro, atravessando o quarto às pressas e entrando em um corredor escuro, onde encontrou o que procurava, entrou e acendeu a luz.

Michael se olhou no espelho, emoldurado com luzes brancas em todo o seu contorno.

A imagem que viu refletida na superfície era a de um estranho.

Michael se afastou do próprio reflexo, bateu as costas na parede logo atrás e foi ao chão. Levou as mãos ao rosto para senti-lo. Nada ali lhe parecia familiar.

Esforçou-se para se pôr de pé, voltou a encarar o espelho e observou os cabelos, o rosto e o corpo de alguém que nunca tinha visto antes. E olhou... dentro dos próprios olhos. Olhos que não eram seus. Um rosto que não era seu. Sua respiração se tornou entrecortada. O suor brotou da pele, cobrindo os braços. Conseguia sentir a pulsação das veias no pescoço, ouvir as batidas do coração ressoando nos tímpanos.

Tudo isso enquanto encarava um estranho no espelho. Como se olhasse para o interior de outro cômodo pela janela. Era a única explicação que sua mente estava disposta a aceitar. No entanto, a pessoa do outro lado imitava cada movimento seu com precisão. Era um reflexo perfeito.

Michael era... outra pessoa.

Era como se o mundo tivesse parado de girar, a lua houvesse se desmanchado em cinzas, e o sol, se transformado em uma chama sem vida. Nada parecia certo no mundo, nada fazia sentido. A essência que definia sua existência tinha virado pó. E tudo o que ele podia fazer era encarar aquele rosto diante de si. Olhar para uma pessoa que jamais conhecera. Sabia que aquilo o atormentaria para sempre, pairando dia e noite sobre seus pensamentos como uma assombração.

Foi quando se lembrou da voz que tinha ouvido pouco antes de desmaiar na Ravina Consagrada. E, de algum modo, naquele momento, Michael enfim entendeu o que a voz havia falado.

Leia suas mensagens.

2

Michael voltou correndo para aquele quarto que nunca tinha visto na vida, deitou na cama e acionou o EarCuff. Uma NetScreen azulada apareceu e pairou diante dele, exibindo quase nada além de alguns itens padrão. Todo o restante havia sido apagado. O Boletim Eletrônico informava que havia uma mensagem não lida. Com uma expectativa equivalente à de alguém prestes a descobrir uma civilização alienígena ou a cura para o câncer, tocou a tela e abriu a mensagem.

Caro Michael,

Você é o primeiro caso de implantação bem-sucedida da Doutrina da Morte. Só existe uma maneira de explicar isso, que é a seguinte: você era um Tangente, um programa criado pela humanidade para

ser usado pela humanidade. Mas agora você é um ser humano. Sua inteligência, seus pensamentos e sua experiência de vida foram transferidos para o corpo de um daqueles que consideramos indignos de continuar existindo. Eu criei os SimKillers exatamente para esse propósito: apagar Auras e esvaziar cérebros de modo que depois pudessem ser usados livremente.

O plano já vem sendo executado há muito tempo. Minha atividade na VirtNet tinha como objetivo encontrar seguidores. Descobrir os Tangentes mais inteligentes, sagazes e corajosos, com potencial para sobreviver na Vigília, para conseguir lidar com as demandas de um corpo humano. E tudo isso nos trouxe ao dia de hoje.

Você é só o começo de tudo, Michael. O primeiro passo para um grande salto evolutivo. Meus parabéns. Você não precisa mais se preocupar com a Decadência, o que significa que suas dores de cabeça enfim vão passar. Uma ótima notícia, tenho certeza.

Voltaremos a entrar em contato em breve. Precisamos da sua ajuda.

Kaine

3

E, em um piscar de olhos, tudo começou a fazer sentido.

Michael era a criação de uma inteligência artificial, um Tangente, um programa de computador. Todo o resto em sua vida era falso, e naquele momento ele compreendeu tudo. Sua "casa", sua "Vigília", tudo era parte do Lifeblood Deep. O letreiro que ele via em sua janela não era um anúncio. Era uma *placa*. Um indicativo de localização.

O Lifeblood Deep era o cenário de sua vida programada. Quando ele entrava no Caixaão e fazia a Submersão no Sono, saía das Profundezas e entrava na VirtNet que os humanos de verdade frequentavam. Todas as suas memórias de infância eram fabricadas. Ele era um mero programa de computador.

Suas dores de cabeça, suas estranhas visões, como Kaine havia explicado, eram indícios de que começava a experimentar a Decadência. Nada disso tinha a ver com o ataque do SimKiller no Black and Blue. Os Tangentes tinham um intervalo de existência reduzido. Isso explicava por que seus pais e Helga haviam desaparecido sem maiores explicações. Sempre soubera que era assim que as coisas aconteciam: os elementos que compunham a vida dos Tangentes iam se desprendendo da programação sem ser notados. Pelo menos, não a princípio. Ele se lembrou de como se sentira ao notar a ausência dos pais só depois de semanas sem fazerem contato.

Michael não era de verdade. Era uma falsificação. Isso o deixou enjoado, como se alguém houvesse despejado veneno em sua garganta e o tivesse forçado a engoli-lo em grandes goles. Não queria continuar vivo, pois não merecia; era um *Tangente*.

Mas Kaine havia lhe dado a vida, roubando um corpo humano e entregando-o a Michael. O Caminho tinha sido *mesmo* um teste, mas Michael preferia ter sido reprovado. Afinal, era só uma cobaia, um Tangente que de alguma maneira havia se tornado autoconsciente. E a intenção de Kaine era continuar repetindo essa experiência de novo e de novo. Até exterminar a raça humana,

talvez. Tudo passou a fazer sentido, e ele entendeu o motivo por que o SSV queria pôr as mãos em Kaine.

Mas e quanto a Bryson e Sarah, seus pais, Helga? Seriam reais? Seria possível descobrir onde estavam? Sentiu o desespero tomar conta de seu corpo.

Michael desligou a NetScreen, encostou a cabeça na parede e fechou os olhos. A primeira pessoa em quem pensou foi Tanya, que havia tirado a própria vida se jogando da ponte. Como ele também havia passado a ser um humano de verdade — de carne e osso —, então poderia fazer o mesmo. Talvez um contratempo como esse atrapalhasse os planos de Kaine. Talvez ele precisasse de Michael para estabelecer um padrão que depois pudesse ser replicado.

No entanto, mesmo enquanto considerava essa hipótese, Michael sabia que seguir o caminho de Tanya não era uma opção.

Só havia uma coisa que poderia fazer para ajudar a pôr tudo de volta nos eixos.

Viver.

Viver para enfrentar Kaine outra vez.

A campainha do apartamento tocou.

4

Michael percorreu o apartamento desconhecido com seu corpo desconhecido. Estava tenso, o coração batendo a mil. Não havia como saber quem mais vivia ali, quem poderia aparecer, quem estaria à espera do outro lado da porta. Por outro lado, estava convicto de que precisava atender à campainha.

Quando abriu a porta, deu de cara com a agente Weber, com seus cabelos escuros, olhos exóticos e pernas compridas. Sua expressão era difícil de decifrar. O encontro na sede do SSV parecia ter acontecido em outra vida. Quase deu risada ao constatar que era verdade, que sua vida àquela altura era outra. Michael jamais havia tido certeza de que ela existia de verdade, pelo menos não até aquele momento.

— Você deve ter mil questionamentos para fazer — ela falou, toda tensa e rígida.

— Na verdade, está mais para dois mil — ele respondeu, estranhando a própria voz.

— Nossos encontros foram reais — garantiu Weber. — Nossas interações... sua missão... tudo isso era real. Fomos todos enganados pelo Tangente. Por Kaine.

— Mas você sabia que *eu* era um Tangente, não sabia?

Ela confirmou com um aceno de cabeça.

— Claro que sim. Sabíamos que Kaine estava atraindo Tangentes para o covil dele, executando uma espécie de teste. Foi por isso que usamos você. Nós o conhecemos no Lifeblood Deep e resolvemos usá-lo. Sinto muito, Michael, mas era o único jeito.

Ele sentiu um nó no estômago, mas era obrigado a perguntar:

— E Bryson e Sarah? Eles são...

— Sim — disse Weber. — Eles são pessoas reais, Michael. E não sabiam que você não era. Você tem muito o que explicar.

Michael soltou uma risada. Não entendia muito bem o motivo, mas não conseguia parar de rir.

— Mas então, e agora? — por fim conseguiu perguntar. — Kaine com certeza sabe que você está aqui.

— Eu só queria que você me visse. Que tivesse certeza de que eu existo... de que não está sozinho. Que soubesse que o SSV ainda está determinado a capturar Kaine e pôr um fim aos seus planos. Agora preciso ir, Michael. — Weber fez uma pausa, e por um instante quase pareceu triste. — Entraremos em contato em breve. Enquanto isso, faça seu melhor para substituir o humano cujo corpo foi dado a você. É o máximo que pode fazer nesse momento.

Depois de dizer isso, a agente Weber se virou e saiu batendo os saltos no piso do apartamento. Michael a observou durante todo o trajeto até a porta. Quando saiu, ele foi direto para a geladeira.

Estava morrendo de fome.

AGRADECIMENTOS

Devo muita coisa na vida ao pessoal da Random House e da Delacorte Press. Durante os anos de publicação da série *Maze Runner*, não foram poucos os que colaboraram com sangue, suor e lágrimas para que os livros se tornassem um sucesso. O setor administrativo, os editores, os assessores de imprensa, o pessoal de marketing, da produção editorial, a equipe de design, os vendedores... foi um longo trabalho, capitaneado por Beverly Horowitz e Krista Marino. Quero que saibam que têm minha profunda, eterna, monumental (podem inserir quantos adjetivos quiserem, já que tantos deles foram cortados dos livros) gratidão por terem feito parte desse processo.

E agora estou empolgadíssimo com esta nova história, e com a perspectiva de trabalhar por mais alguns anos com todos vocês.

Obviamente, todo esse trabalho seria em vão sem meus leitores fiéis, apaixonados, impressionantes e às vezes malucos. Espero de verdade que esta nova história seja tão emocionante e intrigante para vocês quanto *Maze Runner*. Obrigado por gostarem dos meus livros. Não existe outra maneira de dizer isso. Obrigado. Vocês tornaram minha vida muito mais divertida.

Deixo também um agradecimento especial para J. Scott Savage e Julie Wright. Eles merecem. E para Lauren Abramo e o pessoal da Dystel & Golderich, por espalharem meus livros pelo mundo. Obrigado!

Por fim, como se dedicar o livro a ele não bastasse, meu muito obrigado a Michael Bourret. Ele não é apenas um agente literário do mais alto nível. É também amigo, chefe, psicólogo, conselheiro, estrategista e motivador. E, além de tudo isso, ainda é divertido. Não estaria onde estou sem ele.

SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE!

Mande um e-mail para **opinio@vreditoras.com.br**
com o título deste livro no campo "Assunto".

CONHEÇA-NOS MELHOR EM

vreditoras.com.br

facebook.com/vreditorasbr